



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

LUÍS RAMOS RODRIGUES

Perturbações Demoníacas e Perturbações Mentais
Discernimento e Cura Pastoral no Âmbito dos Exorcismos

Dissertação de Mestrado

Orientada pelo

Prof. Doutor Sérgio Filipe Pinho Leal

Porto

2025

INDICE

RESUMO/ABSTRACT	4
SIGLÁRIO	5
ABREVIATURAS	5
INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 1 - PERTURBAÇÕES DEMONÍACAS: DA SUPERSTIÇÃO À REFLEXÃO TEOLÓGICA	9
1. A superstição na sociedade contemporânea e as suas consequências espirituais.....	10
2. Contributo bíblico: desvios religiosos e distinção entre perturbações de ordem demoníaca e de ordem natural.....	20
3. Análise Patrística: superstição, atividade demoníaca e exorcismos	30
4. O pensamento contemporâneo em matéria demonológica.....	34
5. A demonologia à luz do Magistério da Igreja	41
6. Ação extraordinária do demónio: tipologia e sintomatologia	52
6.1. <i>Obsessão demoníaca</i>	52
6.2. <i>Vexação demoníaca</i>	54
6.3. <i>Possessão demoníaca</i>	55
6.4. <i>Infestação demoníaca</i>	61
CAPÍTULO 2 – PERTURBAÇÕES MENTAIS: ANÁLISE CLÍNICA E SINTOMATOLÓGICA	63
1. A complexidade sintomática e os riscos associados a um discernimento incorreto	64
2. Perturbações mentais com sintomatologia próxima às perturbações demoníacas.....	70
2.1. <i>Perturbações do Neurodesenvolvimento</i>	74
2.2. <i>Perturbações Depressivas</i>	75
2.3. <i>Perturbações Bipolares e Perturbações Relacionadas</i>	77
2.4. <i>Perturbações do Espetro da Esquizofrenia e outras Perturbações Psicóticas</i>	78
2.5. <i>Perturbações de Ansiedade</i>	81
2.6. <i>Perturbações Obsessivo-Compulsivas e Perturbações Relacionadas</i>	81
2.7. <i>Perturbações Relacionadas com Trauma e Fatores de Stress</i>	82

2.8. <i>Perturbações Dissociativas</i>	83
2.9. <i>Perturbações de Sintomas Somáticos e Perturbações Relacionadas</i>	86
2.10. <i>Perturbações da Alimentação e da Ingestão</i>	86
2.11. <i>Perturbação Do Sono-Vigília</i>	87
2.12. <i>Perturbações Disruptivas, do Controlo dos Impulsos e do Comportamento</i>	87
2.13. <i>Perturbações Neurocognitivas</i>	88
2.14. <i>Perturbações Relacionadas com Substâncias e Perturbações Aditivas</i>	89
2.15. <i>Perturbações de Personalidade</i>	90
2.16. <i>Perturbações do Movimento Induzidas por Medicamentos e Outros Efeitos Adversos de Medicamentos</i>	91
2.17. <i>Perturbações Neurológicas</i>	92
3. <i>Balanço Clínico</i>	93
CAPÍTULO 3 – DISCERNIMENTO E CURA PASTORAL NO ÂMBITO DOS EXORCISMOS.....	95
1. <i>Discernimento entre perturbações demoníacas e perturbações mentais</i>	96
2. <i>A cura pastoral no âmbito dos exorcismos</i>	117
2.1. <i>Formação preventiva e acolhimento pastoral</i>	117
2.2. <i>Exorcismo: definição e contexto celebrativo</i>	128
2.3. <i>O Exorcista e a exigência espiritual do seu ministério</i>	136
2.4. <i>Ritual do Exorcismo</i>	140
2.5. <i>Fatores condicionantes no processo de libertação</i>	145
2.6. <i>Proposta de um serviço Pastoral de Cura e Libertação nas dioceses</i>	147
CONCLUSÃO	152
BIBLIOGRAFIA	155

RESUMO

Refletimos neste estudo acerca da difusão supersticiosa na sociedade contemporânea, identificando uma relação entre o envolvimento nestas práticas e a ocorrência de perturbações demoníacas de ordem extraordinária. Estas manifestações, caracterizadas por um conjunto de sintomas complexos e atípicos, são descritas nos episódios da Sagrada Escritura e postas à reflexão da Patrística, dos teólogos contemporâneos, do magistério eclesial e, sobretudo, dos exorcistas que se dedicam ministerialmente ao acolhimento e resolução destes casos. Percebemos que a sintomatologia das perturbações demoníacas apresenta um grau de proximidade com algumas perturbações mentais, o que torna necessário o seu estudo e consideração no processo de discernimento pastoral que é colocado à responsabilidade ministerial do exorcista. Integrado o saber clínico neste processo, reúnem-se condições favoráveis para o acerto diagnóstico, uma etapa elementar que, por sua vez, dará lugar à implementação de um plano de cura pastoral que, em certos casos, poderá passar pela celebração dos exorcismos. Constatando a realidade eclesial, identificamos uma lacuna diocesana na assistência às vítimas da ação extraordinária do demónio, uma situação que nos leva, não só a aprofundar o tema, mas a lançar também uma proposta Pastoral de Cura e Libertação para as dioceses portuguesas e internacionais.

Palavras-chave: perturbações demoníacas, perturbações mentais, discernimento, cura pastoral, exorcismo, demónio, diabo, superstição, idolatria, adivinhação, magia, ação extraordinária do demónio, possessão, obsessão, vexação, infestação, exorcista, cura e libertação, saúde mental, psicologia, psiquiatria.

ABSTRACT

In this study, we reflect on the pervasiveness of superstition in contemporary society, identifying a relationship between involvement in these practices and the occurrence of extraordinary demonic disorders. These manifestations, characterized by a set of complex and atypical symptoms, are described in episodes from Sacred Scripture and are subject to reflection by Patristics, contemporary theologians, the Church's magisterium, and, above all, by exorcists who ministerially dedicate themselves to the reception and resolution of these cases. We have observed that the symptomatology of demonic disorders presents a degree of similarity to some mental disorders, which makes its study and consideration necessary in the pastoral discernment process that is placed under the ministerial responsibility of the exorcist. By integrating clinical knowledge into this process, favorable conditions are created for an accurate diagnosis, an elementary step that, in turn, will lead to the implementation of a pastoral healing plan which, in certain cases, may involve the celebration of exorcisms. Considering the ecclesiastical reality, we identified a diocesan gap in assistance to victims of the extraordinary action of the devil, a situation that leads us not only to delve deeper into the topic, but also to launch a Pastoral proposal of Healing and Liberation for Portuguese and international dioceses.

Keywords: demonic disorders, mental disorders, discernment, pastoral care, exorcism, demon, devil, superstition, idolatry, divination, magic, extraordinary demonic action, possession, obsession, vexation, infestation, exorcist, healing and liberation, mental health, psychology, psychiatry.

SIGLÁRIO

AG: Decreto *Ad Gentes*, sobre a Atividade Missionária da Igreja.

AIE: Associação Internacional de Exorcistas

APA: American Psychiatric Association

CDC: Código de Direito Canónico

CEP: Conferência Episcopal Portuguesa

CIC: Catecismo da Igreja Católica

DH: Denzinger-Hunermann

DSM-5-TR: Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Fifth Edition, Text Revision.

GE: Exortação Apostólica, *Gaudete et Exsultate*, sobre a Chamada à Santidade no Mundo Atual

GRIS: Gruppo di Ricerca e Informazione Socio-Religiosa

GS: Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, sobre a Igreja no Mundo Atual

LG: Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, sobre a Igreja

RTP: Rádio e Televisão de Portugal

USCCB: United States Conference of Catholic Bishops

ABREVIATURAS

Ex: Êxodo

Lv: Levítico

Dt: Deuteronomio

1Sm: Primeiro Livro de Samuel

1Cr: Primeiro Livro das Crónicas

Tb: Tobias

Jb: Job

Is: Isaías

Jr: Jeremias

Ez: Ezequiel

Mq: Miqueias

Sf: Sofonias

Zc: Zacarias

Ml: Malaquias

Mt: Mateus

Mc: Marcos

Lc: Lucas

Jo: João

At: Atos dos Apóstolos

Gl: Gálatas

Ef: Efésios

Cl: Colossenses

1Pd: 1 Pedro

Ap: Apocalipse

INTRODUÇÃO

Vivemos hoje numa realidade cultural marcada pelo florescimento difuso da espiritualidade, um fenómeno que fez regressar em força a superstição, particularmente, nas formas de idolatria, adivinhação e magia. Como seria de esperar, o desenvolvimento científico não calou o desejo transcendente que habita o coração humano, e num tempo em que a mensagem eclesial não passa nem é assumida na vida prática começaram, pois, a surgir problemas.

Proporcionalmente, à medida que o fenómeno supersticioso foi crescendo na sociedade, os exorcistas registaram também maior ocorrência de perturbações demoníacas, uma realidade dolorosa e urgente à qual são chamados a intervir no seu ministério, embora nem sempre consigam atender a todos os pedidos de ajuda dada a falta de operários (nomeados) para esta messe.

Trata-se, de facto, de um ministério exigente uma vez que envolve o domínio teológico e o domínio científico, especialmente, na área da saúde mental. Na prática, o limiar entre uma perturbação demoníaca e uma perturbação mental é por vezes muito ténue e, como podemos calcular, o diagnóstico correto é fundamental para a posterior implementação de um plano de cura pastoral.

É essencialmente para auxiliar neste processo minucioso que é redigida esta tese. Pretendemos responder, assim, a duas questões basilares: “face à complexidade de um determinado quadro sintomatológico, estaremos diante de uma perturbação demoníaca ou de uma perturbação mental?”; e, ainda, “como exercer a cura pastoral, de modo genérico numa sociedade marcada pela superstição, e de modo particular na confirmação de uma perturbação demoníaca?”

Estas questões, tão amplas na dimensão da resposta explicativa que iremos dar evidenciam, sinteticamente, a pertinência atual desta dissertação de mestrado que, de modo oportuno, lança à Igreja de hoje alguns desafios e objetivos pastorais, entre os quais destacamos: atender, seriamente, à difusão supersticiosa na sociedade contemporânea, tendo uma voz interventiva e esclarecedora nesta matéria; promover uma reforma na formação sacerdotal, dotando os futuros pastores de conhecimentos ao nível da demonologia e da saúde mental; promover uma estreita relação entre a teologia e as ciências da saúde a fim de melhorar a competência ao nível da formação, do discernimento e da cura pastoral; desenvolver uma pastoral organizada para assistir, especificamente, as vítimas da ação extraordinária do demónio; e finalmente, acolher sem preconceitos quem pede auxílio nesta matéria, oferecendo uma resposta concreta e qualificada ao seu sofrimento que, em casos excecionais, poderá ser de origem demoníaca e necessitar do auxílio particular dos exorcismos.

De facto, em Igreja não podemos ficar indiferentes a nenhuma forma de sofrimento, nem deixar de acolher com sabedoria quem nos pede auxílio. Cada drama deve ser valorizado e a Igreja tem de ser no mundo a expressão do Cristo que acolhe, que cura e liberta o oprimido.

A propósito, dizia recentemente o Papa Leão XIV aos membros da Associação Internacional de Exorcistas (AIE), reunidos em congresso na cidade de Roma entre os dias 15 e 20 de setembro de 2025, que o ministério que exerciam na Igreja era, particularmente, «delicado e necessário».¹

Nestas duas palavras identificamos as bases do nosso estudo, uma vez que as mesmas exprimem a nossa motivação e refletem metodologicamente os passos que iremos seguir. Explicamos de que modo. De facto, o ministério dos exorcismos é “delicado” porque exige, antes de mais, sabedoria, oração e perspicácia para discernir corretamente se os casos pertencem ao foro natural ou ao foro sobrenatural.² Interceta-se aqui a teologia com as ciências da saúde.

Confirmado no processo de discernimento um problema de ordem demoníaca, advém posteriormente a delicadeza da cura pastoral por intermédio da celebração ritual dos exorcismos e do acompanhamento permanente ao longo do processo de libertação. Trata-se de um contexto peculiar e delicado na medida em que envolve o contacto direto e manifesto com realidades que, habitualmente, só abordamos no plano teórico.

Oportunamente, lembrava o Cardeal Pietro Parolin na homilia do dia 19 de setembro, que o serviço que os exorcistas desempenham na Igreja é um dom que se recebe de Cristo.³ Como será de esperar, porque se trata de um dom não pode permanecer na esterilidade, mas deve vivificar. Podíamos aqui lembrar a parábola dos talentos (cf. Mt 25,14-20; Lc 19,12-27) ou recordar, ainda, a célebre máxima de Jesus: «recebeste de graça, dai de graça» (Mt 10,8), proclamada após ter enviado os discípulos a curar os enfermos e a expulsar os demónios.

É precisamente aqui que se insere, então, a condição “necessária” deste ministério, como bem assinalava o Papa. Não se pode esconder nem manter incomunicável um dom da graça divina. Seria inaceitável que a Igreja permanecesse fechada, letárgica ou indiferente à dor daqueles irmãos que sofrem as investidas extraordinárias do demónio.

¹ Vatican News, «Leão XIV aos Exorcistas: O seu Ministério é Delicado e Necessário», acedido a 16 de outubro de 2025,

<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2025-09/papa-leao-xiv-mensagem-exorcistas-ministerio-oracao.html>.

² Especificamente, a ação “sobrenatural” é exclusiva a Deus, uma vez que vai para lá de qualquer natureza criada. Por outro lado, “preternatural” é o termo técnico utilizado para se referir à ação angélica ou demoníaca. É uma ação que está para além da natureza e das leis do universo material. Os demónios podem, de facto, atuar para lá das possibilidades do mundo material, porém, não são capazes de tudo. Podem fazer levitar ou transformar algum elemento material, mas não têm a capacidade, por exemplo, de criar algo a partir do nada. Isto é apenas possível a Deus que é ilimitado e onipotente. Contudo, porque “preternatural” não é um termo partilhado no diálogo entre a teologia e as ciências da saúde, vamos adotar a utilização genérica do termo “sobrenatural”, tornando este estudo mais acessível a nível linguístico.

³ Cf. Vatican News, «Leão XIV aos Exorcistas: O seu Ministério é Delicado e Necessário».

Como espaço de acolhimento, de cura e salvação, a Igreja tem a responsabilidade de ser luz nas trevas, oferecendo uma solução de acompanhamento adequado a estas vítimas que tantas vezes são colocadas à margem ou se veem reféns de um rótulo imediato de perturbação mental.

Atento e solidário a esta realidade, Leão XIV incentiva, pois, os exorcistas a exercerem o seu ministério com toda a diligência, rogando para que «por meio do sacramental do exorcismo, o Senhor conceda a vitória sobre Satanás».⁴

Existe, certamente, um caminho eclesial a desenvolver nesta área. É sensíveis a este desafio que iremos focar, então, a nossa atenção no esclarecimento teológico das perturbações de origem demoníaca, assim como na ampliação do conhecimento das perturbações mentais. Estamos convencidos de que na assimilação destes dados, reuniremos melhores condições para o exercício do processo de discernimento e para a implementação subsequente de um plano de cura pastoral ajustado às reais necessidades das vítimas.

Pessoalmente, na qualidade de psicólogo clínico e membro efetivo da Ordem dos Psicólogos Portugueses, senti que era oportuno, agora nesta fase conclusiva do Mestrado Integrado em Teologia, estudar uma problemática pastoral que envolvesse as ciências de saúde mental e a ciência teológica. Por ser um tema complexo e gerador de dúvidas na ação pastoral, considereei proveitoso aprofundá-lo com uma visão mais ampla, fundamentada e consistente, tendo sempre em perspetiva a melhoria da qualidade de serviço à pessoa em sofrimento.

Programaticamente, a dissertação passará por três capítulos centrais. No primeiro capítulo, efetuamos uma abordagem teológica às perturbações demoníacas, situando inicialmente a difusão supersticiosa na realidade cultural hodierna para depois estudar teologicamente o fenómeno, sinalizando a sua ligação com a ocorrência de distúrbios extraordinários, aos quais os exorcistas são chamados a socorrer no seu ministério.

No segundo capítulo, atendendo à complexidade e proximidade dos sintomas manifestados, salientamos o contributo das ciências da saúde no objetivo de esclarecer as perturbações mentais que se podem, facilmente, confundir na prática do discernimento pastoral.

Finalmente, no terceiro capítulo, já teológica e clinicamente sustentados pelo estudo precedente, incarnamos a realidade das vítimas para efetuar, assim, o discernimento entre as perturbações demoníacas e as perturbações mentais. Na confirmação da primeira hipótese, passamos então para a cura pastoral no âmbito dos exorcismos, discutindo todos os aspetos que lhe estão inerentes e projetando uma equipa pastoral de cura e libertação nas dioceses. É neste domínio que se concentra a dissertação. Por outro lado, na confirmação da segunda hipótese, apontamos o acompanhamento particular dos casos à pastoral diocesana da saúde.

⁴ Vatican News, «Leão XIV aos Exorcistas: O seu Ministério é Delicado e Necessário».

CAPÍTULO 1

PERTURBAÇÕES DEMONÍACAS: DA SUPERSTIÇÃO À REFLEXÃO TEOLÓGICA

Efetuar uma abordagem fundamentada às perturbações demoníacas implica, antes de tudo, deixar de lado eventuais preconceitos, apriorismos e fantasias para ter a ousadia de abrir portas de conhecimento que, provavelmente, nos mantiveram sempre fechadas ao longo da vida. Sabemos que para conseguir lidar com o desconforto ou com o medo do desconhecido, a mente humana tem a capacidade de produzir mecanismos de defesa que, tanto podem passar pela aceitação ou formulação inconsistente de narrativas, como pela simples negação de um facto existencial.

Porém, no contexto das perturbações demoníacas, não será por ignorar ou evitar a abordagem do tema que ele deixará propriamente de existir. Não esclarecer a questão só irá acentuá-la, uma vez que se dará continuidade aos erros e distorções conceptuais que ainda subsistem na Igreja e na sociedade contemporânea a este respeito.

Em última instância, e de modo mais grave, a confusão teológica no campo da demonologia, poderá desviar e desfigurar a Igreja na sua essência e missão. Significa isto que se houver distorção teológica, o sofrimento das pessoas poderá ser erroneamente interpretado, ou até mesmo ignorado pela Igreja que deveria ser nestas ocasiões um local de acolhimento e fonte de sanção.

Estamos, portanto, convencidos de que o conhecimento fundamentado neste âmbito teológico será a via correta para abordar com realismo a problemática, apontando, simultaneamente, a uma projeção pastoral que seja capaz de oferecer uma resposta de apoio concreto às vítimas da ação extraordinária do demónio.

Para fundamentar o conhecimento na área das perturbações demoníacas apresentamos, então, seis pontos de análise neste primeiro capítulo, que partindo da sinalização do aumento da prática e da mentalidade supersticiosa na sociedade contemporânea, passa pela distinção bíblica entre os casos de perturbação demoníaca e de enfermidade natural, seguindo depois pela patrística, pelo pensamento dos teólogos contemporâneos e pelo ensinamento do magistério eclesial até culminar, por fim, na diversidade sintomatológica das perturbações demoníacas.

Este capítulo é, assim, um percurso teológico sustentado pelas referências da Sagrada Escritura, da patrística, do magistério, assim como de teólogos e exorcistas integrantes da AIE, uma associação validamente reconhecida e apoiada pela Santa Sé. Pretendemos na sinergia destas referências chegar, então, a uma sólida formação teológica no domínio particular da demonologia.

1. A superstição na sociedade contemporânea e as suas consequências espirituais.

Vivemos hoje num tempo marcado pelo progresso científico e tecnológico, um indicador positivo em tantas áreas fundamentais na vida do ser humano, como a saúde, os transportes, o trabalho ou as comunicações. Esta evolução, quando orientada para melhorar a qualidade de vida e a dignidade humana torna-se, sem dúvida, um motivo de louvor e esperança futura.

No entanto, este avanço científico não resulta diretamente na erradicação da mentalidade supersticiosa que teima em habitar a mente humana e que caracteriza a sociedade atual. A Associação Internacional de Exorcistas (AIE), atualmente com cerca de oitocentos membros, dá-nos conta de uma religiosidade difusa e marcadamente supersticiosa que está a provocar um impacto negativo na sociedade e na Igreja Católica.¹

Paralelamente ao progresso técnico atual, testemunhamos, a coexistência e o aumento de práticas supersticiosas, divinatórias e mágicas na sociedade, um cenário preocupante que nos sugere um possível retrocesso na evangelização católica que, lamentavelmente, não está a conseguir conter este movimento obscuro. Vive-se uma religiosidade primária e contaminada. Mesmo entre os fiéis, é notório um crescente sincretismo religioso, uma mistura entre catolicismo e superstição, na qual vale tudo e o seu contrário. Onde reina a confusão começam, pois, a surgir os problemas de ordem espiritual.²

Está a acontecer, evidentemente, uma regressão na vivência da ortodoxia da fé católica. A cultura contemporânea, inebriada na ampla difusão de práticas culturais desviantes e manifestamente supersticiosas, empurrou a sociedade de volta para aquilo que já devia estar ultrapassado por meio da maturidade da fé. A antropóloga Cecilia Gatto Trocchi, docente da Universidade de Roma Tre, defende, por isso, que as práticas supersticiosas não são um mero resquício sombrio do passado, mas que se encontram vivas e pujantes na lógica de consumo que caracteriza a cultura contemporânea.³

Não é preciso, pois, um grande exercício de investigação para perceber esta realidade. Basta olhar para a oferta publicitária deste tipo de serviços nos meios de comunicação social. Até mesmo a emissora estatal, a Rádio e Televisão de Portugal (RTP), legitima e promove esta cultura supersticiosa através de sessões de astrologia e tarot nos seus programas, acentuando ainda mais o desvio societário da fé católica.⁴

¹ Cf. Associazione Internazionale Esorcisti, *Linee Guida per il Ministero dell'Esorcismo: Alla luce del Rituale Vigente* (Padova: Edizioni Messaggero Padova, 2019), 81-83.

² Cf. AIE, *Linee Guida per il Ministero dell'Esorcismo*, 81-83.

³ Cf. Cecilia Gatto Trocchi, «La Figura del Diavolo nella Storia e nella Contemporaneità», em *Esorcismo e Preghiera di Liberazione*, ed. Istituto Sacerdos – Ateneo Pontificio Regina Apostolorum (Roma: Edizioni Art, 2005), 37.

⁴ Cf. RTP, «Vera Xavier Lançou Previsões para os Últimos Três Meses do Ano – Tarot», acedido a 6 de setembro de 2025, <https://media.rtp.pt/praca/videos/vera-xavier-lancou-previsoes-os-ultimos-3-meses-do-ano-tarot/>.

Neste capítulo virtual a internet ganha especial destaque e dimensão. Os operadores do oculto já não se apresentam somente nos meios convencionais, mas oferecem também os seus serviços por via digital, sinais de uma indústria que está cada vez mais sofisticada na promoção do seu produto. Aqui se publicitam e autopromovem os diversos agentes do oculto, utilizando esta ferramenta para todo o género de práticas de adivinhação e rituais de magia. Nesta dinâmica de consumo há, portanto, toda uma gama de serviços ajustados a cada cliente em particular.⁵

Fundamentalmente, percebemos que esta situação cultural ganha maior expressividade porque uma parte significativa da população já não professa ou não possui conhecimentos sólidos ao nível da fé católica. A perda progressiva dos valores cristãos no tecido social e o obscurecimento do sentido da vida favorecem o regresso em força do ocultismo que, em situações extremas, chega ao culto explícito e declarado de Satanás.⁶

Encontramos, a propósito, no mundo da música e do espetáculo, elementos manifestamente satânicos sem qualquer tipo de restrição. Os meios de comunicação social e de entretenimento tornaram-se um veículo de excelência para a promoção destes cultos aberrantes. Registam-se até mesmo em alguns países, como no México em particular, seitas satânicas abertamente designadas como Igreja de Satanás.⁷

Ermes Macchioni, exorcista da Diocese de Reggio Emilia na Itália, faz uma oportuna e sintética avaliação do estado cultural em que nos encontramos na atualidade, dizendo:

O mundo do ocultismo é um imenso arquipélago submerso que está a emergir lentamente em toda a sua amplitude e gravidade, depois da pessoa humana se libertar dos legados da moral cristã e dos ensinamentos da Igreja Católica. Abraçado pelo relativismo e respirando profundamente o espírito da Nova Era, o homem moderno avança pela história caindo, inconscientemente e cada vez mais, nas diversas e pitorescas moradas de entidades malignas.⁸

Em contrapartida, e para agravar a situação, outro elemento que se nota na cultura secular, é a negação explícita da existência do demónio, colocando-o como uma simples projeção fantástica da mente humana, um mito, um símbolo, uma figura de estilo.⁹

⁵ Cf. Trocchi, «La Figura del Diavolo nella Storia e nella Contemporaneità», 38.

⁶ Cf. AIE, *Linee Guida per il Ministero dell'Esorcismo*, 81.

⁷ Cf. Ernesto Maria Caro Osorio, «A Importância e Urgência da Libertação e do Exorcismo no Ministério Sacerdotal», em *Fenómenos Preternaturais: Sobre as Ações dos Anjos e dos Demónios*, ed. Pedro Paulo Alexandre (São Paulo: Editora Imaculada, 2017), 424.

⁸ Ermes Macchioni, «Esperienza di un Esorcista Parroco: Problematiche Pastorali del Ministero dell'Esorcistato in una Comunità Parrocchiale», em *Atti Convegno Internazionale: 20-25 Ottobre 2014*, ed. Associazione Internazionale Esorcisti (Roma: s.ed., 2015), 149.

⁹ Cf. Benigno Palilla, «L'Esorcismo Solenne nel Contesto del Combattimento Spirituale», em *Atti del Convegno Nazionale Esorcisti Italiani: 9-13 Settembre 2013*, ed. Associazione Internazionale Esorcisti (Roma: s.ed., 2013), 172.

Lamentavelmente, e contra aquilo que professa o magistério da Igreja Católica, muitos sacerdotes, religiosos e leigos, talvez por receio de serem considerados culturalmente ultrapassados, enveredaram nesta corrente e adaptaram-se à mentalidade de negação. Como consequência, deixaram de considerar necessária a pregação sobre este assunto, assim como dispensável o ministério dos exorcismos na Igreja, acreditando levianamente que todos os distúrbios se devem a perturbações mentais.¹⁰

Dentro deste paradigma, alguns seguiram, ainda, o caminho da parapsicologia com o objetivo de validarem as suas posições. Porém, sem sustentabilidade lógica já que, de modo geral, a comunidade científica adjudica falta de valor científico aos seus estudos. Epistemologicamente, a parapsicologia procura estudar os fenómenos extraordinários por meio da utilização dos métodos próprios da ciência experimental. Neste esforço, aponta uma presumível explicação natural a todo e qualquer fenómeno que analise, valendo-se, contudo, de teorias absurdas e sem fundamento científico. É, por isso, considerada uma pseudociência.¹¹

Enquadrados nesta falsa lógica, os seguidores da parapsicologia estão convencidos de que todos os fenómenos místicos ocorridos na vida dos santos, assim como todas as perturbações de origem demoníaca têm, afinal de contas, uma explicação natural. Tal pensamento conduz, por sua vez, à distorção da hagiografia e à negação da existência do demónio e da sua ação extraordinária. Verificamos, assim, que a parapsicologia tanto falha a nível científico, como a nível teológico.¹²

Na verdade, se analisarmos a história do pensamento, percebemos que a parapsicologia e outros movimentos análogos se enquadram, perfeitamente, numa tendência iluminista e racionalista que persistiu nos tempos e que vigora até aos dias de hoje. Este tipo de ideias, quando difundidas nos planos curriculares de formação dos futuros sacerdotes, provocou consequências devastadoras. No limite, conduziu à apreciação gnóstica da realidade, à negação da transcendência de Deus e à dispensa do ministério pastoral dos exorcismos em tantas dioceses no mundo. Os prejuízos pastorais ficaram patentes na disseminação do erro nas comunidades e na recusa de acolhimento às vítimas de perturbações demoníacas que se viram, assim, privadas do apoio eclesial que necessitavam.¹³

¹⁰ Cf. Palilla, «L'Esorcismo Solenne nel Contesto del Combattimento Spirituale», 172.

¹¹ Cf. Green, Jim, MFA. «Parapsychology», acedido a 20 de julho de 2025, <https://www.ebsco.com/research-starters/psychology/parapsychology#perception-in-the-scientific-mainstream>.

¹² Cf. Francesco Bamonte, «I Fondamenti Evangelici dei Segni Indiziari di Possessione Diabolica Riportati nel Rituale degli Esorcismi», em *Atti del Convegno Nazionale Esorcisti Italiani: 9-13 Settembre 2013*, ed. Associazione Internazionale Esorcisti (Roma: s.ed., 2013), 110-113.

¹³ Cf. Bamonte, 110-113.

Com toda esta conjuntura, percebemos melhor os motivos que levaram à crescente difusão supersticiosa na sociedade. Provavelmente, a maioria das pessoas não terá a plena noção do perigo que está associado a este tipo de práticas, contudo, a Igreja Católica condena-as de modo categórico em diversos números do seu catecismo.¹⁴

A superstição é, pois, definida como «um desvio do culto que prestamos ao verdadeiro Deus. Manifesta-se na idolatria, bem como nas diferentes formas de adivinhação e magia» (CIC 2138). Dentro deste conceito estão, portanto, inseridas de modo geral todas as práticas e crenças que se desviam do verdadeiro sentido da fé. É um largo espectro que compreende elementos de menor gravidade, como as crenças de sorte ou azar, mas também situações de gravidade maior que ocorrem nas formas da idolatria, adivinhação ou magia.

Sobre a idolatria, o catecismo começa por recordar aos fiéis o significado do primeiro mandamento do decálogo. Declara, por isso, que «o primeiro mandamento condena o politeísmo. Exige do homem que não acredite em outros deuses além de Deus, que não venere outras divindades além da única» (CIC 2112). Para esclarecer melhor este tópico, acrescenta, ainda, que «a idolatria não diz respeito apenas aos falsos cultos do paganismo. Continua a ser uma tentação constante para a fé. Ela consiste em divinizar o que não é Deus. Há idolatria desde o momento em que o homem honra e reverencia uma criatura em lugar de Deus, quer se trate de deuses ou de demónios, como por exemplo, no satanismo» (CIC 2113).

E porque falamos de satanismo, forma extrema e gravíssima de idolatria, o exorcista da Diocese de Roma e antigo presidente da Associação Internacional de Exorcistas, Francesco Bamonte, dá-nos conta da crescente proliferação das seitas satânicas no mundo. Cultos aberrantes, missas negras, profanações e atos sacrílegos são as características que marcam o ritmo destas seitas.¹⁵

Neste contexto, é importante refletir seriamente acerca do aumento do número de roubos eucarísticos que está a ocorrer em todo o mundo com vista à sua profanação em rituais satânicos. Estes roubos ocorrem, sobretudo, durante o momento da distribuição da Eucaristia. As pessoas que trazem este objetivo, aproximam-se para comungar, estendem as mãos e, discretamente, voltam costas ao altar e afastam-se com o Santíssimo Sacramento nas mãos, que são postas junto à boca como sinal sugestivo de oração. Chegando ao seu lugar, guardam então a Hóstia para a levar depois para os rituais sacrílegos.¹⁶

¹⁴ Cf. Duarte Sousa Lara, «Ministero degli Esorcismi: Una Testimonianza», em *Atti Convegno Internazionale: 20-25 Ottobre 2014*, ed. Associazione Internazionale Esorcisti (Roma: s.ed., 2015), 68-69.

¹⁵ Cf. Francesco Bamonte, «I Danni dell'Occultismo», em *Atti Convegno Internazionale: 20-25 Ottobre 2014*, ed. Associazione Internazionale Esorcisti (Roma: s.ed., 2015), 142-144.

¹⁶ Cf. Bamonte, «I Danni dell'Occultismo», 142-144.

Particularmente, nos dias festivos em que as Igrejas e Basílicas se encontram mais cheias e a distração se torna maior no momento da comunhão eucarística, estes operadores do oculto intervêm com maior intensidade e oportunismo. Na mesma celebração, podem juntar-se várias pessoas que agem de modo concertado no mesmo objetivo conseguindo, assim, roubar um número elevado de Hóstias consagradas numa só celebração.¹⁷

Só para termos noção da engenharia que já existe para este fim, há aparelhos desenhados especificamente para conseguir levar a Hóstia à boca sem que ela entre em contacto com a saliva. São aparelhos dentários, feitos de um plástico transparente, bastante fino e flexível que passa completamente despercebido ao ministro da Eucaristia.¹⁸

De facto, a maioria dos roubos eucarísticos ocorrem durante o momento da comunhão, mesmo na frente dos olhos dos sacerdotes e ministros extraordinários que não têm o cuidado de exigir que a pessoa comungue à sua frente. Há, neste sentido, uma falta de cuidado para com o Santíssimo Sacramento que merece na Igreja uma séria revisão.

Outra forma também utilizada para os roubos eucarísticos acontece diretamente dos cibórios que estão nos sacrários. É menos frequente já que envolve riscos acrescidos. Por isso, as pessoas que avançam para este tipo de roubo costumam estudar bem o sacrário que querem assaltar. Observam os movimentos do sacerdote na celebração da Eucaristia, o sítio onde coloca a chave do sacrário, o movimento que existe na Igreja durante o dia, se tem câmaras de vigilância e, até mesmo, o sítio mais propício por onde entrar durante a noite. Lamentavelmente, constatamos que em muitos sítios a tarefa é facilitada para os assaltantes, já que a chave é deixada ao lado do sacrário ou permanece inserida na fechadura do mesmo.¹⁹

Sobre esta situação, o Código de Direito Canónico é bastante explícito ao determinar que «quem tiver o cuidado da igreja ou oratório providencie para que a chave do tabernáculo em que se conserva a Santíssima Eucaristia, seja guardada com toda a cautela» (CDC, 938).

Outro estratagema utilizado pelas seitas satânicas é o suborno dos ministros extraordinários da comunhão para os roubos eucarísticos, tornando-os seus cúmplices neste processo. É, por isso, necessário que o sacerdote tenha todo o zelo e cuidado na escolha destes ministros, escrutinando a sua vida, os seus costumes e a sua espiritualidade, garantindo que são dignos de exercer tão elevado ministério.²⁰

Pastoralmente, entendemos que era necessário este parêntesis sobre os roubos eucarísticos com fins satânicos. É um dado atual, crescente e preocupante que não gostaríamos de deixar passar sem uma breve reflexão no contexto desta tese.

¹⁷ Cf. Bamonte, 142-144.

¹⁸ Cf. Bamonte, 143.

¹⁹ Cf. Bamonte, 143.

²⁰ Cf. Bamonte, 144.

Continuamos então a nossa abordagem no campo das práticas supersticiosas para agora falar sobre a adivinhação, também ela condenada pela Igreja na sua multiplicidade de métodos. Diz, assim, o catecismo:

Todas as formas de adivinhação devem ser rejeitadas: recurso a Satanás ou aos demónios, evocação dos mortos ou outras práticas supostamente reveladoras do futuro. A consulta de horóscopos, a astrologia, a quiromancia, a interpretação de presságios e de sortes, os fenómenos de vidência, o recurso aos “médiuns”, tudo isso encerra uma vontade de dominar o tempo, a história e, finalmente, os homens, ao mesmo tempo que é um desejo de conluio com os poderes ocultos (CIC 2116).

De facto, são variadíssimas as formas de adivinhação, utilizando todo o tipo de métodos e elementos para atingir os seus objetivos. Porém, todas elas atentam contra o verdadeiro sentido da fé, procurando dominar o tempo e a história dos acontecimentos por meio de uma força ou entidade que não é Deus. A título informativo, podemos explicar, brevemente, em que se baseiam algumas destas formas de adivinhação.

A necromancia pressupõe uma suposta comunicação com os mortos a fim de obter informações futuras ou influenciar os acontecimentos, utilizando para esse efeito objetos da pessoa falecida e, até mesmo, restos mortais, geralmente, ossos; a quiromancia baseia-se na leitura das linhas das mãos; a astrologia na previsão do futuro por meio da leitura dos astros; a geomancia vale-se de terra e pedras; a hidromancia, da água; a metoposcopia interpreta através das linhas da testa; e o tarot, amplamente difundido na nossa sociedade, utiliza cartas com simbologia esotérica. Há, ainda, outras formas de adivinhação feitas por meio de borras de café, vísceras de animais, bolas de cristal ou lançamento de búzios. Enfim, muita variedade para o mesmo tipo de erro.²¹

Além da adivinhação, também a magia ou feitiçaria é manifestamente condenada:

Todas as práticas de magia ou de feitiçaria, pelas quais se pretende domesticar os poderes ocultos para os pôr ao seu serviço e obter um poder sobrenatural sobre o próximo (ainda que seja para lhe obter a saúde) são gravemente contrárias à virtude da religião. Tais práticas são ainda mais condenáveis quando acompanhadas da intenção de fazer mal a outrem ou quando recorrem à intervenção dos demónios. O uso de amuletos também é repreensível. O espiritismo implica muitas vezes práticas divinatórias ou mágicas; por isso, a Igreja adverte os fiéis para que se acautelem dele. O recurso às medicinas ditas tradicionais não legitima nem a invocação dos poderes malignos, nem a exploração da credulidade alheia (CIC 2117).

²¹ Cf. Nuno Emanuel André, *Tesouro dos Exorcistas* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2025), 98-124.

Neste campo, podemos distinguir dois tipos de magia: a magia branca e a magia negra. Porque operam com recurso aos demónios ambas são más, condenáveis e perigosas, embora procurem objetivos distintos. A primeira visa obter algo positivo, como a saúde, o sucesso profissional, relacional ou afetivo. A segunda, por sua vez, é aplicada para provocar dano e mal ao próximo. É aqui que falamos, particularmente, do malefício, também conhecido como bruxaria ou maldição.²²

Quanto à finalidade, um malefício pode ser de variados tipos: amatório, quando se pretende prejudicar uma relação amorosa; venéfico para causar danos de saúde, familiares e económicos; amarração para provocar impedimentos e bloqueios nas diversas áreas da vida da pessoa, como nos estudos, na situação laboral, na relação conjugal, ou até mesmo na oração; transferência, quando por meio de fotografias ou de outros objetos representativos da vítima se procura infligir à mesma todo o tipo de dor e tormentos; putrefação, a fim de provocar a morte através do apodrecimento de uma determinada matéria que represente a vítima; e, finalmente, possessão, quando o malefício é feito com o objetivo de provocar uma possessão demoníaca, ou pelo menos, algum tipo de manifestação extraordinária na vida da pessoa.²³

Os materiais utilizados para este efeito são também eles plurais, fazendo uso de pregos e alfinetes ou entrelaçando nós com fios, correntes e arames. Aliás, neste contexto, todo o tipo de matéria orgânica, comida ou objetos poderá ser útil. Lançam-se maldições através de elementos representativos da vítima e com recurso ao fogo ou à putrefação de objetos e animais enterrados induzem-se, paralelamente, efeitos malignos na vítima. Nestes métodos inserem-se, ainda, os rituais satânicos, onde se celebram missas negras e se efetuam ritos aberrantes com propósitos malignos.²⁴

Enquadrados no espectro da magia surgem também uma multiplicidade de cultos e seitas. Destacamos, particularmente, dois com grande expressão na América latina e, agora também, em Portugal e noutros países europeus. Falamos dos cultos afro-brasileiros do Candomblé e do Umbanda. São cultos de origem africana que assumiram uma forma sincrética no contacto com outras espiritualidades presentes no Brasil e na América do Sul.²⁵

O Candomblé presta culto aos orixás, considerados espíritos para os seus fiéis. A algumas destas pessoas em particular é concedida a faculdade de serem possuídas por aquelas entidades, passando a agir de acordo com a sua índole e poder especial. O Umbanda está relacionado com o Candomblé, assumindo também influências do espiritismo de Allan Kardec.

²² Cf. José Antonio Fortea, *Summa Daemoniaca: Tratado de Demonologia e Manual de Exorcistas* (Lisboa: Paulus Editora, 2018), 59-62.

²³ Cf. AIE, *Linee Guida per il Ministero dell'Esorcismo*, 72-73.

²⁴ Cf. AIE, 72-73.

²⁵ Cf. Rubens Miraglia Zani, «I Riti Magici Afro-Brasiliani», em *Atti Convegno Internazionale: 24-29 Settembre 2018*, ed. Associazione Internazionale Esorcisti (Roma: s.ed., 2019), 73.

Estes cultos praticam-se em terreiros e assumem elementos do espiritismo, igualmente, condenado pela Igreja.²⁶

Tempo agora para falarmos das terapias alternativas, conhecidas também como terapias não convencionais. Carecem de validade científica e acarretam perigos para a saúde física e espiritual. Disfarçadas pela capa da saúde e do bem-estar, estas terapias apresentam-se ao dispor em clínicas e hospitais com os seus respetivos “especialistas”. Apanham, por isso, muita gente desinformada que cai na ilusão das suas batas brancas e do seu pretenso carácter benévolo. Prometem curar pela “energia”, cuja origem é bastante vaga e duvidosa.²⁷

A pranoterapia surge como uma das mais populares neste contexto. “Prana” significa sopro vital. Esta energia está, supostamente, presente em todas as pessoas, no entanto, em algumas flui com maior intensidade e abundância, conferindo poder para curar outras pessoas. Sinal da imprecisão originária desta energia está nos nomes que ela pode tomar, seja “Mente”, “Eu”, “Tao”, “Grande Espírito”, ou até mesmo, “Deus”.²⁸

De grande difusão em Portugal e noutros países ocidentais está também o *Reiki*, que é originário do Japão. Por intermédio de ritos iniciáticos carregados de simbologia mágica, esta terapia capacita os candidatos para curarem através da utilização da energia vital universal, que em japonês se diz *Reiki*. Os supostos terapeutas transferem esta energia pela imposição das mãos, prometendo curar ou resolver qualquer tipo de problema. Existem três níveis que oferecem poderes gradativamente maiores: o primeiro visa a cura de si mesmo e dos outros; o segundo promete a cura à distância; e o terceiro abre a possibilidade de resolução para os mais variados problemas da vida.²⁹

Dentro desta gama de terapias podíamos, ainda, citar muitas outras, como a piramidologia, que para além das suas referências energéticas inclui, também, elementos da doutrina da reencarnação. De facto, o mundo das terapias não convencionais é vasto na sua oferta, ganhando seguidores pela sua aparência de bem.³⁰

Após este retrato problemático, percebemos melhor porque motivo é que a Igreja condena este tipo de práticas. De facto, todas elas contrastam com a fé católica e comportam sérios riscos para os fiéis.

²⁶ Cf. Zani, «I Riti Magici Afro-Brasiliani», 82-119.

²⁷ Cf. Valter Cascioli, «Esorcistica e Psichiatria a Confronto: Modalità di Dialogo. Problemi Interpretativi e di Diagnosi Differenziale», em *Atti Convegno Internazionale: 20-25 Ottobre 2014*, ed. Associazione Internazionale Esorcisti (Roma: s.ed., 2015), 112.

²⁸ Cf. Giuseppe Mihelcic, «Il Discernimento dell’Esorcista nelle Terapie Alternative», em *Atti del Convegno Nazionale Esorcisti Italiani: 9-13 Settembre 2013*, ed. Associazione Internazionale Esorcisti (Roma: s.ed., 2013), 153.

²⁹ Cf. Mihelcic, «Il Discernimento dell’Esorcista nelle Terapie Alternative», 159-160.

³⁰ Cf. Mihelcic, 163.

Segundo a opinião dos exorcistas, as práticas supersticiosas, idolátricas, divinatórias e mágicas são a maior porta de entrada para as perturbações de origem demoníaca.³¹

Independentemente da responsabilidade moral, as pessoas que se envolvem neste universo de crenças e práticas, colocam-se, particularmente, numa posição muito arriscada. Os exorcistas notam na sua experiência ministerial que participar em sessões de espiritismo, frequentar agentes do oculto, imiscuir-se nas variadas práticas condenadas pela Igreja, usar objetos supersticiosos, tomar parte em seitas e cultos religiosos alternativos, envolver-se nas terapias alternativas pertencentes ao movimento da nova era, ser vítima de um malefício, ou até mesmo, escutar regularmente músicas de adoração explícita a Satanás ou com conteúdo blasfemo, são os motivos mais frequentes que estão na origem das perturbações demoníacas. De facto, provém daqui a grande maioria das vítimas que pedem socorro aos exorcistas, contudo, é importante notar que qualquer situação de pecado poderá em si desencadear uma perturbação demoníaca de carácter extraordinário.³²

Mas, porque será que aquela espécie de pecados favorece, em particular, a ação extraordinária do demónio? Que têm aqueles pecados de especial em relação aos outros até mais graves nas suas consequências imediatas? A resposta está nos pactos explícitos ou implícitos que são celebrados com o demónio no contexto das práticas de superstição, idolatria, adivinhação e magia.³³

Provavelmente, a maioria das pessoas não terá pleno conhecimento destes pactos, contudo, ao se envolverem de modo livre e voluntário naquelas práticas, acabam por oferecer ao demónio um raio de ação maior nas suas vidas, passando da comum tentação para as formas extraordinárias da obsessão, vexação, possessão e infestação demoníaca, algo que mais à frente explicaremos em detalhe. De facto, após prestar os seus serviços, o demónio costuma cobrar um preço elevado que, no limite, poderá chegar até este tipo de fenómenos extraordinários.³⁴

Há também outras causas pontuais, como é o caso de pecados graves nunca confessados, graves injustiças, ou pecados que atentem contra a vida do próximo ou contra a fé dos pequenos. Os pecados contra o Espírito Santo podem constituir, por si, uma ocasião de risco neste campo.³⁵

No contexto das causas pontuais, damos eco de um caso singular ocorrido com o exorcista norte-americano Cliff Ermatinger.³⁶

³¹ Cf. AIE, *Linee Guida per il Ministero dell'Esorcismo*, 62-63.

³² Cf. AIE, 62-67.

³³ Cf. Lara, «Ministero degli Esorcismi», 68-69.

³⁴ Cf. Lara, 69-70.

³⁵ Cf. AIE, *Linee Guida per il Ministero dell'Esorcismo*, 62.

³⁶ Cf. Cliff Ermatinger, «Esperienze di un Esorcista Statunitense», em *Atti Convegno Internazionale: 20-25 Ottobre 2014*, ed. Associazione Internazionale Esorcisti (Roma: s.ed., 2015), 181.

Num exorcismo, ao perguntar a via pela qual tinha entrado o demónio na vida de um homem, aquele respondeu em tom alegre: «através da minha melhor invenção: a pornografia na internet!».³⁷

Não devemos, com tudo isto, de ter medo do demónio que continua a ser apenas uma criatura limitada e subjugada à soberania de Deus. Devemos sim, ser obedientes ao ensinamento da Igreja e não brincar com o fogo.

Na verdade, o demónio é como um cão furioso que está preso: só nos morde quando lá colocamos a mão. Por isso, manter-se afastado das práticas supersticiosas, evitar o pecado e cultivar uma vida sacramental e orante são os meios indicados para evitar qualquer problema extraordinário com o demónio, crescendo, simultaneamente, no caminho da fé e da santidade.

³⁷ Ermatinger, «Esperienze di un Esorcista Statunitense», 181.

2. Contributo bíblico: desvios religiosos e distinção entre perturbações de ordem demoníaca e de ordem natural.

Situado o problema da confusão espiritual que se vive na atualidade, focamos agora a nossa atenção para aquilo que nos revela a Sagrada Escritura a respeito dos desvios religiosos, da existência de criaturas malignas e da atividade exorcística de Jesus, a qual se pode distinguir, claramente, das curas físicas também realizadas em benefício do seu povo.

De facto, são numerosas as referências na Sagrada Escritura acerca da malícia de práticas supersticiosas como a idolatria, a adivinhação e a magia. Do Antigo ao Novo Testamento, Deus condena, insistentemente, tais práticas advertindo o seu povo para que se afaste das mesmas e se volte para Ele. Desta insistência deduzimos dois aspetos fundamentais: a intemporalidade deste pecado e o grave perigo que ele encerra. Só assim se pode compreender a tamanha atenção que Deus dá ao problema. Temos, necessariamente, de refletir sobre o mesmo pois, como vimos, não está ultrapassado.

No Antigo Testamento podemos constatar as advertências presentes no Pentateuco, sobretudo, nos livros do Êxodo (22,18), Levítico (19,26; 19,31; 20,27) e Deuterónimo (18,10-11), assim como nos Profetas, nomeadamente, Samuel (1Sam 28,7), Isaías (65,2-4), Jeremias (27,9), Ezequiel (13,18-23), Miqueias (5,11-12), Sofonias (1,4-5) e Malaquias (3,5).

Sinteticamente, a passagem do Livro do Deuterónimo expressa a preocupação que está patente na generalidade das advertências divinas assinaladas ao longo do Antigo Testamento: «Não haja ninguém no meio de ti que faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha; ou se dê à prática de encantamentos, ou se entregue a augúrios, à adivinhação ou à magia, ao feiticismo, ao espiritismo, aos sortilégios ou à evocação dos mortos» (Dt 18,10-11).

Sinal reprovador do sincretismo religioso está na dureza com que Deus se dirige ao povo por intermédio do Profeta Sofonias (cf. Sf 1,4-5), referência de um problema de gravidade maior que ainda hoje enfrentamos nas nossas comunidades paroquiais e que se expressa, particularmente, no comportamento das pessoas que tanto acendem uma vela a Deus, como acendem outra ao demónio.³⁸

Em linha de continuidade, vemos no Novo Testamento o mesmo tipo de rejeição à mentalidade e prática supersticiosa. Entre os evangelhos, destaca-se o episódio das tentações de Jesus no deserto, narrado em Mateus (4,1-11), Marcos (1,12-13) e Lucas (4,1-13), o qual serve de orientação fundamental para o verdadeiro e único culto.

³⁸ Cf. Benoit Domergue, «I Principi Esoterici e Occulti che Ispirano la Cultura Anticristica di Alcuni Gruppi Musicali Odierni», em *Atti Convegno Internazionale: 24-29 Settembre 2018*, ed. Associazione Internazionale Esorcisti (Roma: s.ed., 2019), 279.

Neste contexto, Jesus valida e reforça as determinações do Antigo Testamento (cf. Dt 10,20) esclarecendo que só Deus é digno de ser adorado e servido. Portanto, é aqui que o povo se deverá situar, afastando de si qualquer espécie de desvio ou divisão.³⁹

Isto fica, particularmente, claro no Evangelho de João, quando Jesus afirma: «Eu sou a Luz do mundo. Quem Me segue não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida» (Jo 8,12). Sabemos que Jesus associa o poder das trevas ao poder do demónio (cf. Lc 22,53; Col 1,13). Logicamente, as trevas encerram também as práticas de ocultismo pelas quais o Inimigo subjuga os filhos de Deus ao seu domínio, porém, a revelação da Luz dissipa a escuridão do Mal, oferecendo a verdadeira libertação para aqueles que a querem seguir.⁴⁰

Os Atos dos Apóstolos oferecem-nos também o testemunho forte das condenações que são feitas ao ocultismo (cf. At 8,9-13; 13,4-12; 16,16-24; 19,18-20). Neste contexto, ganham destaque os episódios dos magos Simão e Élimas (cf. At 8,9-13; At 13,4-12). Estes dois homens que se dedicavam às práticas mágicas são duramente admoestados por Pedro e por Paulo.

Ao mago Simão, revela o Apóstolo Pedro: «vejo-te, efetivamente, a transbordar de fel e nos laços da iniquidade» (At 8,23). Ao mago Élimas, o Apóstolo Paulo é ainda mais duro dizendo: «ó criatura cheia de todas as astúcias e de toda a iniquidade, filho do Diabo, inimigo de toda a justiça, quando é que cessarás de perverter os retos caminhos do Senhor?» (At 13,10). E de seguida, às palavras do Apóstolo, Élimas acabou por ficar cego (cf. At 13,11).

Ainda nos Atos dos Apóstolos, testemunhamos o caso de uma escrava que se dedicava à adivinhação e que foi exorcizada por Paulo. Este, com autoridade, disse ao demónio: «ordeno-te, em nome de Jesus Cristo que saias desta mulher» (At 16,18) e assim aconteceu. A fé que se difundia além-fronteiras, contrastava com o ocultismo como, aliás, nos revela a força da conversão: «muitos dos que tinham abraçado a fé vieram confessar e declarar as suas práticas. E muitos dos que se tinham dedicado à magia trouxeram os seus livros e queimaram-nos diante de todos» (At 19,18-19). Vemos, pois, nestes exemplos uma clara oposição entre a proclamação da fé e as práticas supersticiosas.⁴¹

Já a nível escatológico, o Novo Testamento destaca as consequências deste tipo de práticas, sobretudo, na Carta aos Gálatas e no livro do Apocalipse. Na Carta aos Gálatas fica claro que aqueles que praticam idolatria e malefícios não herdarão o Reino de Deus (cf. Gl 5,20).

³⁹ Cf. Domergue, «I Principi Esoterici e Occulti che Ispirano la Cultura Anticristica di Alcuni Gruppi Musicali Odierni», 280.

⁴⁰ Cf. Bamonte, «I Danni dell'Occultismo», 123.

⁴¹ Justin Taylor, «Hechos de los Apóstoles», em *Comentario Bíblico Internacional*, ed. William R. Farmer (Navarra: Editorial Verbo Divino, 1999), 1401.

O Apocalipse, por sua vez, corrobora esta sentença afastando da Jerusalém Celeste todos aqueles que adoram demónios e ídolos de qualquer espécie, que se envolvem na feitiçaria e que praticam malefícios (cf. Ap 9,20-21; 18,23; 21,8; 22,15).

Apresentada a repreensão bíblica sobre a generalidade das práticas supersticiosas, é agora oportuno esclarecer a existência real do Inimigo que ao longo das páginas da Sagrada Escritura pode tomar vários nomes, entre os quais, Satanás, Diabo e demónio.

Como explica Gabriele Nanni na sua tese de doutoramento *Il Dito di Dio e il Potere di Satana – l'Esorcismo* (uma obra de referência na área da demonologia que foi oficialmente publicada pela Libreria Editrice Vaticana), estes termos são teologicamente equivalentes, porém, tiveram origens e significados distintos consoante a época e o contexto cultural em que se desenvolveram.⁴²

O termo “Satanás” é de origem hebraica e significa adversário ou inimigo. Por sua vez, “Diabo” é a tradução grega daquele termo e significa divisor, acusador, caluniador ou sedutor.⁴³ O termo “demónio” é de origem grega e no contexto clássico tinha até uma conotação positiva. Contudo, na tradução bíblica da Septuaginta este termo surge associado aos espíritos malignos, sendo depois utilizado com muita frequência nos escritos do Novo Testamento. É um termo mais abrangente que designa qualquer entidade espiritual maligna, qualquer anjo caído, podendo ser qualificado de modo singular ou plural. Hierarquicamente, Satanás/Diabo é o principal demónio, o mais poderoso e o líder dos demais.⁴⁴

Numa abordagem teológica e pastoral, importa salientar que o termo “demónio” é também utilizado por alguns autores para identificar especificamente a figura de Satanás/Diabo, podendo neste caso aparecer escrito com letra maiúscula. Aqui, o artigo ajuda a perceber a intenção do autor: quando refere “o” demónio (escrito com minúscula ou maiúscula), percebemos que aponta à figura pessoal de Satanás/Diabo; por outro lado, quando diz “um” demónio percebemos que aponta para qualquer outro espírito maligno. Como podemos calcular, tudo depende do contexto em que estiver a escrever.

Por exemplo, se estiver a comentar um exorcismo relatado no Evangelho, “o” demónio que ali se encontra poderá não ser propriamente Satanás/Diabo, mas qualquer outro espírito maligno que lhe está subjugado.

⁴² Cf. Gabriele Nanni, *Il Dito di Dio e il Potere di Satana: l'Esorcismo* (Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2004), 14.

⁴³ Cf. Renzo Lavatori, *Satana, un Caso Serio: Studio di Demonologia Cristiana* (Bologna: Edizioni Dehoniane Bologna, 1996), 60.

⁴⁴ Cf. Nanni, *Il Dito di Dio e il Potere di Satana*, 14.

Independentemente de todas estas variações, importa saber que na sua originalidade o termo “demónio” aponta de modo genérico para todo e qualquer ser malévolo. Considerámos oportuno fazer aqui este esclarecimento no sentido de evitar confusões terminológicas no decorrer da tese.

Regressando então à Bíblia, para entender melhor esta evolução terminológica, precisamos recuar ao Antigo Testamento e nele distinguir o período do pré-exílio e do pós-exílio. No primeiro período temos uma diversidade de nomes que representam seres malignos, nomeadamente, «Leviatã» (Is 27,1; Sl 74,14), «Azazel» (Lv 16,8), «Shedim» (Dt 32,17), «Lilith» (Is 34,14) e «Asmodeu» (Tb 3,8). Existe, ainda, pouca precisão na abordagem deste tema, fruto da Lei que é bastante severa no que toca à proibição da magia.⁴⁵

No segundo período surge, então, Satanás, uma figura que vai assumindo traços, progressivamente, mais negativos em relação ao género humano. Vemos as marcas dessa evolução nos livros de Zacarias, de Job e no Primeiro das Crónicas. Inicialmente, Satanás é um anjo que procura influenciar Deus a aplicar a justiça condenatória ao sumo sacerdote em julgamento (cf. Zc 3,1-5); a seguir, cerca de um século depois, Satanás é descrito como anjo acusador e tentador que observa o comportamento dos homens para os reportar a Deus, duvidando da sua fidelidade (cf. Jb 1,6-12; 2,1-7); finalmente, já na era persa, Satanás assume uma influência mais direta ao impelir David para o pecado de recensear o povo (cf. 1 Cr 21,1). Assim, de modo progressivo, vemos Satanás passar de ser um anjo acusador ao serviço de Deus, para se assumir, claramente, como um anjo maligno que induz os homens ao pecado.⁴⁶

Maturada esta ideia, o tempo tornou-se oportuno para uma revelação demonológica mais consistente e desenvolvida nas páginas do Novo Testamento. Há, agora, uma clara ênfase desta doutrina, enquadrada e subordinada à figura e à missão redentora de Cristo. De facto, é no contexto soteriológico que se evidencia, nitidamente, o triunfo de Cristo sobre o poder das trevas. À luz deste tempo kairológico o Inimigo é, por fim, desmascarado e vencido.⁴⁷

No Novo Testamento encontramos com maior frequência a utilização do termo “demónio”, embora também se registre o original hebraico “Satanás” e a sua tradução grega, “Diabo”. Além destes três termos recorrentes, surgem outros carateristicamente semelhantes como «tentador» (Mt 4,3), «pai da mentira» (Jo 8,44) «príncipe deste mundo» (Jo 14,30), ou «adversário/inimigo» (1Pd 5,8). Por várias vezes os demónios são também denominados por espíritos, embora sempre conotados como impuros ou malignos (cf. Mt 12,43; Mc 5,8). «Belzebu» (Mc 3,22), por sua vez, surge identificado com a figura singular de Satanás.⁴⁸

⁴⁵ Cf. Nanni, 15.

⁴⁶ Cf. Nanni, 16-17.

⁴⁷ Cf. Palilla, «L’Esorcismo Solenne nel Contesto del Combattimento Spirituale», 173-174.

⁴⁸ Cf. Nanni, *Il Dito di Dio e il Potere di Satana*, 19-20.

O Diabo/Satanás e os demónios desempenham, geralmente, as mesmas ações. Porém, ao longo do Novo Testamento, é mais comum vermos o Diabo associado a uma ação moral negativa, enquanto os demónios aparecem como protagonistas dos males físicos e das possessões. Por este motivo, são-lhes aplicados os exorcismos com maior frequência.⁴⁹

Situada a nossa tese neste contexto, utilizaremos de modo mais recorrente o termo “demónio”, exceto nas ocasiões particulares onde for necessária fazer a menção ou a distinção com a figura específica do Diabo ou Satanás. Como antes frisámos, a abrangência do termo “demónio” permite-nos simplificar e uniformizar a linguagem terminológica.

Independentemente da individuação ou da hierarquia destes seres angélicos, importa destacar, sobretudo, a sua índole malévola comum. Isto fica claro no episódio do exorcismo ocorrido na região dos gerasenos e que depois culminou na precipitação de dois mil porcos no mar (cf. Mc 5,1-20). Quando Jesus perguntou ao espírito impuro o seu nome, este respondeu: «Legião é o meu nome, porque somos muitos» (Mc 5,9). Ou seja, o demónio é um em muitos e, por isso, tanto se pode falar dele no singular como no plural.⁵⁰

Estando evidente a existência do Inimigo nas Sagradas Escrituras é, agora, altura de falarmos, especificamente, sobre a atividade exorcística de Jesus. Os evangelhos revelam-nos, de modo claro, que durante a sua vida terrena, Jesus se debateu contra a ação ordinária e extraordinária do demónio.

A nível ordinário, confrontou-se com o demónio no episódio das tentações do deserto, (cf. Mt 4,1-11; Mc 1,12-13; Lc 4,1-13) ensinando-nos, neste contexto, a superar as suas seduições. Paralelamente, as vítimas da ação extraordinária do demónio (que mais à frente detalharemos), foram socorridas por Jesus por intermédio dos exorcismos.⁵¹

De facto, a obra exorcística de Jesus é apresentada como parte essencial do ministério messiânico, distinguindo-se dos outros milagres e curas físicas também realizadas entre o povo. Os exorcismos de Jesus são ações salvíficas que surgem no contexto do anúncio do Reino de Deus e o seu significado e importância são precisamente explicados por Jesus quando refere: «se Eu expulso os demónios pelo dedo de Deus, então quer dizer que o Reino de Deus chegou até vós» (Lc 11,20). Com tais palavras fica, então, patente que os exorcismos são um sinal inequívoco do advento do Reino de Deus à humanidade.⁵²

⁴⁹ Cf. Nanni, 20.

⁵⁰ Cf. Virgil Howard e David B. Peabody, «Marcos», em *Comentario Bíblico Internacional*, ed. William R. Farmer (Navarra: Editorial Verbo Divino, 1999), 1224.

⁵¹ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, *Ritual Romano da Celebração dos Exorcismos* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2014), 12.

⁵² Cf. Luis Fernando García-Viana, «Evangelio segun San Lucas», em *Comentario al Nuevo Testamento*, ed. Santiago Guijarro Oporto e Miguel Salvador García (Salamanca: Sígueme, 1995), 223-224.

A força deste sinal é provada pelo lugar de destaque que ocupam os exorcismos na vida pública de Jesus e dos seus discípulos. As fórmulas gerais que resumem o quotidiano da missão expressam, precisamente, este impacto e frequência: «agora estou a expulsar demónios e a realizar curas hoje e amanhã, ao terceiro dia atinjo o Meu tempo» (Lc 13-32); «ao cair da tarde, quando o sol se pôs, trouxeram-Lhe todos os enfermos e possessos [...] Curou muitos enfermos atormentados por diversos males e expulsou muitos demónios [...] E foi por toda a Galileia, pregando nas sinagogas e expulsando os demónios» (Mc 1,32-34; 39).

Além destas, existem, ainda, outras fórmulas gerais que nos dão conta dos numerosos exorcismos que Jesus realizou, distinguindo os casos de origem demoníaca e de origem natural, um indicador de que não era tudo colocado no mesmo plano (cf. Mc 3,7-12; Mt 4,24; 8,16; e Lc 4,40-41; 6,18-19; 7,21; 8,2).

De modo particular, como salienta a AIE, temos a descrição detalhada de alguns exorcismos realizados por Jesus:⁵³ a libertação do endemoninhado da sinagoga de Cafarnaum (cf. Mc 1,21-28; Lc 4,31-37), a libertação do endemoninhado no território dos gerasenos (cf. Mt 8,28-34; Mc 5,1-20; Lc 8,26-39), a libertação do jovem que era lançado pelo demónio à água e ao fogo (cf. Mt 17, 14-20; Mc 9,14-29; Lc 9,37-43), a libertação da filha da mulher siro fenícia (cf. Mt 15,21-28; Mc 7,24-30), a libertação do possesso cego e mudo (cf. Mt 12,22-29); a libertação do possesso mudo (cf. Mt 9,32-34; Lc 11, 14-26) e, ainda, a libertação da mulher encurvada há dezoito anos (cf. Lc 13, 10-17).

Nos exorcismos de Jesus é frequente um processo em três etapas distintas: primeiramente, a presença de Jesus é reconhecida pelo demónio; a seguir, Jesus impõe-lhe silêncio com autoridade; e, finalmente, ordena que se retire da pessoa.⁵⁴

Ora, este procedimento, deixo-nos antever uma diferenciação notória entre aquilo que é uma perturbação demoníaca e aquilo que é uma perturbação de ordem natural, seja ela física ou psíquica. É isso, então, que vamos analisar com recurso à Sagrada Escritura.

O que salta, imediatamente, à vista é o modo distinto como Jesus aborda os casos de perturbação demoníaca e os casos de origem patológica. Quando confrontado com uma situação de doença, Jesus estabelece com a pessoa uma relação cordial e, por intermédio da fé e da Sua vontade, concede-lhe a graça da cura.

Por outro lado, quando se depara com uma situação de ordem demoníaca, Jesus mostra uma atitude completamente oposta. Não se dirige à pessoa em si, mas a uma outra entidade que a possui e atormenta, falando-lhe de modo imperativo para que se afaste e não a torne a

⁵³ Cf. AIE, 13-14.

⁵⁴ Cf. Pedro Barrajón, «Aspetti Biblici, Storici, Teologici», em *Esorcismo e Preghiera di Liberazione*, ed. Istituto Sacerdos – Ateneo Pontificio Regina Apostolorum (Roma: Edizioni Art, 2005), 53.

perturbar. Jesus fala aqui como alguém que se dirige a um inimigo, não havendo, por isso, o mínimo traço de cordialidade e afeto.⁵⁵

Tipicamente, nos casos de perturbação demoníaca, Jesus não diz expressões do género «vai em paz e fica sarada do teu mal» (Mc 5,25-34), ou «Eu quero, fica limpo» (Mt 8,2-3; Lc 5,12-13). De modo distinto, vemos Jesus proferir expressões com outro tipo de agressividade: «cala-te e sai deste homem!» (Mc 1,25) ou «sai desse homem, espírito impuro!» (Mc 5,8). Este tipo de abordagem denota um confronto direto com um ser real que dada a sua natureza inteligente é capaz de compreender os comandos e as ordens que lhe são dirigidas.⁵⁶

A título excecional, é conveniente esclarecer que em determinados casos são salientadas as consequências patológicas decorrentes da ação demoníaca que as provoca na sua origem. Nos evangelhos, condições como a da mulher encurvada (cf. Lc 13,10-17), a cegueira e o mutismo (cf. Mt 12,22-29) são manifestamente patológicas, contudo, na sua origem está uma ação demoníaca que só pode ser resolvida por via exorcística.⁵⁷

Nestes casos, certamente mais complexos de diagnosticar pela reduzida ou ausente espetacularidade dos seus sinais, o demónio opta por atormentar a pessoa fisicamente, embora preserve intacta a sua condição mental. Este tipo de ação extraordinária, como veremos mais adiante, é especificado pelos exorcistas como vexação. Tendo em conta este fenómeno, é compreensível que os evangelhos definam, por vezes, a libertação demoníaca como cura. A lógica é simples: porque ocorre a libertação do demónio, dá-se também a cura das patologias que ele provoca.⁵⁸

Para além da notória diferença de atitude que Jesus evidencia na abordagem dos casos, importa também observar as dissemelhanças comportamentais entre as pessoas doentes e aquelas que manifestam perturbações demoníacas. Os casos da sinagoga de Cafarnaum (cf. Mc 1,21-28; Lc 4,31-37), do endemoninhado do território dos gerasenos (cf. Mt 8,28-34; Mc 5,1-20; Lc 8,26-39) ou do jovem que era lançado pelo demónio à água e ao fogo (cf. Mt 17, 14-20; Mc 9,14-29; Lc 9,37-43), pelo conjunto detalhado dos seus pormenores, oferecem-nos matéria suficiente para a diferenciação.

Se repararmos, é costume vermos os doentes comuns aproximarem-se de Jesus por vontade própria e a implorarem a sua cura, não manifestando qualquer tipo de resistência. Ao obtê-la, estas pessoas exultam de alegria. Contrariamente, os atormentados pelo demónio não se apresentam com boas disposições, sendo comum vê-los a protestar contra Jesus.⁵⁹

⁵⁵ Cf. AIE, *Linee Guida per il Ministero dell'Esorcismo*, 14-15.

⁵⁶ Cf. Francisco Pérez Herrero, «Evangelio segun San Marcos» em *Comentario al Nuevo Testamento*, ed. Santiago Guijarro Oporto e Miguel Salvador García (Salamanca: Sigueme, 1995), 141.

⁵⁷ Cf. Nanni, *Il Dito di Dio e il Potere di Satana*, 104.

⁵⁸ Cf. Nanni, 104.

⁵⁹ Cf. AIE, *Linee Guida per il Ministero dell'Esorcismo*, 15-16.

Diante da Sua presença, as pessoas com problemas de origem demoníaca sofrem uma espécie de eclipse de consciência, sendo esta substituída por uma inteligência externa que lhes toma o controlo total das ações. Esta inteligência, atribuível a um ser demoníaco, manifesta uma profunda aversão a Jesus, somatizada pelo terror, pelo ódio, pelos gritos, pela contestação, pelas convulsões, contorções e agressões físicas.⁶⁰

A força, naqueles casos, ultrapassa aquilo que seria possível à condição natural da pessoa, como aliás é notório no relato do possesso geraseno: «fora preso várias vezes com grilhões e correntes, e quebrara as correntes e despedaçara os grilhões; ninguém era capaz de o dominar» (Mc 5,4).

A opinião de que estes sintomas correspondem a uma epilepsia não é sustentável. Clinicamente, o contacto direto com uma pessoa não está entre os fatores possíveis para desencadear uma crise epilética.

Já na sua experiência pastoral, os exorcistas confirmam o desencadear do mesmo cenário comportamental que é descrito nos evangelhos. A presença dos exorcistas, assim como acontecia com Jesus, é determinante para a manifestação aversiva do demónio que, certamente, percebe que o seu domínio está em causa.⁶¹

Outro ponto discrepante está no conhecimento superior que as vítimas demoníacas possuem a respeito da condição divina de Jesus. Estão pré-instruídas sobre a Sua Pessoa. Tipicamente, os doentes comuns não demonstram capacidade para revelar elementos desconhecidos, visto que Jesus prefere que certas verdades sejam pedagogicamente reveladas e assumidas no decurso da sua missão. É por isso que impõe silêncio ao demónio. Jesus não quer que a fé corra o perigo de ser imposta por uma revelação imediata e superficial (muito menos por via demoníaca), mas que seja, progressivamente, construída até ser aceite e proclamada.⁶²

Contudo, no relato dos Evangelhos, vemos que o demónio inverte esta lógica. Reconhece, imediatamente, a verdadeira identidade de Jesus e afirma pela boca das vítimas: «sei quem Tu és: o Santo de Deus» (Mc 1,24); ou «que tens que ver comigo, Jesus, Filho de Deus Altíssimo?» (Lc 8,28). Notoriamente, há um conhecimento superior que não seria expectável, um fator claro na distinção com os casos de enfermidade natural.⁶³

Mais uma vez, se analisarmos a atitude de Jesus no decurso destas situações, podemos confirmar, verdadeiramente, a existência real do demónio e da sua ação extraordinária.

⁶⁰ Cf. AIE, 19-20.

⁶¹ Cf. Bamonte, «I Fondamenti Evangelici dei Segni Indiziari di Possessione Diabolica Riportati nel Rituale degli Esorcismi», 78-79.

⁶² Cf. Mário Sousa, *Comentário ao Evangelho de São Marcos* (Lisboa: Paulus Editora, 2022), 99-100.

⁶³ Cf. Herrero, «Evangelio segun San Marcos», 141.

Pensemos: se não houvesse um interlocutor, teria sentido Jesus mandá-lo calar? (cf. Mc 1,25); ou ordená-lo a sair e não mais voltar a entrar? (cf. Mc 9,25); ou, até mesmo, perguntar-lhe o seu nome? (cf. Lc 8,30). Certamente, Jesus não seria ingénuo para se envolver neste tipo de colóquios com enfermidades naturais. Nem seria aceitável que estivesse a representar um papel. Ali estava, efetivamente, um outro ser pessoal capaz de entendimento e diálogo.⁶⁴

Vemos, então, que o demónio reconhece a divindade de Jesus e percebe que o seu domínio está em perigo. Por isso, não é estranha a interrogação na sinagoga de Cafarnaum: «vieste para nos perder?» (Mc 1,24). Querendo preservar o seu poder, o demónio tenta dissuadir os exorcismos com todas as suas forças e argumentos. No caso ocorrido no território dos gerasenos diz, mesmo, a Jesus no limite: «Peço-te que não me atormentes» (Lc 8,28).

De facto, não vemos esta atitude nas pessoas doentes narradas ao longo dos Evangelhos. A sua postura é, carateristicamente, dócil e suplicante pela cura, contrastando, com aquela a que assistimos nas vítimas da ação demoníaca que reagem violentamente e procuram a todo o custo impedir a ação de Jesus sobre elas. A distinção, no fundo, resume-se numa frase: os doentes comuns pedem o auxílio de Jesus e os que sofrem de perturbações demoníacas rejeitam-no.⁶⁵

Outro ponto simbólico no comportamento das vítimas de ação demoníaca ocorre no momento da libertação operada por Jesus. O demónio grita furiosamente e convulsiona o corpo da pessoa, deixando-a prostrada.⁶⁶

Isto é visível, por exemplo, no jovem possesso que era atirado à água e ao fogo e que os discípulos não conseguiram libertar. À ordem de expulsão de Jesus é relatado que o demónio «dando um grande grito e sacudindo-o violentamente, saiu» (Mc 9,26). Após a libertação é dito que «o menino ficou como morto, a ponto de a maior parte dizer que tinha morrido. Mas, tomando-o pela mão, Jesus levantou-o e ele pôs-se de pé» (Mc 9,27).

Uma vez mais, não notamos este tipo de reações violentas no decurso das curas patológicas (cf. Mt 8,1-4; 9,1-8; Mc 3,1-6; 5,25-34; 10,46-53; Lc 5,17-26; 14,1-6; 17,11-19; Jo 5,5-9; 9,1-12).

Finalmente, é também assinalável a possibilidade de os animais serem afetados pela ação extraordinária do demónio. Este fenómeno, como teremos a oportunidade de analisar posteriormente, é definido como infestação. Este tipo de perturbação demoníaca é, particularmente, reportado no episódio de Cafarnaum em que a legião de demónios pede a Jesus para entrar nos porcos (cf. Mt 8,28-34; Mc 5,1-20; Lc 8,26-39).

⁶⁴ Cf. Lavatori, *Satana, un Caso Serio*, 67.

⁶⁵ Cf. Nanni, *Il Dito di Dio e il Potere di Satana*, 22-23.

⁶⁶ Cf. Bamonte, «I Fondamenti Evangelici dei Segni Indiziari di Possessione Diabolica Riportati nel Rituale degli Esorcismi», 84.

Regista-se em Cafarnaum a existência real dos demónios, seres inteligentes com capacidade de entendimento, diálogo e ação. A precipitação dos porcos no mar não é obra do acaso, mas confirma que realmente foram tomados pelos seres demoníacos.⁶⁷ Obviamente, não se registam episódios evangélicos em que as doenças pedem para ser transferidas para outro lugar ou animal, tendo consequências verificáveis nos mesmos.⁶⁸

No contexto clínico, até podemos ter um doente mental com desejo de entrar ou de se transformar num animal, ou até mesmo de assumir o controlo de um determinado objeto, no entanto, o efeito irá esbarrar na ilusão da sua intenção, não surpreendendo ninguém.

Assim como nos evangelhos se distinguem as perturbações demoníacas e as patologias naturais, também hoje, na prática exorcística e na prática clínica é possível efetuar o mesmo diagnóstico diferencial, com a vantagem atual de termos à disposição conhecimentos e meios mais avançados para sustentar esta verdade. Portanto, o desenvolvimento da teologia e das ciências da saúde devem facilitar o processo de discernimento e concorrer para a valorização e cuidado da pessoa em sofrimento.

⁶⁷ Sousa, *Comentário ao Evangelho de São Marcos*, 203-204.

⁶⁸ Cf. Lavatori, *Satana, un Caso Serio*, 67.

3. Análise Patrística: superstição, atividade demoníaca e exorcismos

Os Padres da Igreja falam abundantemente a respeito da gravidade dos cultos desviantes, da atividade demoníaca que os incentiva, assim como da ação libertadora operada por meio dos exorcismos, uma prática habitual que reflete o testemunho deixado por Jesus e que dá continuidade à sua missão salvífica na história.

De modo geral, o paganismo era considerado para os primeiros cristãos como uma obra demoníaca. Encontramos no contexto patrístico, especialmente em autores como Justino e Clemente de Alexandria, a referência às sementes do Verbo, uma expressão que convém ser esclarecida no seu real sentido. Quando os Padres da Igreja aplicam esta expressão, fazem-no em referência às grandes filosofias que conduzem ao monoteísmo, e não às religiões pagãs, cuja função é desviar e falsificar a verdadeira fé. Entre outros aspetos, a ação evangelizadora dos Padres da Igreja passará, assim, pelo esforço de erradicar as práticas de culto desviantes, reunindo o povo numa só fé. Podemos dizer que é um desafio atual, tendo em conta a dissidência espiritual dos nossos dias.⁶⁹

Sobre a idolatria, Tertuliano é contundente ao declarar a incompatibilidade que existe entre a luz e as trevas. Todas as pompas do demónio, como lhe chama, devem ser renunciadas de tal modo que seja erguida, unicamente, a bandeira de Cristo e não se sirvam a dois senhores.⁷⁰ Na mesma linha de conversão e unicidade de fé, Justino esclarece que «a partir do momento em que acreditámos no Verbo, renunciámos ao culto dos demónios».⁷¹ Fundamentalmente, será neste princípio geral de fé que assentarão as declarações dos Padres da Igreja a respeito dos desvios culturais.

De modo oportuno, nas suas *Catequeses Mistagógicas*, Cirilo de Jerusalém adverte os fiéis para as seduções dos cultos demoníacos, apelando a que se mantenham longe dos mesmos:

Culto do Diabo é a prece feita nos templos dos ídolos, tudo o que se faz em honra dos ídolos inanimados: acender luzes ou queimar incenso perto de fontes e rios, como fazem alguns que, enganados por sonhos e demónios, chegam a isso, acreditando que encontram a cura de doenças corporais. Não vás atrás destas coisas. Augúrios, adivinhação, agouros, amuletos, inscrições em lâminas, magias e outras artes más deste género são culto do Diabo. Foge, portanto, de tudo isto.⁷²

⁶⁹ Cf. Gabriele Amorth, *Exorcistas e Psiquiatras* (Lisboa: Paulus Editora, 2014), 19.

⁷⁰ Cf. Tertuliano, «A Idolatria», em *Antologia Litúrgica: Textos Litúrgicos, Patrísticos e Canónicos do Primeiro Século*, ed. José de Leão Cordeiro (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2003), 219.

⁷¹ Justino, «Apologia I», em *Antologia Litúrgica: Textos Litúrgicos, Patrísticos e Canónicos do Primeiro Século*, ed. José de Leão Cordeiro (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2003), 137.

⁷² Cirilo de Jerusalém, «Catequeses Mistagógicas», em *Antologia Litúrgica: Textos Litúrgicos, Patrísticos e Canónicos do Primeiro Século*, ed. José de Leão Cordeiro (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2003), 484.

Também Leão Magno alertou os fiéis para as ciladas do antigo adversário que de todas as formas procura desviar e perverter a verdadeira fé. Aqui, algumas pessoas são retidas pelo demónio e colocadas ao serviço como seus ministros. Tornam-se, assim, agentes do Maligno, colaborando na sua obra destrutiva. Diz, por isso, Leão Magno que o demónio «tem muitos habilidosos nos seus artifícios, de cujas intervenções e palavras se serve para enganar outros. Estes prometem a cura das doenças, revelações do futuro, favores dos demónios, expulsão dos espíritos».⁷³ Já antes Teodoro de Mopsuéstia havia feito referência a estes agentes, designando-os como Anjos de Satanás, pois usavam da malícia recebida para prejudicar os outros.⁷⁴

De grande valor nesta matéria são os registos de Martinho de Braga na obra *A Instrução dos Rústicos*. Ele acusa os demónios de incitarem as pessoas à idolatria, ao levantamento de templos e altares em sua honra e de oferecerem sacrifícios de todo o género para alcançarem os seus favores. Não tem dúvida em afirmar que quem está por detrás destes ídolos pluriformes são, de facto, «demónios malfeitores, espíritos do mal, que atormentam e maltratam os homens descrentes que não sabem proteger-se deles pelo sinal da cruz».⁷⁵

Martinho de Braga condena fortemente o culto do Diabo e oferece-nos o retrato das práticas de culto desviantes que ocorriam no território da península Ibérica naquela época. Censura o culto que é prestado aos elementos naturais, as velas que se acendem nos cruzamentos, os ramos de loureiro que se colocam nas casas, as ervas que se consagram e utilizam para lançamento de sortes, a preocupação supersticiosa de saber com que pé se sai de casa, a invocação dos demónios por meio da magia e todas as espécies de adivinhação.⁷⁶ Curiosamente, é um retrato do século VI que bem poderia ser do século XXI.

Existem fatores que, certamente, favorecem a imutabilidade desta situação na história. Já Clemente de Alexandria salientava que a inconstância e a fragilidade humana, estando constantemente expostas à astúcia do demónio, propiciam a queda nas seduções maliciosas.⁷⁷ No fundo, a nossa fraqueza exposta ao Adversário é uma condição permanente que exige total vigilância ao longo da jornada terrena. É, precisamente, por isso que São Pedro nos adverte: «sede sóbrios e vigiai! O Diabo, vosso adversário, anda ao redor de vós, como um leão que ruge, buscando a quem devorar. Resisti-lhe firmes na fé!» (1Pd 5,8-9).

⁷³ Leão Magno, «Sermões para o Natal», em *Antologia Litúrgica: Textos Litúrgicos, Patrísticos e Canónicos do Primeiro Século*, ed. José de Leão Cordeiro (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2003), 1022.

⁷⁴ Cf. Teodoro de Mopsuéstia, «Homilias Catequéticas», em *Antologia Litúrgica: Textos Litúrgicos, Patrísticos e Canónicos do Primeiro Século*, ed. José de Leão Cordeiro (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2003), 674.

⁷⁵ Martinho de Braga, «A Instrução dos Rústicos», em *Antologia Litúrgica: Textos Litúrgicos, Patrísticos e Canónicos do Primeiro Século*, ed. José de Leão Cordeiro (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2003), 1225.

⁷⁶ Cf. Martinho de Braga, «A Instrução dos Rústicos», 1225-1226.

⁷⁷ Cf. Clemente de Alexandria, «Stromata», em *Antologia Litúrgica: Textos Litúrgicos, Patrísticos e Canónicos do Primeiro Século*, ed. José de Leão Cordeiro (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2003), 176.

Os enganos do demónio são também destacados por Gregório de Nazianzo que o acusa de se fingir ser luz quando, na verdade, é somente trevas.⁷⁸ Na mesma linha, Cirilo de Jerusalém, refere que o demónio se disfarça de anjo de luz, procurando envolver-nos na escuridão com as suas ciladas. Para fazer face a estes enganos apela, por isso, à graça divina e ao espírito vigilante, um estado que pode ser coadjuvado pelas pregações e pelas leituras dos textos sagrados.⁷⁹ Garante e conforta, resumidamente, João Crisóstomo que no combate contra o demónio, teremos sempre Cristo do nosso lado para com Ele sairmos vencedores dos seus assaltos.⁸⁰

Neste contexto combativo, encontramos nos Padres da Igreja diversas referências aos exorcismos, um facto que indica ser uma prática regular naquele período da história da Igreja. Ireneu de Lião salienta que, de acordo com a diversidade de dons que são comunicados, alguns discípulos dedicam-se a expulsar os demónios. O impacto deste serviço de caridade favorece, ainda, a conversão daqueles que foram libertos do Inimigo, conduzindo-os ao seio da Igreja.⁸¹

Tertuliano dá-nos também o testemunho da prática habitual dos exorcismos na Igreja, dizendo ser costume esconjurar os demónios dos corpos das vítimas.⁸² E Nicetas de Ramesiana define os exorcismos como «uma invocação dirigida contra o espírito imundo naqueles que estão possuídos por ele»,⁸³ atestando que esta prática liberta as vítimas do Inimigo e as transporta para o Senhor

Sobre os efeitos, Cirilo de Jerusalém refere que o sopro divino lançado pelos exorcistas desencadeia no demónio uma reação de medo que o coloca em fuga.⁸⁴ Consciente desta eficácia, Teodoro de Mopsuéstia diz ser absolutamente necessário recorrer aos serviços dos exorcistas que se apresentam às vítimas da ação demoníaca como «garantes do socorro divino».⁸⁵

O demónio não ataca apenas as pessoas de modo extraordinário, mas também provoca alterações nos lugares e nos animais. Assim comprova Agostinho ao contar o caso de um homem que se queixava que «a sua casa sofria investidas perigosas dos espíritos malignos, que atormentava os animais e os escravos».⁸⁶

⁷⁸ Cf. Gregório de Nazianzo, «Sermões», em *Antologia Litúrgica: Textos Litúrgicos, Patrísticos e Canónicos do Primeiro Século*, ed. José de Leão Cordeiro (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2003), 503.

⁷⁹ Cf. Cirilo de Jerusalém, «Catequeses Pré-Batismais», em *Antologia Litúrgica: Textos Litúrgicos, Patrísticos e Canónicos do Primeiro Século*, ed. José de Leão Cordeiro (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2003), 475.

⁸⁰ Cf. João Crisóstomo, «Oito Catequeses Batismais», em *Antologia Litúrgica: Textos Litúrgicos, Patrísticos e Canónicos do Primeiro Século*, ed. José de Leão Cordeiro (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2003), 598.

⁸¹ Cf. Ireneu de Lião, «Contra as Heresias», em *Antologia Litúrgica: Textos Litúrgicos, Patrísticos e Canónicos do Primeiro Século*, ed. José de Leão Cordeiro (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2003), 169.

⁸² Cf. Tertuliano, «Apologético», em *Antologia Litúrgica: Textos Litúrgicos, Patrísticos e Canónicos do Primeiro Século*, ed. José de Leão Cordeiro (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2003), 189.

⁸³ Nicetas de Ramesiana, «Catequese aos Competentes», em *Antologia Litúrgica: Textos Litúrgicos, Patrísticos e Canónicos do Primeiro Século*, ed. José de Leão Cordeiro (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2003), 643.

⁸⁴ Cf. Cirilo de Jerusalém, «Catequeses Pré-Batismais», 471.

⁸⁵ Teodoro de Mopsuéstia, «Homilias Catequéticas», 672.

⁸⁶ Agostinho, «A Cidade de Deus», em *Antologia Litúrgica: Textos Litúrgicos, Patrísticos e Canónicos do Primeiro Século*, ed. José de Leão Cordeiro (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2003), 806.

A esta queixa, um presbítero dirigiu-se ao local e rezou para que terminasse aquela ação extraordinária do demónio, algo que ocorreu com sucesso.⁸⁷

Vemos que a atividade exorcística está presente em toda a era patrística, mas digna de especial menção é o impulso ocorrido no germinar do monaquismo. Monges como Antão, Pacómio, Hilarião e muitos outros, não se dirigiam para o deserto somente pela radicalidade da fuga do mundo, mas também para travar combate contra o demónio que, tradicionalmente, tem naquele lugar a sua morada predileta. Assumindo o ensinamento evangélico de que certos demónios não podem ser expulsos senão à força de oração e de jejum (cf. Mt 17,22; Mc 9,29), estes monges entregaram-se à luta para esconjurar o demónio e libertar a humanidade do seu domínio.⁸⁸

A era patrística oferece-nos, de facto, um valioso ensinamento a respeito da atividade demoníaca e dos meios necessários para a defesa e libertação da sua nefasta influência. Os dados provenientes dos Padres da Igreja permitem-nos chegar a algumas conclusões: que o demónio pode exercer uma ação extraordinária sobre pessoas, animais e lugares; que pode prejudicar qualquer pessoa, seja ela batizada ou não, tenha cometido pecado ou esteja isenta de culpa; que é uma simples criatura, limitada no seu poder, e que apesar da sua vontade destrutiva, nada acontece sem a permissão divina. Para a defesa e libertação dos seus ataques é fundamental a fé em Cristo, a oração, a Cruz e os exorcismos.⁸⁹

Pastoralmente, os Padres da Igreja procuraram ensinar os fiéis a respeito das astúcias e seduções demoníacas, convidando-os à vigilância e à luta diária contra as suas investidas. Além disto, dedicaram-se, também, ao estudo sobre a natureza específica do demónio, assim como ao motivo da sua culpa. Estudando a obra literária de Agostinho, Gabriele Nanni sintetiza as conclusões do Bispo de Hipona acerca deste aspeto em particular dizendo que: o Diabo era um anjo bom no momento da sua criação, mas pecou; a sua queda foi devida ao pecado de orgulho, pois encantado pelo seu poder, ambicionou ser igual a Deus e, livremente, rejeitou submeter-se a Ele; e a sua ação é realizada, principalmente, através da magia e dos rituais sacrílegos.⁹⁰

Constatamos que estas conclusões de Agostinho estão, geralmente, refletidas no ensinamento do Catecismo da Igreja Católica, particularmente, entre os números 391 e 395 que abordam a queda dos anjos. Do mesmo modo, as reflexões de tantos Padres da Igreja contribuíram para a definição doutrinal sobre a demonologia e a libertação divina.

⁸⁷ Cf. Agostinho, «A Cidade de Deus», 806.

⁸⁸ Cf. Amorth, *Exorcistas e Psiquiatras*, 20.

⁸⁹ Cf. Nanni, *Il Dito di Dio e il Potere di Satana*, 115-116.

⁹⁰ Cf. Nanni, 38-39.

4. O pensamento contemporâneo em matéria demonológica

Para podermos entender o pensamento dos autores contemporâneos em matéria demonológica é importante considerar as influências culturais que marcam este período histórico. De facto, a nossa interpretação não é imune ao contexto em que nos inserimos e crescemos. Trazemos connosco toda uma bagagem de influências que, mesmo sem nos darmos conta, acaba por ter impacto nas nossas opiniões.

Desde logo, é importante salientar um ponto de viragem ocorrido entre dois extremos. Se na época da caça às bruxas se cometeram excessos e atrocidades movidos por uma visão amplamente demoníaca da realidade, posteriormente, sucedeu-se um período reativo que acabou por retirar de cena o demónio e a sua ação. Progressivamente, o desinteresse levou ao erro doutrinário nesta matéria, que em posições mais extremas, culminou na negação da existência do demónio, reduzindo-o a um mero símbolo ou ideia abstrata do mal.⁹¹

Situada neste extremo, a cultura e a sociedade geral foi assumindo as posições cétricas do racionalismo que, particularmente, obteve um grande impulso na era das luzes. Como o demónio não é qualificável nem se enquadra racional e empiricamente, dá-se uma contestação massiva à doutrina demonológica ensinada pela Igreja Católica.⁹²

No decurso da história, surge também o advento do materialismo histórico e a difusão do ateísmo entre as massas por meio do comunismo e de outros regimes totalitários que desacreditam qualquer referência transcendental. Este amplo contexto acentua a visão de alguns cientistas que se opõem totalmente ao dado da revelação cristã. Dentro das ciências psicológicas, destaque para as figuras de Sigmund Freud ou de Carl Jung que negam a realidade objetiva do demónio e o reduzem a um símbolo ou a uma mera projeção da mente humana.⁹³

Ao nível da fé cristã, o impacto deste conjunto de influências associado à corrente do liberalismo protestante, fez-se notar quando vários teólogos e biblistas passaram também a negar a existência do demónio e da sua atividade. Nesta linha, rejeitam a ideia de que Jesus tenha realizado exorcismos, justificando tratar-se de uma linguagem cultural da época. Esta visão foi assumida por muitos clérigos ao longo dos anos. Resultado: hoje, pouco ou nada se fala do demónio e dos exorcismos na formação sacerdotal e no âmbito das Igrejas.⁹⁴

Consequentemente, a religiosidade e o conhecimento entre os fiéis foram vítimas de um enfraquecimento geral à medida que foram sendo tomadas pelo erro ou pelo silêncio dos pastores. Enquanto nos corredores da Igreja muitos declararam a morte de Satanás ou a sua

⁹¹ Cf. Amorth, *Exorcistas e Psiquiatras*, 27-28.

⁹² Cf. Lavatori, *Satana, un Caso Serio*, 14-15.

⁹³ Cf. Amorth, *Exorcistas e Psiquiatras*, 27-28.

⁹⁴ Cf. Amorth, 27-28.

segunda queda, entre a massa dos fiéis ressurgiu em força um grande interesse por aquela figura. A prova está na disseminação social de todas as formas de ocultismo que já antes abordámos. Isto vem reforçar a tese de que onde decresce a fé, aumenta a superstição.⁹⁵

Analiseemos, agora em detalhe, as afirmações dos pensadores mais populares da era contemporânea. Em matéria demonológica, reunimos a opinião de várias figuras, sobretudo, de teólogos, mas também de filósofos e figuras na área das ciências psicológicas.

Fundamentalmente, podemos distinguir o espectro de opiniões em três grupos: aquele que nega a existência do demónio e elabora uma interpretação simbólica e cultural do mesmo; um intermédio que permanece numa posição de dúvida; e aquele que aceita o ensinamento da Igreja Católica e procura aprofundá-lo.⁹⁶

No primeiro grupo figuram, maioritariamente, teólogos protestantes como Adolf Von Harnack, Rudolf Bultmann, Karl Barth, Ernst Fuchs, Jurgen Moltmann e Wolfhart Pannenberg; em menor número, teólogos católicos como Herbert Haag, Bas Van Jersel e Henry Ansgar Kelly; depois, filósofos como Paul Tillich (também teólogo protestante) e Paul Ricoeur; e, finalmente, Sigmund Freud, Carl Gustav Jung e Eugen Drewermann no setor das ciências psicológicas.

O teólogo protestante Adolf Von Harnack negava a existência real do demónio, sugerindo ser uma ideia enquadrável no ambiente cultural bíblico. Reconhecia que os escritos bíblicos tinham a intenção de referir o demónio como um ser real, contudo, o teólogo alemão professava que a Bíblia não devia ter a última palavra pois, no seu entender, não é infalível. Sustentado nesta tese, considerava o demónio como uma ideia temporal e culturalmente situada, sendo inadmissível a sua crença na atualidade.⁹⁷

Por sua vez, Rudolf Bultmann defendia que a crença no demónio ou em criaturas angélicas não era mais que um resquício da mentalidade supersticiosa primitiva e pré-científica. Partindo da sua teoria da desmistificação, Bultmann apontava à erradicação destas figuras, afirmando que a sua crença seria prejudicial à fé. De facto, para este teólogo protestante não parecia fácil conceber uma relação entre ciência e fé. No seu entender, os avanços científicos contemporâneos permitiam rebater, por completo, a figura do demónio e até mesmo os milagres descritos no Novo Testamento.⁹⁸

Já Karl Barth, de modo abstrato, concebia o demónio como pura negatividade. Ele seria a antítese absoluta, figura negativa da criação, próxima do nada, da não-realidade.⁹⁹

⁹⁵ Cf. Nanni, *Il Dito di Dio e il Potere di Satana*, 51-52.

⁹⁶ Cf. Barrajón, «Aspetti Biblici, Storici, Teologici», 59-63.

⁹⁷ Cf. Lavatori, *Satana, un Caso Serio*, 15-16.

⁹⁸ Cf. Lavatori, 16.

⁹⁹ Cf. Lavatori, 17.

Ernst Fuchs, Wolfhart Pannenberg e Jurgen Moltmann desvalorizam a abordagem demoníaca, considerando-a antiquada, ultrapassada e um obstáculo para a vivência da fé. Fundamentalmente, assumem uma atitude próxima à de Rudolf Bultmann. De modo particular, Jurgen Moltmann acabou por reduzir o demónio a um mero símbolo do mal.¹⁰⁰

A propósito, desta feita no campo filosófico, Paul Tillich e Paul Ricoeur também defendiam uma interpretação simbólica do demónio, rejeitando a hipótese da sua pessoalidade. O primeiro argumentava que o demónio seria a expressão simbólica dos poderes políticos malignos que atuam no mundo, uma metáfora do negativo que subjaz no decurso da história da humanidade. O segundo, por sua vez, declarava que o demónio era o símbolo do mal introduzido no mundo pelas ações pecaminosas dos seres humanos. Esta expressão negativa que toma o nome de “demónio”, seria, então, o fruto projetivo da responsabilidade e da consciência humana.¹⁰¹

No lado católico, o teólogo Herbert Haag reduzia o demónio à simples mitologia. Defendia que nos textos da Sagrada Escritura o demónio era uma mera personificação literária do pecado e que tal conceito pertencia a uma origem cultural externa à Bíblia, não sendo, por isso, digno de fé. Haag acreditava que o mal residia no homem e que a crença no demónio era totalmente incompatível com a fé cristã. Aquela figura seria apenas um conceito cultural e não um ser pessoal e autónomo.¹⁰²

Por sua vez, Bas Van Jersel defendia que o episódio das tentações de Jesus no deserto não ocorreu na realidade, sendo uma composição do ambiente judaico-cristão. Já os exorcismos que estão descritos nos evangelhos sinópticos seriam uma elaboração de influxo helenista. Concluindo, este teólogo, negava a existência do demónio e a atividade exorcística de Jesus.¹⁰³

Henry Ansgar Kelly argumenta que os conceitos de Satanás, Diabo e demónio que encontramos ao longo das Escrituras provêm da mitologia e das influências culturais próximas do judaísmo. Na sua opinião, as possessões são apenas perturbações mentais cujo tratamento deve ser efetuado de modo terapêutico e não com recurso aos exorcismos. Kelly é, portanto, apologista que se afaste a demonologia do ensinamento cristão de tal maneira que este não corra o risco de perder a sua credibilidade.¹⁰⁴

E porque falamos de perturbações mentais, consideremos as opiniões de Sigmund Freud, Carl Gustav Jung e Eugen Drewermann, cientistas no campo das ciências psicológicas.

¹⁰⁰ Cf. Giorgio Gozzelino, «Problemi e Compiti dell’Odierna Demonologia Cristiana», em *Tra Maleficio, Patologie e Possessione Demoniaci: Teologia e Pastorale dell’Esorcismo*, ed. Manlio Sodi (Padova: Edizioni Messaggero Padova, 2003), 132.

¹⁰¹ Cf. Lavatori, *Satana, un Caso Serio*, 16-17.

¹⁰² Cf. Gozzelino, «Problemi e Compiti dell’Odierna Demonologia Cristiana», 135-136.

¹⁰³ Cf. Nanni, *Il Dito di Dio e il Potere di Satana*, 55-56.

¹⁰⁴ Cf. Lavatori, *Satana, un Caso Serio*, 28.

Como já antes referimos, para Freud e Jung não existe uma realidade objetiva de cariz maligno fora do ser humano, uma vez que todos os fenómenos ocorrem e se encerram na sua mente. Neste sentido, todo o mal e sofrimento seriam o resultado dos conflitos internos ocorridos no inconsciente da pessoa. A figura do demónio surgiria, assim, como uma projeção imaginária do indivíduo.¹⁰⁵

Eugen Drewermann situa-se na mesma linha de pensamento, tendo sido responsável pela introdução de uma abordagem de carácter freudiano na teologia. Este psicanalista que outrora exercera o ministério sacerdotal, tem feito carreira como crítico da Igreja Católica e dos seus ensinamentos. Entre muitos aspetos, considera o demónio como um produto imaginário que oculta, no profundo humano, um estado de sofrimento e angústia. Portanto, tal figura não existe, trata-se apenas de um fenómeno psicológico a ser tratado por via psicoterapêutica.¹⁰⁶

Passamos ao segundo grupo, caracterizado por autores que permanecem numa posição intermédia de dúvida. Aqui figuram teólogos católicos como Christian Duquoc, Otto Semmelroth, Piet Schoonenberg, Claude Boismard, Rudolph Schnackenburg, Pierre Grelot e Walter Kasper.

Considerando os avanços científicos e tecnológicos da era contemporânea, Christian Duquoc questiona se ainda será válida a crença no demónio. Este teólogo entendia que a ciência poderia abrir portas para a descoberta de novos dados até então desconhecidos neste campo. Nesta nova era do conhecimento, seria necessário questionar os ensinamentos da Bíblia e da Tradição em matéria demonológica. A colocação da dúvida punha, assim, em suspenso a definição existencial do demónio como ser pessoal. Ficou no plano da incerteza.¹⁰⁷

Nos mesmos termos, Otto Semmelroth emitiu um juízo de suspensão sobre este assunto, admitindo não ser possível negar ou afirmar a existência real do demónio. Em dúvida permanecia, também, Piet Schoonenberg que não encontrava explicações racionais para a existência de anjos e demónios.¹⁰⁸

Já o exegeta Claude Boismard chama a atenção para posições distintas entre o Antigo Testamento e o Novo Testamento. Enquanto no Antigo salienta não ser possível determinar com plena certeza a existência do demónio como ser pessoal, no Novo esclarece que este dado é, manifestamente, revelado por Jesus que o combate nos Evangelhos como um inimigo personificado. Por sua vez, o exegeta Rudolph Schnackenburg observou o mesmo facto bíblico, embora se mostrasse indeciso a respeito da existência pessoal do demónio.¹⁰⁹

¹⁰⁵ Cf. Lavatori, 18.

¹⁰⁶ Cf. Nanni, *Il Dito di Dio e il Potere di Satana*, 58.

¹⁰⁷ Cf. Lavatori, *Satana, un Caso Serio*, 20-21.

¹⁰⁸ Cf. Barrajón, «Aspetti Biblici, Storici, Teologici», 60.

¹⁰⁹ Cf. Lavatori, *Satana, un Caso Serio*, 24-25.

Igualmente dividido, Pierre Grelot destacava que nos textos bíblicos a figura do demónio não podia ser interpretada, nem de modo literal, nem em perspectiva totalmente mítica. Numa espécie de agnosticismo bíblico, afirmava ser impossível definir aquela presença ou força maligna, sendo o mais importante combatê-la.¹¹⁰

Neste grupo temos, ainda, a opinião ambígua de Walter Kasper que se mantém na dúvida entre a possibilidade da existência pessoal do demónio e a possibilidade de ser apenas uma representação simbólica do mal que habita a mente humana e o mundo social.¹¹¹

Finalmente, chegamos ao grupo de teólogos que em matéria demonológica segue o ensinamento da Igreja Católica, procurando aprofundá-lo, esclarecê-lo e reafirmá-lo numa época marcada pela disparidade de opiniões. Neste grupo, figuram doze teólogos católicos contemporâneos, nomeadamente, Maurizio Flick, Zoltan Alszeghy, Johann Auer, Karl Rahner, Hans Urs Von Balthasar, André Feuillet, René Laurentin, Corrado Balducci, Joseph Ratzinger, Karl Lehmann, Giorgio Gozzelino e Carlo Rochetta.

Maurizio Flick e Zoltan Alszeghy lembram que a Sagrada Escritura contém afirmações evidentes acerca da existência do demónio, uma verdade confirmada pelo Magistério da Igreja. Sustentados neste Magistério destacam, ainda, que os demónios são anjos maus (ou anjos caídos) que livremente pecaram e se afastaram de Deus. Por ódio e maldade, estas criaturas podem prejudicar as pessoas de modo extraordinário, como acontece na possessão demoníaca, servindo-se das artes mágicas e supersticiosas para atingir esses fins.¹¹²

Defendendo também a realidade do demónio, Johann Auer fornece quatro vias fundamentais para situarmos e compreendermos realisticamente aquela figura ao longo dos relatos bíblicos: a via teológica, na sua relação com Deus; a via cristológica, na relação com Cristo; a via antropológica, na relação com a humanidade; e a via escatológica, expressa na sua derrota final e no triunfo do Reino de Deus.¹¹³ Reconhecendo a atividade demoníaca no mundo, Auer desafia, também, a teologia contemporânea a esclarecer e prevenir os fiéis acerca da luta que travam.¹¹⁴

Por sua vez, Karl Rahner segue as orientações do IV Concílio de Latrão, reiterando que a existência real do demónio e a sua ação no mundo constituem para nós uma verdade de fé. Sustenta, ainda, que a profundidade do mal existente no mundo não pode ser, simplesmente, reduzida à ação humana e aos acontecimentos históricos que ele constrói. A força e a magnitude destes poderes implicam, por isso, o reconhecimento de uma presença pessoal do mal.¹¹⁵

¹¹⁰ Cf. Barraón, «Aspetti Biblici, Storici, Teologici», 61.

¹¹¹ Cf. Nanni, *Il Dito di Dio e il Potere di Satana*, 53-54.

¹¹² Cf. Nanni, 59.

¹¹³ Cf. Barraón, «Aspetti Biblici, Storici, Teologici», 61.

¹¹⁴ Cf. Lavatori, *Satana, un Caso Serio*, 36.

¹¹⁵ Cf. Lavatori, 35.

Em sintonia, Hans Urs Von Balthasar reconhece também a realidade do demónio, um ser pessoal que intervém no drama histórico entre Deus e a humanidade. Este teólogo suíço recorda a natureza angélica daquela criatura que, por sua livre decisão, se rebelou contra Deus e se perverteu na sua maldade. Apesar de ser uma temática obscura e desagradável de abordar, refere que a ação demoníaca não pode ser, de modo algum, negada ou subestimada.¹¹⁶

Por sua vez, ao analisar o episódio das tentações de Jesus no deserto (cf. Mt 4,1-11; Mc 1, 12-13; Lc 4,1-13), o teólogo e exegeta André Feuillet demonstra que Satanás é uma personagem real que interveio, diretamente, no ministério público de Jesus. Rejeita, portanto, que se faça uma interpretação meramente simbólica neste episódio, pois se assim fosse, teríamos de admitir que Jesus tinha mentido aos seus discípulos, uma vez ser Ele o único que poderia relatar aquele facto histórico.¹¹⁷

O também francês René Laurentin destaca a realidade da possessão demoníaca e a atividade exorcística de Jesus nos Evangelhos. Salienta que este ministério foi transmitido e continuado na Igreja, pois a mesma desempenha um papel fundamental na luta contra o demónio. Foi um teólogo, especialmente, importante no aprofundar do estudo dos exorcismos. Deu também um contributo notável no esclarecimento do simbolismo ou realidade do demónio. Laurentin esclarece que não se trata de uma questão de alternativa, mas antes de correlação, uma vez que símbolo e realidade se unem, neste caso, para identificar uma entidade invisível e singular no seu mistério. Simbólico, como alguns autores defendem, não significa inexistência, mito ou abstração, mas evoca a realidade profunda de um ser pessoal, vivo e ativo no mundo.¹¹⁸

Igualmente notável no campo da demonologia foi o teólogo italiano Corrado Balducci. Exorcista da Diocese de Roma durante largos anos, dedicou-se também à escrita de tratados e obras de cariz pastoral no sentido de instruir os pastores e os fiéis numa área pouco conhecida. Fez questão de apontar os erros dos teólogos que negam a existência do demónio, uma correção assinalável tendo em conta a combinação do seu estudo teórico com a prática exorcística.¹¹⁹

Por sua vez, Joseph Ratzinger acentua que a luta contra o demónio é um tema central no Evangelho, um dado histórico real e inegável. Critica, por isso, as interpretações que declaram a morte ou o adeus à realidade demoníaca, argumentando que as mesmas não estão baseadas na Sagrada Escritura, mas sim na mundividência atual que é irreconciliável com aquele dado.¹²⁰

¹¹⁶ Cf. Lavatori, 42.

¹¹⁷ Cf. Nanni, *Il Dito di Dio e il Potere di Satana*, 68.

¹¹⁸ Cf. Lavatori, *Satana, un Caso Serio*, 37-38.

¹¹⁹ Cf. Lavatori, 37.

¹²⁰ Cf. Lavatori, 39-40.

Para esclarecer a sua posição, Ratzinger aponta quatro critérios fundamentais para o estudo bíblico nesta matéria. O primeiro salienta a concordância que existe entre o Antigo Testamento e o Novo Testamento, que se comentam mutuamente na sua unidade. Verificamos, de modo gradual, uma maior presença e atenção demoníaca ao longo dos textos sagrados, até que na passagem para o Novo Testamento, encontramos o ápice daquela manifestação presente na vida pública de Jesus e dos apóstolos. Este dado sugere, claramente, um desenvolvimento progressivo da revelação.¹²¹

O segundo critério destaca o envolvimento das verdades da fé na vida pastoral concreta. É sabido que a luta contra o demónio é parte integrante e assinalável na missão de Jesus e que, posteriormente, foi comunicada também aos seus discípulos. Para Ratzinger, negar este dado evangélico altera, radicalmente, o sentido do ser e da obra de Jesus Cristo.¹²²

O terceiro critério recorda a unidade entre a Sagrada Escritura e a comunidade dos crentes. Sabemos que não faz sentido uma Bíblia sem Igreja. Portanto, não podemos desligar os textos bíblicos da Tradição e da liturgia da comunidade crente, na qual os exorcismos e a renúncia a Satanás são parte constituinte da celebração do Batismo.¹²³

Finalmente, o quarto critério foca a relação entre a mundividência científica e os dados da fé. Ratzinger rejeita, totalmente, a ideia que defende que a concepção bíblica do demónio já não se ajusta à mentalidade moderna. No seu entender, este argumento está marcado pela cultura racionalista e funcionalista do nosso tempo, onde nem mesmo Deus parece ter lugar. Neste contexto, Ratzinger critica, particularmente, o teólogo Herbert Haag por ter interpretado a Bíblia a partir da mentalidade atual, e não com a verdadeira exegese.¹²⁴

Também em consonância com o ensinamento eclesial, o teólogo Karl Lehmann refere que o demónio é um ser pessoal, originalmente criado bom por Deus, dotado de liberdade, consciência, capacidade de conhecimento e vontade. Foi, precisamente, no conjunto destas condições que pecou, se perverteu e se afastou de Deus.¹²⁵

Considerando o seu papel, Giorgio Gozzelino destaca que os anjos e os demónios não podem ser descartados do anúncio salvífico. Por sua vez, e finalmente, Carlo Rochetta assinala a existência do demónio e separa-o como realidade distinta face à ação pecaminosa exercida pelo ser humano.¹²⁶ Na conclusão de toda esta abordagem teológica, avançamos então para o terreno firme do magistério eclesial.

¹²¹ Cf. Lavatori, 39-40.

¹²² Cf. Lavatori, 39-40.

¹²³ Cf. Lavatori, 39-40.

¹²⁴ Cf. Nanni, *Il Dito di Dio e il Potere di Satana*, 63-64.

¹²⁵ Cf. Barrajón, «Aspetti Biblici, Storici, Teologici», 62.

¹²⁶ Cf. Nanni, *Il Dito di Dio e il Potere di Satana*, 60-61.

5. A demonologia à luz do Magistério da Igreja

Ciente da sua responsabilidade na transmissão dos conteúdos da fé, no decorrer dos séculos, a Igreja foi ensinando, corrigindo e recordando, sistematicamente, os seus fiéis em matéria demonológica. Entre a dispersão de tantas correntes ideológicas que marcaram a história, o magistério eclesial, fundamentado na Sagrada Escritura e na Tradição, posiciona-se como garante e protetor da ortodoxia da fé.

Nesta análise começamos por salientar as determinações dos primeiros concílios de Niceia e de Constantinopla que no Credo fazem professar a fé em Deus criador das coisas visíveis e invisíveis (cf. DH 125; 150). É, portanto, no enquadramento das coisas invisíveis que se assinala a existência dos demónios.

Mas, será que Deus, sumamente bom, criou algo mau? Não seria isto uma contradição da sua essência? Sobretudo no primeiro milénio, fruto dos erros que se formulavam neste assunto, a Igreja clarificou e definiu através de concílios e afirmações papais, a origem e a transformação dos seres demoníacos.

Neste contexto, o Papa Leão I, no ano de 447, afirmou por meio da carta *Quam laudabiliter* que o Diabo fora um anjo bom criado por Deus, contudo, no uso da sua liberdade, afastou-se do Bem supremo e tornou-se mau. O Papa esclarece, por este motivo, que será um erro pensar que o Diabo não tem autor, mas que ele próprio é o seu princípio e substância. Verdadeiramente, todas as coisas foram criadas boas por Deus e, como tal, se o Diabo se mantivesse fiel à sua natureza criada e segundo a verdade divina, teria permanecido um anjo bom junto de Deus (cf. DH 286).

No mesmo pontificado, foi composta na Gália uma profissão de fé para os rituais de ordenação. Os *Statuta Ecclesiae Antiquae* exigiam que os Bispos declarassem que o Diabo se tornou mau por livre-arbítrio e não por condição (cf. DH 325).

Mais tarde, este artigo de fé passou a figurar, explicitamente, entre os cânones do I Concílio de Braga, ocorrido entre os anos 561 e 574. O cânone sétimo estipula que: «se alguém disser que o Diabo não foi primeiramente um anjo bom feito por Deus, mas que surgiu das trevas e que não tem autor próprio, mas que ele próprio é o princípio e a substância do mal, como diziam Maniqueu e Prisciliano, seja anátema» (DH 457).

Séculos depois, em 1215, o IV Concílio de Latrão vem reafirmar a determinação de que o Diabo se tornou mau por livre-arbítrio, acrescentando, desta feita, que o Homem pecou por sugestão do Diabo, numa referência explicativa ao pecado original. Esclarece, ainda, que o Diabo e os demónios que o seguiram estão eternamente condenados, não havendo possibilidade para a reintegração dos mesmos (cf. DH 800; 801).

Ultrapassadas estas discussões, o magistério eclesial voltou, especialmente, a sua atenção para a advertência dos fiéis a respeito da atividade demoníaca, dos seus enganos e seduções. Houve a notória preocupação de transmitir, agora, aos fiéis o modo como o inimigo se comporta, dando a conhecer os seus métodos e facilitando a resistência aos seus assaltos.

Neste aspeto, o Concílio de Trento, ocorrido entre 1545 e 1563, alerta de modo genérico para a dissidência doutrinal que é semeada pelo Diabo com o objetivo de corromper a integridade da fé (cf. DH 1510). O Concílio adverte que ao longo da jornada da vida humana, o adversário procura por todos os meios e oportunidades conduzir-nos à queda e à separação de Deus (cf. DH 1694). Entre os meios para a queda figuram as práticas supersticiosas e, por essa razão, o concílio decreta que todos os livros e materiais relacionados com magia e adivinhação devem ser absolutamente rejeitados (cf. DH 1859).

Já na contemporaneidade, o Concílio Vaticano II também citou em alguns dos seus documentos a existência do demónio e abordou a sua nefasta ação na sociedade vincando, simultaneamente, a vitória de Cristo sobre o Maligno e exortando os fiéis a usarem os meios necessários para se tornarem, em cada dia, participantes com Cristo nessa vitória.

Particularmente, a constituição pastoral *Gaudium et Spes* assinala que desde o princípio o Homem foi seduzido pelo Maligno e, abusando da sua liberdade, afastou-se do estado de santidade com que Deus o havia criado. Desde então, a vida humana está marcada por uma incessante batalha entre a luz e as trevas que se estenderá até ao último dia. Por si mesmo, cada um de nós não tem capacidade para afastar o Inimigo, mas é em Cristo, que veio para nos libertar e fortalecer, que podemos sair vencedores (cf. GS 13; 37).

A constituição dogmática *Lumen Gentium* recorda a nossa frágil condição e observa que a humanidade, enganada pelo demónio, troca a verdade pela mentira e envereda, facilmente, nas múltiplas vias da idolatria (cf. LG 16). Posto isto, ontem e hoje, a missão da Igreja no mundo concretiza-se no anúncio da verdade e na purificação do erro e das contaminações malignas, restituindo e elevando tudo ao senhorio único de Deus (cf. LG 17; AG 9).

Esta missão pessoal e comunitária passa por cada um dos batizados, membros do Corpo Místico de Cristo. Esta ideia está, sobretudo, desenvolvida nos números 35 e 48 da *Lumen Gentium* que se serve, particularmente da Carta aos Efésios para explicar que cada um de nós está implicado numa permanente conversão e luta «contra os espíritos do mal» (Ef 6,12) sendo, portanto, necessário revestir-se com a «armadura de Deus para assim resistir às maquinações do Diabo» (Ef 6,11). A mesma constituição oferece depois o testemunho vencedor de Maria sobre a antiga serpente, ela que é para nós modelo e refúgio seguro na batalha (cf. LG 55; 63).

Sabemos que o propósito do Concílio Vaticano II não passava pelo desenvolvimento doutrinal em matéria demonológica, ainda assim, como vimos, não deixou de se pronunciar em alguns aspetos determinantes para o nosso tempo.

De modo mais incisivo, o magistério dos Papas que assumiram este Concílio (João XXIII e Paulo VI) foi pródigo em intervenções e desenvolvimentos na disciplina demonológica, uma tendência que, aliás, se veio a manter nos pontificados seguintes, com Francisco, claramente, em destaque pela quantidade de reflexões que fez sobre o assunto. Vejamos, então, o desenvolvimento desta tendência nos últimos pontífices.

A 10 de setembro de 1961, numa radiomensagem ao mundo em favor da paz, o Papa João XXIII decidiu recordar e motivar os fiéis na luta contra os espíritos malignos. E porque o texto de São Paulo aos Efésios (6, 10-20) é exemplar na identificação do nosso verdadeiro inimigo e na revelação das armas que devemos usar para o combater, com perspicácia, João XXIII serviu-se do mesmo para transmitir de modo prático e direto aos fiéis o conteúdo fundamental nesta matéria. Apelou, então, a seguir as advertências de São Paulo, lembrando que «a guerra espiritual vem do Maligno e de inclinações naturais indisciplinadas».¹²⁷

Já Paulo VI foi audacioso na forma como se pronunciou sobre a atividade demoníaca, não poupando críticas, mesmo para dentro da própria Igreja na sua situação atual. Fica-nos na memória a célebre frase pronunciada na homilia de 29 de junho de 1972, por ocasião da solenidade dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo em que o Papa refere: «por alguma fresta, a fumaça de Satanás entrou no templo de Deus».¹²⁸

Na reflexão desta frase, Paulo VI lamenta que a dúvida tenha penetrado nas consciências, obscurecendo a luz que a devia iluminar. A ciência, ao invés de servir para a aproximação a Deus, participa na agudização do problema através da crítica e da incerteza que vai difundindo. Por sua vez, o meio académico padece na confusão e na contradição do ensino, ao mesmo tempo que se fazem revoluções absurdas e demolidoras sob a égide do progresso. Paulo VI tinha a convicção de que após o Concílio Vaticano II surgiria uma nova primavera na Igreja, porém, a constatação daqueles frutos fazia-o a lamentar que «em vez disso, chegou um dia de nuvens, tempestades, escuridão, busca e incerteza».¹²⁹ O Papa não tem dúvidas em apontar a responsabilidade desta situação ao Diabo, acreditando que os frutos do concílio estão sufocados pela sua nefasta intervenção.¹³⁰

¹²⁷ João XXIII, «Universis Christifidelibus ac Gentibus Datus, de Pace et Concordia Inter Populos Servandis ad Hominum Generis Tranquillitatem ac Prosperitatem», *Acta Apostolicae Sedis* 53, n. 11 (1961): 579.

¹²⁸ Paulo VI, «Omelia di Paolo VI: Solennità dei Santi Apostoli Pietro e Paolo, 29 Giugno 1972», acedido a 15 de setembro de 2025, https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/homilies/1972/documents/hf_p-vi_hom_19720629.html.

¹²⁹ Paulo VI, «Omelia di Paolo VI: Solennità dei Santi Apostoli Pietro e Paolo, 29 Giugno 1972».

¹³⁰ Cf. Paulo VI, «Omelia di Paolo VI: Solennità dei Santi Apostoli Pietro e Paolo, 29 Giugno 1972».

Poucos meses depois, na Audiência Geral de 15 de novembro de 1972, Paulo VI retoma o tema, agora com uma condenação explícita aos erros que se formulam em matéria demonológica. Sente a necessidade pastoral de esclarecer esta temática no seio da Igreja. Por isso questiona: «quais são as maiores necessidades da Igreja hoje?»¹³¹ e continua: «uma das maiores necessidades é a defesa contra este mal a que chamamos Diabo. O mal não é meramente uma deficiência, mas uma eficiência, um ser vivo, espiritual, pervertido e perverso. [...] aqueles que se recusam a reconhecer a sua existência estão fora do quadro do ensinamento bíblico e eclesialístico».¹³²

Paulo VI desenvolve esta tese com várias referências à Sagrada Escritura, evidenciando a presença diabólica desde o pecado original, passando depois pela vida pública de Jesus na qual destaca a tríplice tentação no deserto, os exorcismos e os ensinamentos revelados por Ele acerca do demónio e da sua atividade.

Analisando tudo isto, o Papa não tem dúvidas de que a vida e a história humana são afetadas pela influência demoníaca. Revelando, uma vez mais, a sua sensibilidade pastoral nesta matéria, Paulo VI aponta um caminho prático para melhorar a abordagem demonológica na Igreja e na sociedade contemporânea aproveitando, simultaneamente, para corrigir posições que não se coadunam com a verdade da fé. Diz o Papa:

Este capítulo sobre o Diabo e a influência que ele pode exercer, tanto sobre indivíduos, como sobre comunidades, sociedades inteiras ou acontecimentos, seria um capítulo importantíssimo da doutrina católica que deveria ser retomado, enquanto hoje pouca atenção lhe é dada. Alguns pensam encontrar compensação suficiente nos estudos psicanalíticos e psiquiátricos ou nas experiências espiritualistas, hoje excessivamente difundidas em muitos países. [...] Hoje, alguns preferem parecer corajosos e imparciais, adotando uma atitude positivista, e depois dando crédito a tantas superstições mágicas ou populares gratuitas; ou, pior ainda, abrir as suas próprias almas [...] a fissuras através das quais o Maligno pode facilmente penetrar.¹³³

O oportunismo e a pertinência desta missiva de Paulo VI merece ser, seriamente, considerada na Igreja atual, tendo em conta que a abordagem do tema continua marginalizada. Por este preciso motivo, a tese que apresentamos está atenta à lacuna e à necessidade formativa na disciplina demonológica que, por força de razão, também se interceta e envolve com as ciências psicológicas.

¹³¹ Paulo VI, «Udienza Generale: 15 Novembre 1972», acedido a 15 de setembro de 2025, https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/audiences/1972/documents/hf_p-vi_aud_19721115.html.

¹³² Paulo VI, «Udienza Generale: 15 Novembre 1972».

¹³³ Paulo VI, «Udienza Generale: 15 Novembre 1972».

Acreditamos que um sólido substrato teórico será fundamental para a eliminação do erro e para a consequente promoção de uma prática pastoral mais eficiente. Este aparte que fazemos na exposição do magistério eclesial acontece, especialmente, porque a afirmação de Paulo VI poderia adotar-se como uma espécie de resumo para a missão desta tese, uma vez que toca numa boa parte dos temas e urgências que aqui abordamos.

Voltando ao magistério eclesial, não podemos esquecer um importante documento da Congregação para a Doutrina da Fé, intitulado *Fede Cristiana e Demonologia*, lançado a 26 de junho de 1975, ainda no pontificado de Paulo VI. É um documento capital e um marco no âmbito da demonologia.¹³⁴

Perante a confusão reinante, a Congregação para a Doutrina da Fé sentiu a necessidade de emitir um documento esclarecedor acerca do posicionamento da Igreja em matéria demonológica, condenando não apenas os erros de sempre, como a superstição, mas também aqueles que brotavam da interpretação de alguns exegetas contemporâneos que consideravam que a abordagem demonológica nas Escrituras era um mero produto do ambiente religioso e cultural da época. Nesta lógica, alguns exegetas difundiram que Satanás e os demónios eram simples personificações mitológicas e funcionais, desenvolvendo então um processo de desmitificação que se espalhou amplamente entre os fiéis. Sobre isto, refere o documento: «essas posições repetidas com ostentação de erudição e difundidas por revistas e certos dicionários teológicos, não podem deixar de perturbar o espírito das pessoas».¹³⁵

Fede e Demonologia repreende, primeiramente, os erros desta exegese para depois, em campo bíblico, responder e fundamentar a posição católica dizendo: sim, Jesus foi realmente tentando por Satanás no deserto; sim, no Pai-Nosso Jesus refere-se ao Maligno personificado e não abstrato; sim, Jesus lidou com a oposição dos demónios na sua vida pública e expulsou-os por meio dos exorcismos; sim, Jesus enfrentou o Diabo na Paixão e em nenhum destes momentos estava iludido ou a enveredar fantasiosamente na mentalidade da época; e sim, Jesus revelou a Pedro, aos apóstolos e à Igreja nascente que sofreriam as investidas demoníacas.¹³⁶

No pontificado de João Paulo II, registaram-se também várias reflexões demonológicas entre as quais se destacam, especialmente, a Audiência Geral de 20 de agosto de 1986 e o discurso no Monte de Sant'Angelo, província de Foggia, a 24 de agosto de 1987.

¹³⁴ Cf. Congregação para a Doutrina da Fé, «Fede Cristiana e Demonologia», acedido a 16 de setembro de 2025, https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19750626_fede-cristiana-demonologia_it.html.

¹³⁵ Congregação para a Doutrina da Fé, «Fede Cristiana e Demonologia».

¹³⁶ Cf. Congregação para a Doutrina da Fé, «Fede Cristiana e Demonologia».

Naquela Audiência Geral no verão de 1986, o Papa João Paulo II estendeu a catequese sobre as coisas invisíveis para aprofundar, particularmente, a existência de Satanás e da sua ação na história da humanidade.

Na linha da fé, o Papa esclarece que Satanás e os anjos apóstatas, apesar de poderosos por natureza, são apenas criaturas de Deus, limitadas à Sua vontade e ao Seu domínio soberano. Por este motivo, acrescenta que a ação daquelas criaturas no mundo só acontece com a permissão da Providência divina e que os danos provocados não anulam ou impedem a edificação do Reino de Deus. Com isto, o Papa João Paulo II quis explicar aos fiéis que Satanás e os demónios não estão ao nível de Deus, nem têm um poder ilimitado. Ao colocar estas criaturas no seu devido lugar, o Papa quis dissipar medos e atributos injustificados reforçando, simultaneamente, a confiança no poder e na soberania vitoriosa de Deus.¹³⁷

Esta confiança, porém, não dispensa a vigilância nem o arrefecimento no combate que, em casos excepcionais, se pode tornar mais violento. João Paulo II fala então dos exorcismos, referindo que a Igreja participa ativamente na vitória de Cristo sobre o Mal. Porque Cristo comunicou aos seus discípulos o poder de expulsar os demónios, a Igreja continua hoje a exercer este ministério de caridade, convicta na força libertadora que possui.¹³⁸

Já no Monte Sant'Angelo, o Papa João Paulo II fez uma reflexão bíblica e histórico-teológica acerca da importância do Arcanjo Miguel. Partindo do livro do Apocalipse (12,7-9), recordou a batalha vitoriosa travada por Miguel contra o Dragão, a antiga Serpente, Satanás que acabou precipitado com os seus anjos. Miguel apresenta-se como defensor da honra e dos direitos inalienáveis de Deus, combatendo contra aquele que por orgulho se quis tornar semelhante a Ele. Depois desta análise bíblica, o Papa recordou o caminho da história da Igreja que sempre reconheceu em São Miguel Arcanjo um defensor contra as ciladas do demónio. Ali, naquele monte onde tantos peregrinam na fé, João Paulo II expressava que a luta permanece ininterrupta, uma vez que «o Diabo continua hoje vivo e ativo no mundo».¹³⁹

De facto, João Paulo II apresentava-se dedicado nas catequese sobre demonologia, sendo bastante sensível e participativo no combate travado contra às forças malignas, tanto assim é que se envolveu diretamente na celebração de exorcismos ao longo do seu pontificado.¹⁴⁰

¹³⁷ Cf. João Paulo II, «Udienza Generale: 20 Agosto 1986», acedido a 17 de setembro de 2025, https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/audiences/1986/documents/hf_jp-ii_aud_19860820.html.

¹³⁸ Cf. João Paulo II, «Udienza Generale: 20 Agosto 1986».

¹³⁹ João Paulo II, «Discorso di Giovanni Paolo II alla Popolazione di Monte Sant'Angelo», acedido a 17 de setembro de 2025, https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/speeches/1987/may/documents/hf_jp-ii_spe_19870524_monte-sant-angelo.html.

¹⁴⁰ Cf. Agência Ecclesia, «Papa Realizou um Exorcismo há Dois Anos», acedido a 17 de setembro de 2025, <https://agencia.ecclesia.pt/portal/papa-realizou-um-exorcismo-ha-dois-anos/>.

Posteriormente, com o Papa Bento XVI, testemunhamos novas declarações e abordagens demonológicas. Já antes tivemos a oportunidade de perceber o seu posicionamento acerca da análise exegetica neste campo. A propósito, no *Angelus* do dia 1 de março de 2009, primeiro domingo da Quaresma, Bento XVI, ao comentar o evangelho das tentações no deserto, assinalou a historicidade daquele episódio explicando que Jesus, isento de pecado, se submeteu voluntariamente à prova para se compadecer da nossa fragilidade. Naquele lugar solitário, Jesus enfrentou realmente Satanás.¹⁴¹

Três anos mais tarde, a 15 de setembro de 2012, por ocasião de uma viagem apostólica ao Líbano, o Papa Bento XVI voltou a reforçar que o demónio é um ser real e não uma força anónima e imprecisa. Explica o Papa que o demónio procura aliados para atingir os seus fins. Assim, explorando a liberdade humana, tenta-nos a violar o mandamento do amor a Deus e do amor ao próximo, disseminando o ódio, a guerra e a morte contra a harmonia do projeto divino. Face a isto, Bento XVI convoca a humanidade para uma permanente conversão do coração.¹⁴²

Chegados ao pontificado de Francisco, assistimos a uma recorrência assinalável de catequeses sobre demonologia. É certo, como vimos, que os pontífices anteriores também aprofundaram o tema, mas a frequência com que Francisco o fez e o tom extremamente prático como o abordou na realidade atual, facilitaram a reintrodução e a naturalidade do vocabulário demonológico na Igreja e na vida concreta dos fiéis. Podemos, por isso, afirmar que foi uma das marcas do seu pontificado, traduzida numa linguagem clara, teologicamente fundamentada, sem preconceitos nem tabus.

A 11 de abril de 2014, na Eucaristia celebrada na Capela da Casa de Santa Marta, o Papa Francisco chamou à atenção para o óbvio que parece esquecido neste século, dizendo: «o demónio existe também no século XXI e nós devemos aprender do Evangelho como lutar».¹⁴³ Condenando a ideia daqueles que afirmam ser este um tema antiquado, o Papa alertou para o modo como o demónio estrategicamente nos seduz. No seu entender, a tentação processa-se em três fases: insinuando-se lentamente, aumentando por contágio até, por fim, se justificar. Francisco não tem dúvidas de que todo o ser humano enfrenta uma luta contra o demónio sendo, portanto, fundamental conhecer as artimanhas do adversário para sair vencedor.¹⁴⁴

¹⁴¹ Cf. Bento XVI, «Angelus: 1 de Março de 2009», acedido a 18 de setembro de 2025, https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2009/documents/hf_ben-xvi_ang_20090301.html.

¹⁴² Cf. Bento XVI, «Iter in Libanum: Dum Beatissimus Pater Rei Publicae Institutionum Sodales, Gubernatores, Legatos, Religionum Praesides deque Re Culturali Repraesentantes Convenit», *Acta Apostolica Sedis* 104, n. 10 (2012): 822.

¹⁴³ Francisco, «Meditações Matutinas na Santa Missa Celebrada na Capela da Domus Sanctae Marthae: Sem Dúvida o Demónio», acedido a 19 de setembro de 2025, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2014/documents/papa-francesco_20140411_meditazioni-49.html.

¹⁴⁴ Cf. Francisco, «Meditações Matutinas na Santa Missa Celebrada na Capela da Domus Sanctae Marthae: Sem Dúvida o Demónio».

Mais tarde, a 19 de março de 2018, o Papa Francisco lança a Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, sobre a chamada à santidade no mundo atual. No contexto desta exortação, o Papa volta a falar da luta concreta que travamos contra o demónio esclarecendo que esta é, particularmente, distinta daquela que também enfrentamos contra a nossa própria fragilidade e más inclinações ou, ainda, contra a mentalidade mundana que nos diminui na nossa condição (cf. GE 159).

Salientando, novamente, a necessidade de reconhecer o adversário, o Papa Francisco adverte para um perigo que se esconde na era do pensamento contemporâneo marcado pelo progresso científico, dizendo: «não admitiremos a existência do demónio, se nos obstinarmos a olhar a vida apenas com critérios empíricos e sem uma perspetiva sobrenatural» (GE 160).

Para além de oferecer uma visão parcial e limitada da realidade, esta posição tem consequências negativas para a vida espiritual, uma vez que não considera os ensinamentos de Cristo que nos alertou para as ciladas do demónio e nos exortou à vigilância da oração. Temendo, assim, falsas interpretações, o Papa Francisco sentiu a necessidade de esclarecer a diretriz que está contida na magna oração do Pai-Nosso, na qual pedimos para sermos libertos do Mal. O Papa refere que este Mal não é abstrato, mas corresponde a um ser pessoal e identificado, o Maligno, para sermos mais precisos na tradução da oração dominical (cf. GE 160). Por isso, conclui: «não pensemos que seja um mito, uma representação, um símbolo, uma figura ou uma ideia. Este engano leva-nos a diminuir a vigilância, a descuidar-nos e a ficar mais expostos» (GE 161).

Lamentavelmente, o Papa Francisco antevê a derrota ou a estagnação medíocre para aquele que não reconhece a realidade do demónio e da sua ação. Para enfrentar este inimigo, propõe, então, de modo prático as “armas” infalíveis que o Senhor nos deixou, nomeadamente, a oração regular, a participação na Missa, a adoração eucarística, a confissão sacramental, a meditação da Palavra e a caridade fraterna (cf. GE 162).

Numa linguagem próxima, aberta e acessível à compreensão das massas, o Papa Francisco procurava, simultaneamente, desmascarar as astúcias do demónio e dotar os fiéis de estratégias práticas para o combater. A recorrência e a forma prática como acordou o tema denotam esse cuidado pastoral.

A propósito, na Eucaristia celebrada no dia 12 de outubro de 2018 na Capela da Casa de Santa Marta, o Papa Francisco fez uma interessante reflexão sobre os demónios que se fingem educados e amistosos. Os demónios procuram sempre a destruição, seja pelos vícios, contendas, injustiças e guerras que incitam, seja de maneira educada, diplomática e persuasiva. Na opinião de Francisco, estes últimos são mais perigosos que os primeiros. Batem educadamente à porta, pedem para entrar e nós não conseguimos, muitas vezes, descobrir a máscara que trazem.

Abrimos-lhe a vida, entretemo-nos amistosamente com eles, até que se tornam da casa e senhores da mesma. Entramos, então, numa espiral negativa, sobretudo ao nível espiritual. Sobre isto, e em casos extremos, o Papa recorda os exorcismos de Jesus nos evangelhos para demonstrar, precisamente, que os demónios resistem a sair das vítimas que tomaram. Para evitar a queda nesta artimanha demoníaca, o Papa exorta à oração, à vigilância e à calma.¹⁴⁵

Neste enquadramento de defesa, Francisco, na Audiência Geral do dia 27 de dezembro de 2023 dirigiu-se energicamente aos fiéis dizendo: «com o diabo não se dialoga. Nunca!».¹⁴⁶ Contra toda a ilusão ou presunção, o Papa esclarece que não temos hipóteses de sair vencedores de um diálogo com o inimigo, uma vez que ele é muito mais astuto e inteligente que nós. Portanto, nada de conversa e entretenimento nas suas tentações. Importa fechar, imediatamente, qualquer brecha por onde o diabo possa entrar.¹⁴⁷

Oportunamente, alguns meses depois, na Audiência Geral de 25 de setembro de 2024, Francisco fez uma profunda leitura da sociedade contemporânea, elencando as brechas por onde o demónio está a entrar:

Hoje assistimos a um estranho fenómeno relativo ao diabo. A um certo nível cultural, considera-se que ele simplesmente não existe. Seria um símbolo do inconsciente coletivo, ou da alienação, em síntese, uma metáfora. Mas, a maior astúcia do demónio é levar a crer que ele não existe, como alguém escreveu (Charles Baudelaire). É astuto: faz-nos crer que não existe e assim domina tudo. É ardiloso! E, no entanto, o nosso mundo tecnológico e secularizado está repleto de magos, ocultismo, espiritismo, astrólogos, vendedores de feitiços e amuletos e, infelizmente, de verdadeiras seitas satânicas. Expulso pela porta, o diabo voltou a entrar, dir-se-ia, pela janela. Expulso pela fé, volta a entrar com a superstição. E se fores supersticioso, inconscientemente dialogas com o diabo. Com o diabo não se conversa!¹⁴⁸

No âmbito da tecnologia moderna, o Papa Francisco dá destaque particular a uma brecha que está a ser utilizada em força pelo demónio: a pornografia na internet, extremamente difundida e facilmente acessível nos telemóveis e aparelhos multimédia. Preocupado com a situação, o Papa apela a rejeitar este tipo de sedução demoníaca, evitando as ocasiões.¹⁴⁹

¹⁴⁵ Cf. Francisco, «Meditações Matutinas na Santa Missa Celebrada na Capela da Casa Santa Marta: Quando o Diabo se Finge Educado», acedido a 20 de setembro de 2025, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2018/documents/papa-francesco-cotidie_20181012_diabo-finge-educado.html.

¹⁴⁶ Francisco, «Audiência Geral: 27 de Dezembro de 2023», acedido a 20 de setembro de 2025, <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2023/documents/20231227-udienza-generale.html>.

¹⁴⁷ Cf. Francisco, «Audiência Geral: 27 de Dezembro de 2023».

¹⁴⁸ Francisco, «Audiência Geral: 25 de Setembro de 2024», acedido a 20 de setembro de 2025, <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2024/documents/20240925-udienza-generale.html>.

¹⁴⁹ Cf. Francisco, «Audiência Geral: 25 de Setembro de 2024».

No contexto desta sábia prudência, Francisco recorda que o demónio é como um cão acorrentado que só morde quando alguém se aproxima dele. Não devemos desafiar o perigo. A segurança e a vitória estão na distância e na graça divina, de outra maneira, não teremos hipótese visto que o demónio é mais astuto e na argumentação irá, certamente, derrotar-nos. Importa parar de imediato a tentação, distanciando-se e voltando-se, confiadamente, para Deus.¹⁵⁰

É em Deus que, de facto, devemos permanecer. Ele é o porto seguro que nos encoraja na luta contra as ciladas do demónio. Temos a garantia de Cristo que o venceu e nos enviou o Espírito Santo para nos tornarmos participantes dessa vitória. Segundo o Papa Francisco, com o auxílio da graça de Deus, somos mais espertos que o demónio e na luta encontraremos, ainda, uma valiosa ocasião para nos purificarmos.¹⁵¹

No que concerne ao pontificado de Leão XIV, embora ainda curto na sua duração, podemos encontrar já dois momentos de abordagem em relação à atividade demoníaca e ao combate eclesial neste contexto.

No *Angelus* do dia 17 de agosto de 2025, o Papa refletiu acerca do desafio de permanecer e de agir segundo a verdade no mundo de hoje, enaltecendo o exemplo glorioso dos mártires. No âmbito da verdade, não deixou de referir também o seu oposto, a mentira, pela qual, infelizmente, muitos se deixam seduzir. Assim, de modo oportuno, Leão XIV salientou que «agir segundo a verdade tem um custo, porque no mundo há quem opte pela mentira e porque o diabo, aproveitando-se disso, muitas vezes procura impedir a ação dos bons».¹⁵²

Recentemente, entre os dias 15 e 20 de setembro de 2025, a Associação Internacional de Exorcistas reuniu-se em congresso na cidade de Roma, especificamente, na Casa de Espiritualidade *Fraterna Domus*. Este encontro não passou despercebido ao Papa Leão XIV que fez questão de deixar uma mensagem aos exorcistas, vincando a necessidade e a delicadeza do seu ministério. Incentivou-os, portanto, a «vivê-lo tanto como ministério de libertação quanto de consolação, acompanhando os fiéis realmente possuídos pelo maligno com a oração e a invocação da presença eficaz de Cristo, para que, por meio do sacramental do exorcismo, o Senhor conceda a vitória sobre Satanás».¹⁵³

Toda a abordagem ministerial que apresentámos está, harmoniosamente, sintetizada no *Catecismo da Igreja Católica*. Entre os números 391 e 395 é explicada a queda dos anjos, na qual se conclui que: o Diabo e os outros demónios foram criados naturalmente bons por Deus, mas pelo pecado de soberba, afastaram-se de Deus e do Seu Reino, tornando-se maus por si;

¹⁵⁰ Cf. Francisco, «Audiência Geral: 25 de Setembro de 2024».

¹⁵¹ Cf. Francisco, «Audiência Geral: 25 de Setembro de 2024».

¹⁵² Leão XIV, «Angelus: 17 de Agosto de 2025», acedido a 1 de outubro de 2025, <https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/angelus/2025/documents/20250817-angelus.html>.

¹⁵³ Vatican News, «Leão XIV aos exorcistas: o seu ministério é delicado e necessário».

tratou-se, de facto, de uma opção livre, radical e irrevogável não havendo possibilidade, então, para o seu arrependimento; Satanás e os demónios são criaturas e, por isso, o seu poder não é infinito, nem capaz de impedir a edificação do Reino de Deus; a sua ação, porém, é permitida pela divina Providência que, apesar de misteriosa, tudo perspectiva para o bem maior dos fiéis.

Para combater a ação extraordinária do demónio, o Catecismo fala depois do exorcismo solene, também designado como exorcismo maior ou grande exorcismo, um rito que apenas pode ser celebrado por um presbítero com autorização expressa do Bispo, como mais adiante teremos oportunidade de aprofundar (cf. CIC 1673).

Quanto à superstição e às suas diversas modalidades de idolatria, adivinhação e magia, já tivemos a oportunidade, na abertura da nossa tese, de explanar as considerações que são feitas pelo catecismo nesta matéria em particular (cf. CIC, 2111-2117; 2138).

Para finalizar, já no contexto da explicação da oração do Pai-Nosso, o catecismo esclarece, então, que o Mal não é um mero símbolo ou uma abstração, mas define, concretamente, uma pessoa, Satanás ou Diabo, o anjo que se opõe a Deus e ao Seu Reino. Foi por ele, de facto, que entrou o pecado e a morte no mundo (cf. CIC, 2851-2852).

Para além do Catecismo da Igreja Católica, temos também uma síntese bíblico-teológica no prómio e nos pontos preliminares do *Ritual Romano da Celebração dos Exorcismos*, um conteúdo importante para situar, particularmente, os exorcistas na liturgia que vão celebrar.¹⁵⁴

Ainda no contexto do Magistério, o *Código de Direito Canónico* determina, particularmente no cânone número 1172, o teor normativo à celebração do exorcismo solene. Este cânone será, especialmente, discutido no capítulo 3, enquadrado no âmbito da cura pastoral às vítimas da ação extraordinária do demónio.

¹⁵⁴ Cf. CEP, *Ritual Romano da Celebração dos Exorcismos*, 9-15.

6. Ação extraordinária do demónio: tipologia e sintomatologia

Depreendemos do estudo antecedente que a atividade demoníaca visa, substancialmente, prejudicar a humanidade e a vida de cada pessoa em particular. Nas suas *Linee Guida per il Ministero dell'Esorcismo – alla luce del Rituale Vigente*, a Associação Internacional de Exorcistas distingue dois tipos de ação demoníaca: a ação ordinária e a ação extraordinária.¹⁵⁵

A ação ordinária refere-se à tentação, e por meio desta os demónios tencionam provocar um dano moral nas vítimas. Independentemente da variedade e do grau de intensidade, ao longo da peregrinação terrena todas as pessoas estão sujeitas à tentação, daí o seu carácter ordinário. Por meio das tentações, tipicamente adornadas com a mentira e a sedução, os demónios procuram precipitar o ser humano no pecado e na escravidão dos vícios, afastando-o de Deus e do Seu amor. É por esta consequência trágica que a tentação é, especialmente, perigosa e nefasta para a humanidade.¹⁵⁶

Por sua vez, a ação extraordinária é classificada como obsessão, vexação, possessão e infestação demoníaca. São fenómenos raros e, por isso, assumem a designação extraordinária. A obsessão, a vexação e a possessão são perturbações demoníacas que podem afetar os vários domínios da pessoa humana, seja na perceção sensorial, no pensamento, na cognição, na memória, no comportamento, nos sentimentos e no estado de humor, na comunicação e na linguagem, na personalidade, no estado de consciência, e na condição física. Já a infestação demoníaca, afeta objetos, lugares e animais.¹⁵⁷

Passamos agora à explicação de cada uma destas perturbações extraordinárias, identificando a sintomatologia que lhe é característica. Esta recolha de sintomas advém do contributo de centenas de exorcistas vinculados à sua respetiva Associação Internacional, um testemunho precioso para o exercício de discernimento que, a partir de agora, nos dedicamos de modo especial.

6.1. Obsessão demoníaca

Nesta perturbação extraordinária, o demónio atormenta a pessoa no domínio psíquico, particularmente, na perceção sensorial, no pensamento, na memória e nos afetos. Neste contexto, a vítima é invadida por imagens e conteúdos obsessivos, tipicamente de carácter repugnante e indesejável, não conseguindo afastá-los da sua mente por muito que se esforce.¹⁵⁸

¹⁵⁵ Cf. AIE, *Linee Guida per il Ministero dell'Esorcismo*, 39-40.

¹⁵⁶ Cf. AIE, 39-43.

¹⁵⁷ Cf. AIE, 45-58.

¹⁵⁸ Cf. AIE, 53-55.

No entanto, este sofrimento infligido nunca passa da esfera psíquica, mantendo-se o domínio físico intacto. É como se um louco tivesse invadido a nossa casa aos gritos, embora não pudesse tocar em nada que lá se encontre. Perturba de modo extraordinário, não obedece às nossas ordens de retirada, mas preserva tudo intocável na casa. Neste caso, o demónio não tem poder para consumir objetivamente o conteúdo obsessivo que sugere na mente da pessoa. Isso permanece no domínio da pessoa.¹⁵⁹

Olhemos, então, os sintomas que podem estar presentes na obsessão demoníaca e que se fazem sentir, especialmente, em quatro domínios gerais:

a) Percepção sensorial¹⁶⁰

- Perturbação geral dos sentidos.
- Visão de figuras e “seres” espirituais, que tanto podem ser monstruosos, como representações de Jesus Cristo, da Virgem Maria ou de anjos e santos.
- Audição de vozes externas que procuram comunicar e interagir com o sujeito.
- Percepção de uma voz interna, considerada alheia à pessoa, que lhe ocupa a mente com outras conversas e sugestões, sobretudo nos momentos de oração.

b) Pensamento¹⁶¹

- Pensamentos obsessivos, imagens ou fantasias intrusivas e recorrentes de carácter desagradável, blasfemo e obsceno. Esta desordem intensifica-se, especialmente, nos momentos de oração.
- Pesadelos frequentes de teor horrendo, blasfemo e obsceno.

c) Memória¹⁶²

- Esquecimento total e repentino do conteúdo e das capacidades referentes à formação da pessoa, áreas nas quais se mostrava, anteriormente, capaz e funcional.

d) Sentimentos e emoções¹⁶³

- Sentimentos repentinos de angústia e desespero contrários à índole da pessoa e sem qualquer relação com a circunstância em que se encontra.
- Contrariamente à sua índole habitual, a pessoa sente-se impulsionada a procurar lugares sombrios e solitários, não tendo iniciativa para desempenhar qualquer função. O desinteresse pode acometer atividades antes apreciadas, julgando-as agora como inúteis, desagradáveis e inconvenientes.

¹⁵⁹ Cf. AIE, 53-55.

¹⁶⁰ Cf. AIE, 53-55;165.

¹⁶¹ Cf. AIE, 54-55;165.

¹⁶² Cf. AIE, 165.

¹⁶³ Cf. AIE, 55;165-167.

- Sentimentos repentinos de medo e de ameaça, desconhecendo a razão dos mesmos e não havendo qualquer perigo circunstancial.
- Sentimentos de repulsa em relação aos seus familiares e amigos, ao ponto de se sentir impulsionado a considerá-los como inimigos ou a dirigir-lhe insultos e injúrias. Em alguns casos, os sentimentos de ódio e antipatia são de tal modo intensos que chegam ao apelo de os matar, sem qualquer motivo.
- Sentimento de raiva, ira e hostilidade em relação a si próprio e aos outros em geral.
- A pessoa, contra a sua vontade, sente-se impelida a pronunciar insultos de teor religioso, a odiar, mentir, troçar ou injuriar os sacerdotes. Mesmo em cristãos devotos, emerge um sentimento de ódio em relação aos sacramentos, aos sacramentais e a todas as coisas sagradas. Sente-se, neste contexto, impulsionada a proferir blasfêmias contra Deus, a Virgem Maria e os santos, ou até mesmo, a invocar o demónio em seu auxílio.
- Contrariamente à sua vontade, a pessoa sente-se levada a amar intensamente uma pessoa com quem nunca teve contato nem demonstrou qualquer interesse. Este sentimento pode ser de tal magnitude que se sente impelida a ter relações sexuais com aquela pessoa, evidenciando um extremo desejo de se unir a ela.

6.2. *Vexação demoníaca*

Por esta via extraordinária, o demónio agride a pessoa fisicamente, embora, não tome a posse do seu corpo, nem intervenha de modo extraordinário no seu domínio psíquico. Para exemplificar a vexação demoníaca, podemos apontar uma casa que é vandalizada no seu exterior, mas na qual o agressor não pode entrar. Estraga a pintura, danifica o reboco, parte os vidros, bate com violência nas portas, contudo, não entra no interior da casa que permanecerá sempre no controlo do seu dono. Ou seja, o indivíduo é molestado a nível físico, mas preserva sempre a sua consciência e autonomia psíquica.¹⁶⁴

Vejamos, portanto, a sintomatologia que se verifica no único domínio que é afetado pela perturbação demoníaca da vexação:

a) Físico¹⁶⁵

- Agressões e lesões físicas de vários tipos: marcas de cortes, queimaduras, arranhões, picadas, mordidelas, espancamentos, golpes que provocam hematomas, inchaços e sangramentos; cortes na forma de letras, palavras, frases e sinais.

¹⁶⁴ Cf. AIE, 56-57.

¹⁶⁵ Cf. AIE, *Linee Guida per il Ministero dell'Esorcismo*, 56-57;170; Amorth, *Exorcistas e Psiquiatras*, 105.

- As lesões e sinais tanto podem permanecer visíveis por um tempo, como se podem apagar num espaço temporal muito curto em relação ao esperado biologicamente. Em casos mais excepcionais, desaparecem imediatamente após a lesão, não deixando qualquer marca ou vestígio.
- Controlo violento por uma força oculta. A pessoa pode ser atirada para fora da cama, contra uma parede, escada abaixo, para o chão ou para o ar por uma força externa que não consegue controlar nem perceber. Da mesma forma, pode ser arrastada pelos cabelos pela mesma força que não tem meio de impedir.
- Ser transportado para longas distâncias do local onde se encontrava.
- Levitação.
- Ser alvo de objetos que se movem autonomamente e agredem a pessoa com violência.
- Perceber coisas estranhas e dolorosas no corpo que não produzem efeitos externos e que escapam à análise dos exames médicos.

6.3. *Possessão demoníaca*

Por possessão demoníaca, entende-se a ação por meio da qual o demónio entra no corpo de uma pessoa, tomando o controlo despótico do mesmo. Neste contexto, o demónio bloqueia as faculdades da pessoa, passando a falar e a agir através dela, não gozando a vítima de capacidade para o deter ou para se sobrepor à sua ação. Ocorre, portanto, uma substituição momentânea da identidade. É possível ilustrar esta perturbação demoníaca com a imagem do intruso que invade uma casa e ali se mantém escondido. Em certos momentos, de modo inesperado, aquele intruso revela-se plenamente, amarra e amordaça o dono da casa, passando a agir na mesma como se fosse propriedade sua.¹⁶⁶

Como podemos calcular, a possessão é a forma mais grave da ação extraordinária do demónio. Aqui, o demónio permanece estavelmente no corpo da pessoa, contudo, isto não significa que se manifeste em todo o tempo e lugar, mas somente nos ditos momentos de crise, situação esta que permite à pessoa ter uma vida relativamente normal no intervalo dos mesmos.¹⁶⁷

Tendo em conta a extrema gravidade da possessão demoníaca, é frequente estarem presentes e combinados também os sintomas da obsessão e da vexação antes descritos. De modo figurado, assim como as tradicionais bonecas russas (matrioscas) trazem consigo encaixadas outras bonecas de menor dimensão, também a possessão traz consigo os sintomas de outras

¹⁶⁶ Cf. AIE, *Linee Guida per il Ministero dell'Esorcismo*, 51.

¹⁶⁷ Cf. AIE, 51.

perturbações extraordinárias que, finalmente, se concentram na sua máxima expressão, culminando na posse total do corpo e das ações da vítima.¹⁶⁸

Para evitar qualquer confusão, é importante distinguir que na obsessão a pessoa sente apenas um impulso intenso que provém da interferência e perturbação demoníaca na sua esfera psíquica. Apesar de ser invadida na sua mente, a pessoa preserva o domínio e a liberdade para não consumir as ações sugeridas. Por outro lado, verificamos na possessão que a vítima age de imediato de acordo com o impulso, algo compreensível uma vez que as ações não são por si assumidas nem controladas, mas antes por outra identidade, um demónio que se serve das faculdades do seu corpo para agir.¹⁶⁹

Examinemos, então, a amplitude sintomática que pode ser verificada nos casos de possessão demoníaca:

a) Percepção sensorial¹⁷⁰

- Perda e recuperação súbita do sentido da visão.
- Perda da capacidade visual durante a luz do dia e recuperação da mesma no período da noite, sendo capaz de ler sem dificuldade num ambiente totalmente escuro.
- Alteração repentina na capacidade auditiva, ao ponto de ouvir bem e deixar de ouvir subitamente. A perda auditiva ocorre, particularmente, quando se pronunciam conteúdos sagrados.
- Audição de vozes ocultas que chamam e comunicam com a pessoa e às quais esta toma a máxima atenção.
- Incapacidade de comer ou de beber, mesmo estando faminto ou sedento de sede. A pessoa chega mesmo a abominar tudo o que seja adequado para satisfazer aquelas necessidades básicas.
- Repugnância aos odores sagrados, tais como, incenso, rosas benzidas ou velas. De modo inverso, suporta estes cheiros caso não tenham sido benzidos.
- No contacto com as mãos do sacerdote a pessoa tanto pode sentir um frio gélido e intenso, como experimentar uma sensação de ardência e calor extremo.
- Insensibilidade à dor.

¹⁶⁸ Cf. AIE, 53.

¹⁶⁹ Cf. AIE, 154.

¹⁷⁰ Cf. AIE, *Linee Guida per il Ministero dell'Esorcismo*, 156-160; Amorth, *Exorcistas e Psiquiatras*, 102.

b) Cognição/Inteligência¹⁷¹

- Elevada capacidade teológica. O sujeito consegue falar com profundidade acerca dos mistérios da fé, muito além da sua própria capacidade e consciência.
- Conhecimento e articulação de idiomas para si desconhecidos. Revela, mesmo, o domínio de qualquer idioma, inclusive de línguas mortas. Independentemente da idade, da cultura, formação ou capacidade intelectual, o sujeito em estado de transe obedece às ordens dirigidas em latim, grego, hebraico ou em qualquer outra língua.
- Revelação de coisas ocultas e distantes. A pessoa consegue revelar a localização de objetos e revelar o que se encontra escondido.
- Conhecimento de factos ocultos. Capacidade, por exemplo, para relatar factos ocorridos noutros tempos e lugares sem que houvesse a possibilidade de os saber individualmente ou de alguém lhe haver revelado o seu conteúdo.
- Reconhecimento, sem que alguém lhe tenha dito ou revelado, dos alimentos que estão abençoados, abominando e recusando a sua ingestão.
- Compreensão e resposta a perguntas e ordens dirigidas em silêncio pelo exorcista.
- Capacidade de ler os pensamentos das outras pessoas.
- Capacidade de desempenhar com grande qualidade atividades que nunca aprendeu na vida, tais como pintar com elevada maestria.
- Capacidade para caminhar ou correr com os olhos fechados evitando qualquer obstáculo.

c) Comportamento¹⁷²

- Aversão veemente a Deus, ao Santíssimo Nome de Jesus, à Bem-aventurada Virgem Maria e aos Santos, à Igreja, à Palavra de Deus, a objetos e ritos, especialmente, sacramentais. Verifica-se uma repulsa extrema face aos elementos sagrados, nomeadamente, imagens sagradas, igrejas, santuários, água benta, relíquias, ambientes de oração e na participação dos sacramentos. Genericamente, observam-se reações furiosas no contato com o sagrado, quando se abençoa e quando se reza pela pessoa afetada.

¹⁷¹ Cf. AIE, *Linee Guida per il Ministero dell'Esorcismo*, 152-158; CEP, *Ritual Romano da Celebração dos Exorcismos*, 16; Fortea, *Summa Daemoniaca*, 151; Nanni, *Il Dito di Dio e il Potere di Satana*, 266; Vincenzo Mastronardi, «Fenomeni di Presunta Possessione Demoniaci e Psicopatologie», em *Tra Maleficio, Patologie e Possessione Demoniaci: Teologia e Pastorale dell'Esorcismo*, ed. Manlio Sodi (Padova: Edizioni Messaggero Padova, 2003), 19.

¹⁷² Cf. AIE, *Linee Guida per il Ministero dell'Esorcismo*, 17; CEP, *Ritual Romano da Celebração dos Exorcismos*, 16; Amorth, *Exorcistas e Psiquiatras*, 100.

- Repugnância face ao que esteja benzido, mesmo sem o conhecimento deste facto por parte da pessoa. Ao toque de sinos ou campainhas benzidas, por exemplo, a pessoa evidencia tédio ou forte agitação, algo que não acontece quando os mesmos objetos não estão benzidos.
 - Manifestações de ódio em relação aos sacerdotes e pessoas religiosas, infligindo-lhes insultos, injúrias e blasfémias. Extrema dificuldade e fuga no contacto ocular com os sacerdotes, especialmente, se forem exorcistas. Ocorre, nestas ocasiões, uma alteração nos olhos, particularmente no movimento da esclera (branco dos olhos).
 - Incapacidade e repugnância à oração, mesmo em sujeitos que sempre tiveram o hábito de rezar. Verifica-se um tédio extraordinário ao ouvir orações ou leituras bíblicas, podendo expressar bocejos enormes ou ser acometido por uma forte sonolência. Inversamente, pode também ser visível uma grande agitação e violência neste ambiente.
 - Cair como se estivesse morto ou revelar-se totalmente ausente, porém, à voz do exorcista, em nome de Jesus, levanta-se de imediato e obedece numa clara demonstração compreensiva às palavras e ordens que lhe são dirigidas.
 - Reações comportamentais violentas e agressivas, contrariamente à sua índole habitual.
 - Personificação de comportamentos animais, como ranger os dentes e espumar em fúria.
 - Comportamento autoagressivo. Sem motivo aparente e sem qualquer controlo situacional, a pessoa tem um comportamento desesperado e violento, rasgando as próprias roupas, agredindo-se e tentando atentar contra a própria vida. Os atos perigosos que leva a cabo como, por exemplo, lançar-se no fogo, agredir-se com pedras e outros objetos, ou atirar-se no vazio não provocam, contudo, qualquer dano ou lesão à pessoa.
 - Aversão face aos pais, cônjuge, parentes e amigos, considerando-os como inimigos. As demonstrações de ódio em relação a estes entes próximos são acompanhadas de injúrias e tentativas de agressão.
 - Gritos intensos.
- d) Sentimentos e emoções¹⁷³
- Sentimentos de amor exacerbados e incontroláveis por alguém com quem nunca antes tivera contacto ou por quem nunca havia sentido atração. A pessoa, neste caso, age de modo sexualmente provocador, sem reserva ou controlo mediante aquilo que sente.
 - Atração por coisas prejudiciais, empreendendo comportamentos de risco.

¹⁷³ Cf. AIE, *Linee Guida per il Ministero dell'Esorcismo*, 155.

e) Comunicação e linguagem¹⁷⁴

- Alterações no tom da voz: a pessoa articula uma voz distinta da sua.
- Perda súbita da voz e incapacidade, inclusive, para abrir a boca. No entanto, à ordem do exorcista em nome de Jesus, recupera imediatamente aquela capacidade, falando com fluência.
- Discurso marcado pela raiva e pela ira, manifestando um grande ódio para com tudo aquilo que se refira à religião. Insolência no vocabulário e expressões blasfemas contra Deus, Jesus Cristo, a Virgem Maria, os santos e todas as coisas sagradas.
- Invocação do demónio para seu auxílio.
- Pronunciamento involuntário de palavras e amnésia total depois de as dizer.
- Discurso elaborado através de palavras desconhecidas e idiossincráticas.
- Reprodução de sons de tipo animal, como ladrar, grunhir, rugir ou cacarejar.

f) Personalidade e estado de consciência¹⁷⁵

- Manifestação de uma identidade externa dotada de personalidade própria e inteligência que controla por completo todas as ações do indivíduo. Ocorre neste processo uma perda de consciência que, por sua vez, abre espaço ao domínio de outro ser que, segundo a fé cristã, é o demónio.
- Estado de transe. Verificam-se estados alterados de consciência que vão desde a perda total de consciência sobre o que se passa nos momentos de crise e que, por sua vez, provocam amnésia no seu término; até à plena consciência daquilo que o demónio diz e opera sobre si.
- Fora dos momentos em que emerge esta “segunda personalidade”, a pessoa consegue levar uma vida normal, sem que a perturbação condicione as suas atividades ocupacionais ou as suas relações interpessoais. O sujeito apresenta-se mentalmente equilibrado e consegue distinguir sem dificuldade a realidade e o mundo intrapsíquico, não evidenciando qualquer conduta delirante. Do mesmo modo, fora das crises, apresenta um pensamento sempre claro e consistente.
- No final das crises podem observar-se variâncias comportamentais: o sujeito tanto pode voltar lentamente à normalidade; como pode evidenciar reações violentas e convulsões antes de regressar à normalidade do seu estado.

¹⁷⁴ Cf. AIE, *Linee Guida per il Ministero dell'Esorcismo*, 156-159; Amorth, *Exorcistas e Psiquiatras*, 101; Fortea, *Summa Daemoniaca*, 151.

¹⁷⁵ Cf. AIE, *Linee Guida per il Ministero dell'Esorcismo*, 15-18; 51-52; Fortea, *Summa Daemoniaca*, 136-139; 185.

g) Memória¹⁷⁶

- Esquecimento nos momentos de crise, de todo o conteúdo referente à sua formação e capacidades ocupacionais, mostrando-se bloqueado nas áreas que antes dominava.
- Amnésia circunscrita aos momentos de crise. Fora desses episódios tem uma capacidade mnésica inalterada.

h) Físico¹⁷⁷

- Movimentos e ações corporais executados contra a ação voluntária do indivíduo. Uma força externa e oculta toma o corpo da pessoa e controla os seus membros, provocando em alguns momentos fortes convulsões e contorções.
- Agitação contínua que impede a pessoa de descansar ou manter uma postura. Por vezes, esta agitação é circunscrita aos membros inferiores.
- Paralisação de partes do corpo.
- Transformações na fisionomia corporal, como a extensão visível no comprimento dos membros superiores para além das leis naturais.
- A fisionomia do rosto é alterada, revelando os traços caraterísticos desta outra personalidade demoníaca. Emoções como raiva, orgulho, malícia, presunção e ironia podem ser notadas, assim, como expressões de medo e terror em relação a Deus e ao exorcista. As mãos, em particular, evidenciam crispação.
- Interrupção total da alimentação durante vários dias ou semanas, não se verificando, mesmo assim, alterações no peso corporal ou qualquer diminuição da força e da energia física.
- Vômito de todo o tipo e variedade de objetos como pregos, vidros ou agulhas; ou de matérias orgânicas como cabelo. Os exames médicos não detetam estes elementos no aparelho digestivo da pessoa, não havendo prova de fraude.
- Enfraquecimento físico geral associado a uma tez esverdeada, pálida ou amarelada.
- Dores de cabeça intensas e ininterruptas que cessam imediatamente quando o sacerdote reza pela pessoa e lhe traça o sinal da Cruz.
- Pálpebras de tal modo fechadas e apertadas que, dificilmente, conseguem ser abertas. Quando são possíveis de abrir, nota-se uma anomalia no movimento das pupilas, deixando os olhos brancos.

¹⁷⁶ Cf. AIE, *Linee Guida per il Ministero dell'Esorcismo*, 154-155.

¹⁷⁷ Cf. AIE, *Linee Guida per il Ministero dell'Esorcismo*, 17-20; 51; 152-162; Amorth, *Exorcistas e Psiquiatras*, 101-109; CEP, *Ritual Romano da Celebração dos Exorcismos*, 16; Fortea, *Summa Daemoniaca*, 136; Mastronardi, «Fenomeni di Presunta Possessione Demoniaci e Psicopatologie», 19; Tonino Cantelmi, «Aspetti Psicologici», em *Esorcismo e Preghiera di Liberazione*, ed. Istituto Sacerdos – Ateneo Pontificio Regina Apostolorum (Roma: Edizioni Art, 2005), 185.

- Tosse contínua que se intensifica, particularmente, nos momentos de oração, nos espaços de culto e na administração dos sacramentos ou sacramentais.
- Na imposição das mãos sacerdotais a pessoa pode apresentar diversos sintomas: cabeça excessivamente pesada; sensação de aperto no cérebro, como se estivesse a ser perfurado; sufoco e estrangulamento da garganta; desmaios; febre altíssima, associada a dor de cabeça e fraqueza geral no corpo; movimentação de elementos desconhecidos no estômago; inchaço significativo na barriga; náuseas e vômitos contínuos; dores intensas no coração, como se tivesse sido ferido.
- Indícios de vexação: inchaços, tumefações, golpes, feridas, cortes na forma de números, palavras e sinais que surgem e desaparecem subitamente sem o recurso a qualquer tipo de tratamento e sem deixar marca posterior. As manifestações súbitas destas lesões no corpo da pessoa podem desaparecer ao sinal da cruz, ou à ordem dirigida pelo exorcista ao demónio, em nome de Jesus. Se o exorcista pedir, audível ou silenciosamente, que estes sintomas se tornem a manifestar, os mesmos voltam a ficar visíveis.
- Levitação.
- Não resposta a medicamentos. Observa-se a melhoria dos sintomas unicamente com recurso aos exorcismos. Neste contexto, verifica-se, por exemplo, que certos sintomas cessam imediatamente quando o sacerdote reza pela pessoa e lhe traça o sinal da Cruz.
- Exalação da boca de um cheiro intenso e insuportável a enxofre, alcatrão, fuligem, carvão e outras coisas improváveis.
- Manifestar forças acima da sua idade ou condição natural. A manifestação de força ultrapassa em alguns casos a capacidade humana. Em determinados objetos, a força exercida é de tal modo desproporcional e extraordinária que chega a quebrá-los com facilidade, como no caso de correntes de ferro, por exemplo.

6.4. *Infestação demoníaca*

Neste tipo de perturbação extraordinária, o demónio causa distúrbios em lugares, coisas e animais. Enquanto nas formas de obsessão, vexação e possessão o demónio prejudica diretamente a pessoa, na infestação, pelo contrário, opta por uma agressão indireta, prejudicando e destabilizando os bens e animais que lhe pertencem. De modo mais frequente, as casas são as mais afetadas por este tipo de ação demoníaca.¹⁷⁸

¹⁷⁸ Cf. AIE, *Linee Guida per il Ministero dell'Esorcismo*, 57-58.

Perante tal cenário diz-se, vulgarmente, que uma determinada casa está assombrada, uma condição que a nível técnico se categoriza, então, como infestação demoníaca.

Entre a multiplicidade de fenómenos que podem ocorrer nestes locais com o objetivo de aterrorizar as pessoas que ali se encontrem, citam-se os seguintes: presença de vultos; manifestações sob a aparência de animais, como serpentes, gatos, bodes, assim como figuras monstruosas; simulação de conversas e risos; emissão de todo o tipo de sons e barulhos; movimentação de objetos com a possível quebra dos mesmos ou com o seu lançamento direto contra as pessoas; e, até mesmo, perturbações no sono, tirando a roupa ou retirando os lençóis e cobertas da cama.¹⁷⁹

Após analisarmos o espectro sintomático que caracteriza as perturbações demoníacas percebemos, claramente, que estamos a lidar com fenómenos complexos. Sendo assim, para os estudar melhor e poder sustentar um discernimento correto será imprescindível tomarmos em consideração o suporte das ciências da saúde, particularmente, na sua especialidade mental.

Na coordenação dos saberes, faremos nesta passagem para o segundo capítulo a ponte entre a teologia e as ciências da saúde acreditando, firmemente, que brotará desta sinergia, não só um apoio fundamental para os agentes pastorais, mas, sobretudo, uma assistência digna para a pessoa em sofrimento.

¹⁷⁹ Cf. AIE, 57-58.

CAPÍTULO 2

PERTURBAÇÕES MENTAIS: ANÁLISE CLÍNICA E SINTOMATOLÓGICA

Após termos analisado, detalhadamente, a realidade demoníaca e a sua ação extraordinária, importa agora investigar uma outra possibilidade fenomenológica considerando, assim, uma explicação científica e natural para estes casos. Esta abordagem não é estranha à Igreja, que para o exercício do ministério dos exorcismos, recomenda aos sacerdotes uma atitude prudente a fim de apurar ou excluir qualquer origem patológica, sobretudo de ordem mental.¹

Neste sentido, importa formar os exorcistas (e também os sacerdotes em geral) para uma melhor consciência no domínio das perturbações mentais garantindo, por sua vez, uma maior eficácia na sinalização e no encaminhamento destes casos para uma resposta terapêutica ajustada às suas necessidades. Trata-se, no fundo, de reconhecer os seus próprios limites e capacidades de ação, abrindo caminho para um serviço de qualidade à pessoa em sofrimento.

Para que isto possa funcionar na prática, importa ter presente o número 36 da *Gaudium et Spes* que reforça, precisamente, a compatibilidade entre fé e ciência. De facto, atitudes fundamentalistas que não reconhecem nem consideram as vantagens desta sinergia tendem, superficialmente, a formular opiniões parciais e incompletas que não respondem às verdadeiras necessidades da pessoa. O serviço, para se dizer e realizar como tal, não pode ignorar o dom divino do saber e da ciência (cf. GS, 36).

Consciente deste apoio, a Associação Internacional de Exorcistas voltou a reforçar na sua nota pastoral do dia 6 de janeiro de 2025, que não se pode excluir deste ministério a consulta às ciências médicas e psicológicas, já que o seu contributo será proveitoso para o discernimento e compreensão da origem dos problemas que não são, necessariamente, de índole sobrenatural.²

Para esclarecer, então, o contributo e o suporte particular que as ciências de saúde mental podem garantir ao ministério dos exorcismos, vamos no decorrer deste segundo capítulo, destacar a complexidade sintomática que está inerente a este contexto peculiar de ação, salientando, ainda, os riscos que podem advir de um possível erro diagnóstico. Com isto, a análise que efetuaremos de seguida às perturbações mentais com sintomatologia aproximada ou idêntica às perturbações demoníacas, auxiliará não só a formação e a consciencialização sacerdotal no domínio clínico, mas facilitará, sobretudo, o exercício de discernimento de cujo o sucesso depende a elaboração de um plano de cura pastoral verdadeiramente ajustado às necessidades da pessoa.

¹ Cf. CEP, *Ritual Romano da Celebração dos Exorcismos*, 15-17.

² Cf. Associazione Internazionale Esorcisti, «Nota sobre Alguns Aspectos do Ministério dos Exorcismos», acedido a 7 de maio de 2025, <https://aielinguaportuguesa.org.br/notas-sobre-alguns-aspectos-dos-exorcismos/>.

1. A complexidade sintomática e os riscos associados a um discernimento incorreto

Discutir problemáticas de origem natural ou de origem sobrenatural será sempre uma temática que forçará os limites de ação dos agentes que se envolvem, direta ou indiretamente, no acolhimento de pessoas com quadros sintomáticos pouco convencionais. A explicação nem sempre se faz clara ou presente, tornando o discernimento numa tarefa extremamente exigente e minuciosa.³

Numa área tão ampla e complexa do ponto de vista sintomático, o sacerdote exorcista, particularmente, poderá confrontar-se com quadros de manifestação difusa, possíveis de serem justificados e integrados nos critérios de diagnóstico de uma pluralidade de perturbações físicas ou psíquicas. Significa isto que os sintomas que o sacerdote testemunha podem ter na sua origem uma explicação natural.

Tendo presente esta dificuldade, o *Ritual Romano da Celebração dos Exorcismos*, nas suas notas preliminares, aconselha circunspeção e prudência aos sacerdotes para não incorrerem em conclusões precipitadas ou exclusivamente condicionadas pela sua crença pessoal.⁴ Numa perspetiva interdisciplinar, sugere, por isso, a consulta de «peritos em ciência médica e psiquiátrica, que tenham a sensibilidade das realidades espirituais».⁵

A mesma recomendação é, igualmente, sugerida pelo Catecismo da Igreja Católica que, de modo esclarecedor, salienta que «muito diferente é o caso das doenças, sobretudo psíquicas, cujo tratamento depende da ciência médica. Por isso, antes de se proceder ao exorcismo, é importante ter a certeza de que se trata de uma presença diabólica e não de uma doença» (CIC, 1673).

De facto, entre os casos observados, não raros são aqueles que se apresentam ao sacerdote convictos de sofrerem uma perturbação demoníaca.⁶ Contrariamente ao expectável, algumas destas pessoas não consultaram antes os serviços médicos para averiguar a sua condição clínica. Outras até consultaram, mas não obtiveram respostas satisfatórias. Outras, pior ainda, enveredaram num percurso de consulta a meios alternativos como médiuns, bruxos, curandeiros, ou terapias alternativas sem qualquer validação científica. Este modo de proceder, para além da confusão que gera, poderá agravar ainda mais o estado clínico da pessoa.⁷

Situando profissionalmente a problemática, o psiquiatra italiano Giorgio Gagliardi, assinala alguns procedimentos a ter em conta neste tipo de situações, oferecendo um cenário de

³ Cf. Amorth, *Exorcistas e Psiquiatras*, 199.

⁴ Cf. CEP, *Ritual Romano da Celebração dos Exorcismos*, 14-17.

⁵ CEP, 17.

⁶ Cf. CEP, 16.

⁷ Cf. Amorth, *Exorcistas e Psiquiatras*, 96.

apoio médico ao exercício pastoral do exorcista. O labor clínico passará, fundamentalmente, pela investigação patológica. Para isso, importa que a pessoa seja recebida e avaliada por profissionais de saúde que estudem, com recurso aos seus métodos e técnicas, a eventualidade de uma perturbação de origem biológica ou psíquica.⁸

Na objetividade profissional deste procedimento, será importante efetuar uma avaliação do estado físico do sujeito, recolhendo, simultaneamente, todo o seu historial clínico para facilitar a compreensão do quadro sintomático atual. Efetuar análises de sangue para apurar desequilíbrios químicos ou realizar eletroencefalogramas para aferir a possibilidade de uma patologia convulsiva ou de qualquer lesão cerebral são alguns exemplos ilustrativos da pluralidade de métodos e técnicas que os profissionais de saúde podem utilizar no processo avaliativo destes casos.⁹

Apurados todos estes elementos, deverá avaliar-se a correspondência com os critérios de diagnóstico das perturbações psiquiátricas, tendo em conta a sua idade, sexo, cultura, religião, papéis sociais, problemas vividos e frustrações, assim como o impacto dos eventuais ritos de passagem experimentados em contexto laboral, matrimonial, de reforma ou de luto.¹⁰

Neste contexto psiquiátrico, como salienta o médico Giorgio Gagliardi, será fundamental tomar atenção às incoerências no pensamento da pessoa, à redução na capacidade de controlo e iniciativa, às alterações no padrão alimentar e, acima de tudo, à ocorrência de estados alterados de consciência e dissociação. Por via de uma anamnese clínica detalhada será também importante perceber os conhecimentos que o sujeito possui a respeito de fenomenologias de possessão, visto poder ser sugestionado pelos mesmos.¹¹

Sobre o perfil das pessoas que, tipicamente, se apresentam convictas de serem vítimas de uma perturbação de origem demoníaca, mas que na verdade sofrem de uma perturbação mental, o psiquiatra americano Richard Gallagher, que há mais de vinte e cinco anos se dedica ao estudo das possessões e ataques de origem demoníaca (é o médico no mundo que testemunhou o maior número de casos intrigantes e complexos de explicar de modo científico), salienta que é importante ter em conta que aquele tipo de convicção é frequente em pessoas com perturbações psicóticas, perturbações de personalidade, perturbações dissociativas e, também, com propensão sugestiva.¹²

⁸ Cf. Giorgio Gagliardi, «Collaborazione del Medico con l'Exorcista», em *Tra Maleficio, Patologie e Possessione Demoniacca: Teologia e Pastorale dell'Esorcismo*, ed. Manlio Sodi (Padova: Edizioni Messaggero Padova, 2003), 298-299.

⁹ Cf. Richard Gallagher, *Enemigos Demoníacos! Mis Veinticinco Años como Psiquiatra Investigando Posesiones, Ataques Diabólicos y lo Paranormal*, trad. J. Carlos Ruiz (Barcelona: Ediciones Obelisco, 2022), 19.

¹⁰ Cf. Gagliardi, «Collaborazione del Medico con l'Exorcista», 298-299.

¹¹ Cf. Gagliardi, 298-299.

¹² Cf. Gallagher, *Enemigos Demoníacos*, 13.

No cruzamento biológico e psiquiátrico, importa verificar também se existe alguma doença orgânica (por exemplo, doenças metabólicas) ou algum agente externo (medicamentos ou toxicodependências) que despoletem um desequilíbrio mental no sujeito.¹³

Este enquadramento geral, contextualiza o sacerdote na complexidade dos domínios que se cruzam no momento de discernir a origem dos distúrbios. A avaliação, como podemos imaginar, nem sempre será clara e conclusiva. A dúvida neste campo faz-se, habitualmente, presente. Portanto, o sacerdote imprudente que num eventual quadro sintomático confuso, se precipite a diagnosticar a presença de uma ação de origem demoníaca, sem qualquer apoio, conhecimento ou consideração de uma análise clínica especializada, ficará mais sujeito ao perigo de errar.¹⁴

Consequentemente, um diagnóstico errado resultará numa intervenção pastoral desajustada e na inexistência de um plano clínico necessário e urgente, situação que prolongada no tempo poderá agravar os efeitos e o estado clínico da pessoa. Tudo isto se agudizará, ainda mais, se a pessoa ficar profundamente convicta de que o seu problema não é do foro mental, mas sim do foro espiritual, aumentando a resistência à observação e ao tratamento médico. A este propósito, o exorcista canadiano François Dermine adverte que «fazer um exorcismo numa pessoa que sofre de transtornos mentais, só pode piorar a situação».¹⁵

Um caso sugestivo de uma possível confusão de limites e desrespeito das áreas de intervenção foi descrito pelo Departamento de Psiquiatria do Hospital de São Carlos em Madrid através de um artigo intitulado *Practicing Exorcism in Schizophrenia*.¹⁶

Este caso refere como uma jovem paciente de vinte e oito anos diagnosticada com esquizofrenia foi levada a crer pelos sacerdotes de que os sintomas psicóticos que apresentava eram devidos à presença de uma ação demoníaca, nomeadamente, uma possessão. Assim sendo, foi submetida a vários exorcismos, interrompendo o tratamento clínico que vinha a receber.¹⁷

De modo a evitar estes casos, o psiquiatra italiano Salvador di Salvo insiste na delimitação das áreas de intervenção como princípio básico para o exercício interdisciplinar dos seus agentes. Só o humilde reconhecimento dos limites abrirá espaço para a ação do outro que domina uma área que desconheço. Será essa a única resposta adequada à valorização da pessoa humana.¹⁸

¹³ Cf. Gagliardi, «Collaborazione del Medico con l'Exorcista», 298-299.

¹⁴ Cf. Gagliardi, 296.

¹⁵ Federico Piana, «Exorcismo, Formação Interdisciplinar para Combater o Inimigo», acedido a 2 de dezembro de 2024, <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2024-05/xviii-curso-exorcismo-oracao-libertacao-roma.html>.

¹⁶ Kazuhiro Tajima-Pozo, Diana Zambrano-Enriquez, Laura de Anta, María Dolores Moron, Jose Luis Carrasco, Juan José Lopez-Ibor, Marina Diaz-Marsá, «Practicing Exorcism in Schizophrenia», *BMJ Case Reports* (2011): 1-3, <https://doi.org/10.1136/bcr.10.2009.2350>.

¹⁷ Cf. Kazuhiro Tajima-Pozo et al., «Practicing Exorcism in Schizophrenia», 1-3.

¹⁸ Cf. Amorth, *Exorcistas e Psiquiatras*, 196.

Sobre os erros de diagnóstico e as práticas de intervenção desajustadas, o psiquiatra Richard Gallagher alerta, ainda, para os grupos de libertação que são constituídos por leigos entusiastas que não dominam o campo psíquico e que acolhem pessoas com perturbações mentais, utilizando, indiscriminadamente, algumas fórmulas e práticas de libertação duvidosas que podem agravar, seriamente, o estado clínico daqueles doentes.¹⁹

Com o propósito de evitar estes erros e moderar a ação pastoral neste campo de fragilidade, a Associação Internacional de Exorcistas, fundada no início dos anos noventa do século XX, tem vindo a fomentar o diálogo com as ciências médicas, contando na sua estrutura com um grupo de colaboradores profissionais que se dispõe, até hoje, a abordar de mente aberta estes casos extraordinários.²⁰

Richard Gallagher foi um dos primeiros membros a integrar o conselho científico desta associação e, ao longo dos anos, juntamente a colegas como o psiquiatra Valter Cascioli e o psiquiatra Hector de Ezcurra, tem se dedicado a aprofundar esta temática no objetivo de esclarecer os limites práticos de ação garantindo, por sua vez, uma práxis mais segura e consciente aos agentes de cura pastoral.²¹

Fica claro, portanto, que diagnosticar de modo inseguro e sem certezas envolverá sempre riscos, não só para a pessoa afetada, mas também para a sua família e para o próprio sacerdote, pois no caso de erro avaliativo, não se verificarão melhorias ao longo das sessões de exorcismo. A par do agravamento clínico e da ineficácia dos meios utilizados, instalar-se-á a frustração geral dos envolvidos. Justamente por isto, conclui François Dermine, que «os julgamentos precipitados tanto custam caro à pessoa que sofre, como ao próprio exorcista».²²

A fim de se resguardar destes perigos e evitar o desperdício de tempo e energias, o Padre Gabriel Amorth, de modo sábio, exigia que a pessoa obtivesse um parecer médico antecedente que excluísse qualquer origem patológica dos distúrbios. Era uma prudência pessoal, compreensível para um exorcista mundialmente conhecido e extremamente requisitado. Para evitar dúvidas e atropelos a este respeito, salvaguarda-se, deontologicamente, que um relatório médico só poderá ser solicitado pela própria pessoa ou por quem a representa a nível legal, e nunca pelo sacerdote.²³

Seguro destes dados, o Padre Amorth avançava com os métodos de discernimento específicos do seu ministério de exorcista, podendo depois concordar ou não com a opinião médica, igualmente suscetível de errar pela limitação do seu saber. O Padre Amorth fazia, por

¹⁹ Cf. Gallagher, *Enemigos Demoníacos*, 20.

²⁰ Cf. Associação Internacional de Exorcistas, «Nota sobre Alguns Aspectos do Ministério dos Exorcismos».

²¹ Cf. Gallagher, *Enemigos Demoníacos*, 20.

²² Piana, «Exorcismo, Formação Interdisciplinar para Combater o Inimigo».

²³ Cf. Amorth, *Exorcistas e Psiquiatras*, 98.

isso, questão de vincar que aquele parecer era consultivo e não condicionador ou determinativo da sua ação ministerial. Traduz, no fundo, e de modo compreensível, a demarcação da área teológica que, não obstante o diálogo e a consulta, se mantém incondicionada no seu agir. Obviamente, existem aspetos da vida espiritual que os profissionais de saúde não conhecem nem dominam.²⁴

Sobre esta limitação médica, Richard Gallagher constata que a grande maioria dos profissionais de saúde, independentemente das extraordinárias capacidades que possam ter e da reta intenção que os mova na sua prática clínica, não estão familiarizados com a temática da ação demoníaca. Ou seja, no campo da fé encontram-se limitados porque essa não é, obviamente, a sua formação nem é a isso que devem responder profissionalmente.²⁵

De qualquer modo, pela seriedade das implicações que temos vindo a expor, será sempre muito proveitoso e aconselhável articular esforços no sentido de apurar a verdade diagnóstica, como defende, precisamente, o psiquiatra italiano Valter Cascioli que assistiu o Padre Gabriel Amorth ao longo de vários anos de atividade.²⁶ O exorcista, certamente, beneficiará do auxílio de um profissional de saúde que possa efetuar um diagnóstico clínico rigoroso, esclarecendo assim a causa dos sintomas verificados na pessoa.²⁷

Isto será sobretudo pertinente na presença de um quadro sintomatológico duvidoso. Reforçar a prudência e cultivar a humildade de consultar uma opinião especializada, será sempre um bom princípio de ação. Não será, logicamente, por acaso que o *Ritual Romano da Celebração dos Exorcismos* salienta este aspeto. A experiência de tantos anos, certamente, deu a perceber a realidade da dúvida e as consequências do erro.²⁸

Não nos deve surpreender, portanto, que neste processo de discernimento tão atípico, o exorcista se sinta por vezes tomado pela incerteza e ultrapassado nos seus limites de ação. Nestas situações, esclarece o psiquiatra Simone Morabito, de modo algum deverá o exorcista enveredar ou intervir numa área clínica que não domina. Será fundamental, para bem da pessoa, não confundir os papéis de ação. Só um profissional de saúde tem, no domínio clínico, o conhecimento e a formação académica necessária para poder efetuar um diagnóstico com base científica. Por sua vez, e mediante os resultados, poderá pronunciar-se com propriedade profissional, conduzindo a pessoa para um processo terapêutico adequado, se assim se justificar.²⁹

²⁴ Cf. Amorth, 188.

²⁵ Cf. Gallagher, *Enemigos Demoníacos*, 13.

²⁶ Cf. Ary Waldir Ramos Díaz, «O Demónio Não Quer Ser Descoberto?», acedido a 2 de dezembro de 2024, <https://pt.aleteia.org/2014/08/04/o-demonio-nao-quer-ser-descoberto>.

²⁷ Cf. Gagliardi, «Collaborazione del Medico con l'Exorcista», 299.

²⁸ Cf. François Dermine, «O Discernimento dos Espíritos», em *Fenómenos Preternaturais: Sobre as Ações dos Anjos e dos Demónios*, ed. Pedro Paulo Alexandre (São Paulo: Editora Imaculada, 2017), 387.

²⁹ Cf. Amorth, *Exorcistas e Psiquiatras*, 195.

O profissional de saúde, porque também corre um sério risco de errar, deverá recorrer sempre que necessário à opinião de outros colegas da área que o possam auxiliar no diagnóstico. Na sua prática clínica, os profissionais deverão utilizar de todos os seus meios e capacidades, evitando, ainda assim, de cair na obstinação de tudo querer explicar ou justificar.³⁰

É fundamental reconhecer e aceitar os limites da sua ciência, cultivando uma sincera abertura para escutar o diferente. Como recorda o psiquiatra italiano Alessandro Tamino: «não cabe à ciência avaliar a fé».³¹ Formular diagnósticos a todo o custo sem sustentação lógica e plausível será sempre uma falta de humildade e um mau serviço à pessoa que necessita de ajuda.³²

Para nos situarmos, importa salientar que o objetivo primário desta tese não passa por demonstrar quem está absolutamente certo ou errado, ou ainda, desqualificar ou menosprezar qualquer parecer, seja ele de ordem científica ou de ordem teológica. Opiniões cristalizadas deste tipo, por norma, penalizam apenas a pessoa que necessita de ajuda.

Convém lembrar, nesta lógica, que o exercício da caridade dispensa contendas obtusas, frequentemente, motivadas pela presunção de quem se considera na posse total do saber. A saída da nossa área de conforto e a escuta ativa do desconhecido, deverão ser elementos fundamentais no processo de acolhimento destes temas. Ressalta-se, assim, a importância da interdisciplinaridade no sentido de servir e garantir o equilíbrio e bem-estar da pessoa humana. Este é, de facto, o elo que une as duas áreas, independentemente, das suas crenças e métodos.

³⁰ Cf. Amorth, 196.

³¹ Cf. Amorth, *Exorcistas e Psiquiatras*, 201.

³² Cf. Nanni, *Il Dito di Dio e il Potere di Satana*, 271.

2. Perturbações mentais com sintomatologia próxima às perturbações demoníacas

Apresentamos agora um conjunto de perturbações mentais que nos seus critérios de diagnóstico contêm sintomatologia relacionada com aquela que é descrita nos casos de perturbação demoníaca. A relação ou proximidade sintomatológica que verificaremos nas seguintes perturbações, torna-se motivo de estudo obrigatório para atingir um diagnóstico mais consciente. Será imprescindível, portanto, a sua consideração de modo a garantir um conhecimento mais amplo e fundamentado que, por sua vez, possa orientar o acompanhamento dos casos.

Objetivamente, não se poderá justificar ou catalogar de imediato uma perturbação mental sustentada apenas na presença de sintomas ou critérios isolados. Seria precipitado e incorreto afirmar que uma pessoa com um determinado sintoma tenha categoricamente uma perturbação mental. Tal diagnóstico não seria rigoroso nem profissional pois, antes de mais, tratamos de pessoas, únicas na sua condição e portadoras de uma história clínica complexa e singular. Os critérios de diagnóstico que dão forma e caracterizam uma perturbação mental devem, assim, servir como orientadores no estabelecimento e fundamentação do diagnóstico.³³

Deste modo, e como temos salientado, a formulação de um diagnóstico deverá contemplar a história clínica da pessoa, atendendo também aos fatores sociais, psicológicos e biológicos que possam ter influenciado o desenvolvimento de uma determinada patologia. Significa isto que o diagnóstico de uma perturbação mental não poderá ser um processo simplesmente matemático, possível de ser realizado por qualquer programa informático acessível ao público geral. São diversas as variáveis que se cruzam, daí a necessidade de um clínico especializado que efetue um diagnóstico diferencial.³⁴

O que realmente se pretende com esta análise, é que na presença de determinados sintomas, como aqueles que foram, particularmente, descritos pelos exorcistas, se considere e investigue também a hipótese de uma patologia mental, alargando o campo de estudo e aumentando a probabilidade da eficácia diagnóstica. Trata-se, na prática, de ver para além dos parâmetros da fé. É sinalizar para depois explorar mais a fundo a problemática. É valer-se das ferramentas e do saber científico para auxiliar o processo de busca da verdade cujo sentido será sempre o auxílio humano. Um exercício de discernimento alargado será, então, fundamental para atingir um diagnóstico correto, garantindo, por sua vez, a implementação de um plano terapêutico apropriado para a pessoa.

³³ Cf. American Psychiatric Association, *DSM-5-TR: Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais*, trad. Adriana Lourenço, Ana Carolina Rodrigues, Ana Luís Falcão, Carolina Lopes, Diana Vila Chã, Gonçalo Soares, Rafael Borralho (Forte da Casa: Climepsi Editores, 2023), 25.

³⁴ Cf. APA, *DSM-5-TR*, 25.

Diante de um determinado quadro sintomatológico, o sacerdote prudente e informado deverá ter presente a vasta panóplia de perturbações mentais que se podem cruzar com aquilo que vê. Não é preciso que seja um especialista clínico nem é isso que se lhe pede, obviamente, mas possuir o conhecimento geral das perturbações mais suspeitas dotá-lo-á para melhor ver, julgar e agir em conformidade com a situação presente. O psiquiatra Salvador di Salvo considera, por isso, ser de toda a importância para o exorcista o conhecimento dos sintomas mais evidentes daquelas patologias. Esta informação torná-lo-á, não só mais consciente no seu ministério, mas também mais capacitado para o diálogo com os profissionais de saúde.³⁵

A mesma opinião é reforçada pelo Departamento de Psiquiatria do Hospital de São Carlos em Madrid que estimula os sacerdotes exorcistas a desenvolverem conhecimentos a respeito das doenças mentais. Tal formação seria de grande relevância para prevenir o erro.³⁶

Sensível a esta necessidade, a Igreja vai tomando medidas concretas para consciencializar e capacitar os sacerdotes dedicados ao ministério de exorcismo. Digna de referência é a realização do XVIII Curso de Exorcismo e Oração de Libertação em Roma, promovido pelo Instituto Sacerdos da Pontificia Universidade Regina Apostolorum. Segundo o Padre Edward McNamara, diretor daquele instituto, «é urgente garantir uma formação adequada nesta área, muitas vezes ainda limitada ou mal gerida e interpretada».³⁷

Nesta edição, concluída no dia 11 de maio de 2024, o curso contou com uma vasta gama de especialistas de todo o mundo, entre os quais, Hector de Ezcurra, psiquiatra argentino que se tem dedicado, particularmente, ao estudo e ao diagnóstico diferencial entre perturbações de origem psíquica e de origem demoníaca.³⁸

Refere o Padre Pedro Barrajon, docente de teologia daquela universidade pontificia que, na sua génese, o curso é fruto do apelo de vários sacerdotes que se sentiam despreparados no ministério. Nesse contexto de dificuldade, avançou-se para um curso anual que, até hoje, procura «oferecer uma visão séria, científica, teológica e interdisciplinar».³⁹

Também em Portugal se vão dando passos na mesma direção formativa, como comprova a realização do encontro *Exorcismos e Dimensão Terapêutica da Espiritualidade Cristã*, promovido pelas comissões episcopais de Liturgia e Espiritualidade, e da Educação Cristã e Doutrina da Fé, ocorrido no dia 14 de setembro de 2022 em Fátima. Nesta formação,

³⁵ Cf. Amorth, *Exorcistas e Psiquiatras*, 197.

³⁶ Cf. Tajima-Pozo et al., «Practicing Exorcism in Schizophrenia», 1-3.

³⁷ Piana, «Exorcismo, Formação Interdisciplinar para Combater o Inimigo».

³⁸ Cf. Piana, «Exorcismo, Formação Interdisciplinar para Combater o Inimigo».

³⁹ Federico Piana, «Exorcismo: No Regina Apostolorum, Curso Único ao Mundo», acedido a 2 de dezembro de 2024, <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2018-04/curso-exorcismo-roma-instituto-sacerdos-regina-apostolorum.html>.

disponibilizada aos bispos e presbíteros de várias dioceses portuguesas, houve a exposição de «algumas noções básicas de saúde/doença mental abordadas por uma médica psiquiatra».⁴⁰

Desta feita, um exorcista que esteja dotado de um conhecimento mais amplo do ponto de vista patológico, caso note de modo exclusivo os indícios de uma perturbação mental que seja tipicamente confundida com uma ação extraordinária do demónio, deverá, com caridade e prudência, aconselhar a pessoa a dirigir-se a um clínico que a avalie e esclareça, não deixando, naturalmente, de lhe garantir o indispensável suporte pastoral.⁴¹

Está claro, pois, que uma avaliação completa do ponto de vista mental caberá, exclusivamente, ao profissional de saúde e não ao sacerdote, não se devendo por isso, de cair no erro de confundir as competências de ação ou enveredar numa prática sem habilitação. O sacerdote não elabora diagnósticos clínicos, ainda assim, na presença de sintomatologia sugestiva de um quadro de patologia mental, deverá encorajar a pessoa e os seus acompanhantes a dirigirem-se a um clínico profissional que despiste a causa dos seus distúrbios.

Depois desta contextualização inicial, avançamos para a análise das diversas perturbações mentais que podem ser alvo de interesse e consideração no discernimento. A amplitude deste estudo detalhado procurará sinalizar tudo aquilo que no campo psiquiátrico seja suscetível de ser confundido com causas de origem demoníaca.

Notámos, anteriormente, na exposição dos exorcistas a presença de sintomas de ordem física e biológica. Como já referimos, será fundamental uma prévia avaliação médica destas condições, sustentada por uma bateria de exames que apure com rigor a sua causa e que oriente, por sua vez, a ação dos profissionais de saúde mental. Como esta tese se foca, essencialmente, na área da saúde mental, será aqui que nos concentraremos, não alargando, por isso, o nosso estudo à análise das patologias de ordem física. Tomamos à partida a estabilidade da condição física e biológica para nos dedicarmos, particularmente, à investigação psíquica.

Metodologicamente, seguiremos, para este efeito, a mais recente edição do *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM-5-TR) da Associação Americana de Psiquiatria, um instrumento de referência na prática clínica mundial que, certamente, auxiliará a nossa investigação e compreensão patológica.

Em cada perturbação mental destacaremos, particularmente, os sintomas que mais se aproximam da sintomatologia referida pelos exorcistas nas diversas formas de perturbação demoníaca, nomeadamente, a obsessão, a vexação e a possessão.

⁴⁰ Agência Ecclesia, «Ação de Formação Estudou o Tema: Exorcismos e Dimensão Terapêutica da Espiritualidade Cristã», acedido a 2 de dezembro de 2024, <https://agencia.ecclesia.pt/portal/igreja-acao-de-formacao-estudou-o-tema-exorcismos-e-dimensao-terapeutica-da-espiritualidade-crista/>.

⁴¹ Cf. Fortea, *Summa Daemoniaca*, 147.

Com esta sinalização, pretendemos demonstrar a vastidão patológica que assume uma sintomatologia semelhante aos casos testemunhados pelos exorcistas, motivo este que poderá exigir uma observação clínica especializada para esclarecer a etiologia das perturbações. É, no fundo, uma sinalização que desperta para o exercício interdisciplinar entre exorcistas e profissionais de saúde, entre a ciência teológica e a ciência médica. O conhecimento geral das perturbações mentais e a consciencialização dos limites de ação constituem, neste enquadramento, um fator determinante para a eficácia diagnóstica e terapêutica.

Para além deste objetivo de sensibilização, pretendemos também examinar se as perturbações mentais em causa são capazes, ou não, de explicar na íntegra os sintomas apontados pelos exorcistas como indicativos de uma ação demoníaca de carácter extraordinário. Terão as perturbações mentais, nos seus critérios de diagnóstico, este tipo de sintomas? Haverá enquadramento clínico que explique estes sinais, ou estarão eles numa dimensão ultracientífica? É a estas questões que queremos responder por meio da análise e dissecação da proximidade sintomática das perturbações mentais.

Partindo para o esclarecimento destes objetivos, de modo introdutório e na antecâmara do estudo particular das perturbações mentais, consideramos oportuno clarificar o significado de dois termos comuns na área das ciências psiquiátricas e que serão, frequentemente, citados ao longo da nossa exposição: a alucinação e o delírio.

A alucinação é patologicamente definida por uma experiência perceptiva sem objeto para perceber, ou seja, que se desenvolve e ocorre na ausência de um estímulo externo. Estas experiências escapam ao controlo voluntário do indivíduo que as vivencia de modo clarividente e com o mesmo impacto das perceções reais. Podem acometer qualquer domínio sensorial. Nas perturbações do espectro da esquizofrenia, por exemplo, são mais comuns as alucinações auditivas.⁴²

O delírio, por sua vez, é caracterizado por uma crença fixa que não é suscetível de ser alterada através de argumentação ou evidência contrária. O conteúdo dos delírios é bastante diversificado nas suas temáticas podendo ser, exemplarmente, do tipo persecutório, religioso, erotomaniaco, niilístico, grandioso ou somático. Quando são completamente implausíveis, os delírios são considerados bizarros (crença de que foi abduzido por uma entidade que lhe retirou órgãos do corpo, por exemplo); por outro lado, os delírios são considerados não bizarros quando as crenças são plausíveis, mas não sustentadas por evidências concretas (ser vigiado por alguém, por exemplo).⁴³

Seguimos para o estudo concreto das perturbações mentais.

⁴² Cf. APA, *DSM-5-TR*, 124.

⁴³ Cf. APA, 123-124.

2.1. Perturbações do Neurodesenvolvimento

a) Perturbações do Espectro do Autismo⁴⁴

Neste contexto, os doentes apresentam padrões limitados e repetitivos ao nível do comportamento, dos interesses ou das atividades, sendo esta uma característica fundamental na caracterização do diagnóstico.

Os padrões podem ser, especialmente, verificados sob a forma de movimentos motores, como é o caso das estereotipias motoras simples, ou num discurso repetitivo, como a ecolalia (imitação dos sons e palavras dos outros) ou na pronúncia de frases idiossincráticas. O uso da 3ª pessoa quando se referem a si próprios é também característico nestes doentes, dando a ideia de que se referem a uma personalidade distinta. Nota-se, ainda, um comportamento verbal e não verbal ritualizado, marcado pela rigidez de pensamento e por rituais de cumprimento.

No contato com os estímulos sensoriais pode ser, também, verificada uma hiper ou hiporreatividade que se manifesta através de uma aparente indiferença à dor ou, ainda, pela resposta adversa a determinados estímulos.

Destaca-se, ainda, na área dos défices motores, a possibilidade de serem notados sintomas como marcha descoordenada, movimentos desajeitados e outros movimentos estranhos. Neste campo, podem, igualmente, ocorrer autoagressões, como bater com a cabeça ou morder em si próprio. Há também a possibilidade de um comportamento desafiante ou disruptivo nestes doentes.

b) Perturbação de Movimentos Estereotipados⁴⁵

A característica essencial desta perturbação consiste num comportamento motor repetitivo, aparentemente impulsivo e sem objetivo. A título exemplar, podem verificar-se movimentos de agitação corporal, quer com a cabeça ou com os membros em particular, quer numa atitude de constante baloiçar do corpo em geral.

Além disto, podem também observar-se comportamentos autolesivos como bater continuamente com a própria cabeça, morder-se a si mesmo ou agredir o corpo nas mais diversas formas e locais, resultando em lesões de gravidade variável, tais como, contusões, eritemas, lacerações ou mesmo amputações. Por esta razão, nos casos mais graves do comportamento autolesivo, é exigida uma constante vigilância e monitorização do doente a fim de salvaguardar a sua integridade física.

⁴⁴ Cf. APA, 68-75.

⁴⁵ Cf. APA, 108-109.

c) Perturbação de Tourette⁴⁶

Esta perturbação é caracterizada pela ocorrência de tiques, ou seja, um movimento motor ou uma vocalização que surge de modo súbito, veloz, frequente e não ritmado. Na Perturbação de Tourette, os doentes apresentam variados tiques motores e um ou mais tiques vocais, ainda que estes não ocorram, obrigatoriamente, de modo simultâneo. Estes sintomas variam na sua frequência ao longo do desenvolvimento da perturbação.

De realçar que os tiques não se circunscrevem a um local específico do corpo, podendo afetar qualquer grupo muscular ou vocalização. É possível observar, neste enquadramento, a presença de tiques motores e vocais simples como o “fazer caretas”, “fungar”, “ladrar” ou “grunhir”. De modo complexo, dão-se tiques como “virar a cabeça”, reproduzir gestos sexuais e obscenos, ou pronunciar palavras socialmente reprováveis, obscenas e insultuosas do ponto de vista religioso, cultural, étnico ou racial.

d) Perturbação de Tiques Motores ou Vocais Persistente⁴⁷

Carateriza-se, essencialmente, pelos mesmos critérios de diagnóstico da Perturbação de Tourette. Porém, difere daquela no sentido em que, ou se verificam unicamente tiques motores ou unicamente tiques vocais. Ou seja, no processo da doença, não há simultaneidade de tiques.

Discrimina-se esta perturbação como persistente porque se regista a constância dos tiques por um período superior a um ano. Por outro lado, caso o período seja inferior a um ano desde o aparecimento do primeiro tique categoriza-se, então, como Perturbação de Tiques Transitória.

2.2. *Perturbações Depressivas*

a) Perturbação de Desregulação do Humor Disruptivo⁴⁸

De modo nuclear, esta patologia define-se por um padrão de irritabilidade crónica que é grave e persistente. Registam-se, frequentemente, explosões temperamentais que tanto podem ser verbais (fúrias e ofensas verbais), como comportamentais (agressão física e destruição patrimonial). Esta resposta é, claramente, desproporcional na sua intensidade e duração face à realidade das situações ou às supostas provocações.

Entre estas explosões temperamentais, o sujeito permanece num estado de humor visivelmente irritável ou zangado. Torna-se, portanto, algo característico do próprio sujeito,

⁴⁶ Cf. APA, 113-115.

⁴⁷ Cf. APA, 113.

⁴⁸ Cf. APA, 216-218.

sendo observável pelos outros durante a maior parte do tempo. O início desta perturbação ocorre antes dos dez anos de idade, mas não antes dos seis, podendo haver alterações do padrão comportamental ao longo do desenvolvimento da criança.

b) Perturbação Depressiva Major⁴⁹

Fundamentalmente, esta perturbação é caracterizada pelo humor deprimido (sensação de vazio, tristeza, falta de esperança, choro constante) ou pela perda do interesse ou do prazer em todas ou na grande maioria das atividades.

Para além desta sintomatologia essencial, devem estar presentes, pelo menos, quatro outros sintomas, nomeadamente, desregulação do peso e do apetite, insónia ou hipersónia, alterações psicomotoras, fadiga, sentimentos depreciativos ou culpáveis sobre si mesmo, diminuição das faculdades cognitivas, e pensamentos de morte e ideação suicida que podem chegar à definição de um plano concreto e à sua forma tentada.

Esta sintomatologia, verificada num período mínimo de duas semanas consecutivas, constitui um episódio depressivo major que, uma vez acontecendo, determina a perturbação com o mesmo nome. Podem existir, ainda, especificações, como a ocorrência de características psicóticas, sobretudo, marcadas por delírios e alucinações.

É também importante notar que os sintomas depressivos podem estar presentes noutras patologias, como por exemplo, nas perturbações do espectro da esquizofrenia.

c) Perturbação Depressiva Persistente⁵⁰

A grande diferença em relação à Perturbação Depressiva Major reside, substancialmente, na duração da sintomatologia. Neste caso, a pessoa apresenta humor deprimido durante a maior parte do dia, em mais de metade dos dias e durante um período superior a 2 anos consecutivos. Nas crianças, o critério de extensão temporal deste quadro clínico é, no mínimo, de 1 ano, podendo haver também nesta faixa etária a ocorrência de um humor irritável.

Durante este estado deprimido, o indivíduo manifesta, pelo menos, dois dos seguintes sintomas: alteração do apetite, perturbação do sono, fadiga, baixa autoestima, dificuldades de concentração e sentimentos de desesperança.

⁴⁹ Cf. APA, 222-223.

⁵⁰ Cf. APA, 235-236.

2.3. Perturbações Bipolares e Perturbações Relacionadas

a) Perturbação Bipolar I⁵¹

Esta perturbação define-se pela ocorrência de episódios maníacos que são intercalados por episódios hipomaníacos ou depressivos major. Os episódios maníacos são períodos específicos de alteração do humor, claramente anormais e permanentemente elevados, expansivos ou irritáveis. Nestes momentos, regista-se uma atividade ou energia fora do comum que se mantém constantemente aumentada e se pode estender, no mínimo, durante uma semana.

Durante um episódio maníaco, a alteração comportamental do sujeito pode notar-se de múltiplos modos, particularmente, através de uma autoestima elevada e num sentimento de grandiosidade; na diminuição da necessidade de dormir; num comportamento verborreico em que, continuamente, a pessoa pressiona para falar; num pensamento acelerado e incontrolável; pelo comprometimento da capacidade de atenção e concentração, sendo facilmente desviado por estímulos irrelevantes ao seu redor; num aumento de atividade orientada a determinados objetivos, sejam do domínio sexual, social, ou até mesmo, do foro religioso; agitação psicomotora, visivelmente, despropositada; envolvimento em ações imprudentes e arriscadas que, potencialmente, podem acarretar consequências danosas em domínios como a gestão da economia pessoal ou da própria saúde. Estas alterações são graves ao ponto de comprometerem o normal funcionamento do indivíduo, podendo, ainda, ser agravado pela ocorrência de características psicóticas.

Na ocorrência de um episódio maníaco, os sujeitos podem mudar completamente o seu modo de vestir e de se apresentar, assim como podem manifestar uma perceção sensorial mais apurada, particularmente, ao nível da visão, do olfato e da audição. Não é de estranhar também que se verifique um comportamento hostil, ameaçador e agressivo para com os outros.

Por sua vez, um episódio hipomaníaco segue o mesmo padrão comportamental do episódio maníaco, diferindo, substancialmente, na sua duração (pelo menos, durante 4 dias consecutivos), na menor gravidade (que, neste caso, não provoca um défice acentuado no funcionamento social ou ocupacional do sujeito) e na ausência de sintomatologia psicótica.

De modo totalmente inverso, ou “noutro polo”, ocorrem, os episódios depressivos major, cuja sintomatologia já descrevemos anteriormente.

Existem também outras perturbações mentais que são próximas da perturbação bipolar I. O caso mais exemplar é a perturbação bipolar II que se distingue da primeira, fundamentalmente, pela ausência de episódios maníacos (e das suas características psicóticas).

⁵¹ Cf. APA, 170-185.

2.4. Perturbações do Espectro da Esquizofrenia e outras Perturbações Psicóticas

a) Perturbação Delirante⁵²

Nesta perturbação, pode ser verificada a ocorrência de um (ou mais) delírios que persistem durante um período mínimo de 1 mês. O conteúdo destes delírios pode ser multiforme. Entre esta diversidade, especificamos os delírios de grandiosidade e os delírios somáticos.

No primeiro tipo, a pessoa pode estar convicta de possuir uma capacidade extraordinária, havendo a probabilidade de se cruzar neste contexto um conteúdo religioso, como acreditar estar possuída por uma entidade sobrenatural, por exemplo. Por sua vez, no segundo tipo, os delírios envolvem as funções ou sensações corporais, podendo registrar-se a convicção de ter algo que se move sob a pele, ou a crença de que no seu corpo existem partes que estão imóveis e disfuncionais.

b) Perturbação Psicótica Breve⁵³

Observa-se nestas pessoas, a ocorrência de um ou de variados sintomas, como delírios, alucinações e desorganização do discurso. A presença de um destes sintomas é fundamental para diagnosticar esta perturbação mental. Para além disto, pode ser verificado um padrão comportamental desorganizado que pode, inclusivamente, ser catatónico. Carateristicamente, estas pessoas podem também evidenciar mudanças bruscas no seu estado de humor (labilidade emocional), passando rapidamente de um sentimento para o outro.

Estas crises episódicas podem ter a duração mínima de 1 dia e o máximo de 1 mês, daí a designação “breve” desta perturbação, podendo o sujeito regressar plenamente ao seu padrão de funcionamento pré-mórbido. Contudo, apesar desta brevidade, as manifestações e o nível disfuncional podem ser graves ao ponto de o indivíduo necessitar de vigilância a fim de não prejudicar a sua saúde ou a colocar em risco a sua vida, atendendo à prevalência de comportamento suicida nestes episódios.

c) Perturbação Psicótica Induzida por Substâncias/Medicamentos⁵⁴

Verifica-se nesta perturbação a ocorrência de delírios e de alucinações que, a partir da história clínica e do recurso a exames físicos e laboratoriais, se concluem ser devidos ao efeito de uma substância ou medicamento. O quadro sintomatológico observa-se por via da intoxicação, abstinência ou exposição àquele agente.

⁵² Cf. APA, 127-129.

⁵³ Cf. APA, 132-133.

⁵⁴ Cf. APA, 153.

d) Esquizofrenia⁵⁵

Esta patologia mental inclui um prejuízo conjunto das funções cognitivas, comportamentais e emocionais que condicionam, substancialmente, o sujeito ao nível social e ocupacional. Por ser uma perturbação heterogénea, os doentes podem manifestar uma ampla variedade sintomática.

De modo particular, denota-se a ocorrência de pelo menos dois dos seguintes sintomas: delírios, alucinações, discurso desorganizado (no mínimo, um destes três deve estar presente), comportamento grosseiramente desordenado com possível catatonia e, ainda, sintomas negativos como a diminuição da iniciativa (avolição) ou défice na expressão emocional. Este quadro patológico regista-se de modo persistente num período mínimo de seis meses.

Os indivíduos com esta perturbação podem evidenciar um espectro alargado de crenças, especialmente, de conteúdo religioso ou mágico, acreditando estarem possuídos ou ser a personificação de um santo ou do próprio Deus, ou ainda, terem experiência percetivas alteradas dizendo ver pessoas e entidades invisíveis. É também típica a murmuração em público (falar sozinho), o incumprimento das rotinas ou o afastamento das atividades que previamente eram efetuadas com interesse e de modo funcional.

Nesta amplitude sintomatológica, podem estar associadas, também, outras características pertinentes para o nosso estudo. São o caso dos afetos descabidos como, por exemplo, risos ou gargalhadas sem qualquer estímulo plausível que provoque aquela reação; alterações significativas no padrão de sono, mantendo-se o indivíduo acordado durante a noite e a dormir durante o dia; preocupações somáticas de teor delirante; défices no processamento sensorial e descontrolo inibitório; ou, ainda, a perda de interesse na alimentação até ao extremo de se recusar a alimentar.

Um padrão ansioso ou a manifestação de fobias é também comum naqueles que sofrem de esquizofrenia. Por seu lado, as capacidades de memória e de linguagem podem, igualmente, ser afetadas comprometendo o normal funcionamento do sujeito. Esporadicamente, podem ser notados comportamentos hostis e agressivos. A nível motor, existe a possibilidade de serem observados défices na coordenação e anomalias nos músculos da face.

De modo particularmente especial para o nosso estudo, destacam-se nesta patologia, os sintomas de despersonalização e desrealização. De modo agravante, esta patologia pode ser mais difícil de acompanhar quando a pessoa não reconhece a doença (anosognosia), resistindo a qualquer programa de intervenção clínica.

⁵⁵ Cf. APA, 138-141.

e) Perturbação Esquizofreniforme⁵⁶

Define-se, fundamentalmente, pelos mesmos sintomas da esquizofrenia (delírios, alucinações, desorganização do discurso, comportamento desorganizado ou catatónico e sintomatologia negativa). A grande diferença reside na duração. Neste caso, a perturbação persiste por um período mínimo de 1 mês e num máximo de 6 meses. Acima desta duração, o diagnóstico corresponderá à esquizofrenia.

f) Perturbação Esquizoafetiva⁵⁷

Neste caso, verifica-se a ocorrência de um episódio depressivo major ou maníaco, em simultâneo com dois (ou mais) sintomas que caracterizam, fundamentalmente, a esquizofrenia. Na ocorrência de um episódio maníaco (e num eventual episódio depressivo major), a perturbação esquizoafetiva será de tipo bipolar. Pelo contrário, se apenas forem notados episódios depressivos major, a especificação será do tipo depressivo.

g) Catatonia Associada a Outra Perturbação Mental⁵⁸

A catatonia pode surgir na caracterização de diversas perturbações mentais, particularmente, nas perturbações do neurodesenvolvimento, psicóticas, bipolares ou depressivas. A catatonia não se trata, portanto, de uma categoria independente, mas de um quadro sintomatológico que pode estar associado a outras perturbações mentais, ser devido a outras condições médicas ou surgir como efeito secundário de um medicamento.

No contexto das perturbações mentais, a catatonia é qualificada na presença mínima de 3 dos seguintes sintomas: estupor (imobilidade psicomotora ou ausência de resposta face ao ambiente em que se encontra); catalepsia (indução involuntária de uma postura corporal contra a gravidade); flexibilidade cêrea (resistência contrária à força exercida pelo examinador); mutismo (ausência total ou quase total de comunicação verbal); negativismo (relutância ou ausência de resposta face às diretrizes e/ou aos estímulos); postura corporal inapropriada (manutenção voluntária de uma postura contra a gravidade); maneirismo (caricatura ou reprodução estranha de atividades e funções normais); estereotipia (movimentos repetitivos sem propósito); agitação psicomotora na ausência de um estímulo que a provoque; caretas; ecolalia (repetição dos sons e da fala dos outros); ecopraxia (imitação de movimentos).

⁵⁶ Cf. APA, 136.

⁵⁷ Cf. APA, 147.

⁵⁸ Cf. APA, 163-164.

2.5. Perturbações de Ansiedade

a) Fobia Específica⁵⁹

Fundamentalmente, nesta perturbação, os indivíduos manifestam medo ou ansiedade elevada face a determinados objetos ou situações. Estes elementos despoletam aquelas reações somáticas de modo intenso, grave e imediato, levando a que o indivíduo tome medidas efetivas para os evitar.

A intensidade reativa varia de acordo com a proximidade ao elemento temido, podendo observar-se diferenças e alterações somáticas na antecipação ou na exposição direta ao mesmo. Quanto mais próxima e direta for a exposição, mais elevado será o medo e a ansiedade sentida. Em alguns casos, a situação pode levar ao desmaio. Convém referir que o medo e a ansiedade experimentada são, claramente, desproporcionais à realidade circunstancial.

b) Perturbação de Pânico⁶⁰

As pessoas afetadas por esta patologia experimentam ataques de pânico de modo inesperado e recorrente. Define-se como “ataque de pânico” uma crise súbita de medo e/ou desconforto significativo que atinge a sua máxima intensidade num período de minutos por meio de um conjunto mínimo de quatro dos seguintes sintomas: alterações do ritmo cardíaco e desconforto no peito; suores; tremores; desregulamento da respiração com sensação de falta de ar e asfixia; náuseas e desconforto abdominal; tonturas, desequilíbrio motor e sensação de perda dos sentidos; desregulação na perceção térmica, experimentando calor ou frio intensos; parestesias (sensação de dormência nos membros ou formigueiro); desrealização (perceção de se encontrar noutra realidade); despersonalização (desligamento ou separação de si mesmo); descontrolo situacional; receio de morte.

2.6. Perturbações Obsessivo-Compulsivas e Perturbações Relacionadas

a) Perturbação Obsessivo-Compulsiva⁶¹

De modo caraterístico, verifica-se nesta perturbação a ocorrência de obsessões, compulsões ou de ambas. As obsessões são definidas por pensamentos, impulsos ou imagens contínuas, persistentes e intrusivas que se geram contra a vontade do sujeito. Este conteúdo é percebido

⁵⁹ Cf. APA, 272-274.

⁶⁰ Cf. APA, 286-287.

⁶¹ Cf. APA, 323.

como desagradável e causador de ansiedade e desconforto. Para lidar com isto, o indivíduo procura ignorar ou neutralizar as obsessões através de outro pensamento ou ação (compulsão).

As compulsões formam-se, portanto, como uma resposta às obsessões, podendo ser realizadas por via de comportamentos repetitivos ou atos mentais. A maioria dos indivíduos refere que as compulsões, também designadas como rituais, são executadas para poder lidar com o desconforto provocado pelo conteúdo obsessivo ou para prevenir consequências negativas se não consumir aquela ação. Geralmente, os indivíduos com esta perturbação acusam, simultaneamente, obsessões e compulsões no seu quadro clínico.

O conteúdo das obsessões e das compulsões é bastante alargado e variável de acordo com a população afetada. Destacam-se para o interesse do nosso estudo, a ocorrência de pensamentos de teor sexual, obsceno, religioso ou sacrílego. Do mesmo modo se incluem os impulsos para maltratar, agredir violentamente ou matar alguém.

b) Perturbação Obsessivo-Compulsiva Induzida por Substância/Medicamento e Perturbações Relacionadas⁶²

Destaca-se no quadro clínico desta perturbação não só a presença de obsessões e compulsões, mas também, de lesões autoinfligidas como escoriações da pele, tricotilomania (arrancamento do cabelo e/ou pelo) ou comportamentos repetitivos. A partir da história clínica, da sujeição a um exame físico e do recurso a dados laboratoriais percebe-se, com segurança, que a sintomatologia é devida ao efeito de uma substância (cocaína, por exemplo), ou medicamento. Este efeito é desencadeado pela intoxicação, abstinência ou exposição direta àquele agente.

Do mesmo modo, podem ser despoletados os mesmos sintomas por uma condição fisiopatológica. Neste caso a perturbação obsessivo-compulsiva seria categorizada como “devida a outra condição médica”.

2.7. *Perturbações Relacionadas com Trauma e Fatores de Stress*

a) Perturbação de Stress Pós-Traumático⁶³

Assinala-se nesta patologia as consequências da exposição a eventos traumáticos, nomeadamente, a ameaças de morte concreta ou violência sexual. Após estes episódios traumáticos, a pessoa experimenta sintomas intrusivos que se podem manifestar na forma de lembranças recorrentes e involuntárias associadas a um intenso mal-estar; sonhos perturbadores; comportamento dissociativo no qual a pessoa atua como se estivesse,

⁶² Cf. APA, 349-353.

⁶³ Cf. APA, 366-368.

novamente, naquele contexto traumático perdendo até, nos casos mais graves, a consciência do espaço e do ambiente onde se encontra; mal-estar psicológico e/ou reações fisiológicas provocados pela associação de estímulos que se assemelhem ao evento traumático.

Neste quadro sintomático, a pessoa passa a evitar tudo aquilo que possa despoletar a memória, os pensamentos ou as emoções negativas que foram vivenciadas naquele acontecimento traumático. Este evitamento estende-se, portanto, a todo o tipo de estímulos que, de alguma forma, possam estar associados ao evento traumático, particularmente, a pessoas, conversas, locais ou objetos.

Posteriormente à exposição traumática, o indivíduo pode apresentar um prejuízo ao nível das cognições e do humor. É sintomática a incapacidade para recordar detalhes importantes do evento, a distorção avaliativa acerca das suas causas e consequências, ou a consideração extremamente negativa de si, dos outros e do mundo. Verifica-se, também, uma condição emocional, permanentemente, negativa marcada por expressões de medo, horror ou de raiva.

Associado ao evento traumático é também possível verificar mudanças na reatividade, notórias por uma conduta irritável ou por picos de raiva que se podem concretizar em agressões físicas ou verbais. Neste contexto, é também provável a ocorrência de atitudes imprudentes ou de um comportamento autolesivo.

De modo específico, podem ocorrer também manifestações de despersonalização (experiência de desprendimento de si mesmo, como se fosse um espectador dos seus próprios processos mentais e das suas ações motoras); e de desrealização (prejuízo na capacidade perceptiva que provoca a sensação de irreabilidade contextual).

2.8. Perturbações Dissociativas

a) Perturbação Dissociativa de Identidade⁶⁴

Trata-se da perturbação mais próxima dos relatos de possessão demoníaca. Caracteriza-se, fundamentalmente, pela manifestação de dois ou mais estados de personalidade distintos, algo que em certas culturas se toma por possessão.

Na forma possessiva desta perturbação, é frequente a crença de se estar possuído por um espírito ou um demónio que toma o total controlo dos seus comportamentos, cognições, emoções, discurso, memória, consciência, perceção sensorial, gestão dos impulsos e funções motoras. Neste contexto, a pessoa lesada sente-se impedida de parar aquela outra manifestação

⁶⁴ Cf. APA, 402-407;423-424.

identitária, figurando, como mera observadora despersonalizada perante o que se vai processando em si. Dá-se, portanto, uma clara descontinuidade no sentido do Eu.

Nesta disrupção de identidade, ocorre uma acentuada mudança nas características de personalidade da pessoa, sendo constatável uma alteração dos gostos pessoais, das atitudes e da própria identificação pessoal. O sujeito, sem qualquer controlo, vê o seu corpo tomado por uma identidade alheia completamente distinta, podendo figurar-se com outra idade, outro sexo, outro discurso e ação. Vemos, portanto, que no contexto desta patologia, as novas identidades podem manifestar-se como um ser espiritual ou como uma pessoa externa. Ou seja, tanto se podem apresentar como demónios, como enquanto outra pessoa falecida que agora fala e age através daquele corpo possuído.

Associado a este quadro, ocorrem também os sintomas da amnésia dissociativa cujo prejuízo afeta a memória autobiográfica, a capacidade de desempenho de tarefas para as quais estava anteriormente habilitado e funcional, ou o não reconhecimento dos bens que lhe pertencem. Posteriormente aos períodos de posse de outra identidade pode ocorrer amnésia daquilo que ocorreu, sinalizado por queixas de *blackouts* ou perda do sentido temporal.

Nestes doentes, é frequente a observação de comportamentos autolesivos, assim como sintomatologia depressiva, ansiedade, convulsões ou o abuso de substâncias.

Para além disto, é importante notar que as características desta perturbação podem ser influenciadas pelo ambiente sociocultural da pessoa, sobretudo, onde houver a consideração de que os sintomas antes descritos correspondem, diretamente, à posseção por espíritos, demónios, divindades ou criaturas míticas. É, também, pertinente verificar a aculturação ou o impacto intercultural do sujeito, na medida em que pode favorecer a caracterização de novas personagens capazes, inclusivamente, de falar outras línguas ou de apresentar outros hábitos e capacidades.

Para além de tudo isto, é possível que se apresente um quadro clínico com traços sintomáticos de perturbação dissociativa, mas que não cumpre integralmente os critérios de nenhuma patologia específica deste tipo. Por este motivo, passa a ser definida como “perturbação dissociativa com outra especificação” que o clínico deve apontar e descrever.

Assinala-se, neste contexto e a título exemplar, a possibilidade sintomática de transe dissociativo, um quadro complexo, que se caracteriza pela perda de consciência e total insensibilidade face aos estímulos ambientais. Este estado é acompanhado por movimentos motores estereotipados que escapam, totalmente, ao controlo do indivíduo que permanece num estado alterado de consciência.

b) Amnésia Dissociativa⁶⁵

Fundamentalmente, destaca-se, nesta patologia a incapacidade para recordar dados autobiográficos importantes. A amnésia pode registar-se de modo localizado ou seletivo quando ocorrem falhas na recordação de episódios circunscritos a um período temporal.

De modo mais grave, assinala-se a amnésia dissociativa generalizada na qual os indivíduos esquecem a própria identidade, perdem a noção do seu contexto e do curso mundial, e mostram incapacidade para desempenhar funções que outrora cumpriam sem limitação.

Neste contexto generalizado, a pessoa pode apresentar sintomas de fuga dissociativa, um padrão comportamental marcado pela desorientação e deambulação associada à perda da memória identitária. Pode verificar-se, também, nesta patologia a ocorrência de *flashbacks* dissociativos que se expressam pela revivescência comportamental de um acontecimento traumático.

Estes doentes podem, ainda, apresentar um historial de comportamento autolesivo e automutilante, assim como tentativas de suicídio e um padrão comportamental de risco. Assinalam-se, igualmente, os sintomas de despersonalização e de auto-hipnose, para os quais estes doentes, estão mais suscetíveis.

c) Perturbação de Despersonalização/Desrealização⁶⁶

Patologia caracterizada pela ocorrência repetida de experiências isoladas ou combinadas de despersonalização e desrealização. A despersonalização comporta experiências de distanciamento em relação a si mesmo, vivificadas como se fosse um observador externo dos seus próprios processos físicos e mentais, dos quais se encontra desligado e sem controlo. Vulgarmente, a pessoa lesada descreve esta perturbação pela sensação de estar fora do corpo. Ausência do Eu e distorções nos domínios perceptivo, emocional e temporal são sintomáticas deste quadro clínico.

Por sua vez, a desrealização refere-se aos períodos de irrealidade ou distanciamento contextual. O ambiente é percebido pelo doente como fictício, distorcido ou desvitalizado. Há uma clara alteração na perceção visual e auditiva.

⁶⁵ Cf. APA, 411-413.

⁶⁶ Cf. APA, 419-420.

2.9. Perturbações de Sintomas Somáticos e Perturbações Relacionadas

a) Perturbação de Sintomas Neurológicos Funcionais⁶⁷

Verifica-se nesta patologia uma vasta alteração da sintomatologia neurológica, especialmente, visível ao nível das funções motora, sensorial e discursiva. No domínio motor é possível verificar paralisias ou anormalidade motora na forma de tremores, espasmos e contrações. Neste contexto, pode observar-se um fechamento insistente dos olhos que, em alguns casos, é extremamente resistente à abertura.

No domínio sensorial pode observar-se um défice nas capacidades sensitivas da pele, da visão ou da audição, levando a que, neste contexto, a resposta aos estímulos possa ser nula ou insensível. A nível discursivo, assinalam-se alterações na articulação da fala ou a completa ausência comunicativa.

b) Perturbação Factícia⁶⁸

Esta perturbação define-se, fundamentalmente, pela falsificação ou simulação de sintomas médicos ou psicológicos. Este comportamento tanto pode ser simulado pelo próprio, como ser induzido ou imposto a outra pessoa. As formas de simulação são variadíssimas, pautando-se, em regra pelo exagero ou produção enganosa de sinais, sintomas e lesões. Falsas queixas neurológicas, manipulação de exames, ingestão de substâncias para deturpar testes laboratoriais, ou provocar lesões físicas são apenas alguns exemplos deste padrão patológico.

2.10. Perturbações da Alimentação e da Ingestão

a) Pica⁶⁹

Os indivíduos com esta perturbação, ingerem recorrentemente substâncias não nutritivas ou não alimentares. A panóplia destas substâncias pode ser muito variada, registando-se a ingestão de cabelo, terra, barro, pedras, tecidos, carvão, metais, tinta, entre muitos outros. Este comportamento varia de acordo com a idade e com as substâncias disponíveis. É importante sinalizar que este padrão comportamental pode ser verificado também noutras perturbações mentais, nomeadamente, na esquizofrenia, no autismo, ou na perturbação do desenvolvimento intelectual.

⁶⁷ Cf. APA, 440.

⁶⁸ Cf. APA, 448.

⁶⁹ Cf. APA, 453-454.

b) Perturbação de Ingestão Alimentar Evitante/Restritiva⁷⁰

Patologia marcada pela modificação do padrão alimentar, particularmente, observável na falta de interesse pela comida e na recusa de se alimentar. Este padrão provoca, naturalmente, uma acentuada perda de peso, graves défices nutricionais e alterações no funcionamento cognitivo.

2.11. Perturbação Do Sono-Vigília

a) Perturbações do Despertar do Sono sem Movimentos Oculares Rápidos⁷¹

Trata-se de uma parassónia (perturbação no padrão de sono ao nível comportamental, experiencial e fisiológico) definida por despertares na forma de sonambulismo ou terrores do sono.

Nos episódios de sonambulismo, a pessoa levanta-se e deambula sem expressão facial e com olhar vazio, sendo, na maioria dos casos, indiferente à comunicação dos outros. Denota bastante resistência em acordar. Por sua vez, os terrores do sono são caracterizados por despertares súbitos com comportamentos de pânico sinalizados por gritos, suores e taquicardia. Após os episódios de sonambulismo e terrores do sono, os indivíduos denotam dificuldade ou completa amnésia em relação ao sucedido.

b) Perturbação de Pesadelos⁷²

Nesta perturbação os indivíduos indicam a recorrência de sonhos extremamente desagradáveis e perturbadores que desencadeiam sentimentos de medo e ansiedade. Estes sonhos são claramente recordados e envolvem, por norma, situações perigosas e relacionadas com a sobrevivência. Para além deste foco, são também descritos sonhos relacionados com outros temas perturbadores e desencadeantes de uma carga emocional negativa.

É importante situar o indivíduo no seu contexto cultural, visto que a sensibilidade para determinadas crenças poderá desencadear o conteúdo e a significação dos seus sonhos.

2.12. Perturbações Disruptivas, do Controlo dos Impulsos e do Comportamento

a) Perturbação Explosiva Intermitente⁷³

Os indivíduos com esta perturbação denotam uma lacuna na capacidade de controlo dos impulsos agressivos. As explosões comportamentais acontecem de modo recorrente e num

⁷⁰ Cf. APA, 459.

⁷¹ Cf. APA, 548-549.

⁷² Cf. APA, 555-557.

⁷³ Cf. APA, 640-641.

período curto de tempo, não ultrapassando, habitualmente, os trinta minutos. Na maioria das vezes, estes impulsos descontrolados dirigem-se contra os familiares ou pessoas próximas do indivíduo.

Estas explosões ocorrem de modo abrupto, desproporcional e injustificado face à suposta provocação ou fator precipitante. O comportamento disruptivo é evidente na forma de agressões verbais e agressões físicas.

2.13. Perturbações Neurocognitivas

a) Delirium⁷⁴

Essencialmente, o delirium qualifica-se como uma perturbação aguda do estado de consciência. Neste quadro clínico, verificam-se alterações na capacidade de atenção e défices avaliativos em relação ao contexto envolvente, algo que resulta num estado alterado de consciência.

Este prejuízo da consciência implica outras funções cognitivas, provocando alterações significativas nas mesmas. É, por isso, observável o prejuízo do pensamento, da compreensão, da capacidade introspectiva e do autoconhecimento. Do mesmo modo, verificam-se défices de memória e de aprendizagem, desorientação temporal e espacial, transtornos linguísticos e, ainda, distorções perceptivas sob a forma de alucinações ou ilusões.

A labilidade emocional é outra marca nos indivíduos que sofrem delirium. De modo abrupto e imprevisível podem mudar o seu estado de humor que ora se expressa por sentimentos de alegria, ora por raiva e irritabilidade, tanto por euforia como por apatia. O prejuízo emocional pode observar-se, particularmente, por gritos, gemidos, pragas e todo o tipo de sons.

De realçar que o delirium resulta objetivamente de uma condição médica subjacente ou do efeito de alguma substância ou medicamento. Por este motivo, notamos o delirium presente em várias perturbações fisiológicas e aditivas.

b) Perturbação Neurocognitiva Major ou Ligeira⁷⁵

A característica basilar desta perturbação é o défice cognitivo e funcional. Genericamente, esta perturbação pode ser descrita também como demência. A distinção major ou ligeira aplica-se consoante a gravidade e a limitação funcional que os défices provocam no indivíduo.

Comparativamente ao seu desempenho anterior, a pessoa com esta patologia apresenta um declínio cognitivo que se pode estender a vários domínios, nomeadamente, à atenção, aprendizagem, memória, funções executivas (como a dificuldade em retomar o desempenho de

⁷⁴ Cf. APA, 819-820.

⁷⁵ Cf. APA, 823-829.

funções e tarefas antes executadas com facilidade), capacidade psicomotora, linguagem e competência social.

Esta alteração cognitiva geral pode ser, ainda, acompanhada por outros sintomas específicos, particularmente, agitação, ansiedade, perturbações do humor, sintomas psicóticos como alucinações e delírios, ou alterações comportamentais verificadas de modo agressivo, apático, desinibido ou disruptivo.

Esta variedade sintomática é especificada pelos critérios de diagnóstico de cada subtipo de perturbação neurocognitiva, entre as quais se destaca a doença de Alzheimer, a degeneração frontotemporal, a doença com corpos de Lewy (onde se observa, especialmente, a presença de alucinações), a doença vascular, doença dos príons (com prejuízo, particular, dos movimentos motores) a doença de Parkinson, entre outras. Estes subtipos distinguem-se pelos domínios cognitivos afetados, pela progressão e desenvolvimento temporal da perturbação e pelos sintomas de ordem cognitiva, comportamental e funcional.

2.14. Perturbações Relacionadas com Substâncias e Perturbações Aditivas

a) Perturbações Relacionadas com Substâncias⁷⁶

Sinalizam-se neste domínio geral um conjunto de substâncias que pela sua natureza e consumo excessivo potenciam a ativação do sistema de recompensa cerebral, cuja função está ligada ao reforço dos comportamentos. Estas substâncias ativam de tal modo aquele sistema de prazer que outras ocupações passam a ser negligenciadas por não atingirem o mesmo potencial. O sistema de reforço passa, então, a estar ligado a um comportamento prejudicial que se pode tornar aditivo.

Entre as substâncias destacamos o álcool, a canábis, os alucinogénios (*ecstasy* e LSD), os estimulantes (cocaína e anfetaminas), os opioides (morfina, heroína e metadona), os inalantes (combinação de substâncias tóxicas com potencial psicoativo) e os sedativos, hipnóticos e ansiolíticos (classe de medicamentos geralmente prescritos para o controlo da ansiedade e problemas de sono).

O consumo destas substâncias provoca alterações significativas nos domínios cognitivo, comportamental e fisiológico, sobretudo se prolongadas no tempo. Particularmente, os efeitos derivados da intoxicação ou da abstinência destes produtos podem induzir o perfil sintomatológico de várias perturbações mentais já antes descritas, nomeadamente, perturbações

⁷⁶ Cf. APA, 659-670.

psicóticas, perturbações bipolares, perturbações neurocognitivas, perturbações depressivas ou delirium.

Torna-se, portanto, necessário apurar a etiologia destas perturbações por meio de testes e análises laboratoriais. Confirmado o agente causador, os sintomas despoletados tendem, por norma, a desaparecer após a cessação do uso das substâncias aditivas ou medicamentosas em questão. De modo mais grave, as sequelas de certas perturbações neurocognitivas, pela sua natureza irreversível, tendem a permanecer nos casos de abuso prolongado.

2.15. Perturbações de Personalidade

a) Perturbação Esquizoide da Personalidade⁷⁷

Denota-se, fundamentalmente, um afastamento nas relações interpessoais e uma expressividade emocional bastante reduzida que transmite a impressão de serem pessoas frias, vazias, insensíveis e distantes. Tipicamente, estes doentes não retiram prazer dos contatos sociais, inclusive, dos seus familiares de quem tendem a afastar-se. Privilegiam, assim, a solidão e apresentam um conjunto de interesses extremamente limitado. A fruição das atividades em geral é restrita ou inexistente.

b) Perturbação Esquizotípica da Personalidade⁷⁸

Substancialmente, estes doentes apresentam défices relacionais acentuados, distorções nos domínios cognitivo e perceptivo e, ainda, um padrão comportamental excêntrico ou bizarro. Neste contexto, é comum a existência de ideação delirante e de crenças supersticiosas ou de teor mágico como a telepatia ou a convicção de possuírem uma capacidade sobrenatural. O seu comportamento, aparência e discurso torna-se, conseqüentemente, bizarro, excêntrico e desconfigurado da realidade. A juntar a esta condição, registam-se alterações perceptivas que se podem fazer notar pela audição de vozes inexistentes.

c) Perturbação Estado-Limite (Borderline) da Personalidade⁷⁹

As pessoas com esta patologia apresentam, geralmente, um padrão de instabilidade relacional, um prejuízo na perceção da própria identidade e um défice no controlo emocional e impulsivo.

Ao nível identitário, particularmente, destacam-se alterações repentinas e oscilantes na sua própria noção pessoal. Observam-se, por isso, mudanças súbitas nas características da sua

⁷⁷ Cf. APA, 901-902.

⁷⁸ Cf. APA, 905-906.

⁷⁹ Cf. APA, 914-916.

personalidade e no seu comportamento, podendo ter-se, ora como malévolas, ora como benévolas. Esta flutuação na autoimagem pode chegar a extremos de considerar que não existem enquanto pessoas. A sintomatologia dissociativa tem, como podemos constatar, uma forte probabilidade de ocorrer neste contexto clínico.

Dentro deste quadro, assinala-se, também, a instabilidade afetiva e o descontrolo impulsivo, que tanto pode ser observável por meio de injúrias verbais e acessos de raiva intensa, como pelo envolvimento extremo em agressões físicas. No seu padrão comportamental podem também ocorrer automutilações e tentativas de suicídio, sobretudo motivadas pela sintomatologia dissociativa.

d) Perturbação Histriónica da Personalidade⁸⁰

Os indivíduos com esta perturbação distinguem-se por uma emotividade exacerbada, comportamento sexualmente provocador e pela contínua procura de serem o centro das atenções. Para garantirem este foco, podem inventar histórias e criar cenários dramáticos que se fazem acompanhar por alterações repentinas na sua expressividade emocional. Por serem altamente sugestionáveis, enveredam facilmente na opinião de outras pessoas ou aderem a qualquer teoria. Juntando isto à busca de atenção e teatralidade emocional, podemos encontrar nos contextos de libertação demoníaca um meio propício para a apresentação de pessoas com esta patologia mental.

2.16. Perturbações do Movimento Induzidas por Medicamentos e Outros Efeitos Adversos de Medicamentos

a) Síndrome Maligna dos Neurolépticos⁸¹

Tal como indica o título deste grupo de perturbações, o agente provocador das mesmas é o efeito secundário de medicamentos. Nesta patologia, em particular, observa-se uma rigidez generalizada que pode ser acompanhada de contrações involuntárias, tremores, hipersalivação e dificuldades na deglutição. Tipicamente, no início desta síndrome, ocorrem alterações no estado de consciência e delirium, podendo, ainda, verificar-se uma não resposta aos estímulos sensoriais. Geralmente, este quadro sintomático é despoletado pelo efeito secundário de antagonistas dopaminérgicos, como é o caso dos medicamentos antipsicóticos.

⁸⁰ Cf. APA, 921-922.

⁸¹ Cf. APA, 983-984.

b) Distonia Aguda Induzida por Medicamentos⁸²

A distonia define-se como um distúrbio neurológico provocador de contrações musculares involuntárias e espasmos. Neste caso concreto, a distonia é provocada pelo efeito adverso de medicamentos, na maioria dos casos, antipsicóticos. Os seus sintomas podem fazer-se sentir em qualquer parte do sistema muscular, tanto de modo localizado como generalizado. De modo frequente, é visível o prejuízo dos músculos oculares, com movimentos involuntários que provocam o desvio dos olhos para cima e para outras posições.

Como é expectável, estes doentes evidenciam, tipicamente, um estado de medo e ansiedade devido à intensidade dos sintomas e à incapacidade de controlar os movimentos.

2.17. *Perturbações Neurológicas*

a) Epilepsia

Apesar de não ser, propriamente, considerada uma perturbação mental, mas antes uma perturbação neurológica, achamos pertinente mencionar a epilepsia a título excecional neste estudo, atendendo ao facto de que a sua sintomatologia é muitas vezes suscetível de confusão com ataques de origem demoníaca, tais como a possessão e a vexação.

Diz-nos a Sociedade Portuguesa de Neurologia que «a epilepsia é uma doença do sistema nervoso central que provoca descargas elétricas anormais dos neurónios, podendo resultar em sintomas variados, dos quais o mais comum é a convulsão».⁸³

Quando uma crise convulsiva se desencadeia, verifica-se uma perda de consciência na pessoa afetada, os seus membros ficam rígidos e são afetados por tremores extremamente violentos. Também na boca se verificam anomalias, podendo a pessoa correr o risco de morder a própria língua. Na violência destes episódios, os circundantes devem procurar garantir a segurança do local, desimpedindo obstáculos e afastando objetos potencialmente lesivos. Estas crises têm uma duração normativa de dois a três minutos e após as mesmas a pessoa recupera, gradualmente, o seu estado de consciência.⁸⁴

Existe também outro tipo frequente de crise na epilepsia que se designa por “ausência”. Nesta, ocorre uma paragem do comportamento, o olhar da pessoa fica completamente alheado, não responde a estímulos e notam-se ligeiros movimentos automáticos. A duração da crise é igual à das convulsões e a pessoa não recorda o que lhe sucedeu.⁸⁵

⁸² Cf. APA, 985-986.

⁸³ Pedro Correia, «Epilepsia: O que é, como se Diagnostica e Trata, o que Fazer Perante uma Crise?», acedido a 20 de maio de 2025, <https://www.spneurologia.com/noticias/epilepsia-o-que-e-como-se-diagnostica-e-trata-o-qu/56>.

⁸⁴ Cf. Correia, «Epilepsia: o que é, como se Diagnostica e Trata, o que Fazer Perante uma Crise?».

⁸⁵ Cf. Correia, «Epilepsia: o que é, como se Diagnostica e Trata, o que Fazer Perante uma Crise?».

3. Balanço Clínico

Chegados a este ponto, é altura de efetuarmos uma síntese daquilo que temos vindo a discutir. Analisada a longa diversidade das perturbações mentais que se podem confundir com os sintomas apontados pelos exorcistas enquanto sugestivos de perturbações demoníacas, conseguimos dar-nos conta da importância e da necessidade do suporte dos profissionais de saúde no sentido de apurar um diagnóstico de causa natural e cientificamente justificável.

Percebemos o modo como estas perturbações mentais, pelo conjunto das suas características e sintomas, podem fazer pressupor a um exorcista precipitado e mal preparado neste campo de saber, de que o problema que constata é de ordem demoníaca, induzindo-o num erro diagnóstico que poderá ser interventivamente acentuado na medida em que colocará uma pessoa em situação de fragilidade mental em risco de ver agravado o seu estado de saúde inicial. A este respeito, já admitia há cerca de cem anos um exorcista jesuíta, de que muitos sacerdotes caem em erros graves de diagnóstico devido à ignorância que manifestam no campo das patologias mentais e no desrespeito da observação das normas deste ministério que exige a prudência e a consulta de peritos que descartem a hipótese de uma perturbação mental. Consequentemente, acabam por atribuir ao demónio a responsabilidade de perturbações que são de origem puramente natural.⁸⁶

Por este motivo, será pertinente uma preparação dos exorcistas ao nível do aprofundamento científico na área da saúde mental, de modo que tomem consciência do terreno difuso em que se movem.⁸⁷ Esta é, aliás, uma das preocupações da Associação Internacional de Exorcistas que desde a sua fundação tem salientado a importância formativa, efetuando pontes com os profissionais de saúde num diálogo aberto e qualificado que se tem revelado frutífero na sua atividade prática.⁸⁸

Os profissionais de saúde serão fundamentais neste contexto, tendo em conta que o seu conhecimento científico aliado à experiência profissional que possuem lhes garantirá a capacidade de perceber se um determinado caso tem ou não uma explicação e um enquadramento clínico correspondente.

O seu mais valioso auxílio será, assim, no sentido de despistar e assegurar que nenhuma causa natural poderá explicar um determinado fenómeno, deixando aberta a possibilidade para uma causa sobrenatural, cuja explicação caberá ao âmbito da fé.⁸⁹

⁸⁶ Cf. Gallagher, *Enemigos Demoníacos*, 120.

⁸⁷ Cf. Gallagher, 243.

⁸⁸ Cf. Gallagher, 163.

⁸⁹ Cf. Gallagher, 120-121.

E porque se abre este limiar entre o natural e o sobrenatural, é altura de partirmos para o próximo capítulo onde discutiremos alguns pontos que não se fazem tão clarividentes. Exorcistas e profissionais de saúde mental colocam os seus dados e conhecimentos em campo aberto para apurar, finalmente, qual será o agente responsável pelas perturbações e considerar a hipótese de uma intervenção pastoral de libertação.

CAPÍTULO 3

DISCERNIMENTO E CURA PASTORAL NO ÂMBITO DOS EXORCISMOS

Para servir e cuidar da pessoa humana em situação de fragilidade, importa ter em conta o contributo do saber teológico e do saber científico, não como áreas incontactáveis, mas abertas à comunicação, à confrontação de ideias, ao debate livre e sincero sem apriorismos desnecessários que em nada contribuem para o progresso do conhecimento e em nada resolvem o sofrimento de quem vive um quadro sintomático atípico e controverso. Como salienta o número 36 da *Gaudium et Spes*, a via de abordagem neste contexto concretiza-se numa salutar relação entre teologia e ciência.

Assumindo esta perspetiva, colocamos agora em diálogo os dados teológicos e científicos anteriormente analisados para, então, elaborarmos neste plano de interceção temática um discernimento capaz de oferecer na prática pastoral uma orientação para a subsequente resposta interventiva.

Este perfil interventivo situa-se no âmbito da relação pastoral de ajuda e concretiza-se, antes de mais, por um acolhimento gratuito, sem qualquer nota de rejeição ou condenação, mas revelado no autêntico testemunho da compaixão cristã. Inclinar o coração ao sofrimento dos irmãos, escutar as suas mágoas e dores e aplicar, por meio da Igreja, o bálsamo regenerador de Cristo. O acolhimento abre, assim, espaço ao processo de discernimento e à cura pastoral que, em casos extraordinários, poderá passar pela celebração do *Ritual dos Exorcismos*.

Com toda a bagagem teológica e clínica que recolhemos no estudo precedente, estamos agora neste terceiro capítulo em condições favoráveis para efetuar um discernimento fundamentado entre as perturbações demoníacas e as perturbações mentais. Atingido este objetivo, projetaremos, então a cura pastoral no âmbito da atividade extraordinária do demónio, um plano possível de concretizar por meio da execução objetiva de seis pontos fundamentais: formação preventiva e acolhimento pastoral; preparação para o contexto dramático dos exorcismos; exigência e preparação espiritual para a vivência do ministério de exorcista; aspetos rituais da celebração do exorcismo; consciencialização dos fatores condicionantes no processo de cura pastoral; e, finalmente, apresentamos um projeto sugestivo para a inclusão de uma Pastoral de Cura e Libertação nas dioceses portuguesas. Passamos, então, à reflexão prática destes conteúdos.

1. Discernimento entre perturbações demoníacas e perturbações mentais

Concluída a ampla observação patológica do capítulo anterior, temos por adquirido que alguns dos sintomas mencionados nos casos de obsessão, vexação e possessão demoníaca podem ser contextualizados em diversos quadros de perturbação mental. Este trabalho de análise justifica, portanto, as disposições atuais do *Ritual Romano da Celebração dos Exorcismos* que recomenda a consulta de peritos em ciência médica e psiquiátrica a fim de apurar a eventualidade de uma patologia.¹

Esta prudência é, aliás, desde longa data, aconselhada pela Igreja no exercício deste ministério particular. Veja-se a advertência do Sínodo Nacional de Reims no ano de 1583 que menciona que em muitos casos, aqueles que se creem dominados pelo demónio e necessitados do ministério do exorcista, precisam antes da ajuda de um médico para resolver os seus problemas.²

Na verdade, o psiquiatra Richard Gallagher, figura experiente e de referência na área do diálogo entre a fé e a razão, confirma que são numerosos os casos que se apresentam à observação clínica convictos de serem vítimas de ataques demoníacos. Face à complexidade das suas perturbações mentais, alguns doentes acabam por projetar no demónio a sua causa e responsabilidade, acreditando que uma cura simples de carácter mágico e imediato poderia solucionar os problemas e terminar o seu sofrimento.³

No entanto, notamos que as perturbações anteriormente mencionadas não justificam tudo, havendo sintomas extraordinários descritos pelos exorcistas que permanecem sem qualquer enquadramento ou explicação do ponto de vista científico. São sinais que fogem da órbita natural e que nos fazem questionar uma eventualidade sobrenatural. O ceticismo que marca e dirige a investigação científica fica, obviamente, abalado à vista de provas que questionam a plausibilidade das leis físicas e naturais. Sem qualquer enquadramento lógico, estes sinais colocam em crise os profissionais de saúde e a sua própria epistemologia que não lhes consegue responder de modo satisfatório.⁴

Destacamos, sinteticamente, alguns desses sintomas extraordinários começando, desde logo, pelos três sinais apontados no *Ritual Romano da Celebração dos Exorcismos* como caraterísticos de possessão demoníaca: capacidade de falar e entender idiomas previamente

¹ Cf. CEP, *Ritual Romano da Celebração dos Exorcismos*, 15-16.

² Cf. Dermine, «O Discernimento dos Espíritos», 387.

³ Cf. Gallagher, *Enemigos Demoníacos*, 111.

⁴ Cf. Gallagher, 63.

desconhecidos; revelar coisas ocultas e distantes sem qualquer informação antecedente; e manifestar força física muito acima do esperado para a idade ou condição natural da pessoa.⁵

Como já dissemos antes, neste quadro extraordinário da ação demoníaca verifica-se sempre e invariavelmente uma aversão a tudo o que se refira a Deus, ao conteúdo da fé católica em geral, aos sacramentos, aos sacramentais e a todos os espaços sagrados como igrejas, capelas, santuários ou cemitérios. É notório o mal-estar que sentem nestes locais e ambientes e a recusa que manifestam para neles entrarem ou permanecerem.⁶

Além destes, a práxis exorcística que havíamos exposto no ponto número 6 do primeiro capítulo, acrescentava ainda outros sinais indicativos de uma ação extraordinária do demónio. Entre o universo daqueles sinais, geram maior perplexidade os seguintes: capacidade para ver num ambiente totalmente escuro, conseguindo ler sem dificuldades nestas condições; elevada capacidade teológica em sujeitos sem qualquer formação prévia; capacidade de responder a ordens dirigidas em silêncio; revelar aquilo que está abençoado sem conhecimento prévio; ser controlado de modo violento por uma força oculta que agride, arrasta ou levita o corpo da pessoa; ser transportado para longas distâncias do local onde se encontrava; ser vítima de sinais e lesões físicas que surgem misteriosamente no corpo e que desaparecem repentinamente sem deixar qualquer marca; lesões que desaparecem perante a ordem do exorcista, mas que voltam imediatamente a manifestar-se visíveis quando aquele ordena audível ou silenciosamente que assim aconteça; ser vítima de objetos que se movem autonomamente; não se alimentar durante vários dias ou semanas e, mesmo assim, não serem observadas alterações no peso corporal ou qualquer diminuição da força ou energia, que geralmente tende até a aumentar; vomitar todo o tipo de objetos sem que os exames detetem a sua presença no aparelho digestivo.

No parecer dos exorcistas, são sinais certos e evidentes da ação extraordinária do demónio. A simples constatação dos mesmos, por mais cética que seja, obriga a admitir que estamos perante uma realidade de outra ordem, visto que a condição humana não está dotada deste género de capacidades.⁷

Poderíamos, ainda, acrescentar outros sintomas bizarros e extraordinários que serviriam para reforçar, mormente, a evidência de que no campo demoníaco a atividade é multiforme, diversificada e não respeitadora dos cânones e limites naturais. Porém, acreditamos que estes serão suficientes para esclarecer que entrámos num domínio distinto que nos projeta a superar os parâmetros da lógica científica.

⁵ Cf. CEP, *Ritual Romano da Celebração dos Exorcismos*, 16.

⁶ Cf. CEP, 16

⁷ Cf. Gallagher, *Enemigos Demoníacos*, 91-92.

No esgotamento de respostas naturais, possíveis de alcançar através do uso de técnicas de avaliação médica, é necessária, nestes casos, a humildade e a coragem para admitir uma possível ação de carácter sobrenatural que, segundo o psicanalista Philippe Madre, a ciência não consegue negar de forma válida e convincente nos seus argumentos.⁸

Neste campo cientificamente inexplicável, é simbólico um caso ocorrido entre o Padre Cândido Amantini (célebre exorcista que exerceu o ministério na Diocese de Roma ao longo de trinta e seis anos e que formou o Padre Gabriel Amorth) e um amigo psiquiatra a quem pediu auxílio no discernimento de uma jovem estudante universitária.⁹

Depois de a observar, o médico decidiu prescrever-lhe uma medicação para a sintomatologia que apresentava. Estando separados por uma mesa comprida, quando o médico começa a escrever a receita médica, a jovem com uma voz distinta e profunda, alonga espantosamente o braço por cerca de dois metros, rasga o papel, lança-o no lixo e diz-lhe: «essa porcaria não me serve para nada».¹⁰ Contava, então, o Padre Cândido que o amigo psiquiatra havia apanhado um susto como nunca antes.

Também o psiquiatra Richard Gallagher, que atendeu no seu consultório uma paciente capaz de ver e descrever as pessoas à distância e conhecer, precisamente, os dados pessoais e privados de indivíduos com quem nunca tivera contato direto relatou, de modo particular, uma situação ocorrida em direto numa chamada telefónica com um sacerdote exorcista. Quando os dois debatiam o caso, a chamada foi inesperadamente interrompida por uma voz que dizia ao exorcista: «avisamos-te que a deixes em paz, seu padre nojento. Ela pertence-nos a nós, e não a ti. Vais arrepender-te!».¹¹ Surpreendido e atemorizado com o que havia acabado de escutar, Richard Gallagher perguntou ao exorcista se tinha ouvido o mesmo que ele, ao que respondeu afirmativamente e acrescentou, ainda, que já tinha escutado as vozes de diversos demónios em casos de gravidade similar.¹²

Estes dois casos ilustrativos são, especialmente, pertinentes na medida em que nos oferecem o testemunho perplexo e direto de dois médicos que atestam pela sua prática clínica a ocorrência de sintomas para os quais não têm explicação nem solução. São também representativos da sintonia entre exorcistas e profissionais de saúde, no sentido em que ambos testemunham o mesmo fenómeno extraordinário e se dão conta de que a resposta terapêutica passará, necessariamente, pela intervenção da fé.

⁸ Cf. Dermine, «O Discernimento dos Espíritos», 390.

⁹ Cf. Amorth, *Exorcistas e Psiquiatras*, 108-109.

¹⁰ Amorth, 108-109.

¹¹ Gallagher, *Enemigos Demoníacos*, 63.

¹² Cf. Gallagher, 63.

Igualmente rendidos a estas provas de manifestação sobrenatural, muitos médicos e profissionais de saúde de renome mundial admitem a ação extraordinária do demónio, embora nem todos tenham a coragem de abordar o tema publicamente, o que seria vantajoso, não só do ponto de vista do aprofundamento e evolução do tema, mas também na redução do estigma e desinformação que prolifera nesta área.¹³

Há, porém, notáveis exceções no campo científico, figuras como as que temos vindo a citar neste estudo e que têm contribuído para lhe dar forma, sustentabilidade e credibilidade. Além destas há também outras que, igualmente, reconhecem a realidade da ação demoníaca, entre as quais se destaca um erudito psiquiatra da universidade de Harvard, assim como o famoso médico Joe English que, inclusive, já foi presidente da Associação Americana de Psiquiatria e que admitiu ter testemunhado na sua prática clínica um real e inequívoco caso de possessão demoníaca.¹⁴

Como podemos verificar, permanecem muitos dados sem resposta no domínio científico. E o que se ganha com a obstinação de tudo querer justificar no seu âmbito limitado de ação? Rigorosamente nada, apenas continua o agravamento do estado de quem sofre sem a ajuda adequada. Justamente por isso, o psiquiatra Salvador di Salvo relembra aos seus colegas de profissão que existem sintomas para os quais a sua ciência não possui uma justificação plausível, visto ultrapassarem a esfera daquilo que pode ser objetivamente demonstrável.¹⁵

Giorgio Gagliardi, médico e psicoterapeuta italiano, acrescenta, por isso, que os profissionais de saúde devem cultivar uma atitude humilde diante dos seus limites de ação. Colocando o bem-estar da pessoa humana em primeiro lugar, devem contribuir com todo o seu saber e experiência e valer-se de todos os seus métodos de avaliação e pesquisa, sabendo que existe um outro campo de investigação teológica que não dominam nem lhes compete avaliar. Cada agente de ação tem limites. Isto tanto vale para o clínico como para o exorcista. Nem o primeiro efetua um discernimento espiritual, nem o segundo elabora uma avaliação fisiopsicológica. Ambos colaboram, sim, na promoção da pessoa humana tendo bem presente que a palavra colaborar não significa confundir.¹⁶

Importa, por isso, situar as perturbações demoníacas num domínio particular de análise: é uma questão de base teológica que admite a consulta da ciência médica no processo de discernimento e intervenção pastoral.

O discernimento espiritual, como podemos imaginar, é uma tarefa sacerdotal exigente. No exercício de apurar uma eventual ação extraordinária do demónio será necessário, antes de

¹³ Cf. Gallagher, 11-12.

¹⁴ Cf. Gallagher, 24.

¹⁵ Cf. Amorth, *Exorcistas e Psiquiatras*, 196.

¹⁶ Cf. Gagliardi, «Collaborazione del Medico con l'Exorcista», 296-300.

mais, pedir humildemente ao Espírito Santo para que conceda o dom do discernimento, visto que o demónio é o «pai da mentira» (Jo 8,44) e tudo fará no sentido de confundir e enganar. Este é o princípio fundamental e necessário para que o exorcista possa desempenhar o seu ministério com eficácia.¹⁷

Para além de enganador, convém lembrar que o demónio é uma criatura angélica extremamente inteligente, e como tal, conhece na perfeição os sintomas que acompanham uma determinada patologia mental. Logicamente, que o DSM não será um manual estranho para ele, podendo até utilizá-lo para atingir o seu propósito. Dizemos isto porque, em alguns casos, o demónio poderá imitar os sintomas de uma perturbação mental com o objetivo de enganar o exorcista, convencendo-o de que o problema não é de ordem espiritual e que ele não se encontra a intervir de modo extraordinário naquela pessoa.¹⁸

A fim de advertir e consciencializar acerca desta possibilidade, o *Ritual Romano da Celebração dos Exorcismos* aconselha o exorcista a cultivar uma atitude de especial vigilância e atenção «para não se deixar iludir pelas artes e fraudes que o diabo utiliza para enganar o homem, de modo a persuadir o possesso a não se submeter ao exorcismo, sugerindo-lhe que a sua enfermidade é apenas natural ou do foro médico».¹⁹

Ou seja, o demónio tanto pode dissimular uma perturbação mental nos seus sintomas, como pode persuadir o possesso e o exorcista de que o caso é da responsabilidade clínica e não espiritual. São seres extremamente inteligentes e, como tal, fazem valer a sua capacidade de reprodução para confundir os exorcistas e os profissionais de saúde no diagnóstico diferencial. Como podemos calcular, nestes casos em que o demónio se esconde e dissimula por meio de traços naturais, o discernimento sacerdotal será, ainda, mais exigente.²⁰

Será, de facto, a argúcia do Espírito Santo a inspirar ao exorcista que quem ali opera é, de facto, o demónio. O Padre José Antonio Fortea refere que é comum e suspeito nestas ocasiões verificar a forma como o demónio, através da pessoa, se ri do sacerdote enquanto ele reza, procurando, simultaneamente, convencê-lo a ele e aos presentes que o que ali se verifica é de ordem psicológica, acompanhando este apelo desesperado com os gestos e comportamentos típicos de uma perturbação mental.²¹

¹⁷ Cf. Alessandro Olivieri Pennesi, «Alcuni Criteri di Discernimento delle Situazioni per le quali le Persone Chiedono di Incontrare un Esorcista», em *Atti del Convegno Nazionale Esorcisti Italiani: 9-13 Settembre 2013*, ed. Associazione Internazionale Esorcisti (Roma: s.ed., 2013), 65.

¹⁸ Cf. Fortea, *Summa Daemoniaca*, 143-144.

¹⁹ CEP, *Ritual Romano da Celebração dos Exorcismos*, 15-16.

²⁰ Cf. Gallagher, *Enemigos Demoníacos*, 121.

²¹ Cf. Fortea, *Summa Daemoniaca*, 143-144.

De modo exemplar, é provável na fase do discernimento que o demónio questione o exorcista em tom de riso dizendo: «que tolice está a recitar? [...] ou ainda, se está a tentar convencê-lo de que está possesso».²²

Neste propósito dissimulador pode até mesmo, com todo o respeito e cordialidade, pedir perdão ao exorcista pelo seu riso, justificando: «perdoe, mas é que me diverte aquilo que está a fazer, parece-me uma tolice».²³ Sugestivo em tudo isto será o facto de a pessoa não recordar nenhuma destas afirmações no final do discernimento, um forte indício de que o demónio está, de facto, presente e a utilizar a estratégia da dissimulação.²⁴

Nestes casos em que existem fortes suspeitas de uma presença demoníaca dissimulada, aconselha-se a insistência nas orações e nos métodos de discernimento que, por fim, acabarão por forçar o demónio a ceder e a manifestar a sua presença.²⁵

Como temos vindo a analisar, os distúrbios de origem demoníaca fazem-se presentes por um conjunto de sinais e sintomas específicos. Obviamente, terá maior certeza diagnóstica um quadro que apresentar um número mais elevado de sintomas, sobretudo se estes não se enquadrarem de modo algum em qualquer justificação natural, como vimos anteriormente. Na ótica desta sintomatologia plural, a *Summa Daemoniaca* qualifica, por exemplo, a possessão como uma «síndrome»,²⁶ tomando de empréstimo um termo médico para esclarecer e reforçar que é no conjunto dos sinais que se definem e caracterizam as perturbações demoníacas.

Por outro lado, quando se verificarem isoladamente um ou vários sintomas naturais desligados de qualquer teor ou quadro extraordinário, não estaremos diante de um contexto de libertação demoníaca, mas puramente clínico.²⁷

Discernir corretamente será, assim, fundamental para estabelecer uma posterior resposta terapêutica de índole natural ou espiritual. Valter Cascioli, médico psiquiatra que integra a Equipa de Primeira Escuta e Discernimento da Diocese de Roma e que é conselheiro científico da Associação Internacional de Exorcistas, defende que é possível estabelecer um diagnóstico diferencial entre distúrbios de ordem psíquica e distúrbios de ordem demoníaca. Valendo-se dos instrumentos de avaliação clínica e considerando a fenomenologia própria das duas ordens de distúrbio, conseguimos aproximar-nos da verdade.²⁸

De modo geral, Richard Gallagher estabelece como diferença fundamental entre os dois domínios, o facto de as pessoas com perturbações mentais não evidenciarem rasgos e

²² Fortea, 144.

²³ Fortea, 144.

²⁴ Cf. Fortea, 144.

²⁵ Cf. Fortea, 143-144.

²⁶ Fortea, 140.

²⁷ Cf. Nanni, *Il Dito di Dio e il Potere di Satana*, 271.

²⁸ Cf. Pennesi, «Alcuni Criteri di Discernimento delle Situazioni per le quali le Persone Chiedono di Incontrare un Esorcista», 68-69.

manifestações sobrenaturais. Deste ponto basilar se parte e desdobra, então, para uma análise mais minuciosa e aprofundada.²⁹

Reparámos, anteriormente, no ponto número 2 do segundo capítulo, que são várias as perturbações mentais com sintomatologia próxima aos casos de ação extraordinária do demónio. Se umas são mais fáceis de apurar pela circunscrição dos seus sintomas à esfera natural, outras, porém, cruzam uma complexidade de sinais que, à primeira vista, podem confundir quem os observa e avalia, tendendo a categorizar como demoníaco aquilo que não o é na sua origem.

Entre o universo de perturbações mentais que estudámos, destacam-se cinco que geram maior confusão e debate neste meio: no confronto sintomático com a possessão demoníaca, temos a esquizofrenia, a perturbação dissociativa de identidade e a perturbação bipolar; na distinção com a vexação demoníaca, temos a perturbação factícia; e na comparação com a obsessão demoníaca, temos a perturbação obsessiva-compulsiva.

São perturbações representativas da globalidade de perturbações que estudámos. Começamos por efetuar uma diferenciação mais ampla entre os distúrbios de origem demoníaca e a generalidade das perturbações mentais, para depois nos dedicarmos à distinção pormenorizada daquelas patologias mais próximas e geradoras de confusão.

Desde logo, no âmbito diagnóstico, é importante referir que não existe método avaliativo na ciência médica que seja capaz de detetar uma verdadeira ação demoníaca. É lógico que o demónio escapa a todas os exames, instrumentos e técnicas de avaliação médica. A pessoa oprimida por uma ação extraordinária do demónio, ao sujeitar-se à avaliação clínica, não obtém uma explicação lógica para a génese dos seus problemas. Só os métodos de discernimento utilizados no exercício do ministério de exorcista serão capazes de fazer notar a presença do demónio e acusar a sua ação.³⁰

Portanto, quando uma patologia for de ordem natural, os exames médicos detetam a sua génese e justificam os seus sintomas. Por outro lado, quando o problema for de ordem demoníaca, apesar de todos os exames físicos e mentais estarem nos parâmetros saudáveis, continuará a ocorrer na pessoa um sofrimento oculto e real provocado pela ação extraordinária do demónio.³¹

Para além disto, no âmbito do tratamento, também nos indicia fortemente a presença de um distúrbio de origem demoníaca quando a administração de fármacos psicotrópicos não surte qualquer efeito ou melhoria no quadro clínico da pessoa, provocando mesmo o seu contrário.

²⁹ Cf. Gallagher, *Enemigos Demoníacos*, 122.

³⁰ Cf. Gallagher, 14.

³¹ Cf. Gallagher, 134-135.

Se estivermos diante de uma perturbação de causa natural, as terapias farmacológicas provocarão, biologicamente, uma alteração somática e comportamental no indivíduo que, por sua vez, poderá manifestar uma melhoria no seu quadro clínico.³²

Porém, não é isso que se verifica nestes casos excepcionais, podendo acontecer, a título exemplar, que um fármaco sedativo, ao invés de diminuir a força e a agitação motora, não provoque outro efeito senão o seu aumento. Isto será válido para a generalidade das perturbações antes elencadas, oferecendo-nos um forte indício sobrenatural dos distúrbios.³³ Neste plano, nem os fármacos nem a psicoterapia se mostram eficazes. O demónio não lhes responde nem lhes obedece porque ultrapassa essa dimensão meramente física e natural. A terapia terá de ser, necessariamente, de ordem espiritual.³⁴

De facto, nos casos de autêntico distúrbio de origem demoníaca, só os exorcismos e as orações de libertação serão capazes de produzir efeitos benéficos na pessoa. Este foi um dado recolhido a partir de um estudo efetuado pela Associação Italiana de Psicólogos e Psiquiatras Católicos, dirigido pelo psiquiatra Tonino Cantelmi, professor de psicopatologia na Universidade Gregoriana e de psiquiatria no Ateneo Pontifício Regina Apostolorum, envolvendo pessoas que haviam sido submetidas a rituais de exorcismo.³⁵

Na mesma linha conclusiva, situa-se o psiquiatra e psicólogo Hector de Ezcurra, membro da equipa da Pastoral da Consolação da Diocese de San Isidro (Argentina), que advoga que nos casos de perturbação demoníaca a única medicina só estará disponível num contexto orante de libertação.³⁶

Estas causas e efeitos servem para reforçar aquele critério geral de discernimento que antes destacámos. De facto, o carácter diferenciador entre as perturbações demoníacas e as perturbações mentais encontra-se, fundamentalmente, na ausência de fenómenos extraordinários nestas últimas. Na verdade, os sintomas que dão forma às perturbações mentais nunca saem do plano da explicação natural, e neste mesmo contexto se tratam e medicam, enquanto que os sintomas que caracterizam as perturbações demoníacas só se explicam de modo sobrenatural e só com a oração, efetivamente, se resolvem. Esta não é simplesmente uma opinião de fé, mas também uma constatação clínica que não encontra um tratamento biológico

³² Cf. Gallagher, 105.

³³ Cf. Costantino Gilardi, «Quando Esorcizzare?», em *Tra Maleficio, Patologie e Possessione Demoniacca: Teologia e Pastorale dell'Esorcismo*, ed. Manlio Sodi (Padova: Edizioni Messaggero Padova, 2003), 317.

³⁴ Cf. Cantelmi, «Aspetti Psicologici», 185.

³⁵ Cf. Cantelmi, 184-185.

³⁶ Cf. Héctor de Ezcurra, «La Diagnosi Differenziale tra i Disturbi Psicopatologici e l'Azione Straordinaria del Demonio», em *Atti Convegno Internazionale: 24-29 Settembre 2018*, ed. Associazione Internazionale Esorcisti (Roma: s.ed., 2019), 191-205.

e natural capaz de tratar uma perturbação demoníaca. Como são planos diferentes exigem, objetivamente, abordagens distintas.³⁷

Observa-se, ainda, de modo sincrónico, que os distúrbios de ordem demoníaca iniciam, precisamente, a partir do momento em que existe algum tipo de contacto direto ou indireto com a superstição e o ocultismo. Contrariamente, as perturbações mentais têm períodos de início demarcados ou sensíveis, quer pela idade, quer por algum evento precipitante.³⁸

É próprio, por exemplo, que uma perturbação de Tourette ou uma perturbação obsessiva-compulsiva tenham uma prevalência de início normativo na idade infantil. Assim como é próprio que uma perturbação de stress pós-traumático se desenvolva depois de um evento de impacto negativo, ou que uma perturbação relacionada com substâncias se dê como consequência do seu consumo abusivo. As perturbações demoníacas, por outro lado, não se situam nestes parâmetros, podendo manifestar-se em qualquer momento do contacto oculto ou supersticioso.³⁹

Percebemos após esta análise geral que as perturbações de origem demoníaca se demarcam das perturbações mentais, fundamentalmente, por quatro elementos: a presença de fenómenos sobrenaturais e inexplicáveis do ponto de vista científico; a normalidade nos resultados dos exames médicos perante uma ação oculta do demónio que se faz sentir e manifestar; a não resposta aos psicofármacos e à psicoterapia, mas somente aos exorcismos e às orações de libertação; e, finalmente, o início preciso dos distúrbios no contacto com o ocultismo. Voltemos, agora, a nossa atenção particular para as patologias mentais que levantam maiores dúvidas na distinção com os casos de ação extraordinária do demónio.

Nas pessoas que padecem de esquizofrenia é possível observar alucinações e delírios assentes na crença de possessão, transformação ou na convicção de ser um santo, uma entidade superior ou até o próprio Deus. Num estado de crença personificada, o doente fala e comporta-se de acordo com aquilo que existe no seu subconsciente ou que provém da informação que tem armazenada sobre um determinado assunto. Acreditando estar possuído por um demónio, agirá conforme aquilo que considera ser um demónio.⁴⁰

No caso de uma verdadeira possessão, por outro lado, o conteúdo revelado vai muito além do que seria possível para o sujeito em questão. Por exemplo, pode revelar a capacidade de falar línguas que desconhecia por completo, expressar pensamentos teológicos elevados

³⁷ Cf. Ezcurra, «La Diagnosi Differenziale tra i Disturbi Psicopatologici e l'Azione Straordinaria del Demonio», 191-205.

³⁸ Cf. Ezcurra, 191-205.

³⁹ Cf. Ezcurra, 191-205.

⁴⁰ Cf. Nanni, *Il Dito di Dio e il Potere di Satana*, 272-273.

quando predispunha de um conhecimento religioso limitado ou, ainda, saber e revelar dados ocultos.⁴¹

Enquanto num doente esquizofrénico se verifica uma psicose deteriorante marcada por delírios e alucinações recorrentes, num caso de possessão demoníaca aqueles sintomas estão ausentes, sendo possível à pessoa ter uma vida normal fora dos momentos de crise, não apresentando qualquer prejuízo ou deterioração do seu estado psíquico. Enquanto a pessoa com esquizofrenia manifesta ideias delirantes fixas e cristalizadas, o sujeito que é vítima de uma possessão demoníaca consegue perceber, claramente, a realidade da situação que sofre e que rejeita.⁴²

A esquizofrenia, sendo uma doença crónica, provoca um sério comprometimento no desempenho das funções intelectuais, relacionais e ocupacionais do indivíduo. A permanência da doença marcada por contínuas descompensações coloca em causa a estabilidade da vida da pessoa conduzindo-a, frequentemente, a um isolamento social progressivo. Pelo contrário, nos casos de possessão a pessoa consegue ter uma vida normal entre as crises.⁴³

Além disto, verifica-se um pensamento e um discurso desorganizado nos doentes de esquizofrenia, algo que não se observa na estabilidade de uma pessoa que seja acometida por momentos de possessão demoníaca. A pessoa revela fluência, organização e domínio na sua língua e no seu discurso. Nos momentos de possessão, como vimos, essa capacidade e fluência é até visível no domínio perfeito de outros idiomas.⁴⁴

A esquizofrenia provoca, ainda, excitação psicomotora, acentuada desorganização comportamental e catatonia que podem, contudo, ser controladas ou mitigadas por via farmacológica. O mesmo não ocorre numa possessão demoníaca. As reações violentas são, especialmente, despoletadas através do contato com o sagrado, mostrando uma força muito acima da normalidade que não responde a medicamentos.⁴⁵

Tipicamente, a pessoa com esquizofrenia apresenta um prejuízo a nível emocional, sobretudo notado por uma expressividade sem vida. Por outro lado, a pessoa que é vítima de uma possessão demoníaca não apresenta prejuízo na sua capacidade emocional fora dos momentos de crise.⁴⁶

No que concerne à perturbação dissociativa de identidade, devemos situar, antes de mais, que se trata de um estado alterado de consciência que compromete as funções psíquicas

⁴¹ Cf. Nanni, 272-273.

⁴² Cf. Ezcurra, «La Diagnosi Differenziale tra i Disturbi Psicopatologici e l’Azione Straordinaria del Demonio», 191-192.

⁴³ Cf. Ezcurra, 191-192.

⁴⁴ Cf. Ezcurra, 191-192.

⁴⁵ Cf. Ezcurra, 191-192.

⁴⁶ Cf. Ezcurra, 191-192.

e provoca confusão mental e distorção do esquema corpóreo, algo diferente do que se se verifica nos casos de possessão demoníaca.⁴⁷

A possessão demoníaca não se trata de uma dissociação de identidade, mas sim de uma substituição temporária da mesma por uma entidade exterior de carácter maligno.⁴⁸ Na perturbação mental, a identidade dissociada vai exprimir o conteúdo que existe no seu subconsciente, muitas vezes uma mera caricatura daquilo que considera ou imagina ser um demónio. Trata-se de uma reprodução de ideias e fantasias de teor popular facilmente reconhecidas. Não existe nada de extraordinário ou inexplicável nas suas revelações e manifestações, nada de equiparável ao que se observa nos casos de possessão em que emerge um outro ser dotado de um nível de inteligência superior e capaz de desafiar as leis naturais.⁴⁹

De modo geral, os estados dissociativos podem desencadear-se inconscientemente enquanto defesa para lidar com emoções e lembranças de eventos dolorosos. Além disso, as pessoas que padecem desta condição têm, por norma, uma imaginação muito ativa, a par de um autoconceito e de uma autoimagem extremamente negativas. Nesta conjectura, torna-se sintomática a procura desesperada de atenção e de amor no sentido de preencher aquela lacuna interna.⁵⁰

Paradoxalmente, a crença firme de serem vítimas de uma entidade demoníaca e a sua consequente manifestação comportamental num estado alterado de consciência, podem granjear-lhes uma sensação de entusiasmo e de autoestima que, de outra forma, não encontrariam. No espectro alargado das patologias suscetíveis de dissociação, a perturbação dissociativa de identidade é, de facto, a mais grave na medida em que se desenvolve, claramente, um ego separado com possíveis características malévolas.⁵¹

Na perturbação dissociativa de identidade é característica a manifestação de personalidades muito variadas que podem derivar de uma deficiente integração da identidade, de erros educativos ou de eventos traumáticos ocorridos na vida pessoal, sobretudo na infância.⁵²

Nos casos de possessão demoníaca, por outro lado, a personalidade que emerge é totalmente estranha ao indivíduo, à sua história e às suas capacidades, é sempre e unicamente de carácter malévolo, expressando ódio e aversão a tudo o que seja sagrado. Estes traços de personalidade são muito estáveis e fixos nas vítimas de possessão.⁵³

⁴⁷ Cf. Ezcurra, 197-199.

⁴⁸ Cf. Ezcurra, 197-199.

⁴⁹ Cf. Nanni, *Il Dito di Dio e il Potere di Satana*, 272-273.

⁵⁰ Cf. Gallagher, *Enemigos Demoníacos*, 128-129.

⁵¹ Cf. Gallagher, 128-129.

⁵² Cf. Ezcurra, «La Diagnosi Differenziale tra i Disturbi Psicopatologici e l'Azione Straordinaria del Demonio», 197-199.

⁵³ Cf. Fortea, *Summa Daemoniaca*, 138.

Outra das diferenças notadas reside na precipitação das crises. No caso da perturbação dissociativa da identidade, a pessoa é afetada por uma alteração involuntária da sua consciência que lhe provoca, consequentemente, um transtorno nos seus vários domínios pessoais. A pessoa não escolhe quando deseja alterar a sua identidade, mas são as pressões psicossociais de modo aleatório que determinam aquele efeito.⁵⁴

No caso de possessão, as alterações são desencadeadas, singularmente, por uma entidade demoníaca que se manifesta de modo extraordinário, não só quando quer, mas também quando não quer, particularmente, quando exposta diante de elementos sagrados ou quando intimada por uma ordem sacerdotal.⁵⁵

À ordem audível ou silenciosa do exorcista, o demónio é obrigado a manifestar-se. Por extensão, o exorcismo torna-se a via para fazer emergir, claramente, o demónio que não poderá, assim, resistir por muito tempo oculto.⁵⁶

Quando ocorre uma rutura de identidade na perturbação dissociativa verifica-se, por efeito e sem resistência, uma descontinuidade na perceção pessoal e no autocontrolo, algo que contrasta com alguns casos de possessão em que se observa a identidade da pessoa saudável a tentar impedir a identidade demoníaca de tomar o controlo (um esforço que não consegue resultados satisfatórios dada a desproporção das forças que se combatem).⁵⁷

Outro aspeto dissonante está nas perdas de memória. Nos casos de perturbação dissociativa da identidade, ocorrem lapsos de memória recorrentes sobre factos, acontecimentos ou tarefas quotidianas, para além de falhas mnésicas acerca de informações pessoais importantes. Pelo contrário, aqueles que são vítimas de uma possessão demoníaca, apresentam apenas falhas de memória circunscritas aos episódios de crise, mantendo toda a normalidade mnésica fora desses momentos, sem qualquer destruturação.⁵⁸

Quanto à funcionalidade, as pessoas com perturbação dissociativa de identidade apresentam mal-estar generalizado e uma deterioração clinicamente significativa nas suas diversas dimensões pessoais, particularmente, a nível cognitivo, social, laboral ou ocupacional. Inversamente, as pessoas que são vítimas de possessão demoníaca conseguem ter, geralmente, uma vida normal extra crise.⁵⁹

Fora destes momentos, apresentam-se equilibradas e com clareza de pensamento, sem qualquer fragmentação da sua identidade nem agravamento do seu estado de saúde mental. Se

⁵⁴ Cf. Ezcurra, «La Diagnosi Differenziale tra i Disturbi Psicopatologici e l'Azione Straordinaria del Demonio», 197-199.

⁵⁵ Cf. Ezcurra, 197-199.

⁵⁶ Cf. Nanni, *Il Dito di Dio e il Potere di Satana*, 273.

⁵⁷ Cf. Ezcurra, «La Diagnosi Differenziale tra i Disturbi Psicopatologici e l'Azione Straordinaria del Demonio», 197-199.

⁵⁸ Cf. Ezcurra, 197-199.

⁵⁹ Cf. Ezcurra, 197-199.

houvesse, de facto, uma perturbação dissociativa de identidade não tratada, ver-se-ia, naturalmente, uma progressiva deterioração do quadro clínico.⁶⁰

A propósito das perturbações dissociativas, há um dado curioso observado numa investigação científica levada a cabo pela Associação Italiana de Psiquiatras e Psicólogos Católicos com indivíduos que haviam sido submetidos a exorcismos: as suas características sintomáticas eram muito semelhantes, e nos mais de cem sujeitos estudados, nenhum preencheu adequadamente os critérios de diagnóstico de uma perturbação dissociativa elencada no DSM.⁶¹

Confrontamo-nos, de facto, perante um quadro cientificamente desconhecido, ao qual a mais recente versão do DSM (5-TR), em última instância, qualifica vagamente de «Perturbação Dissociativa com outra especificação».⁶²

Como vemos, aqui poderá caber tudo o que se desconhece cientificamente. É um campo lato, vazio e, simultaneamente, confortável para aqueles que permanecem obstinados no seu ceticismo, embora, não seja pela mera designação de uma categoria científica que se garanta a justificação lógica da mesma.

Conclui, por isso, o psiquiatra Richard Gallagher, que quem testemunha um verdadeiro caso de possessão demoníaca não pode negar com honestidade intelectual a realidade do fenómeno, tendo em conta os rasgos sobrenaturais que o caracterizam e a argumentação lógica que ele impede de sustentar.⁶³

Entre as patologias mentais mais exigentes de discernir, temos também a perturbação bipolar, sobretudo na sua fase maníaca. Particularmente, nota-se nestes doentes uma excitação psicomotora nos episódios maníacos, algo que nos casos de possessão demoníaca se circunscreve a uma agitação diante dos elementos e contextos sagrados.

As pessoas com a perturbação mental em causa são afetadas por uma grave deterioração em vários domínios pessoais, sendo particularmente, notórios os comprometimentos ao nível relacional, social e laboral. Pelo contrário, uma pessoa vítima de possessão demoníaca não apresenta este quadro deteriorante, sendo capaz de levar uma vida normal e funcional para além das crises possessivas.⁶⁴

Na perturbação factícia, por sua vez, a pessoa pode simular conscientemente uma variedade de sintomas específicos de uma ação extraordinária do demónio. No campo da vexação demoníaca, particularmente, o doente pode provocar sinais e lesões no próprio corpo fazendo crer aos outros que o seu agente é o demónio. São doentes que podem estudar

⁶⁰ Cf. Fortea, *Summa Daemoniaca*, 136-139.

⁶¹ Cf. Cantelmi, «Aspetti Psicologici», 184-186.

⁶² APA, *DSM-5-TR*, 423-424.

⁶³ Cf. Gallagher, *Enemigos Demoníacos*, 130-131.

⁶⁴ Cf. Ezcurra, «La Diagnosi Differenziale tra i Disturbi Psicopatologici e l'Azione Straordinaria del Demonio», 200-202.

exaustivamente os sintomas de uma ação demoníaca e reproduzi-los com o objetivo de conseguirem algum benefício pessoal com essa condição, na maioria das vezes, satisfazerem o seu desejo de serem foco de atenção dos outros. Contudo, o que se pode facilmente verificar no processo de discernimento é a ausência de fenómenos sobrenaturais. As lesões e sinais não aparecem e desaparecem momentaneamente, nem se fazem presentes ou ocultas à ordem audível ou silenciosa do exorcista.⁶⁵

Temos, por último, a perturbação obsessiva-compulsiva. Estando na área das obsessões, o discernimento é ainda mais complexo devido à mistura sintomática que pode ocorrer. É difícil perceber com total certeza o que pertence à ordem natural e o que pertence à ordem sobrenatural. Há, ainda assim, alguns indícios que devem fazer suspeitar uma ingerência demoníaca.

Ao contrário da perturbação obsessiva-compulsiva, na perturbação demoníaca não existe, necessariamente, um comportamento compulsivo. Ou seja, a pessoa pode ter uma obsessão de origem demoníaca, mas não a concretizar na prática.⁶⁶

Para além disto, enquanto, na primeira os temas obsessivos são mais variáveis (fechaduras, gás, contágios), na segunda os temas obsessivos tocam, especialmente, o âmbito espiritual. As obsessões sugerem pactos com o demónio, impelem a profanar a Eucaristia, entre outras coisas sacrílegas. Ocorre, habitualmente, um bloqueio na oração e um ódio veemente a tudo o que é sagrado, ao contrário do que se verifica naquela perturbação mental.⁶⁷

Estamos perante um discernimento minucioso e exigente, como podemos constatar. Antes de mais, importa que o exorcista acolha e escute da própria pessoa atormentada, ou dos seus familiares e acompanhantes, os factos e sintomas que façam suspeitar um distúrbio de origem demoníaca. Conhecer a história da pessoa e o contexto espaço-temporal da ocorrência sintomática será pertinente para se inteirar do caso. É essencial, por isso, perceber a data ou o período em que se iniciaram os sintomas, procurando saber se houve contacto com alguma prática oculta, supersticiosa ou idolátrica que possa ter precipitado os distúrbios.⁶⁸

Do mesmo modo, importa apurar se houve vestígios de práticas de bruxaria e feitiçaria feitos contra a pessoa e se existe alguém que, expressamente, lhe deseje o mal ou que tenha algo contra a sua situação particular de vida, seja o seu matrimónio, o seu emprego ou os seus projetos e ambições pessoais. Como temos vindo a reforçar, deve esclarecer-se, também, se

⁶⁵ Cf. Ezcurra, 204-205.

⁶⁶ Cf. Ezcurra, 202-203.

⁶⁷ Cf. Ezcurra, 202-203.

⁶⁸ Cf. AIE, *Linee Guida per il Ministero dell'Esorcismo*, 187.

estes sintomas têm uma causa natural e se a pessoa já procurou um parecer clínico. Nunca será demais tomar em conta o bom conselho dos profissionais de saúde.⁶⁹

Recolhida a informação mais relevante neste primeiro contacto com o exorcista, importa passar, posteriormente, para a verificação dos sintomas através da aplicação dos meios particulares de discernimento. A oração, de modo genérico, será o meio adequado para apurar esta ação extraordinária. Benzer a pessoa e recitar orações já formuladas ou improvisadas poderá ser o suficiente para garantir a sua manifestação.⁷⁰

Neste plano diagnóstico, a Associação Internacional de Exorcistas oferece-nos orientações mais detalhadas para confirmar, de facto, uma ação extraordinária do demónio. No relato e observação de sinais suspeitos e prováveis, o exorcista poderá recorrer a diversos modos de discernimento, particularmente, à oração, à leitura da Palavra de Deus e aos sacramentais.⁷¹

Na oração, poderá rezar ou fazer rezar à pessoa, o Pai-Nosso, a Ave-maria, o Símbolo dos Apóstolos (sobretudo a forma da renovação das promessas batismais), ou qualquer outra oração de uso comum, colocando, durante este tempo, as mãos sobre a cabeça da pessoa atormentada. Estando presente, o demónio ou se escusará a rezar, ou contestará a oração. No recurso à Palavra de Deus poderá ler ou fazer ler à pessoa algumas perícopes, nomeadamente, o Prólogo do Evangelho de São João, o Salmo 50 ou o Salmo 90.⁷²

Valendo-se do uso de sacramentais, como a água benta aspergida, a exposição a relíquias sagradas ou a um crucifixo, ou ainda, ungindo a fronte da pessoa com óleo exorcizado, o exorcista poderá, igualmente, obter conclusões sobre a presença demoníaca que não suportará este ambiente e se manifestará nos seus sinais próprios de obsessão, vexação ou possessão.⁷³

De modo especialmente vantajoso, o exorcista poderá ainda dirigir-se a Deus de forma deprecativa para que obrigue o demónio a manifestar-se ou, então, poderá dirigir-se de forma imperativa ao demónio para que lhe dê sinais claros e evidentes da sua presença. Estes comandos deverão ser executados de modo tácito e discreto, para evitar qualquer forma de sugestão à pessoa durante o processo de discernimento.⁷⁴

Segundo o parecer da Associação Internacional de Exorcistas, estes meios de discernimento bastarão na maioria dos casos, para fazer emergir os sinais evidentes da presença demoníaca, confirmando e validando, por sua vez, a celebração do exorcismo litúrgico. Assim, numa ordem sucessiva de proceder, será a presença de sinais suspeitos e prováveis que deverá

⁶⁹ Cf. AIE, 187.

⁷⁰ Cf. Fortea, *Summa Daemoniaca*, 147-148.

⁷¹ Cf. AIE, *Linee Guida per il Ministero dell'Esorcismo*, 189.

⁷² Cf. AIE, 189-190.

⁷³ Cf. AIE, 189-190.

⁷⁴ Cf. AIE, 202.

motivar o exorcista a confirmar os sinais evidentes da ação extraordinária do demónio. Tendo a certeza absoluta destes últimos, poderá avançar para a libertação exorcística.⁷⁵

Em casos extremamente raros e complexos, a certeza não se torna óbvia através dos meios comuns de avaliação. São situações extraordinárias em que permanecem suspeitas válidas acerca de uma presença demoníaca que resiste em se manifestar. Por isso, a referida Associação defende o uso do exorcismo litúrgico como instrumento válido para completar o discernimento. Este pode ser celebrado por inteiro ou parcialmente, recorrendo-se, de preferência, às fórmulas deprecativas para obrigar o demónio a manifestar-se, caso esteja presente.⁷⁶

O Padre Gabriel Amorth, referência maior neste meio, defendia a necessidade desta prática em casos de maior dúvida, atribuindo à celebração do exorcismo maior uma função diagnóstica.⁷⁷

É importante ressaltar que durante todo o processo de discernimento o exorcista não deve induzir as pessoas a crer que já está, de facto, a expulsar um demónio. Tal descuido, pode resultar gravoso no caso de se vir a concluir que a pessoa padece de um distúrbio de ordem natural e não demoníaco. O exorcista deve, por isso, antecipadamente, contextualizar os presentes acerca do seu agir que, naquele momento específico, passa somente pela compreensão do caso e pela orientação do seu proceder ministerial.⁷⁸

Como podemos deduzir, em maior ou menor grau, existirá sempre neste contexto diagnóstico o perigo de desencadear um efeito sugestivo ou fraudulento na pessoa, sobretudo, se esta tiver uma perturbação mental. Por isso, há quem sugira que o discernimento se execute sempre de modo que a pessoa não se aperceba. Poderá recorrer-se a métodos simples e eficazes, como por exemplo, dirigir-se em voz baixa ou mentalmente ao demónio para que este se manifeste e lhe responda, ou questionar em latim ou noutra língua a pessoa sem que esta domine previamente esses idiomas, ou, ainda, colocar questões de ordem teológica para que a pessoa responda.⁷⁹

Um exemplo prático da eficácia desta metodologia de discernimento é nos ilustrado pelo Padre José Antonio Fortea num caso que o próprio vivenciou.

Conta o exorcista que numa ocasião foi chamado por um capelão hospitalar a fim de observar uma menina que apresentava um quadro sintomático complexo. Os médicos desconheciam a causa dos seus sintomas e não encontravam forma de a curar. Antes do

⁷⁵ Cf. AIE, 189-191.

⁷⁶ Cf. AIE, 199-202.

⁷⁷ Cf. AIE, 198.

⁷⁸ Cf. AIE, 190.

⁷⁹ Cf. Nanni, *Il Dito di Dio e il Potere di Satana*, 289.

internamento era uma menina normal e saudável do ponto de vista mental. Entretanto, foi conduzida ao hospital porque afirmava ser atormentada por um demónio que lhe aparecia e sugeria todo o tipo de obscenidades e aberrações sexuais. O seu sofrimento era intenso e podia chorar ininterruptamente durante três dias consecutivos. A medicação administrada na menina não surtia qualquer efeito, nem mesmo os tranquilizantes.⁸⁰

Tendo sido observada e acompanhada pela equipa de psiquiatria do hospital e por vários professores catedráticos que lecionavam psiquiatria na universidade, o caso continuava sem solução lógica. Atónitos e rendidos ao fracasso, os psiquiatras equacionavam a sua transferência para outra unidade hospitalar.⁸¹

Entretanto, os pais decidiram recorrer a um padre. Chamado pelo capelão hospitalar, o Padre Fortea decidiu utilizar um método de discernimento que não revelasse a sua condição de sacerdote nem o que estava ali a fazer.⁸²

Aproximou-se então da jovem criança vestido como um médico e disse-lhe que iriam fazer um teste psicológico, à semelhança de tantos outros que já havia realizado a menina. Ordenou-lhe que dissesse uma sucessão de letras e números e que procurasse não se desconcentrar. Durante a realização da prova, o exorcista murmurou em tom baixo e discreto algumas orações, até que, a dado momento e pela primeira vez, decidiu introduzir uma ordem em latim ao demónio. Para espanto de todos, assim que esta ordem foi dirigida, a menina parou o que, entretanto, fazia e disse: «o demónio diz-me que lhe estás a perguntar o seu nome».⁸³

De facto, era exatamente isso que o exorcista perguntava. Ficou clara a origem do problema e o modo de o resolver. Depois de um tempo de oração, a menina deixou de ser atormentada e teve alta hospitalar, não se registando qualquer consequência posterior.⁸⁴

Caso simbólico do efeito da oração e da capacidade teológica e linguística do demónio foi também relatado por um psiquiatra que assistiu ao diálogo entre um exorcista e o demónio. Quando o exorcista começou a rezar o Credo em latim, o demónio não só se manifestou e reagiu, como contestou os artigos da fé na língua materna da pessoa que possuía. Às palavras *Credo in Deum Patrem omnipotentem* o demónio respondeu: «pois, eu não» [...] ao artigo *descendit ad infernos*, contestou: «e ainda lá está» [...] à verdade *tertia die resurrexit a mortuis* negou dizendo que «não, não o fez» [...] e ao artigo *credo in vitam aeternam* contestou energicamente gritando que «não há vida!».⁸⁵

⁸⁰ Cf. Fortea, *Summa Daemoniaca*, 231-233.

⁸¹ Cf. Fortea, 231-233.

⁸² Cf. Fortea, 231-233.

⁸³ Fortea, 232.

⁸⁴ Cf. Fortea, 231-233.

⁸⁵ Gallagher, *Enemigos Demoníacos*, 215.

Importa, salvaguardar, que a pessoa em questão não tinha recebido uma educação católica, desconhecia línguas estrangeiras e jamais havia estudado latim. Ficou estupefacta quando depois de regressar ao seu estado normal lhe foi dito o que tinha falado e respondido. Tratava-se, de facto, de um caso de possessão demoníaca.⁸⁶

Destacámos até aqui o processo de discernimento efetuado pelo exorcista. Nomeado pelo ordinário local e tendo formação específica na área, é a ele que, por excelência e em última instância, caberá a responsabilidade singular para determinar a ocorrência de uma ação extraordinária do demónio.⁸⁷ Na conjuntura do seu conhecimento, da experiência dos casos que acompanhou e pelo ministério específico que lhe foi confiado pela Igreja será, naturalmente, o exorcista aquele que estará melhor preparado para dar uma resposta avaliativa com precisão.⁸⁸

Ainda assim, convém salientar que o exorcista não tem, necessariamente, de trabalhar de modo isolado no processo de discernimento, desde logo, porque ele necessita de agentes pastorais que lhe façam chegar os casos para avaliar.

De extrema importância será, por isso, o auxílio pastoral de outros sacerdotes, especialmente, dos párocos e dos religiosos. Porque estão presentes geograficamente nas diversas comunidades que dão corpo a uma diocese, estes agentes pastorais podem participar numa primeira fase de discernimento, acolhendo e escutando, sem preconceitos, os que lhe pedem auxílio por suspeitas de uma ação demoníaca de carácter extraordinário.⁸⁹

E porque estamos numa tese que cruza linguagem médica e teológica, a imagem da Igreja «hospital de campanha»⁹⁰ sugerida pelo Papa Francisco, servirá na perfeição para ilustrar a ponte que se deve efetuar entre os exorcistas e os demais sacerdotes neste processo de discernimento pastoral alargado.

Na mesma lógica que um serviço hospitalar se encontra disponível para assistir quem padece, também os pastores ao serviço das suas comunidades devem estar dispostos a acolher quem lhes pede auxílio. Eles são, na verdade, os primeiros recetores de quem sofre, ou numa linguagem dos tempos pandémicos, são aqueles que se encontram na linha da frente.⁹¹

No capítulo da ação demoníaca extraordinária, os sacerdotes, em primeira instância, deverão escutar as suas queixas e procurar construir a história sintomática das pessoas, confirmando também se já consultaram os serviços de saúde. É, no fundo, uma anamnese, se quisermos efetuar, novamente, um paralelismo com a práxis sanitária. Questionar o modo e o

⁸⁶ Cf. Gallagher, 215.

⁸⁷ Cf. CEP, *Ritual Romano da Celebração dos Exorcismos*, 15-16.

⁸⁸ Cf. AIE, *Linee Guida per il Ministero dell'Esorcismo*, 280-281.

⁸⁹ Cf. AIE, 282.

⁹⁰ Francisco, «Ad Membra Operis Fundati AVSI pro Incepto Valetudinaria Aperta in Syria», *Acta Apostolica Sedis* 114, n. 10 (2022): 1206.

⁹¹ Cf. AIE, *Linee Guida per il Ministero dell'Esorcismo*, 282.

contexto em que os sintomas se manifestam, há quanto tempo ocorrem e a forma como têm evoluído, são algumas questões pertinentes a efetuar nesta fase.

Com estes dados, segundo a Associação Internacional de Exorcistas, poderão os sacerdotes realizar um discernimento preliminar utilizando, complementarmente, alguns métodos já antes descritos, como a oração, o recurso à Palavra de Deus, e também, de grande eficácia, efetuando a renovação das promessas batismais, suplementadas pela renúncia particular das práticas supersticiosas e ocultas em que a pessoa possa ter participado. Poderá ser também oportuno, no final, que o sacerdote se recolha em oração silenciosa por um instante, colocando, prudentemente, a mão sobre a cabeça da pessoa.⁹²

Existindo suspeitas de uma atividade extraordinária do demónio, os pastores deverão reencaminhar os casos para o exorcista diocesano, facultando-lhe em jeito de relatório a história sintomática e as reações comportamentais verificadas durante o discernimento preliminar.⁹³

Para que este mecanismo funcione são necessários três aspetos fundamentais para os pastores: disponibilidade, formação específica na área, e estarem informados de quem é o exorcista nomeado pelo seu Bispo diocesano, a fim de que possam reencaminhar estes casos para um discernimento mais apurado e definitivo. Todo este trabalho em rede aumentará a qualidade e a eficiência do processo avaliativo, garantindo, por sua vez, uma intervenção pastoral mais célere.⁹⁴

De modo geral e sintético, salienta-se sempre a prudência nesta fase diagnóstica, situando ainda assim que para poder obter respostas é necessário valer-se dos meios próprios e ajustados de discernimento. Tal como a ciência médica e psicológica dispõe dos seus métodos particulares, também a ciência teológica se faz valer daqueles que considera válidos e ajustados na sua prática. Como temos vindo a insistir, o reconhecimento humilde dos limites será o mote para obter a verdade diagnóstica e garantir um acompanhamento ajustado à pessoa.

Este paradigma torna-se mais urgente quando nos deparamos com a situação mais complexa entre todas: a coexistência de aspetos psiquiátricos e aspetos demoníacos na mesma pessoa. Temos visto que os diagnósticos nem sempre se fazem claros e que os sintomas são tão diversificados e inusitados que a definição dos limites se torna numa tarefa extremamente complexa e minuciosa. Há casos em que não é possível separar puramente o domínio psíquico e o domínio demoníaco porque estamos num terreno, diríamos, misto. Porque uma pessoa tem uma perturbação mental não significa que esteja imune a uma perturbação demoníaca.⁹⁵

⁹² Cf. AIE, 288-297.

⁹³ Cf. AIE, 288-297.

⁹⁴ Cf. AIE, 298-299.

⁹⁵ Cf. Gilardi, «Quando Esorcizzare?», 323.

Ciente desta terceira posição, o médico Tonino Cantelmi confirma pela sua experiência clínica que a área psiquiátrica e a área demoníaca se podem, de facto, sobrepor num fenómeno de copresença. Nestas situações extremamente graves, reconhece que o suporte interdisciplinar dos profissionais de saúde e dos exorcistas se torna ainda mais imperativo e urgente de forma a garantir um apoio íntegro à pessoa afetada. Obrigatoriamente, a cooperação entre estes agentes deverá ser um critério pastoral de magna importância e necessidade.⁹⁶

Se antes implicávamos os párocos e os sacerdotes religiosos como suporte no processo de discernimento pastoral no terreno abrangente de uma diocese, parece-nos lógico integrar também nesta fase preliminar o papel das equipas interdisciplinares de discernimento. Constituídas pela união de esforços entre sacerdotes e leigos com formação e profissionalismo na área das ciências da saúde, estas equipas dedicam-se a acolher casos ambíguos onde se coloca a possibilidade de um problema de ordem natural ou de ordem espiritual.

São, de facto, uma estrutura ideal em matéria de discernimento preliminar, visto disporem de uma dupla observação, um duplo saber que se reúne e contata para esclarecer a génese de um distúrbio. Estas equipas serão um privilégio para o exorcista que tiver a possibilidade de as ter ao seu dispor. Os casos que, posteriormente, lhe cheguem reencaminhados para o discernimento final, virão com um acervo de informação mais completo e mais próximo da verdade, economizando também o tempo do exorcista no processo avaliativo.

Exemplos práticos da cooperação e do avanço nesta área de intervenção diagnóstica são os casos da Pastoral de Consolação e Exorcistas da Arquidiocese da Cidade do México;⁹⁷ da Equipa da Pastoral de Consolação da Diocese de Santo Isidro, na Argentina, coordenada pelo Padre Cristián Cabrini, exorcista daquela diocese, e na qual está também integrado o já citado psiquiatra Hector de Ezcurra;⁹⁸ e, ainda, da Equipa de Primeira Escuta e Discernimento da Diocese de Roma que conta com o apoio do psiquiatra Valter Cascioli.⁹⁹

Tanto os pastores presentes nas comunidades, como as equipas interdisciplinares, atuam na qualidade de suporte consultivo para o discernimento singular e incondicionado do exorcista que possui o múnus particular de discernir e exorcizar.

⁹⁶ Cf. Cantelmi, «Aspetti Psicologici», 182-187.

⁹⁷ Cf. Arquidiócesis Primada de México, «Dimensión de la Pastoral de la Consolación y Exorcistas», acedido a 14 de julho de 2025, <https://arquidiocesismexico.org.mx/dimension-de-la-pastoral-de-la-consolacion-y-exorcistas/>.

⁹⁸ Cf. ACI, «Paraguay será Sede de Congreso Iberoamericano de Exorcistas», acedido a 14 de julho de 2025, <https://www.aciprensa.com/noticias/77741/paraguay-sera-sede-de-congreso-iberoamericano-de-exorcistas>.

⁹⁹ Cf. Vicariato di Roma, «Ufficio Liturgico», acedido a 14 de julho de 2025, <https://www.ufficioliturgoroma.it/default.asp?iId=HGKKLH>.

Na sequência destas boas práticas, entendemos que existe ainda um caminho a percorrer na Igreja universal e, particularmente, nas dioceses portuguesas, no sentido de promover respostas específicas e ajustadas às pessoas que são vítimas da ação extraordinária do demónio.

Cientes desta necessidade, continuaremos a fundamentar o nosso estudo para apresentar, finalmente, uma proposta pastoral para a implementação de Equipas de Cura e Libertação nas dioceses. Estes organismos visam não só colmatar a vacância de exorcistas nomeados, mas também dotar as dioceses de uma pastoral mais organizada e competente nesta área.

Assim, para além do exorcista, as equipas contarão com outros membros de suporte, nomeadamente, profissionais de saúde mental, auxiliares à celebração do ritual, pastores que colaboram no acompanhamento pastoral à distância, assim como um secretário para gerir os contatos e a agenda de funcionamento das equipas.

Salientamos, ainda, que estas equipas, apesar de vocacionadas ao plano da atividade extraordinária do demónio, não abandonam sem resposta a pessoa que no final do processo de discernimento não revela problemas de ordem espiritual, mas antes de ordem psíquica e natural.

Nestes casos, a Equipa da Pastoral de Cura e Libertação deverá encaminhar o caso para a Equipa da Pastoral da Saúde que lhe poderá, então, oferecer uma resposta mais ajustada ao seu problema. Seria, por isso, importante que esta pastoral fosse também ela sensível e bem organizada neste domínio, tendo em conta o elevado número de pessoas que sofrem de perturbações mentais e que enfrentam, naturalmente, repercussões na vivência da sua fé.

Como podemos calcular, estudar o acompanhamento pastoral direcionado às pessoas que sofrem de perturbações mentais, para além de interessante, daria motivo para a redação de uma outra tese de dimensões consideráveis.

Porém, a delimitação desta tese, apesar de intercepar as perturbações mentais, não se aplica objetivamente à cura pastoral nesse contexto, mas antes aos casos em que se verifica uma extraordinária ação demoníaca. Será, precisamente, neste campo que nos vamos concentrar já de seguida.

2. A cura pastoral no âmbito dos exorcismos

Tendo claro, por via do estudo precedente, a existência do demónio e da sua ação extraordinária, torna-se necessário que os sacerdotes em geral se disponham a acolher com espírito de caridade no seu ministério as pessoas que manifestam sinais sugestivos de uma perturbação demoníaca. Se o acolhimento é uma marca distintiva do sacerdócio, não há motivo para o negligenciar neste contexto de sofrimento particular. Trata-se, afinal, de uma urgência pastoral que deve ser atendida sem preconceitos nem rejeições. Aquele que pede ajuda ao sacerdote merece ser, incondicionalmente, escutado e acompanhado na sua dor. Qualquer atitude que se desvie disto fere, gravemente, a missão pastoral que lhe foi confiada no dia da sua ordenação.

Acolher de modo gratuito e disponível será, de facto, a primeira atitude prática a cultivar, abrindo espaço, por sua vez, ao processo de discernimento que esmiuçámos anteriormente. Como é lógico, o discernimento só terá lugar na medida em que for antecedido por um gesto de acolhimento diante de uma situação concreta de fragilidade e dor.

Todo o cuidado manifesto no acolhimento e no discernimento é, por isso, parte integrante e vital no processo prático de cura pastoral que não se restringe, somente, à celebração do exorcismo solene propriamente dito, um tema que mais adiante teremos a oportunidade de analisar em detalhe. Para que tudo isto seja exequível não podemos esquecer, ainda, a importância do substrato formativo, qual fator preventivo de desvios e fundamento de boas práticas no terreno. Olhemos, então, para os elementos que dão forma à cura pastoral no âmbito da atividade extraordinária do demónio.

2.1. Formação preventiva e acolhimento pastoral

Ontologicamente, o ministério sacerdotal concretiza-se no serviço ao povo de Deus. É no reconhecimento deste carisma que as pessoas procuram um sacerdote, esperando que ele domine teoricamente as realidades espirituais e que as ajude em problemas desta índole. No fundo, e com toda a lógica, confiam-se ao sacerdote numa área que lhe é própria por formação e missão. Não será de esperar, portanto, que os fiéis recorram ao sacerdote para resolver outro tipo de questões, como informática, mecânica ou eletricidade, algo que pode ser, perfeitamente, executado por alguém competente nessas matérias. Procuram-no, substancialmente, porque é Padre e dele esperam o auxílio e competência espiritual. O Padre deve surgir na mente dos fiéis como única e primeira solução em questões de ordem espiritual.

Com toda a naturalidade, os sacerdotes dispõem-se para servir e rezar sobre os múltiplos problemas que afetam os fiéis, sejam eles no âmbito da fé, da saúde, da família, do trabalho, dos estudos, entre muitos outros. É, por exemplo, notória a abertura para abençoar um casamento, para rezar pela cura de uma doença ou, simplesmente, para escutar e apoiar os fiéis em situações de angústia.

No entanto, quando se apresenta alguém com manifestações sintomatológicas invulgares e solicita ajuda aos sacerdotes para averiguar a eventualidade de um problema de origem demoníaca torna-se notório, de modo geral, um certo desconforto que, lamentavelmente, pode culminar na relativização, no estereótipo e na rejeição da pessoa que, assim, se vê privada do suporte eclesial naquele momento crítico da sua vida. Acreditamos que tal atitude é a evidência prática de um defeito formativo, uma situação que precisa de ser revista nos planos curriculares da preparação sacerdotal.¹⁰⁰

Como podemos deduzir, para que um processo de cura pastoral possa acontecer e ser realmente eficaz neste campo, importa ter pressuposto o substrato teórico referente às perturbações demoníacas e às perturbações mentais que antes expusemos. Todo o candidato ao sacerdócio deveria ter a oportunidade de abordar genericamente estas matérias, sendo o exorcista preparado de modo profundo e integral para aquele ministério em particular.

Por se tratar de um conteúdo teórico essencial para a prática ministerial, o conhecimento específico nesta área torna-se, desde logo, parte integrante e fundamental no processo de cura pastoral. Acolher e discernir de modo competente numa matéria que cruza teologia e ciências da saúde exigirá, naturalmente, uma preparação teórica que evite o perigo do amadorismo e do erro prático.¹⁰¹

De facto, a boa vontade isolada não será satisfatória neste exercício ministerial. A lógica é simples e perpassa todas as áreas: só bem atua quem bem conhece; só poderá servir quem está capacitado para tal.¹⁰²

A formação e a atualização permanente serão, portanto, uma exigência necessária para o exercício da cura pastoral no contexto da atividade extraordinária do demónio. Dominar os conceitos teóricos, acolher e saber discernir os casos são elementos vitais no processo de cura em sentido lato. Na lógica progressiva deste trabalho, percebemos, então, que tudo o que analisámos anteriormente está já situado no âmbito da cura pastoral.

¹⁰⁰ Cf. Rogelio Alcántara, «Premesse Teologiche e Pastorali per una Legislazione Diocesana del Ministero dell'Esorcismo», em *Atti Convegno Internazionale: 24-29 Settembre 2018*, ed. Associazione Internazionale Esorcisti (Roma: s.ed., 2019), 265-267.

¹⁰¹ Cf. Fernando Sampaio, *Relação Pastoral de Ajuda: Boas Práticas no Acompanhamento Espiritual de Doentes* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011), 23-26.

¹⁰² Cf. Sampaio, *Relação Pastoral de Ajuda*, 23-26.

Comecemos por salientar a importância da solidez formativa dos pastores neste campo, não só no sentido de acolher, discernir em primeira instância e acompanhar de modo competente um eventual caso, mas também para poder ensinar e formar as comunidades numa lógica preventiva. É direito dos fiéis serem esclarecidos na verdade da fé pelos seus pastores e dever destes de zelar pela sua formação.¹⁰³

Enquanto aos exorcistas cabe a responsabilidade própria de discernir em última instância e de exorcizar por meio da celebração do exorcismo solene as vítimas de um distúrbio extraordinário do demónio, aos pastores em geral é exigida competência formativa para poder ensinar, acolher e acompanhar (sob a direção do exorcista) um possível processo de libertação.¹⁰⁴

Portanto, se os exorcistas devem estar, particularmente, dotados de uma formação avançada para responder ao ministério que lhes foi confiado, os demais sacerdotes devem estar genericamente preparados para ensinar e prevenir na ortodoxia da fé os agentes pastorais e todo o povo de Deus, evitando assim os erros que propiciam a ocorrência de perturbações de origem demoníaca. Entramos na lógica da prevenção comunitária, convictos de que é na eliminação do erro que se inicia a cura em sentido global.¹⁰⁵

De modo mais profundo, apontamos à passagem de uma pastoral reativa para uma pastoral preventiva, acreditando que tal metodologia se revelará mais eficaz no futuro desta área em particular.

No início deste nosso estudo, demonstrámos em que medida é que o envolvimento com a superstição nas suas mais variadas formas constitui, não só um pecado grave em si mesmo, mas também uma prática que, de modo consequente, poderá precipitar uma ação extraordinária do demónio. Deus, conhecedor das seduções e das ciladas do demónio e querendo sempre o bem integral dos seus filhos, adverte desde o Antigo Testamento para o perigo das crenças e práticas supersticiosas (cf. Ex 22,18; Lv 19,26; 19,31; 20,27; Dt 18,10-11; 1Sm 28,7; Is 65,2-4; Jr 27,9; Ez 13,18-23; Mq 5,11-12; Sf 1,4-5; Ml 3,5; Mt 4,1-11; Mc 1,12-13; Lc 4,1-13; At 8,9-13; 13,4-12; 16,16-24; 19,18-20; Gl 5,20; Ap 9,20-21; 18,23; 21,8; 22,15).

A ignorância, a imprudência, o desespero na procura de soluções fáceis e imediatas para os problemas, a curiosidade pelo oculto, o desejo de poder e domínio sobre os acontecimentos, a ânsia pelo sucesso, ou até mesmo a perfídia de fazer mal ao próximo são apenas alguns dos motivos que arrastam os filhos de Deus para o controlo do demónio que opera de modo solícito

¹⁰³ Cf. Moreno Fiori, «Maleficio e Demonologia: Prospettive per una Rinnovata Attenzione Pastorale», em *Tra Maleficio, Patologie e Possessione Demoniaci: Teologia e Pastorale dell'Esorcismo*, ed. Manlio Sodi (Padova: Edizioni Messaggero Padova, 2003), 337-338.

¹⁰⁴ Cf. Fiori, «Maleficio e Demonologia», 337-338.

¹⁰⁵ Cf. Fiori, 337-338.

e atrativo por intermédio dos tentáculos da idolatria, da adivinhação, da magia, da feitiçaria, da bruxaria, do espiritismo, do satanismo, da necromancia, da astrologia, da mediunidade e da superstição em geral.¹⁰⁶

Diversidade de nomes, variação de métodos, um mesmo autor de índole maligna que ora se mostra, ora se oculta, ora se disfarça até com a capa de bem, ainda que sempre focado no objetivo fundamental de nos aprisionar e afastar de Deus.

O magistério da Igreja é, de facto, bastante claro no modo como condena a superstição. Para além de constituir uma grave ofensa a Deus, é também uma situação de risco dada a relação causal que existe entre as práticas supersticiosas e a ocorrência de distúrbios extraordinários do demónio. Esta opinião é unânime entre os exorcistas que, na sua prática ministerial confirmam, sistematicamente, a mesma conexão.¹⁰⁷

Sabemos que o perigo reside nos pactos explícitos ou implícitos que são estabelecidos com o demónio no contexto das práticas supersticiosas. No uso da sua liberdade, a pessoa recorre a estas práticas e, de modo consciente ou inconsciente, acaba por estabelecer um pacto demoníaco, confiando-se inteiramente àquela ajuda e intervenção. Ou seja, já não é em Deus que deposita toda a sua confiança, mas noutra força, noutro poder. Consequentemente, esta abertura oferece ao demónio uma magnitude operativa que, para além da ordinária tentação, poderá chegar às formas extraordinárias da obsessão, da vexação ou da possessão demoníaca.¹⁰⁸

É evidente que a grande maioria das pessoas não terá consciência da gravidade da superstição nem da existência dos pactos que ali se celebram de modo explícito ou implícito. No desespero de soluções para os seus problemas, as pessoas tendem a recorrer a tudo o que lhes pareça útil, não pensando sequer se aquilo está em consonância ou não com a fé católica. É a lógica de juntar todos os meios para resolver quanto antes um determinado problema. Assim se compreende, por exemplo, a incongruência dos fiéis que no mesmo dia tanto vão à missa, como vão ao centro espírita ou à bruxa; ou então, que praticam, regularmente, Reiki e outras espiritualidades sem noção do perigo que correm.

Neste sincretismo religioso, as pessoas seguem enganadas à procura de um bem que posteriormente se pode tornar um problema sério de resolver. Cabe aos pastores advertir e desmascarar preventivamente estas práticas nocivas. Notável neste sentido, é a advertência feita pela Conferência Episcopal dos Estados Unidos da América a respeito do *Reiki*, uma terapia alternativa que é totalmente incompatível com a fé católica.¹⁰⁹

¹⁰⁶ Cf. Francesco Bamonte, «La Mia Esperienza di Esorcista», em *Esorcismo e Preghiera di Liberazione*, ed. Istituto Sacerdos – Ateneo Pontificio Regina Apostolorum (Roma: Edizioni Art, 2005), 221-222.

¹⁰⁷ Cf. Lara, «Ministero degli Esorcismi», 68-69.

¹⁰⁸ Cf. Lara, 69-70.

¹⁰⁹ Cf. United States Conference of Catholic Bishops, «Guidelines for Evaluating Reiki as an Alternative Therapy», acedido a 20 de julho de 2025, https://www.usccb.org/resources/evaluation-guidelines-finaltext-2009-03_0.pdf.

As afirmações que os Bispos norte-americanos proferem no documento oficial *Guidelines for Evaluating Reiki as an Alternative Therapy* são, de facto, esclarecedoras: «para um cristão, acreditar na terapia Reiki é um problema insolúvel»;¹¹⁰ «relativamente ao cuidado com a saúde espiritual, correm-se grandes perigos»;¹¹¹ e, finalmente, «um católico que põe a sua confiança no *Reiki* está a movimentar-se no reino da superstição, na terra de ninguém: nem pela fé, nem pela ciência».¹¹²

Em sintonia com aquilo que temos vindo a salientar, a Conferência Episcopal dos Estados Unidos da América condena as práticas supersticiosas e motiva o esclarecimento formativo no seio das comunidades. São objetivas as suas diretrizes quando dizem: «embora, às vezes, as pessoas caiam na superstição por ignorância, é da responsabilidade de todos os que ensinam em nome da Igreja, retirá-las da ignorância».¹¹³

Voltamos ao risco dos pactos que vêm contidos na superstição. Como podemos deduzir, depois do pacto e do serviço que o demónio prestou à pessoa, o preço exigido poderá ser, de facto, bastante elevado. O demónio não liberta, facilmente, uma pessoa que a ele se abriu e entregou. Considera-a propriedade sua, alguém que conquistou e que tem o poder de subjugar e escravizar. É precisamente nestes casos trágicos que pode urgir a necessidade dos exorcismos. Independentemente da magnitude das consequências, todos aqueles que caírem nas malhas deste engano, devem ser exortados pelos pastores a aproximarem-se, quanto antes, da confissão sacramental e a renunciarem, expressamente, por meio da renovação das promessas do Batismo, aos pactos explícitos ou implícitos que tenham sido efetuados com o demónio no contexto supersticioso.¹¹⁴

Sabemos, ainda, que outra das formas que propicia, frequentemente, a ação extraordinária do demónio sobre alguém é o malefício. Resultante, neste caso, da maldade da pessoa que pede auxílio ao demónio para prejudicar o próximo, o malefício nas suas diversas formas pode, de facto, levar a fenómenos de obsessão, vexação, possessão ou infestação demoníaca. Esta certeza é nos revelada por Francesco Bamonte, assim como pela globalidade dos exorcistas que na sua experiência encontram, frequentemente, nos malefícios uma relação de causa para os distúrbios demoníacos que são chamados a libertar.¹¹⁵

Os malefícios não são, porém, uma sentença para quem é por eles atingido. A pessoa que vive uma vida cristã de oração frequente, que seja nutrida pelos sacramentos e se esforce por permanecer em estado de graça, muito dificilmente terá qualquer problema caso venha a

¹¹⁰ USCCB, «Guidelines for Evaluating Reiki as an Alternative Therapy», 5.

¹¹¹ USCCB, 5.

¹¹² USCCB, 6.

¹¹³ USCCB, 6.

¹¹⁴ Cf. Lara, «Ministero degli Esorcismi», 69-70.

¹¹⁵ Cf. Bamonte, «La Mia Esperienza di Esorcista», 238.

ser vítima de um malefício. Isto é o mais importa a salientar, sobretudo, para não despoletar uma sensação geral de medo em relação aos malefícios. O sacerdote deve, acima de tudo, levar os fiéis à plena confiança em Deus.¹¹⁶

Ainda assim, não podemos deixar de notar que para quem vive completamente afastado da fé e dos sacramentos, os malefícios poderão, infelizmente, ser eficazes no seu propósito. Diríamos, nestes casos, que as pessoas se encontram numa posição mais frágil ou com menos defesas para combater os assaltos do Inimigo.¹¹⁷

Para esclarecer e afastar as pessoas deste mundo da superstição e da ação demoníaca, torna-se, assim, urgente e fundamental nos dias de hoje o cuidado pela formação comunitária. Sensível a esta necessidade por virtude do seu ministério particular, Francesco Bamonte dedica o seu apostolado não apenas à celebração dos exorcismos, mas também à organização de ciclos de conferências em Itália e no mundo, convidado por tantos párocos que se mostram atentos e cuidadosos pela boa formação das suas comunidades nesta matéria em particular.¹¹⁸

A superstição, designada pelo exorcista de Roma como uma autêntica «praga social»¹¹⁹ precisa, portanto, de ser hoje combatida com urgência por meio de uma formação qualificada nas comunidades. Ali começará, de facto, a prevenção do contacto com o ocultismo e o evitar de problemas extraordinários de origem demoníaca.

Fundamentalmente, a formação comunitária deverá incidir sobre três pontos fundamentais: a realidade do demónio e a sua intervenção extraordinária, sobretudo, despoletada pelo contacto com as diversas formas de superstição; a vitória de Cristo e o poder da Igreja sobre os demónios; e, ainda, a educação para uma vida de graça e oração, caminho de santidade e antídoto contra os ataques demoníacos.¹²⁰

Na cultura contemporânea marcada pelo afastamento da fé e pela difusão generalizada da superstição e das práticas de culto desviantes torna-se indispensável, sobretudo entre a população mais jovem, uma educação preventiva que lhes devolva o verdadeiro sentido da fé. O movimento que testemunhamos hoje é simples de perceber e não é, propriamente, singular na história: uma época na qual se perdem as referências da fé cristã favorece o aumento do recurso à superstição que pode, em casos mais extremos, chegar a rituais de culto declarado a Satanás.¹²¹

¹¹⁶ Cf. AIE, «Nota sobre Alguns Aspectos do Ministério dos Exorcismos».

¹¹⁷ Cf. Manlio Sodi, «Ma Liberaci dal Maligno», em *Tra Maleficio, Patologie e Possessione Demoniacca: Teologia e Pastorale dell'Esorcismo*, ed. Manlio Sodi (Padova: Edizioni Messaggero Padova, 2003), 11.

¹¹⁸ Cf. Bamonte, «La Mia Esperienza di Esorcista», 222.

¹¹⁹ Bamonte, 222.

¹²⁰ Cf. Sodi, «Ma Liberaci dal Maligno», 11.

¹²¹ Cf. Gianni Cavagnoli, «I Praenotanda del “De Exorcismis”», em *Tra Maleficio, Patologie e Possessione Demoniacca: Teologia e Pastorale dell'Esorcismo*, ed. Manlio Sodi (Padova: Edizioni Messaggero Padova, 2003), 199.

Sendo, infelizmente, esta a realidade cultural com que nos deparamos, torna-se necessário um trabalho de qualidade para formar e advertir os fiéis no sentido de não recorrerem a práticas supersticiosas, sobretudo, veiculadas por quem se diz detentor de poderes ocultos. É importante, igualmente, alertar para não se deixarem levar pela sedução da comunicação social que propõe por meio de livros e no espaço digital a iniciação e o contacto com as mais diversas formas de superstição, algumas até mesmo com um pretenso carácter inofensivo e virtuoso.¹²²

Preciso é, além disto, saber moderar tanto aqueles que veem a atuação demoníaca em tudo, como aqueles que não a veem em nada e tudo analisam na ótica puramente racional e desprovida da fé revelada. Fundamental é, ainda, que na suspeita de uma ação extraordinária do demónio, se procure de imediato um sacerdote e não se desviem os fiéis na procura de bruxos, magos, feiticeiros ou daquelas pessoas que dizem fazer umas rezas e terem poderes, sob pena do seu estado anterior se poder agravar ainda mais.¹²³

Sabia e preventivamente, este cuidado formativo poderá ser oferecido aos fiéis por meio de conferências nas suas comunidades paroquiais. No entanto, para além desta modalidade formativa, existe ainda outro espaço de suma importância que convida, frequentemente, ao debate desta problemática na comunidade. Falamos do contexto litúrgico, nomeadamente, da Eucaristia, o espaço magno da reunião comunitária.¹²⁴

Tendo em conta as leituras que são propostas na Eucaristia ao longo do ano litúrgico, são várias as ocasiões que o sacerdote dispõe para na homilia poder esclarecer os fiéis a propósito da existência real do demónio e da sua atuação no mundo. Reconhecê-lo, saber como atua e como vencê-lo com a graça de Deus, seriam respostas essenciais a que todo o fiel deveria ter acesso por intermédio do esclarecimento do seu pastor. É, de facto, seu dever instruir os fiéis para que sigam no verdadeiro caminho da fé.¹²⁵

Antes de demonstrarmos, a título exemplar, algumas perícopes que convidam o sacerdote a efetuar uma homilia, particularmente, focada na luta entre o poder das trevas e a ação libertadora de Deus, recordamos que em todas as Missas, no momento da recitação do Pai-Nosso, toda a assembleia proclama: “mas livrai-nos do Mal”. Quantas vezes são os fiéis iluminados acerca deste pedido? É, de facto, uma prece constante que elevamos a Deus e, como tal, o sacerdote deverá zelar para que os fiéis sejam capazes de entender o significado daquilo que pedem e que Mal personificado se encontram a combater.¹²⁶

¹²² Cf. Pennesi, «Alcuni Criteri di Discernimento delle Situazioni per le quali le Persone Chiedono di Incontrare un Esorcista», 73.

¹²³ Cf. Pennesi, 74.

¹²⁴ Cf. Sodi, «Ma Liberaci dal Maligno», 11-12.

¹²⁵ Cf. Sodi, 11-12.

¹²⁶ Cf. Sodi, 11-12.

No contexto da liturgia da Palavra, citamos então as passagens do Evangelho que podem servir de mote para a reflexão homilética nesta área. Desde logo, pensemos no conhecido Evangelho do Domingo das Tentações que marca todos os anos o início da Quaresma e que nos ilustra o combate permanente que travamos contra o Maligno. A propósito, já no contexto da liturgia eucarística, o Prefácio desse domingo merece também uma especial atenção, em virtude da confiança que devemos depositar em Cristo, triunfador e mestre na luta contra o demónio: «Ele santificou a observância quaresmal e, triunfando das insídias da antiga serpente, ensinou-nos a vencer as tentações do pecado, para que, celebrando dignamente o mistério pascal, passemos um dia à Páscoa eterna».¹²⁷

De todo o interesse são também aqueles evangelhos proclamados ao longo do ciclo litúrgico e que encontramos, precisamente, contidos no *Ritual Romano da Celebração dos Exorcismos*. Tal matização textual, poderá ser uma oportunidade para abordar o tema da libertação. Vejamos as expressões nucleares dessas perícopes: «fora, Satanás!» (Mt 4, 1-11), lido no Primeiro Domingo do ano A da Quaresma; «vieste para nos destruir?» (Mc 1, 21-28), lido no Quarto Domingo do ano B do Tempo Comum; «expulsarão demónios em Meu Nome» (Mc 16, 15-18), recitado no ano B da Solenidade da Ascensão do Senhor; «até os demónios vos obedecerão» (Lc 10, 17-20), lido no Décimo Quarto Domingo do ano C do Tempo Comum; e, finalmente, «Eu expulso os demónios pela mão de Deus» (Lc 11, 14-23), proclamado na quinta-feira da Terceira Semana da Quaresma e na sexta-feira da Vigésima Sétima Semana do Tempo Comum.

Portanto, seja pela organização de ciclos de conferências, seja pela pregação homilética no contexto da celebração eucarística, os pastores deverão ser proativos na formação das suas comunidades no âmbito do conteúdo que temos vindo a apresentar neste estudo. Basta observar a difusão supersticiosa na sociedade para perceber que existe uma urgência pastoral nesta matéria.¹²⁸

E perguntamos: será que esta disseminação supersticiosa é apenas por culpa da sociedade e do demónio, ou poderão também os sacerdotes fazer mais no seu papel evangelizador? Estarão os fiéis, de facto, a ser ensinados e esclarecidos, ou haverá negligência na abordagem da atividade demoníaca e da ação libertadora de Deus por intermédio da Igreja? Estará a formação sacerdotal a abordar estes temas com objetividade ou têm sido pouco aprofundados? O exorcista Moreno Fiori não tem dúvidas em declarar que uma das causas para

¹²⁷ Conferência Episcopal Portuguesa, *Missal Romano* (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia), 197.

¹²⁸ Cf. Osorio, «A Importância e Urgência da Libertação e do Exorcismo no Ministério Sacerdotal», 425.

a difusão supersticiosa na nossa sociedade se deve à falta de preparação e de evangelização dos sacerdotes.¹²⁹

Infelizmente, vemos ainda muitas dioceses sem exorcista nomeado, sacerdotes que se recusam a acolher pessoas que apresentam sinais de perturbação demoníaca, clérigos que negam a existência do demónio e que rejeitam mesmo que Jesus tenha realizado exorcismos. Há, de facto, uma falta de sensibilidade nesta matéria. Enquanto o demónio for considerado um mito ou mera figura literária e os possessos continuarem a ser olhados, levianamente, pelos clérigos como doentes mentais, então a estratégia demoníaca continuará a resultar e a avançar sem qualquer oposição. Não reconhecer o adversário é perder logo à partida.¹³⁰

Na verdade, esta grave confusão teológica põe a claro a lacuna que existe, atualmente, na formação presbiteral.¹³¹ É uma situação que a todos afeta, sobremaneira, às vítimas de perturbações demoníacas que não encontram na Igreja e nos seus pastores o auxílio que necessitam. Se a Igreja é continuadora da ação de Cristo no tempo e na história, com que direito se negam alguns em fazer aquilo que Jesus fez, e quer continuar hoje a fazer, por intermédio dos seus sacerdotes? Despediria Jesus, sem compaixão, alguém que fosse oprimido pelo demónio? Não acolheria ele com amor um filho em sofrimento? Assistimos hoje, lamentavelmente, a uma falta de caridade para com estes irmãos.

Portanto, para reverter este processo, seria importante que a formação dos futuros sacerdotes, em geral, pudesse incluir no seu currículo de estudos a abordagem de temas de angelologia e demonologia; promovesse o estudo teórico do ministério do exorcismo patente nas Sagradas Escrituras, na Patrística e na História da Igreja; apontando, ainda, para uma dimensão prática deste ministério, dotando os candidatos de competências de discernimento que lhes permitisse saber, por exemplo, se estão perante uma perturbação demoníaca ou perante uma perturbação mental. Finalmente, integradas estas matérias, preparar-se-iam os sacerdotes para o acompanhamento pastoral de eventuais casos, sempre em articulação com o exorcista nomeado pelo Bispo diocesano.¹³²

Para que seja consistente, esta formação não se poderá cingir apenas ao período que antecede a ordenação sacerdotal, mas convém ser efetuada de modo continuo em virtude dos contributos que vão surgindo nesta área por intermédio de teólogos e profissionais de saúde que nos desinstalam para uma constante reciclagem e atualização, capaz de garantir um serviço mais competente às comunidades em geral e, particularmente, para os que são atingidos pelo

¹²⁹ Cf. Fiori, «Maleficio e Demonologia», 335.

¹³⁰ Cf. Osorio, «A Importância e Urgência da Libertação e do Exorcismo no Ministério Sacerdotal», 418-424.

¹³¹ Cf. Fiori, «Maleficio e Demonologia», 335.

¹³² Cf. Alcántara, «Premesse Teologiche e Pastorali per una Legislazione Diocesana del Ministero dell'Esorcismo», 265.

sofrimento de uma ação extraordinária do demónio. A sólida preparação geral dos sacerdotes favorecerá, por sua vez, a promoção de ações formativas junto dos leigos e dos agentes pastorais que, conseqüentemente, darão forma a uma comunidade mais consciente dos perigos e mais confiante na graça de Deus.¹³³

De referência nesta área formativa é o trabalho desenvolvido pela Associação Internacional de Exorcistas. Voltada, particularmente, para a formação específica de quem exerce este ministério, a associação oferece aos candidatos um primeiro curso de base, promovendo depois uma contínua formação avançada aos exorcistas.¹³⁴

Além disto, organiza sucessivos encontros e conferências entre exorcistas que, oriundos de diversos países, refletem conjuntamente sobre o ministério que lhes foi conferido, partilhando experiências, expectativas e dificuldades. De todo o interesse são, ainda, as conferências interdisciplinares que contam com a participação de profissionais de saúde que oferecem o seu valioso contributo para uma melhor compreensão do ser humano na sua totalidade.¹³⁵

Este dinamismo académico tem resultado numa produção considerável de estudos e de bibliografia, alguns deles aqui expostos ao longo da nossa tese. A qualidade de quem os produz e a ousada sensatez de não se deixarem vergar aos preconceitos que ainda assolam este campo de investigação permitiu, ultimamente, que o livro *Linee Guida per il Ministero dell'Esorcismo: alla luce del Rituale Vigente*, elaborado pela Associação Internacional de Exorcistas fosse reconhecido e aprovado pelo Dicastério para o Clero que o examinou com o apoio do Dicastério para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos e do Dicastério da Doutrina da Fé.¹³⁶

Como é de esperar, toda esta formação avançada nunca perde de vista a responsabilidade primária que têm os exorcistas de promover nas suas comunidades ou dioceses um conhecimento preventivo que, paralelamente, favoreça uma ajustada compreensão deste ministério, livre de preconceitos ou de excêntricas caricaturas que não se coadunam com a realidade do serviço que prestam. Tal esclarecimento favorece, certamente, uma ajustada inserção e articulação do ministério dos exorcismos na pastoral ordinária da Igreja local.¹³⁷

¹³³ Cf. Alcántara, 265.

¹³⁴ Cf. Rádio Vaticana, «Reconhecimento da Associação Internacional de Exorcistas. Entrevista com o Padre Bamonte», acedido a 26 de julho de 2025, https://www.archivioradiovaticana.va/storico/2014/07/04/reconhecimento_da_associa%C3%A7%C3%A3o_internacional_de_exorcistas_entrevista/bra-811412.

¹³⁵ Cf. Rádio Vaticana, «Reconhecimento da Associação Internacional de Exorcistas».

¹³⁶ Cf. AIE, *Linee Guida per il Ministero dell'Esorcismo*, 6-7.

¹³⁷ Cf. Rádio Vaticana, «Reconhecimento da Associação Internacional de Exorcistas».

De iniciativa laical é notável também o trabalho desenvolvido em Itália pela Associação GRIS (Gruppo di Ricerca e Informazione Socio-Religiosa).¹³⁸ Aprovada pela Conferência Episcopal Italiana, esta associação privada de fiéis dedica-se ao estudo sobre seitas, ocultismo e movimentos religiosos alternativos, agindo como órgão informativo e preventivo na sociedade. Com este propósito, assume um papel importante na formação dos agentes pastorais e educativos, atuando também na assistência às pessoas que caíram nesses movimentos e que manifestam dificuldade em se libertar.¹³⁹

Transmitido e assumido este conteúdo formativo, acreditamos que o envolvimento supersticioso diminuirá no seio das comunidades algo que, conseqüentemente, se refletirá numa menor incidência do número de vítimas da atividade extraordinária do demónio. Também de modo bastante positivo, acreditamos que todo o povo de Deus, desde os Bispos, presbíteros, agentes de pastoral e leigos de modo geral, se mostrarão mais sensíveis e acolhedores perante aqueles irmãos que sofrem ataques de origem demoníaca.

A sólida formação comunitária permitirá, a longo prazo, desconstruir preconceitos, erros interpretativos e atitudes de rejeição, garantindo às vítimas o devido acolhimento e dignidade que merecem. A comunidade, na caridade com que acolhe um dos seus membros oprimido pelo demónio, deverá ser para o mesmo e para a família, um autêntico lugar de suporte, de cura e de esperança.¹⁴⁰

Expressão primeira desta caridade deverá residir na figura do sacerdote, qual continuador da missão de Jesus que acolhe de modo incondicional o pobre que lhe pede auxílio. No seio da comunidade, as vítimas devem reconhecer no sacerdote este rosto de Jesus que se dispõe para as escutar com delicadeza, compreensão e amor incondicional. Exige-se fidelidade ao Evangelho para que Jesus se torne presente no tempo e na história das vítimas.¹⁴¹

Quem sofre um problema deste género deverá sentir a confiança necessária para se aproximar do seu pastor, sem medo de ser rejeitada ou considerada, imediatamente, como alguém que padece de uma patologia mental.

Se as vítimas não sentirem este acolhimento pastoral genuíno, virar-se-ão perdidas e desesperadas para os agentes do oculto que, para além de as destruírem financeiramente, agravarão ainda mais o seu estado original.

Consciente da importância do acolhimento pastoral, que é parte integrante e fundamental do processo de cura, o exorcista Francesco Bamonte apela para que os sacerdotes,

¹³⁸ Cf. GRIS, «Gruppo di Ricerca e Informazione Socio-Religiosa», acedido a 26 de julho de 2025, <https://www.gris.org/>.

¹³⁹ Cf. GRIS, «Statuto e Regolamento», acedido a 26 de julho de 2025, <https://www.gris.org/statuto-regolamento-codice-deontologico/>.

¹⁴⁰ Cf. Macchioni, «Esperienza di un Esorcista Parroco», 156-157.

¹⁴¹ Cf. Sampaio, *Relação Pastoral de Ajuda*, 30-31.

de modo geral, não ignorem nem permaneçam indiferentes a este drama, oferecendo todo o apoio e caridade que as pessoas merecem e necessitam. Esta abertura dos pastores permitirá, por sua vez, que se dê início ao trabalho de discernimento que, dependendo dos resultados, poderá justificar ou não a celebração do exorcismo solene por parte do exorcista. De facto, sem o acolhimento pastoral nas comunidades, o ministério do exorcista ficará dificultado.¹⁴²

Exemplo de uma pastoral bem organizada neste sentido, tem lugar na Diocese de Roma onde se nota uma boa coordenação entre exorcista, pastores e leigos que se dispõem ao serviço caritativo da cura e libertação. No fundo, este serviço é reflexo de uma sensibilidade que foi preparada na comunidade para acolher as vítimas da ação extraordinária do demónio. Francesco Bamonte, exorcista naquela diocese, no sentido de agilizar os atendimentos, recebe casos que lhe são enviados, tanto pelos sacerdotes dispersos nas comunidades, como pelo Centro de Escuta e Discernimento que se situa na Basílica de Santa Anastácia, na cidade de Roma.¹⁴³

A sensibilidade e o acolhimento pastoral nesta matéria é, de facto, assinalável na Diocese de Roma, servindo de modelo para as demais dioceses. Para facilitar, disponibiliza até mesmo, uma plataforma digital para marcação do primeiro contacto com um dos exorcistas ao serviço na diocese, algo que é sempre feito depois de consultar o parecer do próprio pároco.¹⁴⁴ É evidente a organização que existe no processo. A Igreja nestas condições torna-se, de facto, lugar de acolhimento para «todos, todos, todos».¹⁴⁵

2.2. Exorcismo: definição e contexto celebrativo

Estando até aqui a refletir sobre a importância de temas como a formação, o acolhimento e o discernimento, passamos agora à abordagem da cura pastoral em sentido mais prático e concreto aplicada, especialmente, aos casos em que se verifica uma real perturbação demoníaca. Embora sempre presentes ao longo do processo de cura pastoral, os três domínios da formação, acolhimento e discernimento acontecem, substancialmente, numa primeira fase de cariz avaliativo. Da sua conclusão, por sua vez, poderá resultar a necessidade da celebração do exorcismo público solene.

Para combater e proteger-se da ação demoníaca são, geralmente, eficazes a oração frequente, a confissão sacramental, a Sagrada Comunhão, o uso de sacramentais (sobretudo a

¹⁴² Cf. Rádio Vaticana, «Reconhecimento da Associação Internacional de Exorcistas».

¹⁴³ Cf. Bamonte, «La Mia Esperienza di Esorcista», 223.

¹⁴⁴ Cf. Vicariato di Roma, «Ufficio Liturgico».

¹⁴⁵ Francisco, «Cerimónia de Acolhimento – XXXVII Jornada Mundial da Juventude», acedido a 28 de julho de 2025, <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2023/august/documents/20230803-portogallo-cerimonia-accoglienza.html>.

água benta), o jejum, a invocação confiante dos santos nomes de Jesus e de Maria, e uma vida de graça segundo o Evangelho. Na eventualidade de um ataque demoníaco de menor gravidade, como uma tentação mais intensa, por exemplo, estes recursos são suficientes para resolver o problema já que tendem a debelar a ação demoníaca e a fortalecer a vida espiritual da pessoa. Em alguns casos excepcionais, porém, é necessária a celebração do exorcismo solene, também conhecido como exorcismo maior ou grande exorcismo.¹⁴⁶

De facto, existem situações extraordinárias em que os meios genéricos precisam de ser complementados, especialmente, pela celebração do exorcismo solene de modo a poder libertar a pessoa da opressão demoníaca. A Igreja, em virtude do poder que recebeu de Jesus para expulsar o demónio, aplica este meio particular para os casos extraordinários da possessão, obsessão e vexação demoníaca.¹⁴⁷ Apesar da infestação demoníaca não atingir diretamente a pessoa, mas apenas objetos, lugares e animais, o *Ritual Romano da Celebração dos Exorcismos* tem previstas também orações específicas para este contexto de manifestação extraordinária.¹⁴⁸

Mas, objetivamente, quando falamos de exorcismo a que é que nos referimos? Segundo o Catecismo da Igreja Católica, «quando a Igreja pede publicamente e com autoridade, em nome de Jesus Cristo, que uma pessoa ou objeto seja protegido contra a ação do Maligno e subtraído ao seu domínio, fala-se de exorcismo» (CIC 1673).

Dentro dos exorcismos, importa distinguir alguns conceitos e variantes. Sempre que um exorcismo é celebrado em nome da Igreja, por um ministro legítimo e segundo os ritos litúrgicos previstos e aprovados, o exorcismo diz-se “público”. Faltando algum destes três elementos, o exorcismo considera-se “privado” (cf. CDC 1172).

Os exorcismos públicos dividem-se em “simples” e “solenes”. Os primeiros, também designados “menores”, são parte integrante de outros ritos e estão presentes, sobretudo, no percurso do catecumenado e no sacramento do Batismo. Estes podem ser celebrados por qualquer ministro munido da faculdade de celebrar aquelas cerimónias que em si contenham um exorcismo (cf. CDC 1172).

Os segundos, por sua vez, são previstos para os casos de atividade extraordinária do demónio e só podem ser celebrados legitimamente por um presbítero que tenha obtido licença expressa do seu Bispo para o efeito. Portanto, este último exorcismo que tem por objetivo expulsar o demónio ou libertar do poder do Maligno e sobre o qual, de agora em diante, nos focaremos de modo especial classifica-se, tecnicamente, como exorcismo público solene (cf. CDC 1172). Para facilitar o discurso, iremos referi-lo simplesmente por exorcismo.

¹⁴⁶ Cf. Antonio Royo Marín, «A Luta Contra o Demónio», em *Fenómenos Preternaturais: Sobre as Ações dos Anjos e dos Demónios*, ed. Pedro Paulo Alexandre (São Paulo: Editora Imaculada, 2017), 70-72.

¹⁴⁷ Cf. AIE, *Linee Guida per il Ministero dell'Esorcismo*, 108.

¹⁴⁸ Cf. CEP, *Ritual Romano da Celebração dos Exorcismos*, 77-83.

Quando se considera, então, a possibilidade de celebrar um exorcismo, sabemos que estamos, certamente, perante uma situação de gravidade maior. Na proporção dos métodos, a Igreja usa, assim, deste auxílio para afastar um inimigo que ataca de modo extraordinário. Infelizmente, em alguns casos, os ataques são tão graves que as vítimas não conseguem sequer aproximar-se dos sacramentos, nem mesmo formular qualquer oração ou manter-se em contacto com elementos sagrados sem que se despolete, de imediato, uma reação aversiva e violenta. A título exemplar, pode ser impossível administrar a Sagrada Comunhão a estas pessoas atendendo ao risco de irreverência ou profanação que existe.¹⁴⁹

O exorcismo coloca-se, nestas ocasiões, como primeira necessidade para restituir à pessoa algum grau de liberdade que lhe permita voltar à vida sacramental e orante, tornando-a coadjuvante no processo de cura. Noutros casos, embora com dificuldade, a pessoa consegue manter a piedade enquanto é submetida, periodicamente, aos exorcismos, tornando-se parte ativa na libertação. Estamos, portanto, diante de um fenómeno dinâmico que varia ao longo do tempo e que é condicionado por múltiplas variantes, desde a competência do exorcista até ao comprometimento ativo da vítima, dos seus familiares e da própria comunidade que reza por um membro seu que se encontra em sofrimento. Não existem, por isso, dois casos iguais.¹⁵⁰

Importa, de facto, que este sofrimento termine o quanto antes de forma a que a harmonia e o equilíbrio global da pessoa sejam restaurados. Se olharmos à história da salvação, na qual estão integrados também os exorcismos, percebemos que no seu desígnio de amor, Deus procura curar e libertar os seus filhos de maneira a que encontrem a serenidade e a paz de espírito, chegando, finalmente, à comunhão divina onde são regenerados e santificados.¹⁵¹

Dentro desta lógica, o exorcismo é aplicado no sentido de expulsar a presença demoníaca o mais rápido possível, devolvendo a paz e a dignidade à vítima e aos seus parentes. Sob pena de prolongar o sofrimento é, por isso, condenável que se atrase ou condicione o processo de libertação procurando estender os exorcismos com o objetivo de testemunhar manifestações prodigiosas ou de estabelecer um diálogo amigável com o demónio para obter informações fúteis. Defensor de uma ortodoxia celebrativa, o experiente exorcista Gabrielle Nanni reitera que na certeza da presença real do demónio, o exorcismo se aplique, exclusivamente, para curar e libertar a pessoa que está em sofrimento.¹⁵²

Todos aqueles que estão envolvidos no processo de libertação deverão, por isso, concorrer para a sua resolução e não para a sua delonga. No que toca ao empenho humano

¹⁴⁹ Cf. Marín, «A Luta Contra o Demónio», 70-72.

¹⁵⁰ Cf. CEP, *Ritual Romano da Celebração dos Exorcismos*, 17-18.

¹⁵¹ Cf. Achille Triacca, «La Prega della Chiesa nell'Esorcismo Maggiore», em *Tra Maleficio, Patologie e Possessione Demoniacale: Teologia e Pastorale dell'Esorcismo*, ed. Manlio Sodi (Padova: Edizioni Messaggero Padova, 2003), 237.

¹⁵² Cf. Nanni, *Il Dito di Dio e il Potere di Satana*, 159.

importa competência e total dedicação deixando, assim, que uma eventual demora no processo se justifique apenas pela vontade divina, cuja sabedoria é infinitamente maior que a nossa.

Quanto à eficácia do exorcismo, podemos admitir que ele é em si mesmo sempre eficaz, já que realizado em nome de Cristo e da Igreja. Quando falamos de eficácia não significa, porém, que ao primeiro exorcismo se dê a libertação imediata. Isto pode, de facto, acontecer caso seja essa a vontade divina, mas, habitualmente, as coisas não funcionam desta maneira, já que Deus não ambiciona apenas a simples libertação, mas insere, pedagogicamente, a pessoa (e também os seus parentes) num processo terapêutico de conversão. Ou seja, o propósito divino é bem mais profundo e visa restaurar a pessoa de modo integral, fazendo com que ela se entregue plenamente a Ele.¹⁵³

Neste propósito restaurador, percebemos que o exorcismo é eficaz, seja para obter a pronta expulsão do demónio, seja para provocar o progressivo enfraquecimento da ação malévola sobre a pessoa.¹⁵⁴

Independentemente da duração, o exorcismo visa resgatar, de novo, a pessoa para Deus e para uma vida de piedade. Por isso, é comum, notar uma forte conversão de vida naqueles que foram atingidos por uma ação extraordinária do demónio e submetidos a um processo de libertação pelos exorcismos.¹⁵⁵

Importa agora sinalizar o que pode acontecer ao longo da celebração dos exorcismos. Cada caso é singular, embora existam alguns efeitos comuns com os quais o exorcista, a vítima e os demais presentes à celebração devem contar. Antes de mais, é importante saber que o exorcismo, na magnitude da sua força, provoca um elevadíssimo tormento ao demónio. Não querendo libertar a pessoa do seu domínio, o demónio provoca dores em diversas partes do corpo da vítima, contorcendo-a violentamente e deformando, até mesmo, o seu rosto. A pessoa, deve por isso, estar ciente que durante a celebração do exorcismo o seu sofrimento será considerável. Gradualmente, e dependendo do empenho espiritual de todos os envolvidos, a intensidade destes ataques demoníacos vai diminuindo até chegar a plena libertação.¹⁵⁶

No contexto desta pastoral, acreditamos que é importante destacar os fenómenos que são tipicamente observáveis durante a celebração dos exorcismos. É prudente que o exorcista e os presentes à celebração estejam preparados e sensibilizados para os comportamentos e manifestações que se podem desencadear naquela situação.

Para nos situar, contamos com o testemunho prático do exorcista Francesco Bamonte, figura de referência pelos contributos que tem oferecido à investigação e à composição de uma

¹⁵³ Cf. AIE, *Linee Guida per il Ministero dell'Esorcismo*, 178.

¹⁵⁴ Cf. AIE, 178.

¹⁵⁵ Cf. Lara, «Ministero degli Esorcismi», 65.

¹⁵⁶ Cf. Nanni, *Il Dito di Dio e il Potere di Satana*, 159.

extensa bibliografia na área demonológica. Na qualidade de membro da Associação Internacional de Exorcistas e tendo ocupado recentemente o cargo presidencial (coincidindo o mandato com a publicação da obra *Linee Guida per il Ministero dell'Esorcismo – alla Luce del Rituale Vigente*), o testemunho que nos oferece encerra, de facto, uma consistência assinalável, uma vez que nos fala do ponto de vista teórico, prático e na voz de tantos exorcistas que representa na sua pessoa. Observemos, então, os fenómenos que podem ocorrer neste contexto.

De modo geral, ao iniciar a celebração do exorcismo, a pessoa entra em estado de transe, o rosto é deformado e as pupilas movimentam-se para cima ou para baixo, ficando os olhos inteiramente brancos. De modo menos frequente, também se verificam outros fenómenos nos olhos, onde a pupila pode assumir a forma própria de uma cobra, tomando a cavidade orbital um tom avermelhado.¹⁵⁷

Simultaneamente a este transe, o corpo da pessoa é sacudido violentamente pelo demónio, precisando a pessoa de ser contida fisicamente para não se magoar a si mesma, nem magoar o exorcista e os demais presentes. Lembremo-nos que a força acima das capacidades naturais ou expectáveis para a idade da pessoa são uma marca distintiva da presença demoníaca. Nesta agitação, o demónio grita através da vítima com imensa raiva, dizendo todo o tipo de blasfémias, impropérios e frases do género: «é meu! [...] nunca me vou embora! [...] não podes fazer nada contra mim! [...] maldito, descobriste e agora vou-te fazer pagar por isso! [...] deram-me e tu não me vais tirar!». ¹⁵⁸

Ao longo do rito verifica-se, como é expectável, uma forte aversão a todos os elementos e referências sagradas. Sempre que se pronuncia o nome de Deus e se invoca a Santíssima Pessoa de Jesus Cristo, da Santíssima Virgem Maria, dos Santos, do auxílio da Igreja suplicante, ou, ainda, quando se escuta a Palavra de Deus e as verdades salvíficas, o demónio reage violentamente fazendo de tudo para que cesse de imediato o exorcismo.¹⁵⁹

É frequente notar, também, que nos exorcismos o tom de voz da pessoa pode ser alterado. Isto acontece porque, naquele momento, não é ela que fala, mas sim o demónio através de si. Portanto, o tom de voz que se ouve é tipicamente cavernoso, sombrio, rouco, ou por vezes, também estridente ou metálico. De modo bizarro, o demónio pode emitir sons de animais, tais como rosnar como um cão, rugir como um leão ou, até mesmo, sibilar como uma serpente. Este comportamento desesperado do demónio ocorre sempre no sentido de amedrontar os presentes, colocando entraves à celebração do exorcismo que, como já sabemos, tem para ele um efeito extremamente penoso.¹⁶⁰

¹⁵⁷ Cf. Bamonte, «La Mia Esperienza di Esorcista», 229.

¹⁵⁸ Bamonte, 229.

¹⁵⁹ Cf. Bamonte, 230.

¹⁶⁰ Cf. Bamonte, 232.

Dentro deste tipo de situações, damos nota de um episódio ocorrido com o exorcista Francesco Bamonte. Ele conta que, certa vez, uma criança de dez anos, entrando em transe, deslizou da poltrona onde estava sentado e, depois de levitar alguns centímetros, sem tocar no chão, começou a movimentar-se tal qual uma serpente, reproduzindo também o seu sibilar característico. Os pais e avós que estavam presentes naquele momento ficaram, naturalmente, atónitos com o que viram.¹⁶¹

No fundo, podemos dizer que são elementos de “espetáculo” que o demónio gosta de fazer para distrair, amedrontar, provocar admiração e demonstrar domínio com o intuito de retrain o exorcista de executar o seu trabalho. Referimos este tipo de fenómenos bizarros unicamente no sentido de preparar, tanto os exorcistas, como os presentes à celebração, para um estranho habitual que pode ocorrer neste ministério. Porém, sem medo e com toda a confiança! Sabemos que à ordem divina, este “espetáculo” não tem grande duração.

Durante os exorcismos é também importante estar atento às variações comportamentais. Os demónios comportam-se de distintos modos consoante a sua índole, a fase do processo de libertação em que se encontram, os efeitos que vão sentindo e suportando, mas, sobretudo, de acordo com os seus interesses. É preciso ter atenção a esta última nota, pois o demónio com o seu discurso tenta ludibriar os presentes, fazendo mesmo acreditar aos mais ingénuos que ele é, na verdade, um ente querido que já faleceu e que está a necessitar de ajuda.¹⁶²

A atitude comportamental do demónio durante os exorcismos pode ir desde a arrogância, o sarcasmo e a ousadia no falar, até ao recolhimento submisso, numa atitude suplicante de quem se vê subtraído a um poder supremo. Esta amplitude comportamental pode variar no mesmo exorcismo. Passa-se de risos estridentes, irónicos e trocistas, para uma expressão de terror que faz, literalmente, o corpo da vítima tremer de medo. Já os palavrões, as blasfémias, as obscenidades, as ameaças ao exorcista e até mesmo aos presentes, são o mais comum de verificar. Procuram, constantemente, escapar do exorcismo e, por isso, cospem e tentam atacar de todas as formas. Neste contexto, as ânsias de vômito e o salivar da boca são também frequentes sendo, portanto, conveniente ter um recipiente para evitar que a pessoa se suje durante o exorcismo.¹⁶³

A soberba é, sem dúvida, uma marca distintiva do demónio. Por isso, não é de estranhar que nos exorcismos peça, insistentemente, aos presentes para ser adorado como se fosse Deus. De facto, ao demónio custa-lhe aceitar a sua condição de criatura e, como tal, na celebração dos

¹⁶¹ Cf. Bamonte, 232.

¹⁶² Cf. Lara, «Ministero degli Esorcismi», 64.

¹⁶³ Cf. Bamonte, «La Mia Esperienza di Esorcista», 232.

exorcismos é expectável ouvir expressões como: «adora-me, eu sou Deus! [...] ajoelha-te quando o meu nome for pronunciado! [...] ou então, eu sou o Todo-Poderoso! Invoca-me!». ¹⁶⁴

Em contraposição, Francesco Bamonte revela que ao ordenar a adoração do único Deus verdadeiro, ouve sempre a mesma resposta furiosa do demónio que se recusa, terminantemente, a realizar aquele ato, dizendo ser ele o único merecedor de adoração. Para justificar esta posição, o demónio sustenta: «olha à volta e vê como todos me seguem, como todos procuram aquilo que lhes quero oferecer». ¹⁶⁵

Na celebração dos exorcismos vem à tona, sem filtros, toda a maldade do demónio. É frequente, por isso, ouvi-lo falar sobre o extermínio e destruição de tudo o que na criação é belo e harmonioso. O ódio nas suas expressões e a pérfida satisfação com que fala do mal, tanto demonstram a sua natureza decaída, como nos revelam os projetos destrutivos que tem para a humanidade e para a sua salvação eterna. ¹⁶⁶

O matrimónio e os laços de amor familiar são um dos seus alvos favoritos. Quando a união conjugal é abençoada no exorcismo, o demónio reage violentamente. Os seus planos de destruição familiar e a sua aversão à modéstia e à pureza são evidentes. Revelava, por isso, num exorcismo: «continuo a não gostar da forma como as mulheres se vestem. Elas precisam de se despir cada vez mais para que o sexo seja cada vez mais dominante e eu possa destruir cada vez mais as famílias». ¹⁶⁷

No mesmo pérfido sentido, é claramente manifesto o ódio à vida humana desde o primeiro momento da sua conceção. Certa vez dizia: «pega naquela porcaria do livro do Apocalipse. Fala de uma mulher que dá à luz. Eu tento sempre comer as crianças. Sabes como?», e a partir daí, passa a descrever num misto de ódio e satisfação simultânea, o extermínio de milhares de vidas através da prática do aborto, assim como, o abuso sexual de crianças. No mesmo sentido destrutivo falava, ainda, com prazer dos jovens que mantêm presos no vício das drogas e naqueles que se entregam como bombistas suicidas. ¹⁶⁸

O nome de Jesus é para o demónio insuportável de escutar por via dos tormentos que lhe provoca. Por isso, recusa-se também a referir o seu nome por manifesto ódio e desprezo. Não suporta objetos que o remetam para Jesus, particularmente, a cruz. À invocação do nome de Jesus ou às suas citações nos evangelhos, o demónio costuma protestar e distorcer o seu sentido. ¹⁶⁹

¹⁶⁴ Cf. Bamonte, 232-233.

¹⁶⁵ Bamonte, 232-233.

¹⁶⁶ Cf. Bamonte, 232-233.

¹⁶⁷ Bamonte, 233.

¹⁶⁸ Cf. Bamonte, 233-234.

¹⁶⁹ Cf. Bamonte, 233-234

Do mesmo modo, o nome de Maria é também ele atroz para o demónio que se recusa a pronunciá-lo. Com desprezo refere-se a Nossa Senhora como “Aquela”, sendo frequente acrescentar a este pronome uma série de insultos. O Rosário é, particularmente, contestado pelo demónio que o designa como uma corrente amaldiçoada, sendo notórios os tormentos que lhe causa. Num exorcismo, foi colocado um Rosário sobre a pessoa e o demónio, de imediato, começou a gritar dizendo: «está a esmagar-me, é pesado!». ¹⁷⁰

Ele teme, de facto, o Rosário por saber dos seus efeitos. Sobre isto dizia no mesmo exorcismo: «poucos de vós rezam o Rosário. É bom para mim que assim seja porque me dói, porque invocais Aquela (Maria) e recordais a vida d’Aquele (Jesus)». ¹⁷¹

Como podemos perceber, a experiência de Maria nos exorcismos, além de poderosa, é também reconfortante por sabermos que temos uma Mãe que em momento algum nos abandona e sempre vem em nosso auxílio.

De modo especial, existe grande vantagem em mencionar o Imaculado Coração de Maria nos exorcismos. O demónio reage frequentemente a esta invocação pois, como já revelou em múltiplos exorcismos, faz-lhe recordar que o mundo foi consagrado (por Pio XII) ao Imaculado Coração de Maria, ato este que impediu a consecução de muitos dos seus planos destrutivos para a humanidade. ¹⁷²

Sinteticamente, podemos concluir que a oração confiante e sincera tem um poder imenso na luta contra o demónio. Ele mesmo admitiu isto ao exorcista Francesco Bamonte dizendo: «se vivesses de joelhos diante d’Ele e cantasses os seus louvores como os anjos, não teríamos tanto poder». ¹⁷³

Percebemos, em traços gerais, o modo como o demónio se comporta nos exorcismos. Alguns demónios são silenciosos e apenas reagem fisicamente, outros são extremamente faladores, como pudemos testemunhar nos últimos exemplos. ¹⁷⁴

Se falarem ao longo do rito, o exorcista deve continuar com o exorcismo, não se deixando perturbar. Sempre que quiser refrear o demónio poderá fazer uso da água benta que é sempre eficaz nesse propósito. ¹⁷⁵

É certo que grande parte das coisas que o demónio vai dizendo não tem interesse algum e, na verdade, só servem para distrair. Outras, porém, são para nós reveladoras dos seus planos e maquinações no mundo, algo que poderá servir aos exorcistas como complemento formativo.

¹⁷⁰ Bamonte, 234-235.

¹⁷¹ Bamonte, 234-235.

¹⁷² Cf. Bamonte, 235.

¹⁷³ Bamonte, 234.

¹⁷⁴ Cf. Fortea, *Summa Daemoniaca*, 153-154.

¹⁷⁵ Cf. Fortea, 79-80.

Várias são as obras que nos dão eco destas revelações de interesse teológico que ocorrem nos exorcismos. Com maior expressão no público geral, destacam-se as obras do Padre Amorth.

2.3. O Exorcista e a exigência espiritual do seu ministério

Olhando, agora, em retrospectiva para tudo o que temos analisado, ficamos conscientes que o ministério de exorcista, atendendo à complexidade dos domínios que envolve e aos riscos que comporta, exige que o sacerdote nomeado reúna uma série de características fundamentais. De modo específico, o Código de Direito Canónico refere que a licença para exorcisar deverá ser apenas concedida pelo Bispo «a um presbítero dotado de piedade, ciência, prudência e integridade de vida» (CDC, 1172).

Estas quatro características deverão ser constantemente desenvolvidas pelos exorcistas, não só para benefício da sua vida espiritual e como proteção contra o Maligno, mas também atendendo ao facto de que o seu empenho influenciará, certamente, o processo de cura pastoral. É certo que a eficácia do exorcismo está no facto de ser feito em nome de Cristo e da Igreja, mas todos, desde o exorcista, a vítima, os familiares, os auxiliares do exorcista e a própria comunidade têm, a seu modo, um papel importante a desempenhar na evolução do processo. Não são elementos passivos e descomprometidos na ação libertadora de Deus.

O exorcista, de modo particular, em virtude do ministério que recebeu, não se pode cingir à mera celebração ritual, mas deve comprometer-se inteiramente para que o seu serviço seja reflexo da caridade de Jesus. Vejamos, então, de que forma o exorcista se compromete na cura pela virtude da piedade, da ciência, da prudência e da integridade de vida.

Antes de mais, importa que o exorcista seja um homem piedoso, um sacerdote totalmente imerso em Deus. O Espírito Santo comunica este dom ao exorcista fazendo com que o seu coração se incline sempre e cada vez mais para Deus, tornando-o afeto às realidades celestiais. A piedade anima-o na perseverança da oração, moldando de tal modo o seu carácter que este se torna viva expressão de cura para as vítimas da ação extraordinária do demónio. A bondade, a ternura, o cuidado atencioso, a gentileza e a entrega com que se dá ao ministério deverão ser o resultado de uma vida de piedade.¹⁷⁶

Queira Deus que este modo de vida possa levar o exorcista a dizer como São Paulo: «já não sou eu que vivo, mas Cristo que vive em mim» (Gl 2,20). Será, certamente, nesta configuração com Cristo que o exorcista encontrará a força e o poder para curar os seus irmãos atribulados.

¹⁷⁶ Cf. AIE, *Linee Guida per il Ministero dell'Esorcismo*, 119-120.

Sobre a necessidade vital da oração no exercício deste ministério, o Cardeal Gualtiero Bassetti, arcebispo emérito de Perúgia e antigo presidente da Conferência Episcopal Italiana, dizia com entusiasmo à assembleia da Associação Internacional de Exorcistas: «é impossível ser homem de caridade se não se for homem de oração. Precisamente porque ama e quer amar, o exorcista é um sacerdote que reza, portanto, que deseja de alguma forma ouvir, ver e escutar o Senhor Jesus».¹⁷⁷

Continuando a sua reflexão, salienta que o exorcista se deve apresentar no contexto da pastoral ordinária da sua diocese como um homem que vive a fé de modo equilibrado e humilde. O Cardeal Bassetti faz esta sábia observação para evitar distorções na forma de viver e expressar a fé neste contexto ministerial.¹⁷⁸

É importante situar que o exorcista presta um serviço na pastoral da Igreja, à semelhança de tantos outros com semelhante propósito e necessidade. Por isso, defende o Cardeal Bassetti que o exorcista deve possuir «uma fé rica em conteúdo verdadeiro e não uma fé bizarra, porque uma fé bizarra só pode gerar práticas bizarras, incoerentes e, até mesmo, prejudiciais».¹⁷⁹

Para além da piedade é igualmente importante a virtude da ciência, como aliás temos vindo a demonstrar ao longo da elaboração deste estudo. Sabemos que é impossível desempenhar este ministério sem uma competência teórica de base. O estudo prévio e contínuo coloca-se, por isso, como requisito obrigatório no exercício prático do exorcista. Neste sentido, a bagagem teológica e clínica que realçámos confere uma sustentabilidade imprescindível para que a cura pastoral se realize de modo competente, sobretudo ao nível do discernimento e do acompanhamento geral dos casos.¹⁸⁰

Para desempenhar o seu ministério na ortodoxia da fé, importa que o exorcista se oriente sempre pelas diretrizes da Igreja e não se perca na aventura das suas considerações pessoais. Cultivar a obediência é garantia de caminhar na verdade, evitando o assumir de práticas dissidentes e idiossincráticas ou, até mesmo, de cair em erros ideológicos que conduzam ao extremo de negar a existência do demónio. Justamente por isso, o Cardeal Beniamino Stella exorta os exorcistas para que, entre os erros e distorções que os rodeiam, sejam capazes de «acreditar firmemente neste ministério e a levá-lo com dedicação, discrição e espírito de oração, sempre apoiados pelos documentos e normas da Igreja numa área tão sensível».¹⁸¹

¹⁷⁷ Gualtiero Bassetti, «Il Sacerdote Esorcista e il Suo Ministero nella Pastorale Ordinaria della Chiesa», em *Atti Convegno Internazionale: 24-29 Settembre 2018*, ed. Associazione Internazionale Esorcisti (Roma: s.ed., 2019), 308.

¹⁷⁸ Cf. Bassetti, «Il Sacerdote Esorcista e il Suo Ministero nella Pastorale Ordinaria della Chiesa», 311.

¹⁷⁹ Bassetti, 311.

¹⁸⁰ Cf. AIE, *Linee Guida per il Ministero dell'Esorcismo*, 119-120.

¹⁸¹ Beniamino Stella, «Omelia di S.Em. Rev.ma Cardinale Beniamino Stella, Prefetto della Congregazione per il Clero», em *Atti Convegno Internazionale: 24-29 Settembre 2018*, ed. Associazione Internazionale Esorcisti (Roma: s.ed., 2019), 323.

A ciência é, acima de tudo, um dom do Espírito Santo que qualifica o exorcista para conhecer aquilo que só Deus pode revelar. Isto é importante sinalizar a fim de que o ministério não seja reduzido a um mero exercício técnico. A piedade e a ciência surgem, por isso, profundamente unidas na procura da verdade.¹⁸²

De grande proveito, neste sentido, é a confiança que o exorcista deve cultivar em Nossa Senhora. Esta é convicção do Cardeal Angelo de Donatis, que foi Vigário do Papa Francisco para a Diocese de Roma. Aos exorcistas ele diz: «confiem este precioso ministério à Virgem Imaculada: que a sua proteção celeste vos acompanhe, que Ela vos obtenha do Senhor a verdadeira sabedoria».¹⁸³

Por tudo o que temos visto, fica claro que este ministério exige do exorcista a virtude da prudência. Não podemos negar o risco manifesto que o ministério dos exorcismos acarreta. Lidamos com uma criatura extremamente astuta e que nutre pelos exorcistas, de modo especial, um ódio e um desejo de destruição supremo.

Giovanni D’Ercole, exorcista e Bispo emérito de Ascoli, reconhece, por isso, que «o exorcismo é uma luta, por vezes muito dura, contra o poder de Satanás e dos demónios, uma luta que exige vigilância e prudência».¹⁸⁴

Na mesma linha, defende o Cardeal Beniamino Stella que «aqueles que realizam o ministério de exorcismo são convidados a uma vigilância espiritual ainda maior, acompanhada pelas virtudes da prudência e da temperança e por um sábio equilíbrio humano».¹⁸⁵

Situada neste contexto, a virtude da prudência inclina o intelecto do exorcista para discernir os meios mais ajustados para o desempenho da cura pastoral, cujo o objetivo último e fundamental será sempre conduzir a vítima ao encontro com Deus, ou seja, levá-la à santificação. Não basta só libertar, é preciso santificar. Por isso, a virtude da prudência será de suma importância para que o exorcista se possa orientar ao longo do processo de cura sabendo, simultaneamente, orientar a vítima pelo dom do conselho.¹⁸⁶

Por fim, a quarta característica citada pelo Código de Direito Canónico sintetiza o perfil do exorcista que se deve reger, de modo geral, pela integridade de vida. Esta exigência é compreensível, pois se o exorcista se empenha em expulsar os demónios que oprimem os seus irmãos, logicamente, terá primeiro de zelar pela sua própria integridade de vida, de tal modo

¹⁸² Cf. Angelo de Donatis, «Omelia di S.Em. Rev.ma Cardinale Angelo de Donatis, Vicario del Santo Padre per la Diocesi di Roma», em *Atti Convegno Internazionale: 24-29 Settembre 2018*, ed. Associazione Internazionale Esorcisti (Roma: s.ed., 2019), 337.

¹⁸³ Donatis, «Omelia di S.Em. Rev.ma Cardinale Angelo de Donatis, Vicario del Santo Padre per la Diocesi di Roma», 337.

¹⁸⁴ Giovanni D’Ercole, «La Vita Spirituale del Sacerdote Esorcista e dei suoi Ausiliari», em *Atti Convegno Internazionale: 20-25 Ottobre 2014*, ed. Associazione Internazionale Esorcisti (Roma: s.ed., 2015), 201.

¹⁸⁵ Stella, «Omelia di S.Em. Rev.ma Cardinale Beniamino Stella, Prefetto della Congregazione per il Clero», 323.

¹⁸⁶ Cf. AIE, *Linee Guida per il Ministero dell’Esorcismo*, 119-120.

que não se torne presa fácil do inimigo que combate nos outros. Esta integridade de vida exige, portanto, que o exorcista impere sobre os seus vícios e más inclinações, renunciando a toda a baixeza e desonestidade.¹⁸⁷

Que o demónio não tenha pretexto na vida do exorcista para reivindicar os seus direitos. Se, primeiramente, com o auxílio de Deus, o exorcista vencer o demónio na sua luta pessoal, então com justiça, poderá vencê-lo nos outros, ordenando, eficazmente em nome de Cristo e da Igreja, para que ele se afaste e termine a sua ação extraordinária.¹⁸⁸

O Cardeal Gualtiero Bassetti, numa conferência promovida pela Associação Internacional de Exorcistas, revelou de modo sintético e essencial o perfil do exorcista, dizendo: «irmãos exorcistas, quando nós Bispos temos de identificar um sacerdote a quem possamos conceder a licença para realizar exorcismos, a primeira coisa com que nos preocupamos é que seja um homem equilibrado e prudente e, ao mesmo tempo, de profunda vida espiritual».¹⁸⁹

A integridade de vida precisa, portanto, de ser animada por um intenso fervor espiritual que sirva, simultaneamente, de antídoto contra a tibieza que pode ocorrer também neste exercício ministerial. O hábito e a rotina são um risco capaz de ameaçar a vida espiritual do exorcista sendo, por isso, imprescindível uma sã violência contra si mesmo por meio da oração, do sacrifício e da penitência.¹⁹⁰

Outro risco que pode acometer os exorcistas é o pecado de orgulho. Por intermédio dos seus gestos e palavras, verificam-se reações extraordinárias e operam-se libertações. Conhecemos a força espiritual que é comunicada aos sacerdotes no dia da sua ordenação, embora não possamos, na maioria das vezes, testemunhar ocularmente qualquer alteração que se dê por intermédio das suas ações ministeriais. Acreditamos na graça que se opera espiritualmente.¹⁹¹

Porém, de modo especial, no ministério dos exorcismos as realidades espirituais tornam-se manifestamente visíveis e, por isso, o exorcista precisa de estar profundamente exercitado na humildade para que não fique convencido de que tudo aquilo ocorre por seu especial dom ou poder pessoal. Importa, mais uma vez, salientar que o mérito da libertação advém de Cristo que comunica este poder aos seus servos para que, com espírito de serviço e entrega, possam socorrer os seus irmãos atribulados. O exorcista não é a causa da libertação, mas apenas o instrumento. Não há, portanto, espaço para o protagonismo nem para qualquer motivo pessoal de orgulho ou presunção.¹⁹²

¹⁸⁷ Cf. AIE, 119-120.

¹⁸⁸ Cf. AIE, 119-120.

¹⁸⁹ Bassetti, «Il Sacerdote Esorcista e il Suo Ministero nella Pastorale Ordinaria della Chiesa», 308.

¹⁹⁰ Cf. D'Ercole, «La Vita Spirituale del Sacerdote Esorcista e dei suoi Ausiliari», 201.

¹⁹¹ Cf. AIE, «Nota sobre Alguns Aspetos do Ministério dos Exorcismos».

¹⁹² Cf. AIE, «Nota sobre Alguns Aspetos do Ministério dos Exorcismos».

De modo sintético, para que o exorcista possa ser um autêntico instrumento pastoral de libertação importa, antes de tudo, que saiba tratar da sua vida espiritual com todo o zelo e cuidado, pois não tem sentido trazer a cura aos outros e não se curar a si em primeiro lugar. Essencialmente, qualquer ministério na Igreja deverá ser desempenhado como meio de santificação pessoal e comunitário.

2.4. Ritual do Exorcismo

Avançamos agora para a celebração ritual do exorcismo descrevendo as suas etapas e elementos fundamentais. Entramos no núcleo prático da cura pastoral aplicada às vítimas de perturbações extraordinárias do demónio. Antes de mais, importa que o exorcismo seja celebrado corretamente segundo as normas estabelecidas, de tal modo que fique evidente a fé da Igreja e não se induzam os presentes em interpretações erróneas de teor mágico ou supersticioso. Opte-se, portanto, pela sobriedade.¹⁹³

Antes de iniciar a celebração é fundamental que o exorcista se prepare convenientemente por meio da oração e do jejum. Lembremo-nos, a propósito, das palavras de Jesus aos seus discípulos: «esta espécie de demónios não se expulsa senão à força de oração e jejum» (Mt 17, 21). É uma prática vigente na tradição da Igreja e de grande utilidade na preparação do exorcista para o combate que vai travar.¹⁹⁴

O local para a celebração do exorcismo deverá ser o oratório ou outro lugar apropriado para o efeito, sendo conveniente que esteja separado da multidão. Imprescindível neste local é que esteja adornado com a imagem de Jesus Crucificado e da Virgem Santíssima,¹⁹⁵ devendo ser benzido pelo exorcista no início da celebração.¹⁹⁶

Para a pessoa que vai ser submetida ao exorcismo é necessária uma poltrona no local. Em alguns exorcismos, as reações do demónio são mais violentas e o corpo da pessoa pode ser arremessado para o chão. Por este motivo, é conveniente que sob a poltrona exista um tapete de qualidade e com dimensões razoáveis e, muito importante, que não existam móveis ou outros objetos próximos em que a pessoa se possa magoar.¹⁹⁷

Para além disto, é importante que no local exista um recipiente para recolher as secreções gástricas provocadas pelas ânsias de vômito que acontecem ao longo do exorcismo. Estes elementos são sobretudo frequentes nos casos de malefício, onde se verifica também a

¹⁹³ Cf. CEP, *Ritual Romano da Celebração dos Exorcismos*, 17.

¹⁹⁴ Cf. CEP, 18.

¹⁹⁵ Cf. CEP, 19.

¹⁹⁶ Cf. CEP, 24.

¹⁹⁷ Cf. AIE, *Linee Guida per il Ministero dell'Esorcismo*, 246.

materialização de objetos como pregos, lâminas, vidros, entre outros. Disponha-se também de guardanapos e água para as vítimas.¹⁹⁸

As pessoas que forem admitidas à celebração devem manter-se em permanente oração, não devendo, de modo algum, dialogar com o demônio ou interromper a celebração por qualquer motivo.¹⁹⁹

O rito inicia. O exorcista dirige-se para o local da celebração paramentado com alva ou com sobrepeliz sobre a veste talar, usando estola de cor roxa. Depois da reverência ao altar (ou na ausência deste, à cruz), o exorcista segue para a sua sede e efetua o sinal da cruz.²⁰⁰ Se for possível, pode dirigir uma breve admonição aos presentes de modo a prepará-los para a celebração litúrgica em que vão participar.²⁰¹

Asperge, de seguida, com água benta a pessoa atormentada pelo demônio. Este ato recorda a purificação do Batismo e tem um propósito libertador. Esta água poderá ser benzida antes da celebração ou dentro da mesma, sendo possível acrescentar sal, caso pareça oportuno. Feita esta ação litúrgica, o exorcista avança então para a prece litânica, através da qual se suplica a misericórdia divina pela intercessão dos santos.²⁰²

Depois da ladainha, segue-se a recitação dos salmos que focam, sobretudo, a proteção de Deus e a exaltação da vitória de Cristo sobre o poder das trevas (Sl 90; 3; 10; 12; 21; 30; 34; 53; 67; 69). O exorcista pode optar pela recitação seguida, ou então, dinamizar de modo responsorial.

Nesta senda, proclama o Evangelho, escolhendo uma entre as várias perícopes que estão à disposição no *Ritual Romano da Celebração dos Exorcismos* (Jo 1,1-14; Mt 4,1-11; Mc 1,21-28; 16,15-18; Lc 10,17-20; 11,14-23). Cristo faz-se, então, presente por meio da Sua Palavra que cura e liberta.²⁰³

O exorcista impõe, de seguida, as mãos sobre a vítima que é atormentada e invoca o poder do Espírito Santo, forçando o inimigo a afastar-se daquele que é templo de Deus pela graça batismal. Segue-se a profissão de fé por meio da recitação do Símbolo dos Apóstolos ou, se for possível, pela renovação das promessas batismais, renunciando de modo explícito a Satanás. Reza-se, posteriormente, a oração dominical suplicando, especialmente, a Deus para que nos livre do Mal.²⁰⁴

¹⁹⁸ Cf. AIE, 247.

¹⁹⁹ Cf. CEP, *Ritual Romano da Celebração dos Exorcismos*, 19.

²⁰⁰ Cf. CEP, 22.

²⁰¹ Cf. AIE, *Linee Guida per il Ministero dell'Esorcismo*, 252.

²⁰² Cf. CEP, *Ritual Romano da Celebração dos Exorcismos*, 17.

²⁰³ Cf. CEP, 17-18.

²⁰⁴ Cf. CEP, 18.

Depois do Pai-Nosso, o exorcista apresenta a Cruz à pessoa atormentada e diz: «eis a Cruz do Senhor, fugi forças inimigas!».²⁰⁵ Na sequência, se lhe parecer oportuno, poderá soprar na face da pessoa dizendo a seguinte oração: «com o Vosso Espírito, Senhor, afastai os maus espíritos: mandai que se afastem, porque chegou o Vosso Reino!».²⁰⁶

Finalmente, o exorcista profere a fórmula deprecativa e a fórmula imperativa do exorcismo. Na primeira, suplica a Deus para que a vítima seja liberta do demónio; por sua vez, na segunda, ordena diretamente ao demónio, em nome de Cristo, para que ele se afaste daquela imagem de Deus. Quanto à disposição, importa que a fórmula deprecativa tenha precedência sobre a fórmula imperativa.²⁰⁷

Conclui-se o rito por meio de um cântico de ação de graças que poderá ser, por exemplo, o Magnificat ou o Benedictus, seguido da oração e da bênção final.²⁰⁸ Participando de modo ativo no processo de cura, o atormentado deve ser depois animado pelo exorcista a seguir uma vida espiritual e moralmente correta. Deve, pois perseverar na oração, participar com frequência nos sacramentos, sobretudo da Eucaristia e da Penitência, praticar obras de misericórdia e afastar-se das ocasiões de pecado. Para este estilo de vida devem também ser conduzidos os familiares da vítima, sabendo que também eles são parte ativa no processo de cura pastoral.²⁰⁹

Consciente deste propósito, o exorcista português Duarte Sousa Lara procura envolver, na medida do possível, todos os membros da família no processo de cura. Portanto, tanto à pessoa atormentada pelo demónio, como aos seus parentes, exige que se comprometam com quatro pontos fundamentais: confissão mensal, Eucaristia diária, terço em família todos os dias e recitação de uma oração de libertação no final do mesmo. Nesta envolvência familiar, o alcance regenerativo torna-se dilatado, cumprindo o magno objetivo divino que passa pela conversão e santificação geral.²¹⁰

Com a mesma sensibilidade, Cliff Ermatinger, exorcista norte-americano da Diocese de Milwaukee, exige um comprometimento sincero mediante a participação diária na Eucaristia, terço, meditação, *lectio divina*, e a ladainha do Preciosíssimo Sangue de Jesus todos os dias. Pede, ainda, confissão sacramental e Adoração Eucarística semanalmente. No fundo, são planos de vida espiritual semelhantes que tendem a envolver ativamente as pessoas no mesmo processo de cura pastoral.²¹¹

²⁰⁵ CEP, 38.

²⁰⁶ CEP, 39.

²⁰⁷ Cf. CEP, 18.

²⁰⁸ Cf. CEP, 18.

²⁰⁹ Cf. CEP, 19.

²¹⁰ Cf. Lara, «Ministero degli Esorcismi», 64-65.

²¹¹ Cf. Ermatinger, «Esperienze di un Esorcista Statunitense», 173.

De modo adicional, damos nota agora dos preceitos que o exorcista poderá ter de dirigir ao demónio no decurso do exorcismo. Alguns fazem parte do Ritual e são obrigatórios, outros servem para conter as investidas do demónio. Destacam-se três tipos de preceitos neste contexto: comuns, lenitivos e expulsivos.²¹²

Os preceitos comuns são emitidos pelo exorcista para múltiplas necessidades, seja para obrigar o demónio a responder a perguntas importantes para o caso, seja para o obrigar a realizar ou cessar alguma ação. Ao longo do Ritual podemos verificar uma série de preceitos deste género contidos, particularmente, nas fórmulas exorcísticas imperativas. Numa delas, a título exemplar, ordena-se ao demónio para que emudeça e não impeça o fiel de bendizer e louvar a Deus.²¹³

Por sua vez, os preceitos lenitivos efetuam-se no sentido de bloquear ou aliviar a vexação que o demónio provoca à pessoa durante a celebração exorcística. Finalmente, os preceitos expulsivos, como o próprio nome indica, são ordenados com o objetivo de expulsar o demónio da vítima que ele oprime de modo extraordinário.²¹⁴

É importante que o exorcista se dirija sempre ao demónio com autoridade e voz de comando, tal qual se faz a um inimigo. Ao demónio não se pede, ordena-se! É ele que está em desvantagem nesta batalha. O exorcista representa Cristo e a Igreja e deve, por isso, saber que o demónio está subjugado à sua autoridade e poder.²¹⁵

A este propósito, importa salientar que o exorcismo, sendo uma celebração litúrgica, tem como sujeito a Igreja. À luz do ensinamento conciliar é recomendável, portanto, que esteja reunida uma pequena assembleia de fiéis na celebração do exorcismo, normalmente composta pelos familiares da vítima e pelos auxiliares do exorcista.²¹⁶

Não havendo possibilidade de reunir este grupo de fiéis (que é também uma prudência), a Igreja faz-se igualmente presente na pessoa do exorcista e no fiel atormentado. De facto, a Igreja é o sujeito orante nos exorcismos, e como recomenda o liturgista Gianni Cavagnoli, tal ensinamento deverá ser transmitido com clareza aos que vierem a participar nesta celebração.²¹⁷

A Igreja como sujeito orante, suplica porque acredita e confia na Santíssima Trindade. Isto está visivelmente marcado no *Ritual Romano da Celebração dos Exorcismos*. Na fórmula imperativa do exorcismo, particularmente, notamos assinalada esta estrutura trinitária da qual decorrem três ordens ao demónio com referência às três Pessoas da Santíssima Trindade.²¹⁸

²¹² Cf. AIE, *Linee Guida per il Ministero dell'Esorcismo*, 222.

²¹³ Cf. CEP, *Ritual Romano da Celebração dos Exorcismos*, 71.

²¹⁴ Cf. AIE, *Linee Guida per il Ministero dell'Esorcismo*, 222-226.

²¹⁵ Cf. AIE, 230-231.

²¹⁶ Cf. Cavagnoli, «I Praenotanda del “De Exorcismis”», 193.

²¹⁷ Cf. Cavagnoli, 193.

²¹⁸ Cf. Triacca, «La Preghiera della Chiesa nell'Esorcismo Maggiore», 223.

O Pai condena Satanás, inimigo do gênero humano, pelo seu orgulho e inveja, obrigando-o a deixar definitivamente aquela pessoa criada à imagem de Deus e tornada sua filha pela graça da adoção. O Filho, com o seu poder e majestade, deve ser reconhecido pelo Inimigo como aquele que o venceu no deserto, que o superou no Jardim das Oliveiras, que o despojou na Cruz e que o derrotou para sempre pela sua gloriosa Ressurreição. O Espírito Santo, espírito de graça e de verdade, opõe-se a Satanás que é o pai da mentira e sedutor da humildade. O Inimigo deve reconhecer, portanto, que a vítima que oprime está assinalada pelo Espírito Santo e impregnada da sua unção, não lhe restando outra opção senão abandonar aquele que é, em verdade, templo do Espírito Santo.²¹⁹

Há pouco falávamos dos auxiliares do exorcista. Apesar de ser lícito ao exorcista receber uma pessoa individualmente e celebrar dessa forma o exorcismo, não é recomendável nem prudente que isso aconteça. É de todo o interesse a presença dos auxiliares na celebração, cujos principais deveres são a oração, a preparação e o cuidado do espaço e, também, a assistência geral às necessidades da vítima que passam, sobretudo, pela sua contenção física, pelo amparo quando ameaça cair e pela providência de um recipiente próprio para recolher as secreções gástricas. De modo preventivo, os auxiliares são também importantes enquanto defensores do bom nome do exorcista, agindo como suas testemunhas no caso de alguma acusação injustificada.²²⁰

Pela exigência deste serviço, os auxiliares devem ser meticulosamente escolhidos e preparados pelo exorcista, de modo que não se registem erros que possam perturbar o decorrer da celebração. No seu perfil, o auxiliar deve ser uma pessoa com uma profunda vida de oração, moralmente íntegra, disponível para o serviço e saudável a nível físico e psicológico. Deve pautar-se pela discrição, não revelando a identidade das pessoas que são assistidas, nem partilhando nada que possa ocorrer no contexto do exorcismo, seja antes, durante ou depois do mesmo se realizar.²²¹

Exige-se, portanto, uma formação espiritual, catequética e funcional para que estes auxiliares desempenhem com eficácia o seu papel. De modo prático, estes auxiliares devem manter-se em constante oração segundo as indicações do exorcista, conservar o silêncio e abster-se de fazer qualquer comentário ou observação durante o exorcismo. É absolutamente proibido que o auxiliar se dirija à pessoa atormentada, mesmo que fosse para encorajá-la na sua luta. Sobre eventuais questões que as vítimas ou os seus familiares possam fazer aos auxiliares, estes devem, com humildade, remeter tudo ao exorcista.²²²

²¹⁹ Cf. Triacca, 223.

²²⁰ Cf. AIE, *Linee Guida per il Ministero dell'Esorcismo*, 257-259.

²²¹ Cf. AIE, 260-262.

²²² Cf. AIE, 262-268.

Caso um auxiliar não obedeça humildemente às orientações do exorcista, deverá ser pelo mesmo corrigido e se, porém, perseverar no erro, ser convidado a abandonar o serviço. Estamos num contexto delicado que exige a máxima competência e precaução.²²³

Para além destes auxiliares diretos podemos também destacar outros auxiliares remotos. Falamos do recurso espiritual que pode ser oferecido por todos aqueles que rezam à distância. É o caso particular dos religiosos, consagrados de vida contemplativa, dos leigos que se reúnem, especialmente, em oração para fortalecer o exorcista e auxílio da pessoa atormentada.²²⁴

Entre os auxiliares remotos, podemos também destacar o papel desempenhado pelos pastores no que diz respeito ao acompanhamento dos casos. Embora no capítulo da libertação o acompanhamento pastoral seja da competência primária do exorcista, de toda a conveniência e proveito será também o suporte concedido à pessoa pelo seu pároco e/ou diretor espiritual, contanto que estejam devidamente preparados para o efeito. Se tal não estiver assegurado, será preferível que o exorcista encaminhe a pessoa para um sacerdote da sua confiança que possa, realmente, garantir uma extensão de acompanhamento eficaz.²²⁵

Sobretudo, a colaboração entre estes agentes e o exorcista é proveitosa pois oferece às vítimas um acompanhamento pastoral permanente naquele que em si mesmo é um processo dinâmico e exigente de muito cuidado e atenção. Havendo uma articulação eficaz, o exorcista terá acesso a dados mais consistentes sobre a evolução do caso entre as sessões de exorcismo, ao mesmo tempo que garantirá à pessoa um acompanhamento estável e localizado na sua dor. O sucesso deste trabalho em rede garante, assim, a consciencialização pastoral do ministério e evita o perigo de sobrecarga do exorcista no desempenho de funções que podem, perfeitamente, ser assistidas por outros agentes.²²⁶

2.5. Fatores condicionantes no processo de libertação

Na globalidade deste processo, salientamos agora três fatores que podem condicionar a libertação. São eles a sinceridade da conversão, o compromisso com a vida cristã e, finalmente, a Vontade Divina.²²⁷

No que toca ao primeiro fator, comprova-se que os casos de resolução mais rápida ocorrem, precisamente, nas pessoas em que se dá uma sincera mudança de vida. Ou seja, são

²²³ Cf. AIE, 262-268.

²²⁴ Cf. D'Ercole, «La Vita Spirituale del Sacerdote Esorcista e dei suoi Ausiliari», 206.

²²⁵ Cf. Francesco Bamonte, «Criteri di Discernimento Offerti ai Pastori d'Anime per Capire se una Persona Deve Essere Sottoposta alla Valutazione di un Sacerdote Ecorcista», em *Atti Convegno Internazionale: 24-29 Settembre 2018*, ed. Associazione Internazionale Esorcisti (Roma: s.ed., 2019), 33-34.

²²⁶ Cf. Bamonte, «Criteri di Discernimento Offerti ai Pastori d'Anime per Capire se una Persona Deve Essere Sottoposta alla Valutazione di un Sacerdote Esorcista», 33-34.

²²⁷ Cf. Lara, «Ministero degli Esorcismi», 70.

peessoas que, efetivamente, se arrependem dos seus pecados, efetuam uma confissão sincera, renunciam explicitamente às práticas supersticiosas com as quais estiveram antes envolvidas e se entregam inteiramente a Deus.²²⁸

De facto, se não houver um corte radical com o pecado e um arrependimento sincero, os exorcismos não terão grande efeito. Nestas situações, o exorcista deve ajudar a pessoa a identificar o pecado que está a bloquear todo o processo, convidando-a ao arrependimento, à confissão e à conversão de vida.²²⁹

Por sua vez, o compromisso com a vida cristã é um fator decisivo para o desenvolvimento e duração do processo de cura. Falamos, concretamente, do empenho ativo que o *Ritual Romano da Celebração dos Exorcismos* prescreve para aqueles que são atormentados pelo demónio.²³⁰

Aqui inspirados, citávamos há pouco os planos de vida espiritual traçados pelos exorcistas Duarte Sousa Lara e Cliff Ermatinger para as pessoas que são submetidas aos exorcismos. No fundo, esta “medicação” é imprescindível para envolver o fiel no processo de cura e comprometê-lo, honestamente, com a fé que professa.

Existem pessoas que, de facto, se arrependem dos seus pecados e se confessaram bem, contudo não têm muito amor a Deus nem assumem um verdadeiro compromisso com a vida cristã. Estão instaladas e passivas sem oração frequente, sem vida sacramental, sem desejo de santidade e com reduzido espírito evangelizador. São marcadas, de certo modo, pela preguiça e pela tibieza que tornam impossível a libertação.²³¹

O último fator é o mais misterioso para nós, no entanto, será certamente sábio e santificante no seu propósito. A Vontade Divina pode permitir, de facto, que a libertação plena nunca ocorra, por mais que o comprometimento de todos seja total. Podem existir diversos motivos, entre os quais, haver um propósito divino dirigido à reparação de pecados, à conversão de algum familiar, à preservação de alguém à condenação eterna, à preparação para uma missão particular ou, até mesmo, ao aumento da santidade.²³²

Aqui podemos lembrar, por exemplo, os santos que na história da Igreja sofreram perturbações extraordinárias do demónio, nomeadamente, São Pio de Pietrelcina²³³ e São João Maria Vianney²³⁴ que eram fisicamente agredidos pelo demónio, ou até mesmo, a carmelita

²²⁸ Cf. Lara, 70-71.

²²⁹ Cf. Lara, 70-71.

²³⁰ Cf. CEP, *Ritual Romano da Celebração dos Exorcismos*, 17-18.

²³¹ Cf. Lara, «Ministero degli Esorcismi», 71.

²³² Cf. Lara, 72.

²³³ Cf. ACI, «São Pio de Pietrelcina Lutou Contra o Demónio», acedido a 23 de setembro de 2025, <https://www.acidigital.com/noticia/49664/sao-pio-de-pietrelcina-lutou-contra-o-demonio>.

²³⁴ Cf. Philip Kosloski, «O Diabo Contra São João Maria Vianney», acedido a 23 de setembro de 2025, <https://pt.aleteia.org/2020/10/28/o-diabo-contra-sao-joao-maria-vianney/>.

Santa Maria de Jesus Crucificado,²³⁵ popularmente conhecida como “pequena árabe”, que múltiplas vezes sofreu a possessão demoníaca.

Considerando todo o sofrimento que as perturbações demoníacas provocam é importante animar as vítimas para que ofereçam essa dor a Deus, cultivando a esperança e a convicção que daquela dor brotará um bem maior para si e para os seus próximos, sejam eles vivos ou defuntos. O exorcista deve, neste sentido, estimular a pessoa a levar a cruz com fé, nunca se revoltando contra Deus, mas aceitando humildemente o cumprimento da Sua vontade.²³⁶

2.6. Proposta de um serviço Pastoral de Cura e Libertação nas dioceses

Seria desejável que este nosso estudo saísse do papel e se traduzisse objetivamente na vida de quem sofre. Para que isto seja possível e aconteça de modo eficaz será necessária a inclusão de uma pastoral de cura e libertação nas dioceses nacionais e internacionais, uma resposta concreta que evita que alguém seja ignorado ou desamparado pela Igreja no seu sofrimento. A nível central, seria desejável que cada diocese contasse com um organismo especializado, formado por uma equipa interdisciplinar, coordenada pelo exorcista e constituída por leigos com formação específica nas áreas de saúde mental, como neurologistas, psiquiatras e psicólogos. De modo localizado ou descentralizado, esta pastoral seria projetada em articulação com os párocos e outros sacerdotes que atuariam, tanto no campo da evangelização, como no acompanhamento extensivo e complementar dos casos de atividade extraordinária do demónio identificados pelo exorcista da diocese.²³⁷

Na síntese de todo este estudo apresentamos, então, para as dioceses um projeto direcionado à fundação ou desenvolvimento de uma pastoral de cura e libertação. Apontamos, em primeiro lugar, às dioceses portuguesas por identificarmos nelas uma lacuna expressiva neste capítulo, no entanto, este plano é também aplicável a nível internacional.

Particularmente, em Portugal ainda nos encontramos longe da organização já existente noutros países, como a Itália, sem dúvida o melhor exemplo ao nível da assistência às vítimas da ação extraordinária do demónio. Pretendemos, então, com esta proposta oferecer um suporte concreto, competente e organizado que atenda e dê resposta ao sofrimento de quem enfrenta um quadro sintomatológico atípico. Expomos a sugestão de projeto no quadro seguinte:

²³⁵ Cf. Abel Camasca, «Freira Carmelita Superou Possessões Demoníacas e foi Santa», acedido a 23 de setembro de 2025, <https://www.acidigital.com/noticia/59883/freira-carmelita-superou-possessoes-demoniacas-e-foi-santa>.

²³⁶ Cf. Lara, «Ministero degli Esorcismi», 72.

²³⁷ Cf. Alcántara, «Premesse Teologiche e Pastorali per una Legislazione Diocesana del Ministero dell’Esorcismo», 268-269.

PASTORAL DE CURA E LIBERTAÇÃO		
MEMBROS DA EQUIPA	▫ Exorcista ▫ Profissionais de saúde mental: Neurologista, Psiquiatra ou Psicólogo Clínico ▫ Auxiliares do Exorcista ▫ Secretário	
CONTACTOS	▫ Página web com informações acerca da Pastoral de Cura e Libertação da Diocese ▫ Possibilidade de contacto via telefone, email e correio	
LOCAL	▫ Oratório ou outro lugar apropriado ▫ Acessível no território geográfico da Diocese ▫ Discreto e separado da multidão	
FUNÇÕES GERAIS	Gestão	▫ Elementos responsáveis e funções particulares: ✓ Secretário: gere e atualiza a página web; organiza a agenda da equipa, efetuando as marcações para o discernimento e gerindo as datas, horários e locais para as ações de formação.
	Formação	▫ Elementos responsáveis e funções particulares: ✓ Exorcista e Profissionais de saúde mental: organizam e efetuam as ações de formação. Estas são dirigidas e adaptadas, particularmente, aos sacerdotes (reunidos em diocese, arciprestado/vigarraria ou ordem religiosa), aos capelães hospitalares e aos agentes da pastoral da saúde, aos catequistas e aos leigos em geral.

FUNÇÕES GERAIS	Discernimento	▫ Elementos responsáveis e funções particulares: ✓ Exorcista: efetua o discernimento por meio da oração e da ciência teológica. Consulta e discute os casos com os profissionais de saúde mental, porém, o veredito final será da sua inteira responsabilidade. ✓ Profissionais de saúde mental: procedem à avaliação clínica da pessoa e formulam possíveis diagnósticos à luz da ciência médica e psicológica. ✓ Pastores: dispersos no território da Diocese, recebem nas suas comunidades os casos, registam os sintomas observados e encaminham para a Equipa de Cura e Libertação. ✓ Auxiliares do Exorcista: apoiam na possível contenção física durante o processo de discernimento do exorcista.
	Exorcismos	▫ Elementos responsáveis e funções particulares: ✓ Exorcista: efetua a celebração do <i>Ritual dos Exorcismos</i> e coordena tudo aquilo que acontece ao longo do mesmo. ✓ Auxiliares do Exorcista: apoiam na contenção física da pessoa e auxiliam-na nas suas necessidades ao longo da celebração do exorcismo, nomeadamente, na limpeza e na colocação de um recipiente próprio para as secreções de vômito que podem ocorrer. Efetuam, igualmente, a limpeza e o cuidado do espaço, provendo as condições necessárias à celebração. Oferecem, também, um suporte espiritual através da oração silenciosa que fazem ao longo do rito. Figuram como testemunhas celebrativas, zelando pelo bom nome do Exorcista.

FUNÇÕES GERAIS	Acompanhamento Pastoral	▫ Elementos responsáveis e funções particulares: ✓ Exorcista: é o responsável maior pelo acompanhamento pastoral de cada caso, orientando a pessoa ao longo de todo o processo de cura e libertação. Entre as sessões em que a pessoa é submetida ao exorcismo, o exorcista estabelece orientações precisas, ao mesmo tempo que lhe oferece um suporte permanente na variação dinâmica do processo. ✓ Pastores: na perspectiva de um trabalho em rede, o exorcista pode determinar que a pessoa seja complementarmente acompanhada na sua comunidade de origem pelo seu pároco ou por outro sacerdote ao serviço no território da Diocese. Estes pastores prestam suporte ao nível da oração, da escuta compassiva e dos sacramentos. Devem estar devidamente preparados para este tipo de acompanhamento pastoral, mantendo-se articulados e obedientes às diretrizes do exorcista. ✓ Profissionais de saúde mental: sendo o processo de libertação por vezes demorado e desgastante a nível psicológico, os profissionais de saúde oferecem às pessoas a assistência clínica necessária.
---------------------------	---	---

Terminamos, assim, o nosso estudo com esta sugestão prática que visa dar resposta a uma necessidade pastoral concreta no seio da Igreja e da sociedade contemporânea. De facto, uma das marcas distintivas no pontificado de Francisco, foi o desafio lançado para atendermos às periferias e cuidarmos dos marginalizados, para nos desinstalarmos do conforto que prefere ignorar o sofrimento dos irmãos e sairmos como Igreja para os socorrer e amparar no caminho.

E, olhando com atenção, não encontraremos as vítimas mais diretas do Inimigo a vaguear também pelas ruas da periferia? Sem dúvida que sim! Pois, então, será precisamente aqui onde a Igreja se deverá dizer em saída para estender a mão, curar e libertar aqueles que necessitam.

CONCLUSÃO

Como pudemos constatar, o conhecimento previne o erro e orienta a as boas práticas de atuação. Lidando a Igreja com pessoas e esperando estas a sua assistência na dor e no sofrimento, particularmente, em matéria de perturbações de índole demoníaca, será lógica e necessária uma formação consistente que se possa traduzir, então, numa resposta pastoral concreta, organizada e reveladora da caridade cristã.

O estudo que apresentámos procurou, assim, contribuir para a resolução operativa de uma certa lacuna ou deficiência que existe hoje na Igreja ao nível da assistência às vítimas da ação extraordinária do demónio. Acreditamos que este problema merece uma atenção especial que passará, necessariamente, pela mobilização de meios e agentes pastorais capacitados. Estruturada uma equipa pastoral de cura e libertação ficam não só reunidas condições para o acolhimento e assistência às vítimas, mas também para a atuação preventiva nas comunidades.

De modo conclusivo, podemos oferecer uma resposta sumária às questões que traçámos nesta dissertação. Com o primeiro capítulo, sinalizámos o fenómeno emergente da superstição e das suas nefastas consequências espirituais, situando teologicamente este facto para então concluir que o ensino bíblico, a patrística, o magistério eclesial, uma parte significativa de teólogos contemporâneos e, obviamente, a globalidade dos exorcistas considera real a existência do demónio que, para além da ordinária tentação, age também de modo extraordinário por intermédio da obsessão, vexação, possessão e infestação.

Não ignorando o conjunto de perturbações mentais que apresentam sintomatologia semelhante a estes fenómenos demoníacos, oferecemos no segundo capítulo uma visão clínica genérica, não só no sentido de melhorar o processo de discernimento dos casos, mas também para abrir espaço ao contributo das ciências da saúde na ação pastoral. Entre as perturbações mentais que mais facilmente se confundem com uma perturbação demoníaca, destacam-se os quadros sintomáticos da esquizofrenia, da perturbação dissociativa de identidade, da perturbação bipolar, da perturbação factícia e, ainda, da perturbação obsessiva-compulsiva.

Na sinergia dos dados teológicos e dos dados clínicos, o terceiro capítulo dedicou-se, inicialmente, ao processo de discernimento pastoral para concluir, então, que as perturbações demoníacas se distinguem das perturbações mentais em quatro pontos fundamentais: pela presença de sintomas extraordinários e inexplicáveis do ponto de vista científico (por exemplo, capacidade de falar e entender idiomas desconhecidos, revelar dados ocultos sem informação precedente e manifestar força física acima das capacidades naturais); pela normalidade dos exames clínicos, apesar da sintomatologia invulgar que se manifesta na pessoa; pela não

resposta aos fármacos e à psicoterapia, mas somente às orações e aos exorcismos; e finalmente, pelo início preciso dos distúrbios no contacto com o mundo da superstição e do ocultismo.

Assumida a realidade das perturbações demoníacas e o sofrimento que elas provocam nas vítimas, o capítulo focou-se no âmbito da cura pastoral, salientando a necessidade de uma ação preventiva que deve passar, necessariamente, pela formação dos sacerdotes em matéria demonológica e pela sensibilização comunitária a respeito dos perigos da superstição em geral.

“Exorcizando” o problema a montante, atendemos depois à particularidade dos casos em que se confirma, de facto, uma perturbação demoníaca para explicar, detalhadamente, o modo como devem ser acompanhadas estas pessoas no processo de libertação. Salientámos o dinamismo e a corresponsabilidade deste processo, na medida em que ele envolve diretamente o exorcista, a vítima e os seus familiares. Assim, para a evolução positiva dos casos será determinante o comprometimento ativo e geral, uma vez que o objetivo não se resume somente à libertação demoníaca, mas aponta à conversão de vida e à santificação de todos os envolvidos. Daqui se depreende a lógica de cura e libertação que está inscrita na génese desta pastoral.

De modo especial, focámos o ambiente celebrativo do Ritual dos Exorcismos para dar conta dos elementos caraterísticos que ali podem ocorrer. Trava-se uma luta espiritual, dramática e manifestamente notória, contra uma criatura demoníaca que naquele contexto litúrgico procura defender-se e atacar para não abrir mão da vítima que tomou em seu poder. Ali emergem os traços demoníacos, desde a aversão a Deus e a todas as referências sagradas, passando pelo orgulho e a soberba que o cega e condenou, ao ódio contra o género humano e toda a harmonia da criação, às ameaças constantes que dirige ao exorcista e aos presentes, até à manifestação de sinais extraordinários e prodigiosos para espantar e demover o exorcismo.

Conscientes desta realidade delicada e assumindo os riscos que ela comporta, aprofundámos as virtudes da piedade, da ciência, prudência e integridade de vida para justificar as exigências próprias daquele que é nomeado pelo Bispo para exercer este ministério na Igreja.

No resultado de todo este estudo, chegámos finalmente à projeção de um serviço pastoral de cura e libertação nas dioceses, uma equipa interdisciplinar que intervém de modo competente e organizado no apoio às vítimas da ação extraordinária do demónio.

Como demonstrámos ao longo da dissertação, a abordagem às perturbações demoníacas implica, obrigatoriamente, a consideração das perturbações mentais. Apesar de serem domínios distintos, não se podem manter incomunicáveis sob pena de prejudicar a pessoa que solicita resposta ao seu problema. Focámos, sobretudo no processo de discernimento, o contributo das duas ciências e projetámos o acompanhamento, particularmente, direcionado aos casos em que se verifica, de facto, uma perturbação demoníaca.

Contudo, as pessoas que são admitidas ao processo de discernimento pelas equipas pastorais de cura e libertação e cujo resultado não confirma uma perturbação de índole demoníaca, mas antes de índole psíquica, merecem também uma resposta eclesial que passará, objetivamente, para a responsabilidade das equipas da pastoral da saúde ou outras similares. Estas estariam, particularmente, voltadas para o acompanhamento pastoral das pessoas diagnosticadas com alguma forma de perturbação mental ou sofrimento psíquico.

Para estes casos, já existem alguns projetos interessantes em Portugal, como é o caso do Centro de Escuta Lúcia de Jesus,¹ situado no Santuário de Fátima, o Serviço de Escuta da Cáritas Arciprestal de Guimarães² ou, ainda, o Centro de Escuta e Acompanhamento Espiritual³ pertencente ao Departamento da Pastoral da Saúde da Arquidiocese de Braga que disponibiliza também uma linha verde de atendimento telefónico.⁴

A nossa tese concentrou-se, fundamentalmente, na resposta às vítimas de perturbações demoníacas. Foi esta a delimitação que definimos e nela tivemos bastante para desenvolver e aprofundar. No entanto, acreditamos que seria interessante também o desenvolvimento de uma tese voltada, especificamente, para o acompanhamento pastoral das pessoas com perturbação mental, uma necessidade igualmente urgente na sociedade contemporânea.

¹ Cf. Santuário de Fátima, «Em Fátima Temos um Colo de Mãe e Eu Penso que a Igreja, Independentemente do Tempo que Atravessa, Tem de Ser este Colo», acedido a 10 de novembro de 2025, <https://www.fatima.pt/pt/news/em-fatima-temos-um-colo-de-mae-e-eu-penso-que-a-igreja-independentemente-do-tempo-que-atravessa-tem-de-ser-este-colo-2023-06-15>.

² Cf. Arciprestado Guimarães e Vizela, «Serviço de Escuta», acedido a 10 de novembro de 2025, <https://diocese-braga.pt/arciprestadodeguimaraesevizela/noticia/2023-03-17-servico-de-escuta-37259>.

³ Cf. Departamento da Pastoral da Saúde, «Centro de Escuta e Acompanhamento Espiritual», acedido a 10 de novembro de 2025, <https://www.arquidiocese-braga.pt/saude/noticia/2018-05-24-centro-de-escuta-e-acompanhamento-espiritual-18467>.

⁴ Cf. Arquidiocese de Braga, «Pastoral da Saúde Lança Linha Verde de Escuta e Acompanhamento Espiritual», acedido a 10 de novembro de 2025, <https://diocese-braga.pt/noticia/2020-03-26-pastoral-da-saude-lanca-linha-verde-de-escuta-e-acompanhamento-espiritual-24159>.

BIBLIOGRAFIA

FONTES BÍBLICAS

Bíblia Sagrada. 19ª Edição. Lisboa: Difusora Bíblica, 1995.

FONTES LITÚRGICAS

Conferência Episcopal Portuguesa. *Missal Romano*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2021.

_____. *Ritual Romano da Celebração dos Exorcismos*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2014.

FONTES PATRÍSTICAS

Agostinho. «A Cidade de Deus». Em *Antologia Litúrgica: Textos Litúrgicos, Patrísticos e Canónicos do Primeiro Século*, editado por José de Leão Cordeiro, 802-807. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2003.

Cirilo de Jerusalém. «Catequeses Mistagógicas». Em *Antologia Litúrgica: Textos Litúrgicos, Patrísticos e Canónicos do Primeiro Século*, editado por José de Leão Cordeiro, 482-485. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2003.

_____. «Catequeses Pré-Batismais». Em *Antologia Litúrgica: Textos Litúrgicos, Patrísticos e Canónicos do Primeiro Século*, editado por José de Leão Cordeiro, 470-482. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2003.

Clemente de Alexandria. «Stromata». Em *Antologia Litúrgica: Textos Litúrgicos, Patrísticos e Canónicos do Primeiro Século*, editado por José de Leão Cordeiro, 176-179. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2003.

Gregório de Nazianzo. «Sermões». Em *Antologia Litúrgica: Textos Litúrgicos, Patrísticos e Canónicos do Primeiro Século*, editado por José de Leão Cordeiro, 498-506. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2003.

Ireneu de Lião. «Contra as Heresias». Em *Antologia Litúrgica: Textos Litúrgicos, Patrísticos e Canónicos do Primeiro Século*, editado por José de Leão Cordeiro, 167-174. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2003.

João Crisóstomo. «Oito Catequeses Batismais». Em *Antologia Litúrgica: Textos Litúrgicos, Patrísticos e Canónicos do Primeiro Século*, editado por José de Leão Cordeiro, 592-606. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2003.

Leão Magno. «Sermões para o Natal». Em *Antologia Litúrgica: Textos Litúrgicos, Patrísticos e Canónicos do Primeiro Século*, editado por José de Leão Cordeiro, 1019-1024. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2003.

Martinho de Braga. «A Instrução dos Rústicos». Em *Antologia Litúrgica: Textos Litúrgicos, Patrísticos e Canónicos do Primeiro Século*, editado por José de Leão Cordeiro, 1225-1226. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2003.

Nicetas de Ramesiana. «Catequese aos Competentes». Em *Antologia Litúrgica: Textos Litúrgicos, Patrísticos e Canónicos do Primeiro Século*, editado por José de Leão Cordeiro, 642-648. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2003.

Teodoro de Mopsuéstia. «Homilias Catequéticas». Em *Antologia Litúrgica: Textos Litúrgicos, Patrísticos e Canónicos do Primeiro Século*, editado por José de Leão Cordeiro, 669-690. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2003.

Tertuliano. «A Idolatria». Em *Antologia Litúrgica: Textos Litúrgicos, Patrísticos e Canónicos do Primeiro Século*, editado por José de Leão Cordeiro, 218-219. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2003.

_____. «Apologético». Em *Antologia Litúrgica: Textos Litúrgicos, Patrísticos e Canónicos do Primeiro Século*, editado por José de Leão Cordeiro, 186-192. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2003.

MAGISTÉRIO

Bento XVI. «Angelus: 1 de Março de 2009».

Acedido a 18 de setembro de 2025.

https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2009/documents/hf_ben-xvi_ang_20090301.html.

_____. «Iter in Libanum: Dum Beatissimus Pater Rei Publicae Institutionum Sodales, Gubernatores, Legatos, Religionum Praesides deque Re Culturali Repraesentantes Convenit». *Acta Apostolica Sedis* 104, n.º 10 (setembro 2012): 819-824.

Catecismo da Igreja Católica. 2ª Edição. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1999.

Concílio Vaticano II. «Constituição Dogmática Lumen Gentium, sobre a Santa Igreja». Em *Concílio Ecuménico Vaticano II: Documentos Conciliares e Pontifícios*, editado por Apostolado da Oração, 59-114. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 1987.

_____. «Constituição Pastoral Gaudium et Spes, sobre a Igreja no Mundo Atual». Em *Concílio Ecuménico Vaticano II: Documentos Conciliares e Pontifícios*, editado por Apostolado da Oração, 345-418. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 1987.

_____. «Decreto Ad Gentes, sobre a Atividade Missionária da Igreja». Em *Concílio Ecuménico Vaticano II: Documentos Conciliares e Pontifícios*, editado por Apostolado da Oração, 277-312. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 1987.

Conferência Episcopal Portuguesa. *Código de Direito Canónico: Edição Anotada*. Braga: Edições Theologica, 1997.

Congregação para a Doutrina da Fé. «Fede Cristiana e Demonologia».

Acedido a 16 de setembro de 2025.

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19750626_fede-cristiana-demonologia_it.html.

Denzinger, Heinrich e Peter Hunermann. *El Magisterio de la Iglesia. Enchiridion Symbolorum Definitionum et Declarationum de Rebus Fidei et Morum*. Traduzido por Bernabé Dalmau, Constantino Ruiz Garrido e Eva Martín. Barcelona: Herder, 1999.

Francisco. «Ad Membra Operis Fundati AVSI pro Incepto Valetudinaria Aperta in Syria». *Acta Apostolica Sedis* 114, n.º 10 (setembro 2022): 1206-1209.

_____. «Audiência Geral: 27 de Dezembro de 2023».

Acedido a 20 de setembro de 2025.

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2023/documents/20231227-udienza-generale.html>.

_____. «Audiência Geral: 25 de Setembro de 2024».

Acedido a 20 de setembro de 2025.

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2024/documents/20240925-udienza-generale.html>.

_____. «Cerimónia de Acolhimento – XXXVII Jornada Mundial da Juventude».

Acedido a 28 de julho de 2025.

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2023/august/documents/20230803-portogallo-cerimonia-accoglienza.html>.

_____. «Gaudete et Exsultate: de Vocatione ad Sanctitatem in Mundo huius Temporis».

Acta Apostolica Sedis 110, n.º 8 (agosto 2018): 1111-1171.

_____. «Meditações Matutinas na Santa Missa Celebrada na Capela da Casa Santa Marta: Quando o Diabo se Finge Educado».

Acedido a 20 de setembro de 2025.

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2018/documents/papa-francesco-cotidie_20181012_diabo-finge-educado.html.

_____. «Meditações Matutinas na Santa Missa Celebrada na Capela da Domus Sanctae Marthae: Sem Dúvida o Demónio».

Acedido a 19 de setembro de 2025.

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2014/documents/papa-francesco_20140411_meditazioni-49.html.

João XXIII. «Universis Christifidelibus ac Gentibus Datus, de Pace et Concordia Inter Populos Servandis ad Hominum Generis Tranquillitatem ac Prosperitatem». *Acta Apostolicae Sedis* 53, n.º 11 (setembro 1961): 577-582.

João Paulo II. «Discurso di Giovanni Paolo II alla Popolazione di Monte Sant'Angelo».

Acedido a 17 de setembro de 2025.

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/speeches/1987/may/documents/hf_jp-ii_spe_19870524_monte-sant-angelo.html.

_____. «Udienza Generale: 20 Agosto 1986».

Acedido a 17 de setembro de 2025.

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/audiences/1986/documents/hf_jp-ii_aud_19860820.html.

Leão XIV. «Angelus: 17 de Agosto de 2025».

Acedido a 1 de outubro de 2025.

<https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/angelus/2025/documents/20250817-angelus.html>.

Paulo VI. «Omelia di Paolo VI: Solennità dei Santi Apostoli Pietro e Paolo, 29 Giugno 1972».

Acedido a 15 de setembro de 2025.

https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/homilies/1972/documents/hf_p-vi_hom_19720629.html.

_____. «Udienza Generale: 15 Novembre 1972».

Acedido a 15 de setembro de 2025.

https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/audiences/1972/documents/hf_p-vi_aud_19721115.html.

ESTUDOS

Alcántara, Rogelio. «Premesse Teologiche e Pastorali per una Legislazione Diocesana del Ministero dell'Esorcismo». Em *Atti Convegno Internazionale: 24-29 Settembre 2018*, editado por Associazione Internazionale Esorcisti, 261-271. Roma: s.ed., 2019.

American Psychiatric Association. *DSM-5-TR: Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais*. Traduzido por Adriana Lourenço, Ana Carolina Rodrigues, Ana Luís Falcão, Carolina Lopes, Diana Vila Chã, Gonçalo Soares, Rafael Borrvalho. Forte da Casa: Climepsi Editores, 2023.

Amorth, Gabriele. *Exorcistas e Psiquiatras*. Lisboa: Paulus Editora, 2014.

André, Nuno Emanuel. *Tesouro dos Exorcistas*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2025.

Associazione Internazionale Esorcisti. *Linee Guida per il Ministero dell'Esorcismo: Alla luce del Rituale Vigente*. Padova: Edizioni Messaggero Padova, 2019.

_____. «Nota sobre Alguns Aspectos do Ministério dos Exorcismos».

Acedido a 7 de maio de 2025.

<https://aielinguaportuguesa.org.br/notas-sobre-alguns-aspectos-dos-exorcismos/>.

Bamonte, Francesco. «Criteri di Discernimento Offeriti ai Pastori d'Anime per Capire se una Persona Deve Essere Sottoposta alla Valutazione di un Sacerdote Eorcista». Em *Atti Convegno Internazionale: 24-29 Settembre 2018*, editado por Associazione Internazionale Esorcisti, 15-39. Roma: s.ed., 2019.

_____. «I Fondamenti Evangelici dei Segni Indiziari di Possessione Diabolica Riportati nel Rituale degli Esorcismi». Em *Atti del Convegno Nazionale Esorcisti Italiani: 9-13 Settembre 2013*, editado por Associazione Internazionale Esorcisti, 75-118. Roma: s.ed., 2013.

_____. «I Danni dell'Occultismo». Em *Atti Convegno Internazionale: 20-25 Ottobre 2014*, editado por Associazione Internazionale Esorcisti, 121-146. Roma: s.ed., 2015.

_____. «La Mia Esperienza di Esorcista». Em *Esorcismo e Preghiera di Liberazione*, editado por Istituto Sacerdos – Ateneo Pontificio Regina Apostolorum, 221-240. Roma: Edizioni Art, 2005.

Barrajón, Pedro. «Aspetti Biblici, Storici, Teologici». Em *Esorcismo e Preghiera di Liberazione*, editado por Istituto Sacerdos – Ateneo Pontificio Regina Apostolorum, 51-77. Roma: Edizioni Art, 2005.

Bassetti, Gualtiero. «Il Sacerdote Esorcista e il Suo Ministero nella Pastorale Ordinaria della Chiesa». Em *Atti Convegno Internazionale: 24-29 Settembre 2018*, editado por Associazione Internazionale Esorcisti, 301-317. Roma: s.ed., 2019.

Cantelmi, Tonino. «Aspetti Psicologici». Em *Esorcismo e Preghiera di Liberazione*, editado por Istituto Sacerdos – Ateneo Pontificio Regina Apostolorum, 169-195. Roma: Edizioni Art, 2005.

Cascioli, Valter. «Esorcistica e Psichiatria a Confronto: Modalità di Dialogo. Problemi Interpretativi e di Diagnosi Differenziale». Em *Atti Convegno Internazionale: 20-25 Ottobre 2014*, editado por Associazione Internazionale Esorcisti, 103-119. Roma: s.ed., 2015.

Cavagnoli, Gianni. «I Praenotanda del “De Exorcismis”». Em *Tra Maleficio, Patologie e Possessione Demoniacca: Teologia e Pastorale dell'Esorcismo*, editado por Manlio Sodi, 177-201. Padova: Edizioni Messaggero Padova, 2003.

Correia, Pedro. «Epilepsia: O que é, como se Diagnostica e Trata, o que Fazer Perante uma Crise?».

Acedido a 20 de maio de 2025.

<https://www.spneurologia.com/noticias/epilepsia-o-que-e-como-se-diagnostica-e-trata-o-qu/56>.

D'Ercole, Giovanni. «La Vita Spirituale del Sacerdote Esorcista e dei suoi Ausiliari». Em *Atti Convegno Internazionale: 20-25 Ottobre 2014*, editado por Associazione Internazionale Esorcisti, 199-207. Roma: s.ed., 2015.

Dermine, François. «O Discernimento dos Espíritos». Em *Fenómenos Preternaturais: Sobre as Ações dos Anjos e dos Demónios*, editado por Pedro Paulo Alexandre, 377-407. São Paulo: Editora Imaculada, 2017.

Domergue, Benoit. «I Principi Esoterici e Occulti che Ispirano la Cultura Anticristica di Alcuni Gruppi Musicali Odierni». Em *Atti Convegno Internazionale: 24-29 Settembre 2018*, editado por Associazione Internazionale Esorcisti, 273-299. Roma: s.ed., 2019.

Donatis, Angelo de. «Omelia di S.Em. Rev.ma Cardinale Angelo de Donatis, Vicario del Santo Padre per la Diocesi di Roma». Em *Atti Convegno Internazionale: 24-29 Settembre 2018*, editado por Associazione Internazionale Esorcisti, 335-337. Roma: s.ed., 2019.

Ermatinger, Cliff. «Esperienze di un Esorcista Statunitense». Em *Atti Convegno Internazionale: 20-25 Ottobre 2014*, editado por Associazione Internazionale Esorcisti, 167-190. Roma: s.ed., 2015.

Ezcurra, Héctor de. «La Diagnosi Differenziale tra i Disturbi Psicopatologici e l'Azione Straordinaria del Demônio». Em *Atti Convegno Internazionale: 24-29 Settembre 2018*, editado por Associazione Internazionale Esorcisti, 189-210. Roma: s.ed., 2019.

Fiori, Moreno. «Maleficio e Demonologia: Prospettive per una Rinnovata Attenzione Pastorale». Em *Tra Maleficio, Patologie e Possessione Demoniacca: Teologia e Pastorale dell'Esorcismo*, editado por Manlio Sodi, 327-354. Padova: Edizioni Messaggero Padova, 2003).

Forteza, José Antonio. *Summa Daemoniaca: Tratado de Demonologia e Manual de Exorcistas*. Lisboa: Paulus Editora, 2018.

Gagliardi, Giorgio. «Collaborazione del Medico con l'Esorcista». Em *Tra Maleficio, Patologie e Possessione Demoniacca: Teologia e Pastorale dell'Esorcismo*, editado por Manlio Sodi, 293-311. Padova: Edizioni Messaggero Padova, 2003.

Gallagher, Richard. *Enemigos Demoníacos! Mis Veinticinco Años como Psiquiatra Investigando Posesiones, Ataques Diabólicos y lo Paranormal*. Traduzido por J. Carlos Ruiz. Barcelona: Ediciones Obelisco, 2022.

García-Viana, Luis Fernando. «Evangelio segun San Lucas». Em *Comentario al Nuevo Testamento*, editado por Santiago Guijarro Oporto e Miguel Salvador García, 185-262. Salamanca: Sigueme, 1995.

Gilardi, Costantino. «Quando Esorcizzare?». Em *Tra Maleficio, Patologie e Possessione Demoniacca: Teologia e Pastorale dell'Esorcismo*, editado por Manlio Sodi, 313-325. Padova: Edizioni Messaggero Padova, 2003.

Gozzelino, Giorgio. «Problemi e Compiti dell'Odierna Demonologia Cristiana». Em *Tra Maleficio, Patologie e Possessione Demoniacca: Teologia e Pastorale dell'Esorcismo*, editado por Manlio Sodi, 129-153. Padova: Edizioni Messaggero Padova, 2003.

Green, Jim, MFA. «Parapsychology».

Acedido a 20 de julho de 2025.

<https://www.ebsco.com/research-starters/psychology/parapsychology#perception-in-the-scientific-mainstream>.

Herrero, Francisco Pérez. «Evangelio segun San Marcos». Em *Comentario al Nuevo Testamento*, editado por Santiago Guijarro Oporto e Miguel Salvador García, 125-184. Salamanca: Sigueme, 1995.

Howard, Virgil e David B. Peabody. «Marcos». Em *Comentario Bíblico Internacional*, editado por William R. Farmer, 1211-1243. Navarra: Editorial Verbo Divino, 1999.

Lara, Duarte Sousa. «Ministero degli Esorcismi: Una Testimonianza». Em *Atti Convegno Internazionale: 20-25 Ottobre 2014*, editado por Associazione Internazionale Esorcisti, 53-72. Roma: s.ed., 2015.

Lavatori, Renzo. *Satana, un Caso Serio: Studio di Demonologia Cristiana*. Bologna: Edizioni Dehoniane Bologna, 1996.

Macchioni, Ermes. «Esperienza di un Esorcista Parroco: Problematiche Pastorali del Ministero dell'Esorcistato in una Comunità Parrocchiale». Em *Atti Convegno Internazionale: 20-25 Ottobre 2014*, editado por Associazione Internazionale Esorcisti, 147-165. Roma: s.ed., 2015.

Marín, Antonio Royo. «A Luta Contra o Demónio». Em *Fenómenos Preternaturais: Sobre as Ações dos Anjos e dos Demónios*, editado por Pedro Paulo Alexandre, 46-73. São Paulo: Editora Imaculada, 2017.

Mastronardi, Vincenzo. «Fenomeni di Presunta Possessione Demoniacca e Psicopatologie». Em *Tra Maleficio, Patologie e Possessione Demoniacca: Teologia e Pastorale dell'Esorcismo*, editado por Manlio Sodi, 17-54. Padova: Edizioni Messaggero Padova, 2003.

Mihelcic, Giuseppe. «Il Discernimento dell'Esorcista nelle Terapie Alternative». Em *Atti del Convegno Nazionale Esorcisti Italiani: 9-13 Settembre 2013*, editado por Associazione Internazionale Esorcisti, 151-170. Roma: s.ed., 2013.

Nanni, Gabriele. *Il Dito di Dio e il Potere di Satana: l'Esorcismo*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2004.

Osorio, Ernesto Maria Caro. «A Importância e Urgência da Libertação e do Exorcismo no Ministério Sacerdotal». Em *Fenómenos Preternaturais: Sobre as Ações dos Anjos e dos Demónios*, editado por Pedro Paulo Alexandre, 417-428. São Paulo: Editora Imaculada, 2017.

Palilla, Benigno. «L'Esorcismo Solenne nel Contesto del Combattimento Spirituale». Em *Atti del Convegno Nazionale Esorcisti Italiani: 9-13 Settembre 2013*, editado por Associazione Internazionale Esorcisti, 171-206. Roma: s.ed., 2013.

Pennesi, Alessandro Olivieri. «Alcuni Criteri di Discernimento delle Situazioni per le quali le Persone Chiedono di Incontrare un Esorcista». Em *Atti del Convegno Nazionale Esorcisti Italiani: 9-13 Settembre 2013*, editado por Associazione Internazionale Esorcisti, 64-74. Roma: s.ed., 2013.

Sampaio, Fernando. *Relação Pastoral de Ajuda: Boas Práticas no Acompanhamento Espiritual de Doentes*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011.

Sodi, Manlio. «Ma Liberaci dal Maligno». Em *Tra Maleficio, Patologie e Possessione Demoniacca: Teologia e Pastorale dell'Esorcismo*, editado por Manlio Sodi, 5-14. Padova: Edizioni Messaggero Padova, 2003.

Sousa, Mário. *Comentário ao Evangelho de São Marcos*. Lisboa: Paulus Editora, 2022.

Stella, Beniamino. «Omelia di S.Em. Rev.ma Cardinale Beniamino Stella, Prefetto della Congregazione per il Clero». Em *Atti Convegno Internazionale: 24-29 Settembre 2018*, editado por Associazione Internazionale Esorcisti, 321-323. Roma: s.ed., 2019.

Tajima-Pozo, Kazuhiro, Diana Zambrano-Enriquez, Laura de Anta, María Dolores Moron, Jose Luis Carrasco, Juan José Lopez-Ibor, Marina Diaz-Marsá. «Practicing Exorcism in Schizophrenia». *BMJ Case Reports* (2011): 1-3.
<https://doi.org/10.1136/bcr.2009.2350>.

Taylor, Justin. «Hechos de los Apóstoles». Em *Comentario Bíblico Internacional*, editado por William R. Farmer, 1373-1408. Navarra: Editorial Verbo Divino, 1999.

Triacca, Achille. «La Preghiera della Chiesa nell'Esorcismo Maggiore». Em *Tra Maleficio, Patologie e Possessione Demoniacca: Teologia e Pastorale dell'Esorcismo*, editado por Manlio Sodi, 217-241. Padova: Edizioni Messaggero Padova, 2003.

Trocchi, Cecilia Gatto. «La Figura del Diavolo nella Storia e nella Contemporaneità». Em *Esorcismo e Preghiera di Liberazione*, editado por Istituto Sacerdos – Ateneo Pontificio Regina Apostolorum, 27-39. Roma: Edizioni Art, 2005.

United States Conference of Catholic Bishops. «Guidelines for Evaluating Reiki as an Alternative Therapy».

Acedido a 20 de julho de 2025.

https://www.usccb.org/resources/evaluation-guidelines-finaltext-2009-03_0.pdf.

Zani, Rubens Miraglia Zani. «I Riti Magici Afro-Brasiliani». Em *Atti Convegno Internazionale: 24-29 Settembre 2018*, editado por Associazione Internazionale Esorcisti, 73-144. Roma: s.ed., 2019.

IMPrensa e Serviços Digitais

ACI. «Paraguay será Sede de Congreso Iberoamericano de Exorcistas».

Acedido a 14 de julho de 2025.

<https://www.aciprensa.com/noticias/77741/paraguay-sera-sede-de-congreso-iberoamericano-de-exorcistas>.

_____. «São Pio de Pietrelcina Lutou Contra o Demónio».

Acedido a 23 de setembro de 2025.

<https://www.acidigital.com/noticia/49664/sao-pio-de-pietrelcina-lutou-contr-o-demonio>.

Agência Ecclesia. «Ação de Formação Estudou o Tema: Exorcismos e Dimensão Terapêutica da Espiritualidade Cristã».

Acedido a 2 de dezembro de 2024.

<https://agencia.ecclesia.pt/portal/igreja-acao-de-formacao-estudou-o-tema-exorcismos-e-dimensao-terapeutica-da-espiritualidade-crista/>.

_____. «Papa Realizou um Exorcismo há Dois Anos».

Acedido a 17 de setembro de 2025.

<https://agencia.ecclesia.pt/portal/papa-realizou-um-exorcismo-ha-dois-anos/>.

Arciprestado Guimarães e Vizela. «Serviço de Escuta».

Acedido a 10 de outubro de 2025.

<https://diocese-braga.pt/arciprestadodeguimaraesevizela/noticia/2023-03-17-servico-de-escuta-37259>.

Arquidiocese de Braga. «Pastoral da Saúde Lança Linha Verde de Escuta e Acompanhamento Espiritual».

Acedido a 10 de outubro de 2025.

<https://diocese-braga.pt/noticia/2020-03-26-pastoral-da-saude-lanca-linha-verde-de-escuta-e-acompanhamento-espiritual-24159>.

Arquidiócesis Primada de México. «Dimensión de la Pastoral de la Consolación y Exorcistas». Acedido a 14 de julho de 2025.
<https://arquidiocesismexico.org.mx/dimension-de-la-pastoral-de-la-consolacion-y-exorcistas/>.

Camasca, Abel. «Freira Carmelita Superou Possessões Demoníacas e foi Santa». Acedido a 23 de setembro de 2025.
<https://www.acidigital.com/noticia/59883/freira-carmelita-superou-possessoes-demoniacas-e-foi-santa>.

Departamento da Pastoral da Saúde. «Centro de Escuta e Acompanhamento Espiritual». Acedido a 10 de outubro de 2025.
<https://www.arquidiocese-braga.pt/saude/noticia/2018-05-24-centro-de-escuta-e-acompanhamento-espiritual-18467>.

Díaz, Ary Waldir Ramos. «O Demónio Não Quer Ser Descoberto?». Acedido a 2 de dezembro de 2024.
<https://pt.aleteia.org/2014/08/04/o-demonio-nao-quer-ser-descoberto>.

GRIS. «Gruppo di Ricerca e Informazione Socio-Religiosa». Acedido a 26 de julho de 2025.
<https://www.gris.org/>.

_____. «Statuto e Regolamento». Acedido a 26 de julho de 2025.
<https://www.gris.org/statuto-regolamento-codice-deontologico/>.

Kosloski, Philip. «O Diabo Contra São João Maria Vianney». Acedido a 23 de setembro de 2025.
<https://pt.aleteia.org/2020/10/28/o-diabo-contrasao-joao-maria-vianney/>.

Piana, Federico. «Exorcismo, Formação Interdisciplinar para Combater o Inimigo». Acedido a 2 de dezembro de 2024.
<https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2024-05/xviii-curso-exorcismo-oracao-libertacao-roma.html>.

_____. «Exorcismo: No Regina Apostolorum, Curso Único ao Mundo». Acedido a 2 de dezembro de 2024.
<https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2018-04/curso-exorcismo-roma-instituto-sacerdos-regina-apostolorum.html>.

Rádio Vaticana. «Reconhecimento da Associação Internacional de Exorcistas. Entrevista com o Padre Bamonte». Acedido a 26 de julho de 2025.
https://www.archivioradiovaticana.va/storico/2014/07/04/reconhecimento_da_associa%C3%A7%C3%A3o_internacional_de_exorcistas_entrevista/bra-811412.

RTP. «Vera Xavier Lançou Previsões para os Últimos Três Meses do Ano – Tarot». Acedido a 6 de setembro de 2025.
<https://media.rtp.pt/praca/videos/vera-xavier-lancou-previsoes-os-ultimos-3-meses-do-ano-tarot/>.

Santuário de Fátima. «Em Fátima Temos um Colo de Mãe e Eu Penso que a Igreja, Independentemente do Tempo que Atravessa, Tem de Ser este Colo».

Acedido a 10 de novembro de 2025.

<https://www.fatima.pt/pt/news/em-fatima-temos-um-colo-de-mae-e-eu-penso-que-a-igreja-independentemente-do-tempo-que-atravessa-tem-de-ser-este-colo-2023-06-15>.

Vatican News. «Leão XIV aos Exorcistas: O seu Ministério é Delicado e Necessário».

Acedido a 16 de outubro de 2025.

<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2025-09/papa-leao-xiv-mensagem-exorcistas-ministerio-oracao.html>.

Vicariato di Roma. «Ufficio Liturgico».

Acedido a 14 de julho de 2025.

<https://www.ufficioliturgoroma.it/default.asp?ild=HGKKLH>.